

Cartas a Paulo Freire

Escritas por quem ousa esperar

1

Coordenação

Cidoval Moraes de Sousa

Editores

Antonio Roberto Faustino da Costa

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

Ivonildes da Silva Fonseca

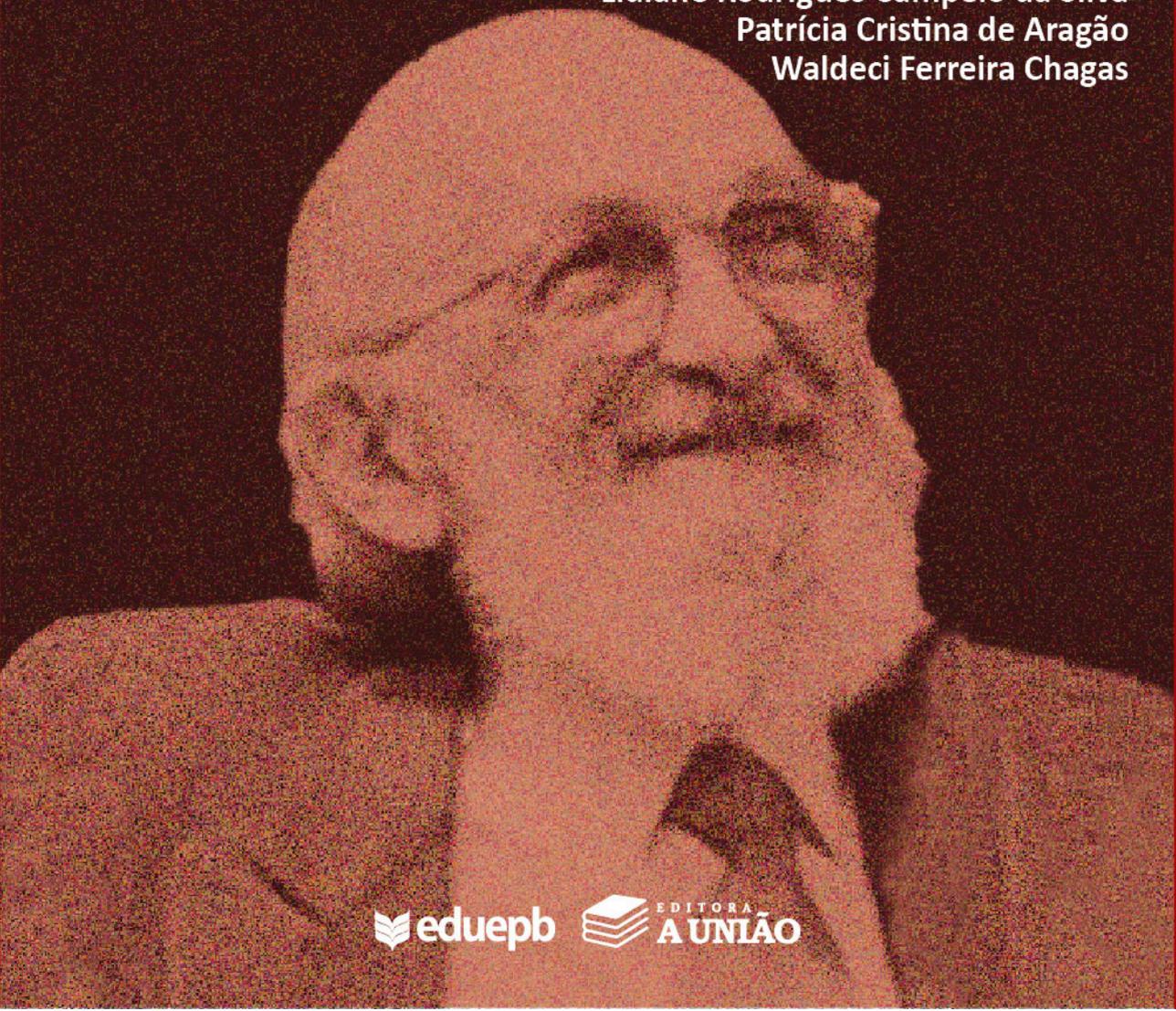
José Cristóvão Andrade

José Luciano Albino Barbosa

Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva

Patrícia Cristina de Aragão

Waldeci Ferreira Chagas





Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (UEPB)

Diretor

Conselho Editorial

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

Jordeana Davi Pereira (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ) Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB) Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Menezes (UEPB) Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN) Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP) Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Diego Duquelsky (UBA) Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN) Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB) Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Germano Ramalho (UEPB) Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Glauber Salomão Leite (UEPB) Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT) Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Cartas a Paulo Freire

1

Escritas por quem ousa esperar

Coordenação

Cidoval Morais de Sousa

Editores

Antonio Roberto Faustino da Costa

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

Ivonildes da Silva Fonseca

José Cristóvão Andrade

José Luciano Albino Barbosa

Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva

Patrícia Cristina de Aragão

Waldeci Ferreira Chagas



Campina Grande - PB

2021



Estado da Paraíba

João Azevêdo Lins Filho | *Governador*

Ana Lígia Costa Feliciano | *Vice-governadora*

Nonato Bandeira | *Secretário da Comunicação Institucional*

Claudio Benedito Silva Furtado | *Secretário da Educação e da Ciência e Tecnologia*

Damião Ramos Cavalcanti | *Secretário da Cultura*

EPC - Empresa Paraibana de Comunicação

Naná Garcez de Castro Dória | *Diretora Presidente*

William Pereira Costa | *Diretor de Mídia Impressa*

Albiege Léa Fernandes | *Diretora de Rádio e TV*

Alexandre Macedo | *Gerente da Editora A União*



BR 101 - KM 03 - Distrito Industrial - João Pessoa-PB - CEP: 58.082-010

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA HELIANE MARIA IDALINO SILVA - CRB-15º/368

C322 Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar. / Coordenação:
Cidoval Morais de Sousa; Editores: Antônio Roberto Faustino da Costa e
outros.; Ilustrações: Jô Oliveira, Ali Cabral. –Campina Grande: EDUEPB,
2021.
4.006 Kb - 464 p.: il.

ISBN 978-65-86221-51-3 (E-Book)

ISBN 978-65-86221-51-0 (Impresso)

Nota: “ Projeto Editorial 100 anos de Paulo Freire” – Editores:
Antonio Roberto Faustino da Costa, Fabíola Mônica da Silva Gonçalves,
Ivonildes da Silva Fonseca, José Cristóvão Andrade, José Luciano Albino
Barbosa, Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva, Patrícia Cristina de Aragão,
Waldecir Ferreira Chagas.

1. Educação - Brasil. 2. Cartas brasileiras. 3. Educadores. 4. Pedagogia. 5. Esperançar.
I.Sousa, Cidoval Morais de (Coord.).

21. ed. CDD 370.981

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.



Projeto Editorial 100 anos de Paulo Freire

Coordenador

Cidoval Morais de Sousa

Editores

Antonio Roberto Faustino da Costa

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

Ivonildes da Silva Fonseca

José Cristóvão Andrade

José Luciano Albino Barbosa

Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva

Patrícia Cristina de Aragão

Waldeci Ferreira Chagas

Ilustrações

Jô Oliveira

Ali Cabral

*Aos colegas Cícero Agostinho Vieira, Rosilda Alves Bezerra,
Elialdo Andriola Machado, Marta Furtado, Carlos Antônio
Belarmino Alves, Luiz de Sousa Júnior e Wellington Pereira,
que já não estão mais entre nós, e em nome dos quais home-
nageamos a todos e todas que dedicaram suas vidas à ousadia
de esperar um mundo melhor.*

*A trilogia **Cartas a Paulo Freire escritas por quem ousa esperar** é um projeto coletivo e só se tornou possível porque contou com o apoio e a colaboração de atores como o Governador João Azevêdo Lins Filho; o Secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia Cláudio Benedito Silva Furtado; a Reitora Célia Regina Diniz e a Vice-Reitora Ivonildes da Silva Fonseca; a Rede de Cátedras Paulo Freire; Grupos de Pesquisas e Institutos Paulo Freire do Brasil inteiro; o GESPAUF; a CODECOM UEPB; a EPC (Editora A União); a SBPC; o Observatório Social do Nordeste (OBSERNE); Programas de Pós-graduação da UEPB (PPGECM, PROFLETRAS, PPGFP, PPGLI, PPGDR); Academia de Cordel do Vale do Paraíba (ACVP); e aos educadores e educadoras, que não desistem de esperar um mundo novo.*

Não importa o tema que se discute nestas cartas, elas devem se achar “ensopadas” de fortes convicções, ora explícitas, ora sugeridas. A convicção, por exemplo, de que a superação das injustiças que demanda a transformação das estruturas iníquas implica o exercício articulado da imaginação de um mundo menos feio, menos cruel. A imaginação de um mundo com que sonhamos, de um mundo que ainda não é, de um mundo diferente do que aí está e ao qual precisamos dar forma.

Paulo Freire

(Pedagogia da indignação – cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000)

Sumário

Apresentação

Paulo Freire em cartas de esperança e boniteza, 15

Lendo o mundo

Ao professor das professoras e dos professores, 24

Uma nova primavera, 28

Carta ao professor do mundo e da esperança, 37

Educação e liberdade, 47

Compreensão, resistência e esperança, 55

E que todos tenham vida plenamente!, 61

Desafios de um mundo pandêmico, 70

Educação que não educa, 79

Não basta interpretar, 84

Tem caroço no angu, 89

Aprender a aprender, 92

Educação: desafio e solução, 95

Ler a vida dentro de seu próprio mundo, 98

Sim, estamos atentos, 101

Olhos de ver, ouvidos de ouvir e mãos para fazer, 107

Analfabetismo tecnológico, 111

Os filhos de Pindorama vencem Anhangá, 120

Aprendências

- Transformar vidas pela educação, *127*
Educação contra a barbárie, *135*
Consciência do inacabado, *142*
Reinvenção de ser e fazer escola, *148*
Educação como exercício de humildade, *159*
Voz e vez educacional e social, *167*
Sobre ousadias docentes, *174*
Educação transgressora, *183*
De professor para professor/a, *190*
Diálogo a partir da agroecologia, *195*
Sigo aprendendo, *202*
Aprender é uma aventura criadora, *213*
A palavra é: Gratidão!, *221*
Ensinar exige esperança, *229*
A esperança não cruza os braços, *234*
Professora Doralice, a que ousou ensinar, *241*
Ética e estética: aprender sem perder a boniteza, *248*
Ler é uma resposta e aprender é uma pergunta, *254*
Ao mestre com carinho, *257*
Ensinos para toda a vida, *265*
Paulo Freire e a pedagogia de Jesus, *269*

Esperando

- Histórias, palavras e sonhos, *278*
Entre as incertezas do cotidiano, *288*
A ousadia do esperar, *294*

Um mundo melhor não cairá do céu, 299
A boniteza de ser professor, 305
Tempo de Esperançar, 308
Aos que anseiam um mundo melhor, 316
Gentileza, compreensão e generosidade, 320
Paulo Freire está vivo!, 323
Remando contra a maré, 334
Esperança viva e real, 338
Percepção do mundo, aplicação da palavra, 344
Pedagogo das coisas simples, 349
Escutar exige mais do que silenciar e ouvir, 352
Escola é vida em emancipação, 357

Comunhão

Aprender a ler (a palavra e o mundo) é resistir, 366
Paulo Freire está vivo, presente e pulsante, 374
Ninguém aprende sozinho, 380
Reescrever e redizer o mundo, 383
Repensar o pensado, 390
A educação precisa de mais Andorinhas, 395
Reinventar Paulo Freire, 403
Trajetos, vivências e diversidades, 408
Uma conversa à procura da boniteza, 412
Da compreensão e da comunicação, 420
Os homens se libertam em comunhão, 425

Boniteza

Educação com amor, *432*

Respeitar a experiência, *441*

Ensinar não é transferência, *445*

A força da vida é maior que a caverna, *449*

Aos que insistem em esperar o mundo, *459*

Apresentação

Paulo Freire em cartas de esperança e boniteza

A presente obra se insere no contexto das celebrações dos 100 Anos de nascimento do grande educador brasileiro, Paulo Freire (1921-1997). Trata-se do primeiro volume de uma trilogia denominada *Cartas a Paulo Freire – Escritas por quem ousa esperar*, que busca, de um lado, contribuir com discussões sobre a atualidade do pensamento de Freire, em linguagem acessível e plataformas abertas, e ampliar as possibilidades dialógicas para além das redes acadêmicas e institucionais; e, de outro, revelar a boniteza dos saberes, do pensamento e da ação dos que insistem, iluminados pelo legado freireano, em esperar um presente sem as correntes do passado e sem medo do futuro.

As cartas, como destacam historiadores da comunicação, são a mãe de todos os gêneros textuais. Há registros que garantem que elas começaram a circular há mais de quatro mil anos antes da Era Cristã. Na Bíblia, o Novo Testamento tem 21 livros escritos nesse formato. As comunidades cristãs foram animadas pelas

cartas de Paulo, Pedro, Timóteo, Judas, João e Tiago. A história das diferentes sociedades tem nas missivas, como também são chamadas, um território significativo de fontes. Há quem afirme que o desenvolvimento da Ciência moderna se deve, em grande medida, à troca de correspondências entre os chamados filósofos naturais sobre seus estudos e o resultado de seus experimentos em diferentes partes do mundo. Os primeiros periódicos científicos editados entre os séculos XVII e XVIII, na Europa, publicavam notas e cartas.

O gênero conquistou mentes e corações – da religião, passando pela filosofia, história, ciência, política até a literatura e a educação. Difícil encontrar entre os chamados autores clássicos, da antiguidade aos nossos dias, um que não tenha dedicado parte de seu tempo ao diálogo, por meio de correspondências, com diferentes interlocutores e não as tenham tornado públicas, em livros, por exemplo, em algum momento de suas vidas. No Brasil, o primeiro registro que se tem notícia foi a Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel. Nossa literatura é pródiga em cartas. E Paulo Freire soube, como ninguém, se apropriar do gênero, recolocando a educação no território do coloquial e do afetivo.

Uma parte significativa da obra de Freire foi redigida no formato de cartas, destacando-se, entre elas, as Cartas a Guiné-Bissau (1977); Cartas aos animadores e às animadoras culturais de São Tomé do Príncipe (1980); Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar (1993); Cartas a Cristina (1994); e Pedagogia da indignação (2000). Todas e todos que viveram e trabalharam diretamente com ele são unânimes em afirmar sua paixão pelas cartas. A própria Nita Freire, viúva do educador, em livro

belíssimo, *Paulo Freire: uma história de vida* (2006), publicou várias cartas que ele escreveu para diferentes pessoas, demonstrando seu afeto amoroso e comprometido, politicamente, com um mundo mais humano.

Como bem destaca Pereira Coelho (2011), Freire escreveu e recebeu cartas de pessoas de diversas partes do mundo: dos trabalhadores sem-terra, dos amigos, dos religiosos e de chefes de Estado. Ainda segundo o mesmo autor, Freire dizia que o gênero carta é dialógico e pedagógico por sua própria natureza; era um convite permanente ao diálogo. Quem escrevia saía da centralidade do ego e provocava a participação do outro. Mas, para que isso acontecesse, ninguém poderia prescindir da humildade, da amorosidade, da tolerância, da paciência e, também, da coragem. É que, quando escrevia, Freire o fazia com intencionalidade e com posições políticas claras contra qualquer forma de opressão.

Ousamos dizer que as cartas desta coletânea estão fortemente marcadas pelo compromisso com práticas dialógicas e com a coragem de desocultar as mentiras dominantes (vivemos a idade de *fake news*) e restaurar a necessidade da esperança, que, como dizia o mestre, sozinha, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia (FREIRE, 1992). Em Freire, a principal missão do educador ou educadora progressista (ele fazia questão do adjetivo) é desvelar as possibilidades para a esperança. Pouco podemos fazer enquanto desesperançados ou desesperados; a luta, assim, é suicida, um corpo-a-corpo puramente vingativo. A nossa ação político-ética eficaz, ou a nossa briga, para usar uma expressão de Freire, deve ser contra a negação do sonho e da esperança (FREIRE, 1992).

Trazemos, aqui, como sinalizam os nossos objetivos, cartas de saudades, de amorosidade, de boniteza, de lembranças, de reconhecimento e de reafirmação de um legado que marcou profundamente a história da educação brasileira. Cartas, também, de atualização de leituras de mundo e de ousadias de reinvenção e esperar. E cartas, ainda, que denunciam um tempo infeliz de morte, de muita dor, tristeza, mal-estar, medo, desesperança, descaso, que, “ensopado” de uma pedagogia cruel, não só tem mostrado as entranhas da pulsão de morte da dominação moderna, como tem precarizado, sob todos os aspectos, nossas formas de viver e ser no mundo (SOUSA SANTOS, 2020).

O Projeto *Cartas*

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) abriga em sua estrutura de graduação e pós-graduação *lato e stricto sensu* vários grupos de estudos e pesquisa de inspiração freireana e tem no seu corpo docente, discente e técnico vários seguidores do patrono da Educação brasileira. Foi nesse coletivo de saberes que se construiu o projeto editorial *Cartas*, seguindo Freire (2003) em seu princípio norteador: as cartas deveriam se resguardar da arrogância, da suficiência, da certeza ‘demasiada certa’ do acerto, do elitismo teoricista e da subestimação dos saberes do leitor.

Lançamos, então, um convite amplo, sem fronteiras, travas acadêmicas, barreiras institucionais, que ganhou corpo, vida e alma e correu Brasil afora, pelas redes sociais, mobilizando professoras e professores, da Educação Básica ao Ensino Superior, para o desafio de escrever cartas ao grande mestre. E, como provocação, recomendamos a leitura/releitura da sempre atual *Carta aos Professores*, publicada por Freire em 1993, no livro

Professora sim, Tia não – cartas a quem ousa ensinar, hoje na 24^a edição.

Estabelecemos datas diferentes para o recebimento, considerando que, para possibilitar a publicação do maior número de cartas, consensuamos a construção de uma trilogia, cujos volumes, individualizados, seriam lançados em meses diferentes entre março e setembro do ano do centenário. Imaginamos o primeiro volume com ênfase em cartas do Brasil; o segundo contemplando cartas também da América Latina; e o terceiro com uma atenção especial para o que chamamos de Cartas Africanas. Nenhum deles, porém, excluindo cartas de uma ou de outra região, mas, todos, buscando construir redes dialógicas.

Para se ter uma ideia da recepção, só para este volume, o projeto recebeu dezenas de cartas de professoras e professores de todas as regiões, as quais chamam atenção pela boniteza. E no legado freireano, como mostraremos adiante, boniteza tem um significado todo especial: encontra-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. Em diálogo com autores e autoras, a equipe editorial fez pequenos ajustes de natureza linguística e de formatação, preservando estilos, sotaques e, principalmente, a integridade dos conteúdos. Para este volume foram selecionadas 70 cartas, recebidas de professores e professoras de 20 estados, pertencidas e marcadas pela diversidade, inclusive territorial.

Algumas correspondências se aproximam de um ensaio; outras, de um relato de experiência ou de uma peça propositiva; e, outras, ainda, trazem o encanto da poesia e da literatura de cordel para um diálogo franco, respeitoso, criativo e emocionante com o patrono da Educação brasileira e seus seguidores no mundo. Todas, sem exceção, reforçando os ensinamentos do mestre: a

superação das injustiças demanda a transformação das estruturas iníquas e implica o exercício articulado da imaginação de um mundo menos feio e menos cruel. Implica a imaginação de um mundo com que sonhamos, de um mundo que ainda não é, de um mundo diferente do que aí está e ao qual precisamos dar forma.

A distribuição dos conteúdos no livro não segue uma organização linear e hierárquica de classificação de autores e temas. Na realidade, construímos, a partir das leituras, cinco territórios de pertencimento. Ao primeiro, de natureza mais conjuntural, demos o nome de “*Lendo o mundo*”. Nele, encontram-se 17 cartas que tratam de temas como os desafios da educação num mundo pandêmico e a conjuntura de morte que experimentamos a partir da pandemia do novo coronavírus. O segundo território recebeu o nome de “*Aprendências*” e reúne pouco mais de 20 cartas com temas que vão da reinvenção do ser e fazer escola, passando pela consciência do inacabado, a educação como exercício de humildade até a relação de Paulo Freire com a Pedagogia de Jesus.

No terceiro território, “*Esperando*”, reunimos 15 cartas com temáticas que tratam de sonhos, do tempo de esperar, das lutas por um mundo melhor, do Paulo Freire que vive hoje, da escuta e da escola como vida em emancipação. Já ao quarto território, demos o nome de “*Comunhão*” por abrigar um conjunto de 11 cartas coletivas com experiências de educação popular, projetos de extensão, grupos de estudos e ação que têm a educação libertadora como foco e Freire como um de seus iluminadores. Dentre os temas, ninguém aprende sozinho, repensar o pensado, a educação precisa de mais andorinhas, e conversas em torno da boniteza. E, por falar em boniteza, é este o tema

do quinto território. Aqui foram reunidas 5 cartas em versos, literatura de cordel, cartas híbridas (em prosa e verso) e cartas que são verdadeiros poemas. Os temas de “*Boniteza*” destacam a educação com amorosidade, o respeito à experiência e trazem uma ode aos que insistem em esperar um mundo novo.

Sinalizamos anteriormente que a boniteza em Freire tem um significado especial: não diz respeito ao belo ocidental e colonizador, que valoriza a aparência em detrimento da essência das coisas. A boniteza é instigada por desafios, pelo reconhecimento dos nossos limites e pela vontade de superá-los. A boniteza se compõe da razão ética que se abre ao diálogo e à experiência de reconhecimento da nossa incompletude. Ela vem do ensinar e aprender com alegria, do enfrentamento da dominação, da luta pela liberdade e da qualidade que tem a prática educativa de ser política. Trazendo para os dias de hoje, como as cartas aqui o fazem, boniteza que vem do enfrentamento desse tempo de morte e, sobretudo, do enfrentamento da negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança.

Paraíba, março de 2021

*Coordenação e Equipe Editorial do
Projeto Paulo Freire 100 anos.*

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Unesp: São Paulo, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**- saberes

necessários à prática educativa. 25 ed. Paz e Terra: São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Nita. **Paulo Freire**: uma história de vida. São Paulo: Vila das Letras, 2006.

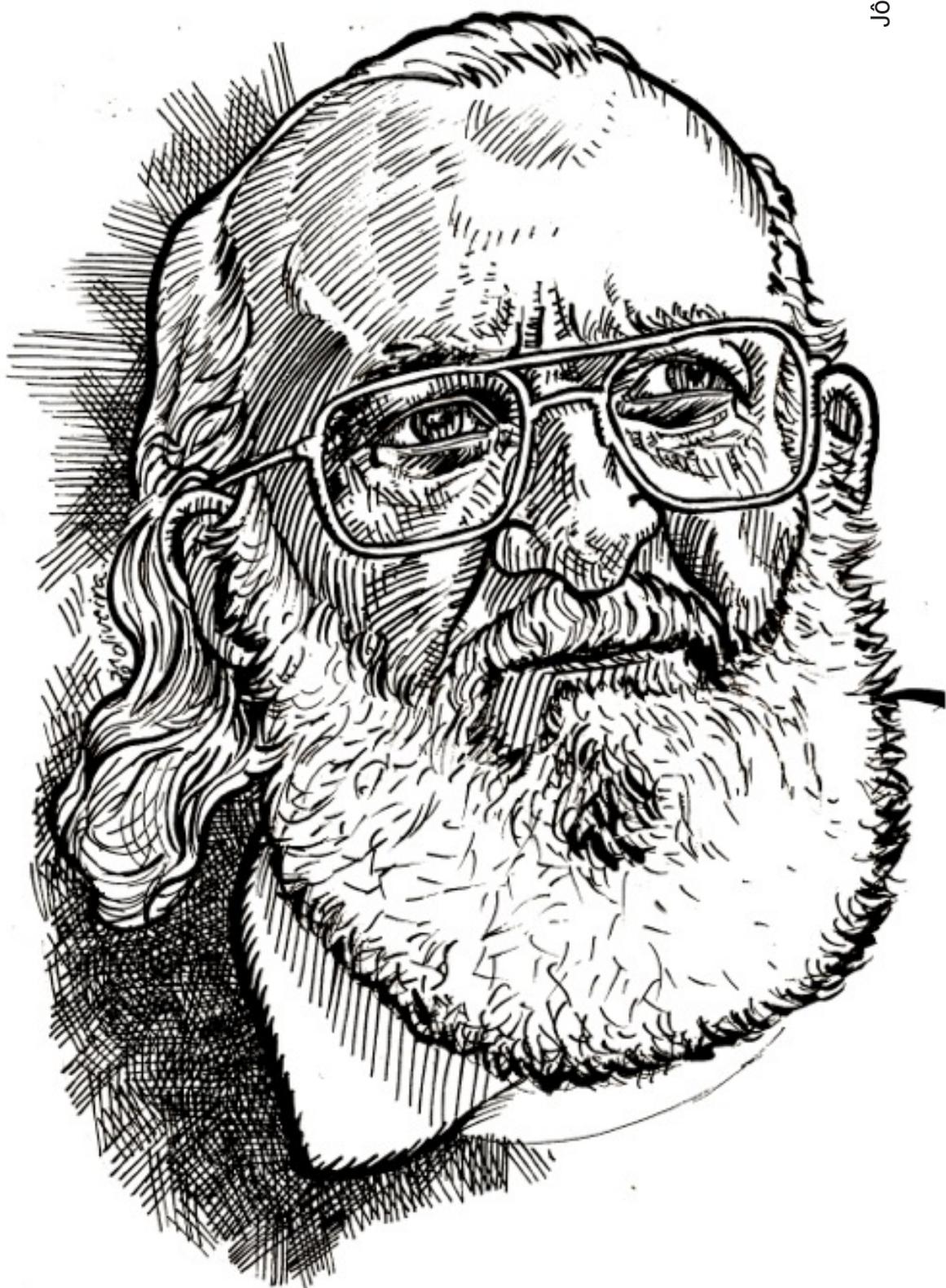
PEREIRA COELHO, Edgar. Uma introdução à pedagogia da correspondência em Paulo Freire. **EccoS** Revista Científica, núm. 26, julho-diciembre, 2011, pp. 59-73. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/715/71522347004.pdf> Acesso: 15/03/2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 439 p.

Lendo o mundo

Jó Oliveira



Ao professor das professoras e dos professores

*Vinício Carrilho Martinez**

Prezado Paulo Freire, professor das professoras e dos professores.

É nesta condição que lhe escrevo: o professor de todos os nossos professores e professoras.

Mais ainda daqueles e daquelas que não sabem disso.

Mas, também escrevo como professor.

É natural que não saiba desse fato.

Porém, o fato é que sou professor há trinta anos.

A maioria dos meus alunos não tem essa idade.

Na verdade, devem ter pouco mais da metade.

Curioso quando penso nisso é, justamente, pensar que minha missão é tipo meio balzaquiana.

Essa é uma revelação até para mim.

Nunca pensei em minha profissão como se fosse Balzac.

Mas, sabe que me deu uma excelente ideia?

Gosto muito de Balzac, mais ainda quando analisa o Mito do

Fausto.

De quando – e do quanto – as pessoas são vistas como coisas.

Nosso Machado de Assis também fez um conto.

Depois “nos contamos” sobre isso.

Agora, quero te dizer outra coisa.

Às vezes penso que também é uma vocação, mas não daquela do tempo das “tias”.

É a vocação que todos nós aprendemos contigo.

De se invocar uma responsabilidade humana e pública.

Como Secretário de Educação, você sabe do que falo.

E mais ainda como professor, dos professores e das professoras.

Nós temos algo em comum: uma satisfação guardada a pouca gente.

Essa satisfação está grudada em mim, é o que sou.

Além disso, é a nossa doação.

Nosso compromisso.

Nossa emoção ao vermos pessoas sendo formadas – exatamente como pessoas melhores.

-- Meu amigo: “pessoas humanas”. Eu te diria.

Se estivesse aqui, neste 2020 que não acabou, não veria exagero nisso.

São pessoas que um dia, algumas ao menos, irão dizer – da vocação delas.

Sei que está muito ocupado, tentando entender este país e o que se fez do seu povo.

Por isso não me alongarei muito.

É óbvio que não preciso lhe dizer que fomos mergulhados no caos do Fascismo, das mortes encomendadas pelo Estado e pela burguesia predatória.

Não vou insistir dizendo que o capitão do mato está mais vivo do que nunca.

Não vou dizer que o Alienista cuida da saúde pública – e compra toneladas de leite condensado.

Verias que o direito não é nosso.

Mas queria que fosse nosso direito, ter o amigo de volta.

Um tipo de direito fundamental a Paulo Freire.

Porque és um fundamento, nosso fundante.

De todos que nós que somos amantes...

- da poesia, de sua singeleza, do amor, da ciência

- da consciência

Aliás, é e sempre será nossa consciência.

Sabe, estive pensando que a consciência não desperta.

- a consciência não acorda

- não pode

- não tem como

Aprendi contigo que os conscientes não dormem.

Não tem Sol e Lua.

Já pensou como seria isso?

Se bem que, nós, por aqui, acordamos na escuridão.

Mas, sabe de outra coisa?

Escrever para o amigo, que não me conhece, foi enorme paixão.

Escrever é paixão.

Ensinar e aprender é paixão.

Amar é paixão.

Quando a gente faz o que gosta, escreve paixão cinco vezes.

- e não se cansa

Sabe por quê?

Porque nessa nossa amizade, nós nos reconhecemos.

Mesmo sem nos conhecermos.

Você sabe disso tanto quanto, melhor, do que a imensa maioria de nós.

Na verdade, gostaria que nos falasse de uma Pedagogia da Esperança.

Porque, por aqui, parece só haver desesperança.

Gostaria que nos falasse, de novo, sobre a emancipação, a liberdade.

- do povo!!!

Muitos e muitas ainda vivem como escravos, literalmente, ou como servos voluntários.

Na verdade, gostaria que nos ensinasse, outra vez, sobre a Verdade – porque aqui só há crença na mentira.

Enfim, gostaria de tanta coisa, de lhe dizer tantas coisas – mas com certeza ouviria muito mais.

Gostaria também que nos falasse de suas certezas.

Com certeza, o que mais queria é que estivesse conosco.

Do seu grande amigo – que não o conheceu.

Receba um enorme abraço – o mesmo que vamos partilhar com quem nos lê.

Um dia, uma noite dessas, dê um alô pra nós, dê uma chegada. O mundo te espera.

Com pertencimento,

Janeiro de 2021

**Professor Associado do Departamento de Educação da UFSCar. Tem pós-doutorado em Ciência Política e em Educação; Doutorado em Educação e em Ciências Sociais e tem experiência na área de Educação, ensino de Sociologia Geral e Teorias do Estado e na relação Ciência, Tecnologia e Sociedade.*

Uma nova primavera

*Jailson Valentim dos Santos**

Estimado Paulo Freire, saudações democráticas! Desde a sua partida, em 1997, que sua memória tem sido um alento para nós, educadores brasileiros, pois seguimos os seus passos ao trabalharmos pela formação humanizadora, pela autonomia dos sujeitos e pela transformação social. As estranhezas que o senhor vivenciou por querer o bem das pessoas devem ser parecidas com as que estamos experienciando hoje, no Brasil, pautadas por ataques e perseguições. Não do mesmo jeito, porque agora vestem uma nova roupagem, a da legalidade. Aprendemos muito com toda a sua história. Vibramos a cada obstáculo vencido pelo senhor. Sua passagem pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989-1991), no governo Erundina, continua sendo uma inspiração para a gente, no que se refere à gestão democrática, acesso e permanência escolares, qualidade da educação e educação de jovens e adultos.

Com a chegada do líder popular Luís Inácio Lula da Silva ao poder, em 2003, uma estrela brilhou nos corações dos brasileiros, especialmente daqueles mais vulneráveis. Pudemos acompanhar avanços na Educação nunca antes conseguidos. O campo democrático investiu, correu riscos, ousou. Acho oportuno destacar

aqui a importância das suas reflexões e análises sobre o contexto educacional brasileiro, pois essas prepararam o terreno para os progressistas trabalharem com mais esperança, motivando o verbo, “esperançar”, o sentimento efetivado na ação, no arregaçar de mangas e no vigor da luta pela justiça social.

A continuidade do trabalho iniciado no governo Lula ficou a cargo da Presidenta Dilma Rousseff (2011-2016), primeira mulher a ocupar tão importante posto no Brasil. Isso deveria ser um sinal da consolidação de políticas públicas que mexeria nas estruturas patriarcais e, portanto, excludentes da sociedade brasileira. Com todos os investimentos feitos na Educação, iniciou-se um processo de desvelamento do ranço escravista que persiste até hoje na nossa sociedade. A elite econômica, composta por homens brancos e heterossexuais, não suportou ver o governo distribuir renda e facilitar o acesso das camadas populares à educação, a direitos trabalhistas e a bens de consumo. Portanto, em 2016 eles deram um golpe no povo brasileiro e destituíram a companheira Dilma do seu cargo.

Por pertencer ao povo, Lula foi duramente atingido. Ele foi acusado do que não fez. Foi perseguido e preso, permanecendo 580 dias em uma cela da Polícia Federal, em Curitiba-PR. Seu algoz foi aclamado pela elite de herói, mas acabou sendo chamado pelo deputado Glauber Braga de “Sergio Moro, um juiz ladrão:” só para o senhor ter uma ideia de aonde chegamos. A boniteza dessa história é que o povo não abandonou o Lula. A militância montou um acampamento na frente da Polícia Federal e ficou em vigília, fazendo formações, recebendo caravanas, denunciando ao mundo o que estava acontecendo e cumprimentando o companheiro em vários momentos do dia. O presidente,

já em liberdade, relatou que sentia a energia e o carinho do povo, além de ouvir as vozes em coro: “Bom dia, presidente Lula!” “Boa tarde, presidente Lula!” e “Boa noite, presidente Lula!”

Não vou falar sobre o processo de *impeachment* sofrido pela Presidenta Dilma, porque é asqueroso demais para o senhor ouvir, neste momento em que celebramos o seu centenário. Apenas vou dizer que culminou em um circo dos horrores, pois revelou as estruturas podres que constituem a elite do nosso país. Isso tudo foi documentado pela cineasta Petra Costa, no filme *Democracia em vertigem*. Este, inclusive, foi indicado ao Oscar em 2019. Aliás, Prof. Paulo, a arte está tendo um papel importantíssimo neste processo, já que vem mostrando e denunciando as atrocidades do poderio econômico. Em 2015, o pernambucano Kleber Mendonça Filho dirigiu o filme *Aquarius*, estrelado por Sônia Braga. O longa-metragem denunciou como agem os grupos que exploram o setor imobiliário no Brasil, a partir de uma história ficcional que foi rodada na sua cidade, Recife. Outra obra do mesmo diretor, feita em parceria com Juliano Dorneles, foi *Bacurau* (2019). Esta, sem dúvidas, o senhor iria adorar, pois mistura realidade e ficção científica, mostrando as estratégias de defesa do povo da pequena cidade Bacurau para vencer o poder hegemônico. O papel da escola e do professor são indispensáveis na película! Ainda dentro desse contexto da arte, o cinema de Anna Muylart foi aplaudido pela produção de *Que horas ela volta?* (2015). Este filme, protagonizado por Regina Casé, faz uma crítica as desigualdades sociais do nosso país e aborda os conflitos vividos por uma empregada doméstica e seus patrões, depois que sua filha consegue uma vaga na universidade pública, enquanto o filho dos endinheirados fica

de fora.

Essas histórias fílmicas mostram uma nova realidade que a elite não suporta ver. Por isso eles nos agridem, atacando a frágil democracia brasileira. Preocupamo-nos porque isso afeta diretamente a vida do povo, especialmente a dos mais pobres. Aliás, a Educação é uma das áreas mais atingidas. O senhor iria ficar muito triste em ver as universidades públicas federais, que foram ampliadas e reestruturadas com o Programa de Reestruturação das Universidades Federais - REUNE, criado no governo Lula, sofrer cortes de verba de aproximadamente 70%. Estamos vivendo a política da morte, a necropolítica! Dá para imaginar?

Todo o empenho e os feitos de profissionais que assumiram o Ministério da Educação como Aloísio Mercadante, Renato Janine e Fernando Haddad, para citar apenas alguns, estão em risco. Essas pessoas trabalharam bravamente pela expansão e melhoria das universidades federais e hoje, nós, aqui do sertão, podemos contar com diversos *campi*, oferecendo cursos e oportunizando uma sólida formação aos nossos jovens sertanejos. Os institutos federais também são uma realidade por aqui, graças à criação de aproximadamente 360 instituições criadas e espalhadas por todo o país, pelos governos progressistas.

Depois do golpe de 2016 o Ministério da Educação virou uma “balburdia”. Todos os nomes indicados para esse órgão, dessa data para cá, são problemáticos. Imagine o senhor que até Mendonça Filho assumiu esse posto. Foi noticiado na imprensa, na época, que era preciso “enxugar” regalias dos educadores para equilibrar os cofres públicos. Mendoncinha atribuiu o problema econômico do país a nós, já que, em suas palavras, tínhamos “férias de 45 dias, aposentadoria especial, descanso

pedagógico, piso salarial e até lanche grátis.” Quando ele fala em “lanche grátis” o senhor sabe do que ele está falando, não é?

Mais adiante, Ricardo Vélez “pintou e bordou” à frente do MEC. Desde o seu primeiro dia no Ministério ele provocou polêmicas com os seus pronunciamentos. O ministro queria alterar o edital do Programa Nacional do Livro Didático para não ser mais obrigatório o livro no Ensino Fundamental 2, já que mencionava temas como a violência contra a mulher e a valorização dos povos quilombolas. Suas ideias eram excludentes e ele afirmava que a universidade deveria ficar restrita a uma “elite intelectual”. As declarações escandalosas eram constantes, assegurando em entrevista que “o brasileiro viajando é um canibal. Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião.” Acredite, Prof. Paulo, esse senhor enviou uma carta às escolas de todo o país conclamando alunos e funcionários das unidades de ensino a cantar o Hino Nacional e repetir o *slogan* da campanha do (des) governo atual: “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.” Não contente, incitava os gestores a filmar as crianças nesse papel, para depois enviar o vídeo ao Ministério da Educação. Foi preciso muita resistência e luta para derrubar esse ministro, muito embora, sabemos que em governos fascistas, o ruim sempre pode piorar. Foi o que aconteceu...

Com a vacância do cargo, assumiu Abraham Weintraub. Este criou polêmica até com o “vento” e acumulou desafetos por onde passou, chegando ao ponto de defender a prisão dos ministros do Superior Tribunal Federal - STF, em reunião ministerial, acusando-os de “vagabundos” e, assim, cometendo crime de injúria. O vídeo dessa reunião foi publicado em rede nacional e todos ficamos atônitos com a (in)capacidade dessa turma que

ocupa Brasília. Esse mesmo ministro trabalhou muito contra a Educação. Ele ofendeu professores e estudantes com suas declarações, atacou escolas e declarou que iria cortar verba das “escolinhas dos sem terrinha”, desrespeitando as crianças e os movimentos sociais que lutam em favor da coletividade. Além disso, o (des)ministro acusou as universidades federais de fazerem “balburdia” e de cultivarem maconha nas dependências dos *campi*. Não satisfeito, ele cortou verbas dessas instituições, forçando as mesmas a restringir atividades de ensino, pesquisa e extensão. A gestão do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM foi um desastre na sua mão, pois houve troca de gabarito na segunda fase e erro na lista dos aprovados, prejudicando milhares de estudantes em 2019. Suas declarações eram lamentáveis, afirmando inclusive que esse exame “não [era] para atender injustiças sociais, [era] para selecionar os melhores”. Em 2020, as polêmicas continuaram, especialmente porque já estávamos sofrendo com os efeitos da pandemia do novo coronavírus.

Com o derretimento de Weintraub foi nomeado o economista Carlos Alberto Decotelli para o MEC. Foi ruidoso o fato de o ministro mentir sobre o seu próprio currículo, afirmando ter um título de doutor que não existia. Também foi acusado de plágio na sua dissertação de mestrado. Outra questão delicada envolvendo o nome de Decotelli que ganhou as páginas dos jornais e blogs na internet diz respeito a um edital de R\$ 3 bilhões de um pregão, da época em que o mesmo estava à frente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Esse edital era destinado à compra de *tablets* e equipamentos de tecnologia educacional e foi contestado pela Controladoria-Geral da União porque foram encontradas irregularidades.

Para poupar o senhor de mais desgraça, basta dizer que o atual ministro é um pastor evangélico ultraconservador, que já foi reitor de uma universidade privada e que se alinha com aqueles que defendem a privatização das escolas públicas. Apesar de não se expor em redes sociais, ele já deu entrevistas polêmicas na imprensa, afirmando que a homossexualidade “não é normal” e que a postura gay é apenas um reflexo de “famílias desajustadas.” Por essas e outras declarações ele é acusado de crime por homofobia.

Nesse caldeirão de infortúnios da política brasileira existem ainda questões importantes que gostaria de pontuar. Tivemos perdas grandes como a extinção do Ministério da Cultura, mas por outro lado conseguimos aprovar o novo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica - FUNDEB. Nessa linha dos “anúncios”, não posso deixar de citar uma amiga sua, a Prof.^a Ana Mae Barbosa. Esta grande defensora do ensino de arte nas escolas públicas brasileira continua firme na luta e fazendo críticas ferrenhas a nova Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Este documento foi elaborado sem ouvir adequadamente a sociedade, sofrendo interferências de setores financeiros. Ana Mae foi sua aluna e colega de trabalho e o senhor conhece bem sua força e determinação. Pois é, ela acredita que precisamos nos posicionar firmes, inclusive “encher a caixa de e-mail da Fundação Lemann, dos donos da AMBEV, AB INBEV, Burger King, Lojas Americanas, Americanas.com, Submarino, Shoptime etc., que vivem na Suíça, educam filhos e netos no primeiro mundo, que valoram as Artes, e querem para nosso povo uma educação para as artes meramente ilustrativa das outras disciplinas, submetida às outras disciplinas.” Por outro lado, Ana Mae valoriza a reforma

que o senhor fez no currículo das escolas, dando o *status* à arte que esta merece no currículo, durante o período em que esteve à frente da Secretaria de Educação de São Paulo.

Somada a todas essas dificuldades ainda tem uma pandemia matando o nosso povo. O Brasil já se aproxima de 250.000 óbitos registrados por COVID-19. As escolas estão fechadas desde março de 2020 e estamos convivendo com a dor, o medo e o sofrimento de perder nossos entes queridos: familiares, colegas de trabalho, educandos. Acabei de receber uma ligação da Secretaria de Saúde confirmando que meu teste deu positivo para COVID-19. Mesmo com sintomas leves, uma notícia dessas deixa a gente muito abalado emocionalmente, além de aumentar a raiva do (des)governo, que é negacionista, é inimigo da ciência e se nega a vacinar o povo.

Por fim, quero dizer que estamos nos reinventando enquanto educadores e que temos feito um grande esforço para não deixar que as incertezas nos paralisem diante dessa realidade catastrófica, que é agravada pela postura criminoso de um presidente genocida. A leitura dos seus livros, meu caro, traz um sopro de vida e renovação para nós, educadores. *Pedagogia da Esperança*, *Pedagogia da Autonomia*, *Medo e Ousadia*, *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*, entre outros, têm contribuído significativamente com esse nosso processo de reinvenção docente, porque nos coloca diante da “ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optarmos, na verdade, por um mundo de gente.”

Reitero a importância da cultura e da arte em tudo isso que estamos vivendo, porque não está sendo fácil nos manter bem em meio a uma pandemia que exige de nós distanciamento

social. Nós, que primamos pelos afetos, pela amorosidade, pelo contato físico respeitoso, sabemos da importância dos encontros. Se não fosse o valor da cultura e da arte nesse momento, querido Paulo, não estaríamos tendo forças para resistir. Nunca as pessoas consumiram tantos livros, ouviram tanta música, assistiram tantos filmes, provocaram tantas discussões intermediadas pela internet. Estamos aprendendo a dar valor aos artistas e a reconhecer sua importância social. Sabemos que elas e eles são portadores de uma ética e de uma estética que edificam a nossa subjetividade à medida que acionam os espaços das belezuras que existem, muitas vezes adormecidos, em cada um de nós. Falamos de profissionais que têm como princípio de seu trabalho a liberdade, a transgressão, a criatividade. Por isso mesmo nos ajudam, com suas invenções, a nutrir a nossa imaginação, nos tirando da fria e dura realidade em que estamos imersos, para esperar a chegada de uma nova primavera. Somos resistência!

Um abraço, com estima e afeto!

Natal (RN), fevereiro de 2021

**É professor/artista/pesquisador vinculado à rede pública de ensino do Rio Grande do Norte. Possui formação em Artes Visuais pela UFPel; especialização em Ensino de Arte, pela UCAM e: mestrado em Artes Visuais pela UFPB/UFPE. Vendedor do XX Prêmio Arte na Escola Cidadã (2019), na Modalidade EJA. E-mail: valentim8@yahoo.com.br*

Carta ao professor do mundo e da esperança

*Afonso Celso Scocuglia**

*Eliete Correia dos Santos***

Caro mestre Paulo Freire,
Por aqui sentimos muito tua presença, embora estejamos distantes, em planos diferentes. Desde já, parabéns pelos 100 anos! Não é qualquer um que chega aos 100 sendo o terceiro autor mais citado das ciências humanas/sociais no mundo todo e que tem a *Pedagogia do oprimido*¹ entre os 100 livros mais referenciados em língua inglesa mundo afora (Desde já, permita que usemos o TU, como os nordestinos gostam).

Aqui no Brasil, também sentimos muita falta da prática educativa dos tantos conceitos que nos deixou como legado.

Estamos num tempo que falta o *diálogo*², as ações dialógicas, tanto na sociedade da barbárie como na Educação - cada vez mais desqualificada e desprezada no nosso país. Viraram rotina os discursos de ódio, como se fossem ordens unidas a liderar o Brasil.

E a *liberdade* que tanto nos falou, em tantos escritos, desde *Educação como prática da liberdade*³, básica para a democracia? Foi ignorada e renegada por governantes e seus seguidores! Ao contrário disso, dirigentes desqualificados insistem em armar a população para, no momento que acharem adequado, cercar todas as liberdades. A coisa está feia, mestre!

Cultura, então, está numa Fria (desculpe a brincadeira, mas o Secretário de Cultura atual é um atorzinho chamado Mario Frias. Informo porque daí não dá para acompanhar tudo, ainda mais um tipo desprezível deste). Tem um outro lá na FUNARTE que está banindo todos os ícones negros da cultura brasileira. Deve ser triste - para um educador que tanto repetiu que a educação é uma *ação cultural* -, observar tudo isso.

Cada vez mais sentimos tua falta na defesa da necessidade da *transição de uma consciência ingênua para uma consciência crítica*. Ou ainda preocupado com a consciência das classes populares tão impactada pela miséria exacerbada por uma pandemia *sui generis*. Já perdemos centenas de milhares de irmãos brasileiros para o vírus Covid-19 (a grande maioria pertencente às camadas populares), consequência, em grande parte, de atos de comandantes genocidas que insistem no negacionismo anti-ciência e anti-educação.

Sabemos que a *esperança* sempre foi tua marca, mas, o massacre atual, coadjuvado por uma crescente (in)consciência da realidade presente, desanima. Teu ensinamento continua como uma *Pedagogia da esperança*⁴, não da espera, mas, do verbo (ação) de esperar. Mesmo com esse aprendizado, a situação é caótica e difícil de suportar!

Podemos lembrar da tua insistência em pensar o *trabalho como princípio educativo*. Desculpe o pessimismo, mas trabalhar está cada vez mais difícil por aqui. Dificílimo. São dezenas de milhões de desempregados vivendo na base do assistencialismo populista de sempre, literalmente definhando com a fome crescente. Nessa tragédia, pensar na escola para os filhos virou um privilégio dos já elevados e sua maioria busca sobreviver em um cenário que aumenta os miseráveis. Infelizmente, a leitura do mundo e da palavra fica mais distante das tuas ideias que consideraram falsa a teoria da expressão do *subjetivismo idealista*, que exclui qualquer réplica ativa ou resposta, e mostra que o processo de compreender exige sempre uma resposta ativa.

Não há dúvida de que sentimos uma sensação de passividade, mas não podemos esquecer de tuas reflexões, de que o problema do ato passivo nada tem a ver com a atividade de linguagem, pois exclui a possibilidade de abertura que esta permite e limita a pluralidade de leituras que esse modo de ver oferece. O ato de compreender não se reduz à decodificação e alcança uma amplitude maior do que aquela que se fecha no interior da mente.

Destarte, a defesa de uma *educação inseparável da política, enquanto direito humano, cidadania e emancipação* sempre nos comoveu e nos convocou. Continuamos na luta. Cada um fazendo o que pode, e notando a necessidade premente do coletivo. E não é, mestre Freire, que entre os próprios educadores há aqueles que continuam a achar que as coisas vão bem, e o atual precisa ser conservado.

Os professores e as professoras continuam se virando para dar conta das suas tarefas. A *problematização* que propusestes

enfaticamente ganhou novos atores e atrizes: os próprios professores/professoras! Agora, mestre, elas e eles precisam ser híbridos, continuam mal pagos e passíveis de serem contaminados na sua profissão. Sem esquecer que a violência contra eles/elas não cessou. Das psicológicas-mentais às violências físicas. Desde a tua partida para o outro plano, no século passado, neste setor regredimos muito. No *cotidiano do professor*, o *medo* (e, não, a *ousadia*) está presente ao querer inibir, calar a voz de quem não mediu esforços para se reinventar e aprender as metodologias ativas que ainda pouco vigorava em nosso país.

Nunca foi tão necessário ensinar a ler em meio a tantas *fake news*. No movimento de interação social, os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos (e não da língua, isto é, já ideologizadas), as quais ganham significação no seu discurso interior e, ao mesmo tempo, geram as réplicas ao dizer do outro, que por sua vez vão mobilizar o discurso desse outro, e assim por diante. A noção de interação verbal via discurso é gerada pelo efeito de sentidos originado pela sequência verbal, pela situação, pelo contexto histórico social, pelas condições de produção e pelos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores.

Infelizmente, entender o conceito de interação verbal nos faz perceber como o povo é facilmente manipulado, talvez, muito mais rápido do que era em tempo passado. Antes vivemos, mestre Paulo, um tempo de muita esperança. A esperança não rendeu os frutos esperados e, sim, decepção. Mas não prevíamos tempos ainda piores nos quais essa pandemia nos escancarasse tanto nossa extrema desigualdade e o desmantelamento das

principais políticas públicas, especialmente, nas áreas da saúde e da educação. Sem esquecer as outras.

A tua defesa da *educação de jovens e adultos*, desde os anos 1950/1960, como direito ao conhecimento daqueles que se atrasaram ou não foram para a escola, esvaiu-se rapidamente. Quando pensamos na relação trabalho-EJA nos dias atuais, muitos de nós quedamos desesperados. Mesmo sem esquecer a referência explícita que os educadores do mundo todo, convocados pela UNESCO, subscritores do Relatório Delors, tenham elegido tua tese - *a aprendizagem e educação ao longo de toda a vida* -, como a baliza da educação do século XXI. Soubestes dessa homenagem à toda a tua trajetória educativa, por aí? Sim, o órgão da ONU, responsável pela Educação e a Cultura (UNESCO) elegeu a tua tese (prospectada desde os anos 1950/60) para servir de emblema e de bandeira para a educação do presente século.

E alguns ainda dizem (ignorantes!) que teu legado está vencido e não é atual. Pensamos exatamente ao contrário, grande mestre Paulo Freire. Hoje, aproximando-nos do teu centenário, todos os continentes do mundo prestam homenagens incontáveis ao seu *legado*. Não ligue para um bando de Weintraubs (ex-Ministro da Educação) estúpidos que propuseram “cancelar” sua obra. Óbvio que não conseguiriam.

A reação aos ataques contra ti e teu legado está sendo mundial. Brotam diariamente iniciativas como esta (da UEPB) de entrar em contato com tua obra, teu legado e tua presença distante. Bem que gostaríamos de presenciar mais uma das tuas palestras a pedir (*como fez na sua última entrevista por aqui, 1997*) as

muitas marchas pela terra, pela moradia, pela comida e o trabalho e, especialmente, pela educação.

Desculpe de novo. A carta já está longa e sei que vais receber outras tantas. Sabemos que teu forte sempre foi ler em profundidade os autores com quem dialogou e com os quais fundamentou tuas propostas. Vamos continuar só mais um pouquinho, mestre.

Não podemos esquecer dessa parte antes comentada. Do fato de ter sempre *dialogado com muitos pensadores*⁵, da tua humildade em se declarar incompleto e sequioso de complementações. E foram tantas tuas conexões com esses pensadores que esses diálogos constituem alicerces inexpugnáveis das trincheiras pela *educação popular aqui, em toda América Latina e no mundo todo*.

E, neste sentido, só pode ser uma dádiva poder se encontrar por aí com o *Anísio Teixeira, Dewey, Vieira Pinto*, com o *Marx*, com o *Amílcar Cabral* e o *Gramsci*, e tantos outros! Puxa que privilégio, mestre! Sentimos pura inveja (boa), mas, qualquer dia queremos participar desses *seminários dialógicos* que, certamente, como *intelectual organizador* estás fazendo aí no andar de cima! Podias mandar uns textos novos psicografados! Brincadeiras à parte, o problema é que por aqui a teorização está muita escassa. Na educação brasileira, nem se fala!

Sabemos que vais dizer que estás *aprendendo para poder ensinar*, que busca sempre *melhorar tua consciência e teu conhecimento*, que *sem diálogo não se aprende*, que continua a busca por *complementos para tuas ideias*. Mas, não exagere na modéstia por aí, mestre Paulo.

Teu legado e tua obra “nos deu régua e compasso”! Pena que

muitos hoje não sabem o que seriam réguas e compassos, porque leem menos, aprendem menos, escrevem menos, só entendem do “zap”.

Já deve saber que por aqui os governos insistem em dizer que há 10 a 14 milhões de analfabetos brasileiros com mais de 15 anos. “Esquecem” das dezenas de milhões de analfabetos funcionais que não decifram um bilhete! Segundo o Índice Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), pesquisado pela Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro (se quiser ver, mestre, é só conectar acaoeducativa.org.br e ipm.org.br) 3 em cada 4 brasileiros (75%) não são completamente letrados! Isso depois de quase 60 anos da criação do chamado “*Método Paulo Freire*”. Continuamos um país de analfabetos absolutos, funcionais, digitais, políticos etc. E já vamos em 2021, mestre.

Mas, vamos mudar o rumo de nosso diálogo. Queríamos fazer uma carta leve e de homenagem aos seus 100 anos. Mas sabemos que terás paciência (*paciência impaciente*, como gostavas de repetir) para conosco. Perdoe nossos desabafos!

Queremos te desejar, mesmo, é o máximo da *alegria* que nos destes, a continuidade da *esperança* por um mundo mais justo e menos feio como pedistes, a *amorosidade* com a qual respeitastes todos os humanos, as *boas lembranças* que deixastes por todos os caminhos (foram tantos!) que percorrestes. Do teu Recife a Genebra, da cadeia no Exército aos mais de 40 títulos de *doutor honoris causa* pelo mundo, da Guiné-Bissau a São Paulo da Erundina.... E os tantos *amigos e amigas* que aqui fizestes, tendo a *amorosidade pelos seres humanos* como bandeira, com tua proposta de *hominização*.

Não há dúvida, tu sempre tiveste razão de que a maneira de enunciar do professor pode definir as ações dos alunos, sejam as de acolher, sejam as de resistir a ler o mundo e os discursos nele contidos. Em nossas salas de aula, hoje remotas, não podemos esquecer o teu legado de que a relação, que é possibilidade de um encontro dialógico sempre novo, encontra-se envolta na condição de gratuidade, que nos permite reconhecê-la em sua dinâmica de abertura-espontaneidade. O Tu encontra-se comigo por graça; não é por meio de uma procura que é encontrado. Mas endereçar-lhe a palavra é um ato do meu ser, meu ato essencial. O outro aqui compreendido em *uma relação amorosa com a palavra do outro*, que deve ser ouvido, o espaço onde se realiza o diálogo, o encontro entre Eu e Tu, partindo-se do pressuposto de que são as relações com os outros que nos constituem.

Continuamos por aqui nas batalhas inspiradas por tuas ideias e tuas práticas. Inspirados nos teus *livros* para descobrir mais aportes político-pedagógicos, a cada leitura; certamente, nossos atos implicarão na formação crítica, social e ideológica dessa geração que aí está, uma responsabilidade pedagógica ao difundir diversas informações e referências identitárias para ler as temáticas sociais

Proseguimos também interessados em *reinventar* algumas coisas que produzistes na passagem por aqui. Confessamos que esta parte da tarefa (tua reinvenção) que nos deixastes é muito difícil. Especialmente em tempos tão sombrios como os nossos. Quando dissestes que *a melhor maneira de te seguir seria não te seguindo...* a coisa complicou.

Mas, não temos desculpas para dar. Inspirados e lastreados

pelo teu legado somos mais fortes, apesar das tormentas. Nosso barco vai em frente. A Terra continua redonda, embora tenha um bando de gente negando. Temos esperança de dias melhores.

Daqui a um tempo, num próximo aniversário, escreveremos outras cartas. Em e-book viu, mestre! É o jeito. Papel está raro e, por aqui, árvores derrubadas significam lucro, principalmente na Amazônia. Nunca vão para os livros.

A turma toda (do mundo todo) te envia milhões de abraços bem apertados, muito amorosos, iluminados e transcendentais (como gostavas quando aqui estivestes). Até mais ver, mestre, e obrigado por tanto e por tudo!

Com afeto e amorosidade,

João Pessoa (PB), 15 de fevereiro de 2021.

Referências

¹ Freire, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

² Freire, Paulo et alii. Pedagogia: diálogo e conflito. Rio de Janeiro: paz E Terra, 1987.

³ Freire, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

⁴ Freire, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a

Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

5 Ver A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas. Em www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UEPB/catalog/book/138. Ver também o Programa Paulo Freire Vivo – YouTube (30 vídeos) https://www.youtube.com/watch?v=iwjRzpDILUo&list=PLGshD_YWCKUQg6cIbeo_BvZpDqpuDlwTK

**Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba (UEPB). Professor Visitante da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestrado em Educação (UEPB), Doutorado em História (UFPE), Pós-Doutorado em Ciências da Educação (Université de Lyon, França) e Pós-Doutorado em História e Filosofia da Educação (Unicamp). Integra o Grupo de Pesquisa Arquivologia e Sociedade (GPAS) da UEPB. Autor e apresentador do Programa Paulo Freire Vivo na TVUEPB.*

***Professora e coordenadora do curso de Arquivologia, Profa do PPGL-UEPB e do PPGFP-UEPB. Pós-doutora em Educação Contemporânea – UFPE, Doutora em Linguística – UFPB com Doutorado-sanduíche na Universidade do Porto, Mestre em Linguagem e Ensino – UFCG. Líder do Grupo de Pesquisa Arquivologia e Sociedade – GPAS e membro do GPLEI. Presidente da Rede Internacional SESA.*

Educação e liberdade

*Maria Amélia Santoro Franco**

Prezado Paulo Freire

Há tempos desejo continuar nossa última conversa, que ocorreu em 1997, poucos dias antes de sua morte. Aquele foi um momento mágico para mim! Não me esquecerei, era dia 10 de abril, e você foi dar, a meu pedido, uma conferência na Universidade em que eu trabalhava, bem no dia, e umas horas antes, de você lançar o livro *Pedagogia da Autonomia*. Aquele momento foi um privilégio em que pude conviver com sua generosidade e simplicidade. Você fez questão que conversássemos bastante antes da palestra e eu me enriqueci com esses momentos de pura magia. Momentos inesquecíveis, em que você se queixou de que, sua cabeça estava em plena forma, mas suas pernas estavam cansadas! Eu consegui que um carrinho o conduzisse até a porta do auditório e você me disse então: Como são belos os jardins desta escola! Na última vez em que aqui estive, em plena ditadura, não pude entrar e agora me recebem com tanta gentileza. Você realçou: a história é sempre imprevisível; em sua dialética tudo se transforma!

Lembro-me de que você estava bastante preocupado com o avanço da globalização capitalista neoliberal, e veja só, suas

preocupações ocorriam onze antes do Consenso de Washington, que normatizou recomendações visando ao desenvolvimento e à ampliação do neoliberalismo nos países da América Latina! Mas você já pressentia que esta lógica, tão avessa ao humanismo, tão contrária às utopias necessárias e que você tanto realçava, tinha força de nos invadir desumanizando ainda mais as relações sociais e naturalizando as diferenças sociais. Essa força, a que você se referiu como malvadeza do mercado, foi ficando cada vez mais violenta. Acredito que você, se estiver acompanhando o que nos acontece aqui na terra, está, como todos nós, triste e infeliz.

É sobre essa escuridão que gostaria de conversar com você, apostando na esperança, que sua obra pedagógica sempre me provocou!

Acredite Paulo! Você que nos recomendou que pensássemos numa escola de cara nova, mais feliz, alegre e acolhedora; temos que encarar hoje uma escola que ficou mais feia, mais triste, aliás, sem alma!

As escolas perderam sua identidade como espaço de formação, socialização e afetividade! Viraram espaços de, na melhor das hipóteses, serem plataformas de preparo ao vestibular ou anteparo de treinamento para as avaliações externas! Aquilo que você temia se concretizou: o processo pedagógico excluiu o sujeito e transformou-se num balcão de compra e venda de materiais instrucionais. Estamos vendo o que você tanto temia: a naturalização das diferenças sociais e a paralisia social produzida pelo discurso do fatalismo ideológico que o neoliberalismo enfatiza.

O iluminismo pedagógico foi se acentuando, gerando uma hiper valorização de informações estéreis e pasteurizadas, na

perspectiva meramente conteudista, de modo a ficar mais fácil vender, sob forma de pacote pronto e embalado, apostilas, aulas pré-organizadas, roteiros padronizados.

Parece que estamos todos paralisados com esse avanço tecnicista que vai retirando o sujeito, o humano, as relações, a descoberta e fundamentalmente, a curiosidade epistemológica, das perspectivas pedagógicas! A escola transforma-se radicalmente em espaço de memorização de respostas prontas! E parece que todos ficamos passivos frente ao horror desta lógica!

Você Paulo, falava com preocupação dessa ideologia imobilizadora, fatalista a que temos de nos submeter. Como se fôssemos seres a-históricos! Você, nesses dias de 1997, dizia que processos de formação, de conscientização, podem desmoronar qualquer fatalismo. Aliás, desde a *Pedagogia do Oprimido* você já realçava que podemos ser condicionados, mas não somos determinados a nada. Você não se conformava que, mesmo aqueles que haviam cursado a universidade, muitas vezes declaravam passivamente, certos assuntos de modo fatalístico, por exemplo: que o desemprego era estrutural e que nada se poderiam fazer, era consequência do modelo econômico e você sempre sustentou que nada pode ser irremovível da história, nada é imutável no mundo da cultura e da sociedade.

As barbaridades são tantas que nos sentimos profundamente esmagados por um sentimento de impotência que tem nos tirado a perspectiva de que um outro mundo seja possível!

E assim eu lhe pergunto: frente à perspectiva maliciosa das políticas neoliberais e do império do mercado, que produz a imagem de uma humanização à custa e em proveito do consumo, qual seria a possibilidade de uma pedagogia que produzisse

práticas insurgentes incorporadas à epistemologia pedagógica? Eu ainda acredito que só a *Pedagogia do Oprimido* pode dar conta de reverter a situação em que nos encontramos.

Recentemente um amigo nosso, Bernard Charlot, lançou um livro que se chama: *Educação ou Barbárie*, onde se pergunta: como educar na sociedade contemporânea, onde a pedagogia deixou de existir? Bem que você avisou Paulo: se a pedagogia não for política, ela se transformará em instrumento de controle e manipulação! E assim tem sido por aqui: a pedagogia foi se constituindo apenas em um jeito de treinar pessoas como robôs que aprendem a dar respostas, supostamente corretas nos exames, e deixou de ser uma práxis de problematização; de leitura de mundo; de conscientização! O pensamento crítico deixou de existir! É considerado algo pernicioso! A gente sabe porque não querem o pensamento crítico, não é?

Uma ex aluna sua, bell Hooks, tem batalhado muito a favor do pensamento crítico. Imagine você, que ela tem um livro cujo título é: *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Ela é uma escritora negra, americana e afirma que aprendeu a ser professora sendo sua aluna e, aos poucos foi descobrindo a diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação forjada para reforçar a dominação. Ela diz que você foi um tutor e um guia para ela conseguir ser professora numa perspectiva crítica. Ela reafirma que com você aprendeu que a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo e não de tédio!

Como ela há outros pensadores reforçando a criticidade como algo inerente à prática pedagógica; mas são gotas num oceano de barbáries pedagógicas!

Quer saber como estamos conseguindo interpretar esse

momento de tanta escuridão pedagógica? Como você sabe, sempre há uma luta ideológica: de um lado, há um forte movimento que quer tirar qualquer influência de suas teorias, sobre os educadores; de outro lado, contrapondo-se, há muitos movimentos insurgentes e críticos. Veja a contradição no Brasil hoje: de um lado há um forte movimento de Fora Paulo Freire e, de outro, você é o patrono da educação brasileira e, finalmente, sua obra tem sido lida e discutida em muitos cursos de licenciatura!

Parece que hoje não existe mais dúvida: descobriram ser a pedagogia, antes de tudo, uma prática social política que implica numa concepção de mundo, de homem, de sociedade!!! Aqueles que desejam uma sociedade mais justa, mais inclusiva, com mais justiça cognitiva naturalmente só acreditam numa pedagogia crítica, decolonizante e emancipatória. No entanto, ao contrário, há aqueles que querem manter a desigualdade social, a exclusão, a desumanização, então idealizam uma não-pedagogia, uma pedagogia mesmo da exclusão, conforme realçou Pablo Gentili, outro amigo seu. A dualidade que você sempre realçou: ou a educação servirá para a domesticação ou a educação servirá para a liberdade, a emancipação. Nosso país, está dividido entre essas polaridades.

Novos estudos e pesquisas têm caminhado na perspectiva de uma pedagogia decolonial, reforçando e trazendo luz à questão dos processos de opressão que excluem e marginalizam, produzindo o que Boaventura Santos tem chamado de epistemicídios. O interessante a notar Paulo, é que quanto mais se aprofunda nas leituras de teorias pós-coloniais, mais ainda faz sentido os fundamentos da Pedagogia do Oprimido. A impressão que tenho é a de que esses novos estudos são releituras dessa quase

revelação que você produziu ao mundo: uma virada epistemológica na compreensão dos fios que tecem a práxis educativa e a percepção de uma educação não submissa à dominação nas diferentes e plurais formas de opressão.

O que você nos fez perceber Paulo, foi antes de tudo, a possibilidade de saída da situação de opressão por meio de processos de formação, com foco na conscientização. Você nos mostrou que a educação, como prática da liberdade, pode romper com diferentes formas de dominação e colonialismo; mostrou a todos nós educadores que é possível uma nova forma de ensinar/aprender que pode promover a inserção e visibilização dos esfarrapados da vida, no seio da sociedade, criando uma nova dinâmica de inclusão social.

Pois bem, Paulo, quero dizer que sua carta aos professores, escrita em 1993, traz reflexões que ainda são importantes e que podem ajudar a nos situarmos melhor no labirinto pedagógico em que nos encontramos: ou seja, no momento em que mais precisamos de processos críticos de formação de sujeitos, menos possibilidades temos de colocá-los em prática.

Você sugere que o professor estude, tente compreender a realidade; faça leituras críticas do mundo. Isso, mais que nunca é urgente! No entanto, a situação de opressão em que vive o professor, acumulado de muitas funções; pauperizado em sua situação social e cultural; muitas vezes carregando uma formação precária; sem condições de trabalho coletivo na escola; esmagado pela lógica institucional que lhe tira a autonomia, este professor se vê privado de empreender caminhos para leituras críticas da realidade. E assim o círculo se fecha, porque sem condições de pensar, estudar, atualizar-se criticamente, ele acaba

aceitando passivamente as aulas prontas; o ensino burocrático, as opressões cotidianas.

Você esclarece na carta a impossibilidade de um ensino transmissivo, conteudista. É preciso um ensino crítico, dialogante; entusiasmante! No entanto, o professor nem sempre tem a possibilidade de conseguir problematizar, dialogar. Muitas vezes porque a escola o obriga a ser transmissivo; outras vezes porque não tem, ele próprio, a perspectiva crítica. Outro círculo se fecha: sem saber ou poder ser crítico, impossibilitado de realizar diálogos; o professor se rende às circunstâncias e deixa de lutar por melhores condições de preparo de seu ensino.

Como reabrir esses circuitos que se fecham? Como reiniciar um processo de alfabetização pedagógica? Acredite Paulo, a pandemia tem nos ajudado a pensar essa questão. As práticas sem sentido não funcionam de modo on-line. Ou fazem sentido, ou se desconectam, os jovens fecham as câmeras, talvez fugindo ao horror que vislumbram.

Enfim Paulo, gostaria que me retornasse e me enviasse muitos motivos para de novo esperar em dias pedagógicos melhores.

Com saudade.

São Paulo (SP), fevereiro de 2021.

Espaço tempo de pandemia

Referências

CHARLOT, Bernard. Educação ou barbárie? uma escolha para a sociedade contemporânea. São Paulo, Cortez, 2020

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. Editora MartinsFontes,2013.

FREIRE, Paulo. Carta aos professores. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo. Editora Olho D'Água, p. 27-38. 1993. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

GENTILI, A.A.P. (Org.). Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

**Pedagoga, doutora em educação, pós-doutora em Pedagogia. Pesquisadora/Professora na Universidade Católica de Santos onde coordena o grupo de pesquisa: Pedagogia Crítica: práticas e formação e é vice coordenadora da Cátedra Paulo Freire*

Compreensão, resistência e esperança

*Raquel Maria Bortone Fermi**

Caro Paulo Freire,

“O primeiro mundo meu, na verdade, foi o quintal da casa onde nasci, com suas mangueiras, seus cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, com suas jaqueiras, com suas barrigudeiras. Árvores, cores, cheiros, frutas, que, atraindo passarinhos vários a eles se davam como espaço para seus cantares.”
Paulo Freire¹

Uma oportunidade única, expressar minha gratidão pelo teu legado. Começo por esse trecho na epígrafe. Certamente, reconheceste. Faz parte de um livro teu que é um verdadeiro deleite para educadoras e educadores. Eu o escolhi, por toda a grandiosidade contida nessas palavras que me remeteram a pensar que uma ameaça à nossa história é o esquecimento daquilo que nos torna quem somos. Ninguém atravessa a infância sem carregar marcas, que enredadas em todas as circunstâncias da vida, nos constituem. Em nome do resgate dessas lembranças, faz sentido conciliar as preocupações com a educação das infâncias – visto

¹ FREIRE, P. *À sombra desta mangueira*. 11^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. p.39-40

que são múltiplas - com o teu pensamento, pois em teus escritos, vislumbra-se um convite para repensarmos o que se passa com as crianças de nosso tempo.

Sabemos que tua obra não se refere estritamente à educação da infância, uma vez que este tema não foi o núcleo central de tuas reflexões. Contudo, ao retomarmos entre teus escritos, os relatos de tua infância e a representatividade que exerceram em relação às tuas inestimáveis reflexões, sugere-se que esses pressupostos são fundamentais para (re)pensar as práticas e o posicionamento ético e político das educadoras e educadores da infância.

Mobilizada por essa perspectiva, fiz a mim um convite: refletir e ampliar a discussão sobre a docência na infância mediante tua obra. As obras que me propus a explorar em busca das menções sobre tuas memórias de infância resignificaram à importância de tuas primeiras experiências para a constituição do pensador inconformado com as injustiças sociais, crítico e consciente que te tornaste. Nelas, te propuseste a uma releitura dos tempos de menino, com os olhos de adulto, na plenitude de tuas vivências: *“Pelo contrário, em terra idade, já pensava que o mundo teria de ser mudado. Que havia algo errado no mundo que não podia nem devia continuar”* (Paulo Freire, 2015, p. 41).²

Entre tuas obras, garantiram-me a inspiração para essa empreitada os seguintes títulos: *A importância do ato de ler em três artigos que se complementam; À sombra desta mangueira; Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis; Professora Sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar;*

² FREIRE, P. Cartas a Cristina. Reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo. Paz e Terra, 2^a ed., 2015.

Pedagogia da autonomia; Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Certamente, o tema não se esgota nessas obras, visto que é possível fazer outras incursões em teu valioso legado.

Em minha jornada na educação, algumas coisas me inquietaram. Nos últimos anos, questões despertaram minha *curiosidade epistemológica*, bem ao modo como dizes. Essas questões que me faço podem ser resumidas pelas perguntas: *Como nos tornamos educadoras e educadores da infância, em face da especificidade dessa faixa etária? Como compreendemos o nosso papel? Quais as imagens que temos a respeito da infância?* Não, meu caro Paulo Freire, não vou dar respostas a essas perguntas nesta carta. Ora, a intenção é compartilhar essas dúvidas, lançando-as como uma proposta de reflexão a ti, que como eu, conviveu com a inquietação.

Em primeiro lugar, vale frisar que estamos vivendo um momento incomum, obscuro e lancinante. Se há algo que possa ser dito num momento como esse, eu arriscaria escrever nesta carta três palavras: compreensão, resistência e esperança. Embora cansados e à espera do tal “novo normal”, não é possível esquecer que a normalidade adoeceu antes mesmo dessa crise sanitária causada pela pandemia em 2020. As diferenças sociais tão manifestas neste momento já existiam como feridas não cicatrizadas. Precisamos, dessa forma, *compreender* a importância do nosso papel na transformação da sociedade.

Compreender, verbo que significa: conter em si; constar de; abranger; perceber; entender. Do latim *com-prehedere* (agarrar, prender)³. Se pudermos “conter em nós”, ou seja, compreender

3 CUNHA, A.G. da. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4^a ed. Rio de

as dimensões éticas e estéticas de nosso trabalho, principalmente no que se refere à infância, caminharíamos no sentido de uma educação integral que se revela na complexidade, subjetividade e intersubjetividade. Lembrei-me deste trecho:

Num momento de aviamento e de desvalorização do trabalho do professor em todos os níveis, a pedagogia da autonomia nos apresenta elementos constitutivos da compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana. (2016, p.13)⁴

Em outras palavras, uma formação humana pautada pelas dúvidas, questionamentos e pela busca por novos caminhos. Para Hoyuelos e Riera: “*Acredito que nossa profissão exige responsabilidades e, também, que a relação se constrói com “nos” reflexivos que nos comprometem do ponto de vista ético.*” (2019, p. p. 180)⁵

Caro Paulo, me permita a informalidade, as educadoras e educadores devem estar atentos à necessidade de *compreender* aquilo que torna a docência na infância uma ação comprometida com a especificidade peculiar a essa faixa etária. Portanto, tornar-se um professor da infância depende de (re)conhecer, entender e acolher as diversas linguagens das crianças ao expressarem seus pensamentos e emoções. Podemos entender bem essa questão por meio de tuas palavras: “*É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase*

Janeiro: Lexicon. 2013.

4 FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática Educativa*. 53^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2016.

5 HOYUELOS, A.; RIERA, M.A. *Complexidade e Relações na Educação infantil*. São Paulo: Phorte. 2019.

nada ter escutado.” (2016, p.114) Outros aspectos colaboram com essa necessidade de compreensão e podemos nomeá-los como: amorosidade, humildade e tolerância frente às crianças e suas famílias. Sim, eu aprendi isso contigo. Esses aspectos nos posicionam em relação à nossa prática. Vejamos:

Falar a e com os educando é uma forma despretensiosa, mas altamente positiva que tem a professora democrática de dar, em sua escola, sua contribuição para a formação de cidadãos e cidadãs responsáveis e críticos. Algo que tanto precisamos, indispensável ao desenvolvimento de nossa democracia. (FREIRE, 1998, p.87)⁶

Tomo a liberdade de compartilhar contigo os aprendizados que me mobilizaram quando entendi melhor o teu pensamento. De certa forma, o que me transformou foi a certeza de que ser educadora e educador é um ato de *resistência*. Entendendo a resistência por meio do que disseste: “*Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas.*”⁷ (2016, p.99)

A atualidade deste pensamento nos faz pensar que há muitos motivos para *resistir*, principalmente quando se está indignado com a malevolência com que se tratam os direitos das crianças, entre eles: a garantia de manutenção de sua integridade física e psicológica, as brincadeiras, a liberdade para explorar e conhecer o mundo à sua volta, a expressão e participação e os espaços de interação e respeito à sua cultura. As crianças têm direito a uma educação que as respeite e acolhas todas as suas especificidades.

Finalmente, vamos falar da *esperança* como um caminho, um

6 Freire, P. Professora Sim, tia Não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água. 1998.

7 Idem ao item 4 e 6.

percurso, um posicionamento político. Ela representa o comprometimento com o nosso ofício. A esperança, bem definida por ti, não tem compromisso com a ingenuidade e se insere como possibilidade, perspectiva, aquilo que nos move. Em síntese:

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída.⁸ (Freire, 2015, p.14 e 15)

Para encerrar essa mensagem, quero agradecer-te, fizeste parte da minha vida profissional. Tenho imenso orgulho de ter ingressado na rede municipal de São Paulo no período em que estiveste frente à Secretaria Municipal de Educação. Desejo assim, que outras educadoras e educadores possam pensar em outras palavras a serem ditas ou escritas. Tu me inspiraste e me chamaste a refletir criticamente, a dialogar, a respeitar e indignar-me. Mas, sobretudo, me alertaste para o fato de que é possível ter esperança. Que possamos seguir *resistindo, compreendendo* e mantendo a *esperança crítica*.

Com saudades e respeito,

São Paulo (SP), 19 de fevereiro de 2021

**Funcionária da rede municipal de educação de São Paulo nos cargos de professora de Ensino Fundamental e Educação Infantil, coordenadora pedagógica e supervisora escolar. Mestre em educação pela PUC-SP, Programa Formação de Formadores e hoje aposentada cursa o doutorado na FEUSP, Programa Formação, Currículo e Práticas Pedagógicas.*

8 FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 22^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.2015.

E que todos tenham vida plenamente!

*Jomar Ricardo da Silva**

Prezado Paulo Freire,
Neste ano que o mundo comemora os 100 anos do seu nascimento, queria apenas externar minha gratidão pelo trabalho que o senhor exerceu no decorrer de sua vida a serviço da educação e pelo legado perpetuado em suas reflexões sobre a possibilidade do ser humano construir uma nova sociedade, num permanente, a partir da mudança de si mesmo, em diálogo com outros seres humanos e com o mundo.

Quero lhe dizer das experiências impulsionadas por suas concepções de educação, pela leitura de seus livros, pelo emprego do seu método; foram eventos invisibilizados no meio social além dos círculos dos agentes e animadores pertencentes às comunidades que os promoveram; coisas que o senhor não tomou conhecimento que estivesse acontecendo naquele momento, todavia presumíveis.

Benfazeja a iniciativa da editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB) em convidar-nos como professores a escrever uma missiva direcionada ao senhor, respondendo as cartas, coligidas no livro “Professora sim, Tia não, Cartas a quem ousa

ensinar”. Sinto-me instigado a lhe contar com alegria desses acontecimentos como testemunha e participante, apoiando-me em anotações que registraram as marcas da memória coletiva durante a vivência dos fatos.

Faço isso revisitando um passado dos anos da década de 1980, em seu segundo lustro, em que vivíamos uma grande esperança de construir um país menos injustos e sem tantas desigualdades sociais, com os alvissareiros ventos da abertura política anunciando a chegada da “nova república” e a tão almejada democracia, depois de vivermos 20 anos sob o regime da ditadura militar.

Veja o senhor como o seu pensamento foi importante para cultivar a esperança de muitas pessoas, moradoras da periferia da cidade onde eu nasci, Campina Grande, no interior do Nordeste. Refiro-me aos animadores de Comunidades Eclesiais de Base, aos membros dos movimentos sociais de bairros e das pastorais católicas, os denominados excluídos, que passaram a vislumbrar outras maneiras de viver, buscando uma vida pautada nos princípios de cidadania e numa existência plena de dignidade.

Sim, tudo isso em razão do seu método dialógico em que a palavra transita entre o ensinante e o aprendiz, permitindo que o conhecimento seja uma construção resultado de uma interação entre quem ensina, quem aprende e a realidade que permeia a relação entre ambos, refazendo a distância existente na educação tradicional de quem ensinava de quem aprendia, impregnando a educação do seu sentido humanizante, não por reduzir a um estatuto formal, mas por instituir um fundamento concernente a finalidade realizadora do ato de educar, qual seja, a libertação de homens e mulheres.

Outro aspecto importante da sua contribuição no tocante ao método reside em dissipar as fronteiras entre a teoria e a prática. Como bem o senhor enfatiza na Primeira Carta, intitulada “Ensinar – aprender Leitura do mundo – leitura da palavra”, quando se encontrava na Ilha de São Tomé, na África Ocidental, e atuava na formação de educadores e educadoras daquele País, num curso de formação para alfabetizadores. “Havia sugerido aos nacionais que a formação dos educadores e educadoras se fizesse não seguindo certos métodos tradicionais que separam prática de teoria. Nem tampouco através de nenhuma forma de trabalho essencialmente dicotomizante de teoria e prática e que ou menospreza a teoria, negando-lhe qualquer importância, enfatizando exclusivamente a prática, a única a valer, ou negando a prática fixando-se só na teoria.”

Menciono de memória um fato emblemático do emprego do método Paulo Freire, ou como a teoria e a prática coadunam-se de forma a constituir-se em ação transformadora, em nossos trabalhos pastorais no bairro da Liberdade, mais precisamente na luta dos moradores da rua Pará com o poder público para implantação de saneamento básico. Com o apoio das agentes de pastorais religiosas, da congregação da Misericórdia, de origem irlandesa, as mulheres do local criaram a Pastoral da Criança.

Havia uma situação precária. Os córregos malcheirosos desciam a rua de ponta a ponta. Quando chovia, as casas alagavam. Em uma celebração, na calçada de uma das casas, foi lido o trecho do evangelho em que se reconhece o anúncio da missão de Jesus Cristo: (Jo 10,10). Uma das mulheres presente, no momento da partilha do Evangelho, fez uma pergunta: Afirmamos que o trabalho comunitário, por ser educativo, é um ato político

onde não cabe a neutralidade, nem o espontaneísmo como bem o senhor enfatizou na Sétima Carta “De falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir o educando a ser ouvido por ele”, ou seja, para sermos mais precisos: “Não é demais repetir aqui essa afirmação, ainda recusada por muita gente, apesar de sua obviedade, a educação é um ato político. A sua não neutralidade exige da educadora que se assuma como política e viva coerentemente sua opção progressista, democrática ou autoritária, reacionária, passadista ou também espontaneísta, que se defina por ser democrática ou autoritária”.

Uma celebração, em princípio, não tem o objetivo de utilizar o Evangelho para despertar a consciência crítica dos grupos oprimidos e engendrar uma organização para superar determinados problemas sociais. Mas foi de uma leitura dele que tudo começou. Dali surgiu um despertar de consciência, um movimento de organização visando a melhoria de condições dos habitantes da rua Pará.

Houve mais de uma vez a reivindicação ao poder público para saneamento da rua. Depois de muita luta e insistência; de várias táticas empregadas, os moradores da rua Pará terminaram conseguindo atingir o objetivo. Conceder a palavra a uma mulher empobrecida, fez com que dela viesse a reflexão sobre suas situações e concomitante veio a iniciativa de resolução de problemas de moradia e de saúde de todos.

Também foi dessa maneira que a comunidade de Santa Clara, próxima do bairro do Cruzeiro e bairro de Santa Cruz, partiu para a ação pastoral libertadora. Esta surgiu através de reuniões, em torno do Evangelho, debaixo de uma árvore ou de encontros na sede de time de futebol amador, nas quais as pessoas discutiam

os problemas do bairro e as soluções mais urgentes.

Numa dessas discussões surgiu a reivindicação para saneamento de esgoto de um riacho que tornava péssimas as condições de vida dos moradores da Comunidade de São Francisco, do setor chamado comumente de “lá de baixo”. Na expressão dos próprios moradores: Hoje o antigo riacho é uma rua calçada em que trafegam automóveis e transeuntes. A organização das pessoas mudou as feições do lugar, tornando-o um espaço aprazível de ver, morar e passear.

Uma outra maneira que o povo tinha de melhorar suas condições de vida e adquirir força pela participação nas organizações da sociedade civil, era organizar uma chapa de oposição para ganhar as eleições nas SABs (Sociedades de Amigos de Bairro), que sempre se mantiveram atreladas aos grupos que dominam a cena da política local.

Um grupo de animadores pensou em formar uma chapa para concorrer como oposição. Depois de muitas discussões duas mulheres aceitaram a candidatura como presidente e vice-presidente. No transcurso do processo eleitoral, a chapa candidata à reeleição tinha a visibilidade dos movimentos dos oponentes. As ações destes eram contrafeitas logo depois de realizadas. Por exemplo, uma visita a um sócio para falar do projeto a ser implantado, se fosse vencedora. Logo em seguida o mesmo sócio recebia a visita da chapa situacionista. Quem falava por último tinha como rebater a anterior, sem que esta tivesse oportunidade do contraditório.

A fala da chapa situacionista usava sempre de artifícios discursivos e mentiras para convencer pelo medo os eleitores sobre os perigos e as perdas que a comunidade sofreria caso a chapa

de oposição fosse eleita. É nessa mesma perspectiva que entendemos suas reflexões ao tratar do direito à voz: “O meu direito à voz não pode ser um direito ilimitado de dizer o que bem entender do mundo e dos outros. O de uma voz irresponsável que mente sem nenhum mal-estar desde que da mentira se espere um resultado favorável aos desejos e aos planos do mentiroso.”

A chapa de oposição terminou perdendo pelo fato de não saber jogar com as mesmas armas dos adversários, que utilizaram uma série de artimanhas para permanecer no poder. Uma delas foi falar, para aqueles sócios que recebiam a cota do leite do governo federal, assistencialismo do período do presidente José Sarney, caso perdessem a eleição, acabaria o programa, segundo eleitores e beneficiários em depoimento na época.

Digo ao senhor, Paulo Freire, que o resultado foi frustrante, e ao realizarmos uma autocrítica naquele momento, e sempre em consecução de um ato político educativo, vemos a necessidade de reconhecer os limites da história como ciência e como realidade impostos a toda ação que almeje a mudança social. Nesse sentido suas palavras ressoam como referência indelével para compreender as ações de autonegação dos oprimidos: “O fato mesmo de estarmos sendo uma sociedade marcadamente autoritária, com forte tradição mandonista, com inequívoca inexperiência democrática enraizada na nossa história, pode explicar nossa ambiguidade em face da liberdade e da autoridade.”

Nessa autocrítica víamos as dificuldades de superar essa ambiguidade e a consciência ingênua predominante no meio social das classes populares. Consequentemente, um outro trabalho deveria ser feito que atenuasse os problemas do analfabetismo com uma metodologia que pudesse, num processo dialógico

educativo, fomentar as questões de compreensão da realidade social. Pois compartilhamos da sua mesma indignação em relação ao analfabetismo: “Esta é uma das violências que o analfabetismo realiza – a de castrar o corpo consciente e falante de mulheres e de homens, proibindo-os de ler e de escrever, com o que se limitam na capacidade de, lendo o mundo, escrever sobre sua leitura dele e, ao fazê-la, repensar a própria leitura. Mesmo que não zere as milenar e socialmente criadas relações entre linguagem, pensamento e realidade, o analfabetismo as mutila e se constitui num obstáculo à assunção plena da cidadania.”

Com esse intuito de amenizar os danos causados pelo analfabetismo foram criados Círculos de Cultura de Alfabetização de Adultos pelo método Paulo Freire, iniciado em 1988 nos bairros de Catingueira, Bairro das Cidades e Liberdade, perdurando até 1992. O caso da Liberdade exigiu uma persistência dos alunos, dos monitores e das agentes de pastoral.

Não havia local para as aulas de alfabetização. O salão da igreja estava sempre ocupado com reuniões. A SAB tinha outros compromissos. A escola pública Murilo Braga não foi cedida pela direção, mesmo sendo ocupada durante a noite apenas pelo vigia. A alternativa veio com a criatividade da própria comunidade. Foi oferecida uma garagem de automóvel da casa de uma animadora, que com os recursos da AEC (Associação de Educação Católica) para reforma, transformou-se numa sala de aula.

Discutia-se na época se o analfabetismo era uma demanda a ser sanada por órgãos da sociedade civil ou obrigação do Estado. Era uma discussão que não fazia sentido pois sabíamos da indiferença dos componentes de classes que compunha o Estado em resolver esse problema da sociedade brasileira e muito menos

se disponibilizaria a realizar um trabalho com seu método de alfabetização.

Ao tratar da responsabilidade de cidadania, em relação ao espaço escolar o senhor situa com precisão o que seria dever do Estado e quais os compromissos da sociedade civil, em que esta caberia agir “aprendendo a mobilizar-nos e a organizar-nos para melhor fiscalizar o cumprimento ou o não-cumprimento, por parte do Estado, dos seus deveres constitucionais, que nos levará a bom termo no enfrentamento deste problema.”

Assim se passaram mais de 30 anos e, nesse ínterim, o senhor foi merecedor em ser condecorado Patrono da Educação Brasileira em 2012 por um governo democrático, da presidente Dilma Rousseff, reconhecedor da importância de suas contribuições para a educação no Brasil e no mundo.

No final do ano passado a Universidade Estadual da Paraíba, na reunião ordinária do mês de dezembro, aprovou a resolução que renomeava a Central Integrada Acadêmica (CIAC) para Central Integrada Paulo Freire como uma maneira simbólica de afirmar a sua importância para a educação e, especialmente para o corpo de professores e discentes dessa instituição, que há muito tempo mantém laços de aproximação e afinidades com o senhor, chegando a promover uma palestra sua, nos idos de 1980, a convite do reitorado do professor Itan Pereira, no auditório do Colégio Estadual Elpídio de Almeida (Estadual da Prata).

Este ano a Universidade Estadual da Paraíba terá uma série programações para comemorar os 100 anos de seu aniversário e homenageá-lo com gesto de gratidão pelo muito que fez e deixou para a educação do povo pobre.

Cordialmente.

Campina Grande (PB), 18 de fevereiro de 2021

**Professor da Universidade Estadual da Paraíba, lotado no Departamento de Ciências Sociais (DCS). Doutor em Educação pela UFRN.*

Desafios de um mundo pandêmico

*Joedla Rodrigues de Lima**

Enquanto as raízes, tem como base o solo, componente mais denso, de onde retira os nutrientes para crescer, a parte aérea usufrui de um ambiente mais rarefeito, o ar e com ele realiza trocas e nutre aquela vida por meio da fotossíntese. A árvore para ser árvore não prescinde de estar na densidade do solo e na leveza do ar. Assim é a docência: precisa ter competência acadêmica e metas para mover-se.

O que torna um fator de mudança no pensamento de PF e outros semelhantes, é que estas metas, não são apenas dados objetivos, estatísticos, numéricos, mas ele adentra na sutileza das sensações prazerosas, expansivas, iluminadas, amorosas, qualificáveis. E o que me toca, é que entrar no seu pensamento é um ato reflexivo e de autoavaliação, de onde me encontro, como me encontro, como me nutro destes pensamentos, embora tão desafiadores para minha estrutura pessoal.

Retomando a alegoria da árvore, falar de metas quantificáveis seria observar o índice de crescimento da árvore, seu nível de desenvolvendo e para isto verificar o aporte de nutrientes e

água, a produtividade final e a qualidade dos frutos, se há infestação de pragas. Do ponto de vista qualitativo, diríamos, ver sua beleza num conjunto de folhas, flores, frutos, galhos; observar a arquitetura da árvore; a cor e o aroma das flores e dos frutos. Saborear o fruto que é o final de todo processo? Talvez, algum leitor dirá, mas esta última forma de ver a planta é da alçada dos artistas, poetas, cantores, pintores, dos naturalistas. Mas é isto que entendo em Freire, uma abordagem não invalida a outra, elas se complementam.

Estamos, em 2021, há quase um ano de um período de pandemia por COVID-19, apenas para me deter num aspecto deste período desafiador para todos. Como falar de esperança? Como construir a autonomia em plena vigência de um período limitado e que desumaniza? São perguntas em que as respostas se processam gradualmente, considerando o cenário socioeconômico-ambiental de 2021. No entanto esta linha de pensamento inserida na concepção humanista o “fertilizante” sóciopolítico que a nutriu foi especialmente árido para a população brasileira, em termos de liberdade de pensamento, de igualdade de oportunidades, temas que, socialmente, se contrapõe e se ampara nas legislações para conseguir gerar um diálogo entre eles.

Esta carta que ora escrevo traz um relato de experiência, de um projeto desenvolvido em plena pandemia, no município de Patos/PB. Pretendemos fazer o seguinte percurso: olhar para a pedagogia da autonomia e a pedagogia da esperança; COVID-19 e extensão? A pandemia e a relação com o meio ambiente, outra relação de opressão?

Paulo Freire traz a coragem de se adotar uma rigorosidade ética, como um princípio norteador da prática educativa, mas

é preciso previamente definir que ética me atendo? A que ele defende, é a que combate às injustiças a que se submetem os oprimidos, os que são invisíveis. Ao lado dela a confiança de construir novas possibilidades, não se acomodar, ter espaço da criatividade para fazer novas ou outras escritas na história sempre, por sermos “inconclusos” ou incompletos.

O educador, em tese, é um aprendente curioso, um indagador, um bom ouvinte, antes de um bom falante; que tem bom senso e assume suas convicções. Não apenas um transmissor de conteúdo, mas um ser humano, com sua individualidade, sua história pessoal e seus exemplos.

No processo educativo, há o reconhecimento que somo seres historicamente condicionados, por isto, trabalhamos a realidade concreta vivida, as realidades sociais de cada educando. Pautado em exemplos que lhes dê significado e criando possibilidades para sua construção. Este modelo de educar pede comprometimento, pede transparência e pede rigorosidade do saber, considerando que o educador não é um “sabe tudo”.

Mas, diante das tempestades sociais, neste país da corrupção, se faz necessário, ao lado do cultivo da rigorosidade ética, a postura ativa de que a mudança é um estado natural, nas palavras de Morin e Kern(2002, 89) “a máquina viva é capaz de estratégia, ou seja, de inventar seus comportamentos na incerteza e na eventualidade”, no caos e na ordem, se constroem novos nexos, que a própria história foi incapaz de prever (a exemplo da rede mundial de computadores, o avanço da era da informática, nos moldes em que se processa atualmente).

Então não é deslocado trazer a tônica da esperança que, ancorada na prática, é uma lente de aumento, ou a própria luz, ambas

auxiliam a ver por um prisma mais ampliado. E talvez seja esta a sua função: reconhecer que permanecer estendendo seus galhos e multiplicando as folhas, seja sua natureza, usando a analogia da árvore. Seja encarar o seu papel na corrente da vida, fazer sua parte e não negar sua essência. Mesmo e apesar de reconhecer suas limitações e incompletude.

Claro que uso a metáfora da árvore, por uma escolha pessoal, mas o ser humano é muito mais que o exemplo citado. O ser humano pensa, avalia, é dotado de psiquismo consciente, onde reside seu ego, mas também de um inconsciente onde residem seus medos e potenciais, suas vergonhas e seus talentos, e este complexo, profundo e desconhecido, tem capacidades de respostas, de construções e destruições inimagináveis.

Falar de esperança é necessário para irrigar a rigorosidade ética, sem ela, a ética morre por “falta de hidratação”, conhecer as trilhas e a semeadura da esperança de que Paulo Freire nos traz.

Neste ponto quero unir aos seres humanos oprimidos, o meio natural (seres bióticos e abióticos) também oprimidos (ou explorados?). Em meados do século passado se iniciam as discussões mundiais, sobre os impactos do modelo de desenvolvimento mercantilista-energívoro-predatório sobre os “recursos naturais”, que de diversas maneiras desaloja vírus que encontram novos hospedeiros.

Inicia-se, então, uma outra fase, em que as discussões pelos direitos humanos se aliam aos direitos a um meio ambiente ecologicamente equilibrado (Constituição Federal, artigo 225). Mencionar este ponto de inflexão em nosso processo político e de desenvolvimento nos conclama a fazer outras pontes no campo

do entendimento e da “leitura de mundo”. A partir da década de 1980, se apresenta uma crise gerada pelo modelo neoliberal que vem se impondo como a versão dominante do capitalismo (SANTOS, 2020). Vivemos numa aldeia global, as trocas entre países são intensas e a rede mundial de computadores desempenha um papel fundamental neste processo de interligação e “diálogo” entre pessoas e nações.

Nosso foco volta-se para o vírus nCoV-2019, chamado do novo coronavírus, que levou todas as nações do planeta à mudança de rumos, de prioridades. Após o reconhecimento da OMS, no dia 16 de março de 2020, de que o vírus que infectou seres humanos no mercado de Wuhan/China no final de 2019, se tornara uma pandemia.

Este inimigo invisível, confirma a comunhão planetária (do ponto de vista trágico) e ironicamente, nos mostra que a melhor maneira de sermos solidários, é nos isolarmos uns dos outros e nem nos tocarmos (SOUSA SANTOS, 2020).

Este o cenário foco de nossa discussão: Como construir, neste cenário, uma pedagogia baseada no diálogo pedagógico. Precisamos considerar, que nós seres humanos comuns fomos pegos de surpresa e assustados com o que a mídia nos informava e as instituições de ensino decidiam suspender as atividades presenciais. Embora nações mais desenvolvidas reconhecessem o potencial das pandemias por vírus cada vez mais invasivos e os organismos de defesa e estratégias, sugerissem medidas de precaução para barrar uma situação dessas.

O projeto de extensão “A UFCG na conscientização ambiental em tempos de COVID-19”, composto por seis participantes dos cursos de Engenharia Florestal, Ciências Biológicas e Medicina

Veterinária e a comunidade do Mucambo/PB. De forma dialética por um lado existia insegurança e dúvida, e por outro, a possibilidade de sermos uma equipe ativa no apoio à superação desta situação.

Esta equipe precisava trabalhar sob uma resolução que, como critério de segurança, proibia que houvesse contato físico, o que, certamente, inibiu maiores contribuições neste processo dialógico, tão importante nas atividades de extensão. Como incentivar “o gosto pela pergunta, a paixão do saber, a curiosidade, a alegria de criar e o prazer do risco sem o que não há criação”? (FREIRE, 1992, p. 71). Sabíamos que precisávamos tentar.

Primeiro nos preparamos como grupo, pois era uma experiência inovadora para todos nós. Conversamos e discutimos, desde a construção da proposta até o entendimento das inter-relações desta pandemia com as questões ambientais, abrimos a discussão para o público, abrindo um perfil no Instagram ®, nos inserimos no grupo da comunidade, e passamos a criar posters e áudios dentro da temática e recolher as opiniões.

Uma produção relevante foi a criação de um “Glossário de termos sobre meio ambiente e COVID-19” (SILVA et al, 2021), por reconhecermos que aprender exige conhecer o significado dos termos, o glossário foi criado como ferramenta digital, lançando mão de imagens que auxiliem na contextualização dos termos, e este ano de 2021, pretendemos transformá-lo em áudio.

Este produto coroou as interações que ocorreram entre julho e dezembro de 2020. Esta experiência teve falhas? Com certeza! Dentre as necessidades de melhoria, destacamos conseguir um ambiente mais dialógico pedagogicamente, conseguir que os

envolvidos nos dê encaminhamentos que possam ir ao encontro de suas dúvidas, e em termos de equipe de extensão, trabalharmos mais os princípios da educação inclusiva e dialógica.

Neste início de terceira década do século XXI, a atual pandemia demonstra que como sociedade organizada, ainda estamos desequipados para enfrentarmos situações como esta, e mais ainda, como ainda não abrimos os espaços necessários para discutirmos a nossa relação ambiental, pois há importante nexos entre a proliferação de bactérias e vírus e a conservação da biodiversidade. Cattani (2020) discorre sobre o papel protetor da biodiversidade em relação à proliferação de doenças infecciosas, pois há uma grande quantidade de espécies que atuam como hospedeiros e limitam este processo de transmissão para outros elementos da cadeia. A simplificação de ecossistemas tem disseminado as zoonoses.

Enfim é preciso fortalecer a Ecopedagogia, uma pedagogia dialética e dialógica, que além de fazer a leitura de mundo, da palavra, nos favoreça a compreensão de que fazemos parte de um ecossistema, que a Terra é um planeta vivo, que somos um elo da cadeia viva, “Guardiões da Terra” (BOFF, 2004), “Terra que pensa, Terra que anda e Terra que sente” (GUTIERREZ; PRADO, 2013) e “O homem é a natureza que toma consciência de si própria” (PORTO-GONÇALVES; 2002:9).

Caro Paulo, além das relações de opressão entre os homens, precisamos, neste mundo pandêmico, compreender o modelo de exploração que vigora em nossa sociedade e realizarmos a epopéia de nos religarmos à teia da vida e ampliarmos a compreensão de opressão e oprimido.

Abrços.

Patos (PB), fevereiro de 2021

Referências

PORTO-GONÇALVES, C. W. Porto. Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente, 10 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GUTIERREZ, F; PRADO, C. Ecopedagogia e cidadania planetária, 3 ed. São Paulo: Cortez, 2013. 140 p.

BOFF, Leonardo. Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 319 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coronavírus e Novo Coronavírus: o que é, causas, sintomas, tratamento e prevenção. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/coronavirus>. Acesso em: 07 jul. de 2020.

CATTANI, P. O Coronavírus nos obriga a reconsiderar a biodiversidade e o seu papel protetor. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597375-o-coronavirus-nos-obriga-a-reconsiderar-a-biodiversidade-e-seu-papel-protetor>. Acesso em: 07 jul 2020.

SANTOS, B. S. A Cruel Pedagogia do Vírus. Coimbra: Almedina, 2020. 32 p. ISBN: 978-972-40-8496-1

QUAMMEN, D. Contágio, infecções de origem animal e a evolução das pandemias. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020, 730 p. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 27 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 27 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 127 p.

SILVA, E.; LIMA, J. R.; FERREIRA, O.; CAMPOS, F.; MEDEIROS, T. K. F.; ALVES, E. S. Glossário de palavras-chave (digital). Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1VIoInud85gXkc1GG78R7bMMqYjQgUpiJ/view?usp=sharing>.

**Professora Titular da Unidade Acadêmica de Engenharia Florestal, da UFCG. Coordenou o projeto “UFCG na conscientização ambiental em tempos de COVID-19”, Engenheira Agrícola, trabalha com o tema ecologia, sociedade e meio ambiente. Leciona Comunicação e extensão rural, na graduação.*

Educação que não educa

*Maria Jessica Danielly de Lima**

“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.” Pedagogia do oprimido

Professor, Paulo Freire!

Celebremos teu centenário denunciando e anunciando os descaminhos de nossa educação. Passados 23 anos de tua partida, as mazelas ainda predominam.

É doloroso dizer que nossa Educação não Educa.

No Pedagogia da Autonomia, alertas que “Nem a arrogância é sinal de competência, nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente.”

Tuas palavras ainda precisam ecoar nos ambientes responsáveis por nossa educação.

Professor Paulo, não ouvimos teu alerta, nem teu clamor.

E por que cabe denunciar?

Cabe porque apesar de contarmos com LDB, RCNEI, DCN, BNCC.... ainda continuamos no encantamento dos papéis, da

burocracia e da intelectualidade e não alcançamos os “de pé no chão” de nossa educação;

Cabe porque não nos valorizamos como professores, alimentando o ser “TIA, SIM” e não o Professora, sim;

Cabe porque iniciamos uma segunda-feira proclamando o “sextou” e não convidamos as crianças para vivermos o sonho transformador da educação;

Cabe porque educação só é prioridade nos sonhos de educadores como o senhor, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e outros utópicos que marcaram nossa história e existência.

Cabe porque não descemos do pedestal das “academias” para irmos ao encontro dos menos favorecidos e esfarrapados de nossa sociedade e de nossa educação;

Cabe porque a dor só aumenta ao ver que nossa Educação - a Educação do século XXI - parece não ter aprendido nada com teus escritos (e ainda cita teu nome para justificar a farsa que vendem como educação).

Cabe porque inventaram umas “metodologias ativas” que de “ativa” só tem o nome, pois é o aluno no centro do processo de aprendizagem fazendo o que o professor ou currículo definem o que ele deve aprender.

Cabe porque colocam as crianças, adolescentes e jovens para pesquisar assuntos que não foram escolhidos por eles – e quando escolhem, a maneira de fazer é do adulto;

Cabe porque “propõem” atividades em grupo e para concretizarem, os alunos formam grupos, separam “falas” - consegue acreditar? - são expostos na frente de toda a turma para apresentar os trabalhos e o professor “avaliar o desempenho”;

Cabe porque o docente continua em sua posição autoritária e

soberana, sentado na cadeira, reclama daquele que está lendo o papel ou os slides;

Cabe porque o docente aponta e diz: “agora fale você, que não disse nada ainda” massacrando a individualidade e subjetividade do ser. Usam desses e outros artifícios para “saber” se os alunos entenderam o conteúdo, assimilaram o assunto...e isso ocorre da Educação infantil à Universidade, em nome do “protagonismo do estudante em seu processo de aprendizagem”;

Cabe porque ao invés de estudarmos e praticarmos a educação dos pensadores da educação, copiamos os ditames do mercado e traduzimos nossa educação em meritocracia, competências, habilidades, desempenho...etc

Cabe porque mal lemos, e sequer praticamos o seu legado para nossa educação.

Professor Paulo Freire, diante disso, penso e reflito...

O quão triste ficarias, em presenciar a ausência da problematização em nossa prática educativa. Um total descaso com a Vida das nossas crianças e jovens.

O quão ficarias triste em saber que criamos uma embalagem, um “método”, e denominamos de “ferramentas da Educação 4.0/5.0 - Transformação de vidas passa longe...

O quão ficarias triste em ver nossas escolas transformadas em fábricas. Fábrica de gente, ou pior, fábrica de bonecos, de fantoches, de marionetes com cabeça cheia de conhecimento científico e pouca problematização da Existência.

O quão ficarias triste em perceber que diálogos sobre liberdade, autonomia, emancipação, domesticação, anúncio e denúncia da realidade vivida, ausência de limites, a liberdade desenfreada que vira licenciosidade, a “tirania da liberdade”,

não ocorrem em nossa educação.

O quão ficarias triste em saber do uso das crianças e adolescentes em nome de aventura e ludicidade. Vendem ilusões e empurram nossas crianças ao abismo.

Professor Paulo Freire, o que perguntamos aos nossos professores e à nossa educação?

Até onde vai esse faz - de - conta da nossa educação?

Continuaremos na arquibancada do Coliseu vendo nossos alunos lutarem até a morte com os leões, tentando escapar da crueldade humana ou colocando cordas em seus pescoços? Continuaremos fingindo não ver?

Será que não percebemos que outros professores estão no centro do Coliseu com seus alunos e suas atitudes chocantes, deseducadoras, longe de ser bom exemplo?

Será que é suficiente colocarmos os descaminhos da educação e dos professores na conta do determinismo e do fatalismo?

Professor Paulo Freire!

E os pais? Onde estão?

E os mestres e doutores da educação/cientistas do saber? Onde estão? Nos seminários academicistas?

Quando os pais, professores e sociedade farão uma reflexão e problematização de como está sendo a vida das nossas crianças e dos nossos jovens?

Professor Paulo Freire!

O que podemos anunciar?

Esperança do teu esperar. Depende de nós!

Ah, professor Paulo, durante tua ausência, fostes denominado o Patrono da Educação Brasileira. Soube que querem furtar o teu título. Saibas, não deixaremos. Se preciso for, estaremos em

marcha nas ruas.

Minha imensa gratidão e meu especial agradecimento pelo teu legado de amor e esperança no sonho e na utopia. Aqui, tens uma sonhadora e uma utópica na educação transformadora.

Um grande e fraterno abraço.

Mossoró (RN), fevereiro de 2021

**Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Educação Infantil e Neuroeducação pela Universidade Estácio de Sá. Autora do livro: A menina que virou boneca – LerMAIS Editora (2019). Servidora da UERN na função de agente técnico administrativo.*

Não basta interpretar

*Eliane Almeida de Souza e Cruz**

Caro Paulo Freire,
Não trago boas notícias nessa missiva. Já se passaram 4 anos, desde o Golpe que retirou uma presidenta, eleita democraticamente, Dilma Rousseff, filiada ao mesmo partido que você ajudou a solidificar politicamente. O seu partido, PT, governou o Brasil de 2003 até 2016, com erros e acertos que fizeram, sem dúvida, nos virmos com orgulho de ser brasileiras e brasileiros. A partir de 2016, as trevas foram se alastrando no solo desse país, a desigualdade social surge novamente, a economia e a política passa a ser um emaranhado de “gatos e lagartos”. O ultraneoliberalismo se finda – congelou o orçamento por 20 anos para Educação/Saúde e Saneamento Básico, recessão à vista. Criaram, também, uma tal de “lava-jato”, que na verdade era para desmontar a economia nacional, principalmente, a Petrobras, e, no campo político, contribuir para o surgimento de uma extrema-direita-ultraneoliberal que estava bem “escondidinha” no tecido social. Tivemos até uma República Curitibana!!!

Abriram às porteiras recheadas de racistas, homofóbicos, transfóbicos, sexistas, “senhores e sinhazinhas escravocratas”, perversos, terraplanistas e um “combo” de seres umbralinos,

que saíram de suas tocas e ganham espaços nas redes sociais, jornais, etc. Ah, não pense que se esqueceram de você, meu querido Paulo!! Você foi figura central nesse debate promovido pela extrema-direita-ultraneoliberal. Veja o que estava escrito nesse cartaz: “Chega de doutrinação marxista, abaixo Paulo Freire”. Cá entre nós, Marx explica muita coisa para nós, né não? Não basta interpretar, temos que transformar a realidade!!! É isso, o país ficou e está num trem sem trilhos para um debate saudável. Sabe aquela palavra que você me ensinou - dialogicidade, que até hoje ainda cultuo, foi para o brejo. O recorrente debate político “saudável” de oposição ou diferenças de ideias ficou nas trincheiras da insanidade, o que prevaleceu foi o antagonismo dos discursos feitos por essa gente tosca, “careta e covarde”, que foi se proliferando no cenário político nacional, e até mesmo dentro de nossas casas. Esses antagonistas primam pelo sectarismo, não possibilitam o diálogo, reprimem, destroem e matam; eles não têm ética e nem limites para silenciar o outro discurso, só oprimem.

Estamos numa luta constante, vigiando esses “cabras”!! O ano de 2018, foi o ápice dessa polaridade, foi eleito por um conglomerado de gospel-miliciano-ultraneoliberal, o Coiso, o Inominável, o Coisa Ruim e todos os nomes inimagináveis para um ser das trevas. Esse Cabra, além de inúmeras atrocidades em quase todos os campos das políticas públicas, em 16 de dezembro de 2019, desmontou a TVEscola, por estar a serviço da esquerda, e que fazia um “doutrinação marxista”, além de sempre se referir a você como um “energúmeno”. Para mim você é igual a pão, quanto mais sovado, melhor fica!!! Tanto que defendi minha tese de doutorado em 17 de março de 2020, onde o meu recheio predileto foram suas escritas, e com elas dialoguei muito, de

cabo a rabo. Ainda continuo com péssimas notícias. É óbvio que não posso comparar seu exílio forçado do Brasil por longos anos, com o que tenho passado nesse ano de 2020, estou isolada desde 15 de março, são sete meses dentro de casa, só fui visitar mamãe duas vezes, longe de irmã, irmãos, sobrinhos, amig@s e amores. Estou saindo de casa somente para fazer compras de comida e remédios. Acredito que seja semelhante sensação que você teve em seu exílio forçado fora do Brasil, mas me sinto como se estivesse exilada dentro de minha casa.

Tenho passado por momentos de medo, de tensão e de angústia no meu cotidiano, e vendo um futuro incerto. Acho que isso tudo deve ter rondado o seu ser e, que agora, me ronda. Pois é, estamos diante de uma pandemia provocada por um vírus que é avassalador e pouco conhecido, o Covid-19. É um vírus que antes os cientistas pensavam ser democrático. Ledo engano! Ele é seletivo e tem um direcionamento no tecido social, e, está se proliferando rapidamente no meio das classes populares, dos favelados, dos moradores de rua, dos “esfarrapados”, dos “condenados da terra”. O vírus aponta para uma população e os dados são alarmantes; na prefeitura da cidade de São Paulo, onde você foi Secretário de Educação (1989-1991), na gestão da Luiza Erundina; em 30 de abril de 2020, uma pesquisa aferiu que o risco de morte de negros por Covid-19 é 62% maior em relação aos brancos.

São tempos de experimentar o novo, mas esse novo tem a cara de velho, estou “vendo o futuro repetir o passado”. Vamos considerar que o capitalismo se molda e se remolda em cada tempo-espaco como que lhe convém, e provoca o que ele mais sabe fazer: a exclusão e a violência. Sei de seu apreço pelas novas

tecnologias. Você mesmo incentivou para que nós docentes tivéssemos formação e acesso à elas. Porém, me vi tendo que trabalhar de casa de frente a um computador, as chamadas aulas remotas, aulas emergenciais remotas. Confesso-lhe, a minha docência está ferida e eticamente aviltada, sabe por quê? O acesso das/dos discentes a essas aulas por dispositivo remoto (computador ou telefone celular) tem sido inexistente. Aqui no Estado do Rio de Janeiro já sabemos que somente 32% acessou essas aulas remotas, numa rede com quase 800 mil alunas e alunos, ou seja, 68% ficou sem aula; no meu caso, tenho turmas com 29 a 34 alunxs, e, somente de 0 a 6 acessam e fazem as atividades. Aqui no Rio de Janeiro, o “secretino” disse que iria comprar chips para os celulares dos alunxs, e nada aconteceu. Hoje, esse cabra, o “Pedro Fernandes” ocupa uma cela num presídio em Bangu (complexo penitenciário do Rio de Janeiro). Preso por roubo!!!!!!

Meu fazer docente é presencial, preciso do tumulto, da brandura, dos sorrisos, das discussões, dos barulhos dentro da sala de aula, a constante “dodiscência”. O meu campo de insurgências, de reflexão, de atuação em prol de mudança na sociedade é a Escola. Para não pirar, sozinha em casa, falo e vejo as minhas preciosidades todos os dias, a minha filha e neta: Laís Adelita e Lola Maria. Como você sabe muito de mim, também, comendo, escrevendo, estudando, limpando, cantando e dançando (rs). Somos parecidxs, mesmo diante desse caos pandêmico, não esmoreço. Você me ensinou a Esperançar, e fiz dele o verbo da minha existência.

Acredito que a construção dessa minha estranha amorosidade pelos seres humanos é, antes de tudo, constituída pela

transgressão para/das pluralidades; é o lema do meu fazer docente, por certo, é de uma amorosidade pedagógica do diálogo, pela ação política de fomentar a conscientização crítica da realidade cotidiana, no meu espaço de luta, a sala de aula de também no cotidiano. A curiosidade epistêmica ainda está presente em mim e tento passar para aquelas e aqueles que me cercam, possibilitando, assim, me constituindo e construindo seres mais humanos. Sim, resisto na Utopia da Esperança de *Outro Mundo Possível*. A incompletude de uma existência que está numa gangorra das emoções, se faz presente nessa escrita: medo, raiva, angústia, desprezo, saudades e esperança... sem esse esperar, sem a consciência reflexiva, crítica, transformadora nada poderia eu dizer a você, meu caro amigo. Não poderemos esmorecer nunca e continuaremos a lutar para a superação das injustiças desumanizantes que afloram nesse terreirão, chamado Brasil.

Abraços Fortes e Fraternos, da sua Lili.

Rio de Janeiro (RJ), 10 de fevereiro de 2021.

**Doutora em Educação (UFRRJ/2020), Mestra em Relações Etnicorraciais (CEFET/RJ/2014). Especialização em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras (IFRJ/SG/2016). Especialização em Saberes e Práticas na Educação Básica (UFRJ/2011). Especialização em Raça, Etnias e Educação no Brasil (UFF/1999). Graduada em História (UERJ/FFP/1990). Professora do Ensino Médio da rede Estadual do RJ.*

Tem caroço no angu

*Adriana da Silva Maria Pereira**

Caro professor Paulo Freire,
Chegamos ao fim de mais um ano letivo! É hora de reavaliar a prática docente adotada por você e iniciar um novo planejamento, não é? Porém, neste ano de 2020, as incertezas se fizeram presentes, e não temos muitas expectativas para o novo ano.

Desde março de 2020, estamos vivendo a pandemia da covid-19 que assola o mundo. Um vírus que mudou nossas rotinas de forma abrupta sem pedir licença, que não se restringe a classes sociais, idade, sexo, orientação sexual, gênero... todos, todas e todes podem ser acometidos por essa doença sem dó e nem piedade. Porém, sabemos que as comunidades periféricas que sentem, “na pele”, as desigualdades sociais, o preconceito e a discriminação são as mais afetadas pela crise sanitária e a falta de saúde e segurança.

Dentro desse contexto, que massacra os menos favorecidos financeiramente, ainda temos a precarização do trabalho docente e falta de valorização por falta do governo e sociedade. Uma situação que tende a não melhorar, por conta dos resquícios que vivemos do neoliberalismo latente em outros países. Isso de certa

forma nos atinge e, conseqüentemente, influencia nossa prática docente, que porventura tende a ser um ato político como aprendemos com você.

Somos os ditos formadores de opinião, aqueles que ensinam não só conteúdos curriculares, mas também, orientam sobre cidadania e protagonismo, no intuito de formar indivíduos críticos e reflexivos na sociedade, prontos para intervir de forma consciente nas suas escolhas eleitoras. O que de certa forma incomoda e tira da “zona de conforto” a classe dominante capitalista, que insiste em nos encurralar e manter longe da concorrência desumana proposta pelos ideais do neoliberalismo.

É nesse panorama crítico, que alunos com deficiência e em situação de vulnerabilidade social estão inseridos. Mesmo que tenhamos a boa vontade de incluí-los, estamos ainda muito longe do ideal de inclusão escolar, e isso ficou bem evidente com o isolamento social por contada da pandemia da Covid-19, na qual tivemos que ensinar mediante o ensino remoto. Uma tarefa angustiante tanto para você colega professor(a) quanto para as famílias, que precisaram se “ajustar” e ocupar o nosso papel de mediador dentro do ambiente familiar, sem prática e qualquer orientação sobre didática na perspectiva da inclusão. Um pandemônio dentro da pandemia...

Um pandemônio que muito longe de acabar, porque não basta só boa vontade dos docentes e até mesmo o apoio da família e do setor de saúde, como diz a frase: “Tem caroço embaixo desse angu.” Precisamos levar em consideração o aspecto político e econômico do país e ler nas entrelinhas. Com isso, vamos perceber que a sociedade equitativa que tanto se fala nos *slogans* e anúncios, infelizmente é uma falácia. Só teremos, de fato,

a inclusão seja ela escolar, social ou cultural, quando TODOS, TODAS e TODES tiverem assegurados seus direitos, acessibilidade e oportunidades. Principalmente, o/a professor(a), que neste ano de 2020 teve que superar muito mais que a falta de conhecimento tecnológico para manter a flor viva e revolucionária do jardim da educação.

Lembro-me de suas palavras sobre nossa formação inacabada e o quanto é imprescindível não termos medo de sermos amorosos e brigar para que a justiça social se implante antes da caridade. O caminho é esse mesmo! Precisamos brigar por uma justiça social!

Me despeço com esta frase:

Trabalhar para essa colheita, buscando as flores vivas, é, pois, o fim para o qual devem se voltar os esforços e estudos na pesquisa em educação, conquanto se pretenda, na atual conjuntura, divisar uma práxis transformadora, para além do capital e suas concessões paliativas, envoltas em apelos pseudo-humanistas. (Bezerra, 2013, p. 13)

Atenciosamente,

Uma colega de labuta e luta!

Rio de Janeiro (RJ), 14 de fevereiro de 2021.

**Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP). Atua como professora da rede estadual do Rio de Janeiro e professora itinerante da educação especial de Nova Iguaçu.*

Aprender a aprender

*Maria Inês Alves Pereira**

Querido Paulo Freire,
Depois de tanto tempo da sua partida, gostaria que soubesse o quanto sinto que está vivo e presente no meio de nós professores.

Respondendo a sua carta sobre o assunto “Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra”, confesso que, desde 1962, quando senhor conseguiu alfabetizar aquele grupo de trabalhadores em 45 dias, surgiu uma grande necessidade de capacitar os educadores e levá-los à pesquisa e ao entendimento sobre o ato de ensinar, até mesmo nos dias de hoje, em 2021, em que o ensino não pode ser apenas um puro processo, como sempre o senhor sempre disse, de transferência de conhecimento do ensinante ao aprendiz, nem de transferência mecânica, que resulta à memorização maquinal, a qual o senhor tanto criticou.

É desesperador e angustiante saber que, em plena era tecnológica, na qual o planeta está conectado, aonde as informações chegam em milésimos de segundo, a compreensão e formação sobre a leitura de mundo demorem tanto para a apreensão de muitos.

Da mesma forma que o senhor propôs, há aproximadamente

60 anos, ainda é urgente a necessidade de as escolas se entregarem ao trabalho de estimular nossos alunos ao gosto da leitura e da escrita. Sabemos que, para isso se tornar possível, teremos que mudar as políticas públicas educacionais na formação dos educadores, através de métodos que entrelacem a teoria com a prática. Dessa forma, somente depois e através da leitura disso, o professor, entendendo realmente a necessidade de se conhecer na sociedade em que está inserido, poderá discutir criticamente sobre sua prática e seu engajamento social, valorizando seu conhecimento e ressignificando a sua vida social e a dos seus educandos, desocultando-os e fazendo-os perceber suas relações com a leitura do contexto do mundo.

Ah, Mestre! Como eu gostaria que os professores fizessem uso dos dicionários básicos da língua, dicionários filosóficos, sociológicos e pedagógicos, na forma física ou virtual, partindo do princípio de que todos os professores e alunos têm o direito de possuí-los. Porém, não basta somente adquirir esse direito, mas saber a importância de usá-los, pois se o professor estuda, ele ensina. Portanto, vejo a necessidade de o professor aprender a aprender, para aprender a sentir, aprender a enxergar o mundo, aprender a querer transformar esse mundo, para, assim, transformá-lo através da leitura crítica e da escrita, fazendo parte de todo contexto e inserido nele.

Sabe Mestre, desde a sua partida, em 1997, luto para que o Brasil e, especificamente, o Estado de São Paulo, conheça a sua filosofia através da minha prática docente no Ensino fundamental e, também, a partir do ano 2003, na *teoria X prática*, lecionando no curso de Pedagogia. Minha prática ambiciona potencializar futuros educadores e levá-los à compreensão da

leitura da palavra e do mundo de forma contextualizada, libertando os estudantes da opressão, valorizando-os e incentivando-os a lutar pelos seus direitos. Um desses direitos é o de aprender de forma coerente, preparando-os para essa sociedade excludente, potencializando-os enquanto cidadãos e dando-lhes asas aos seus sonhos.

É assim, Mestre, que o deixo eternamente vivo entre nós, estando em constante processo de mudança e ressuscitando a cada dia sua filosofia. Continuo lutando com toda a força de uma educadora que tem esperança, pois sonho com uma educação significativa, libertadora e transformadora.

De onde estiver, fica a minha gratidão por tanto ensinamento.

São Paulo (SP), 16 de fevereiro de 2021

**Pedagoga, Psicopedagoga, Especialista em Formação de Professores, Especialista em Educação Especial/inclusão, Professora aposentada, Educadora do projeto Educar em 1988 e 1989, Tutora do curso de Pedagogia por 16 anos. Atualmente Assistente Téc. Educacional na Diretoria Regional de Ensino Guaianases- SMESP na formação dos professores e coordenadores pedagógicos da EJA e MOVA.*

Educação: desafio e solução

*José Dettoni**

Prezado Paulo, bom dia!
Escrevo-te como se entre nós estivesses. Não estás, só fisicamente, porque, pelos teus ensinamentos, tua criação, especialmente teu MÉTODO, você permanece vivo, muito vivo, não só no Brasil, que de ti se orgulha, mas em todo mundo. És um dos maiores teórico-práticos da História da Educação. Apesar dos que querem te ignorar, porque de ti têm medo.

Atendo-me a minha especialidade (Filosofia da Educação), tua tese mais importante, mais profunda e radical, é a que diz “Ninguém educa ninguém”.

É uma verdadeira guinada revolucionária na História da Educação. Por quê? Porque, até então, educar era sinônimo de ensinar. Teus escritos posteriores poderiam ter sido mais contundentes, apesar de que a contundência é uma das tuas marcas.

Ensinar é verbo transitivo: eu ensino você, você me ensina. Um sujeito é ensinado por outro; o ensino é um processo centrípeto, vem de fora para dentro.

Educar, no entanto, não é verbo transitivo; eu não educo você,

você não me educa; a educação é um processo centrífugo, vem de dentro para fora.

A educação nasce na e da consciência, se desenvolve na liberdade e frutifica na responsabilidade. Toda educação nasce na consciência. Fora da consciência não há educação. São educáveis só seres conscientes e na medida da consciência.

A consciência é realidade absolutamente pessoal. Pessoal não é sinônimo de individual. Um cachorro, um gato, um rato são indivíduos; não são pessoas. Pessoa é um ser consciente, livre e responsável. A educação é exclusiva nesse tipo de ser.

O que significa “ninguém educa ninguém”? Significa que, no processo educativo, o único sujeito realmente importante e indispensável é o educando. O chamado educador é somente um ajudante, que tem, sim, importância, mas não é necessidade indispensável. Educação é autoeducação, consciente, livre e responsável para o bem. Educar-se para o mal é um contrassenso.

Todos somos sujeitos autoeducáveis, todos somos ajudantes de todos, mas ninguém ocupa o lugar de ninguém no processo educativo.

O jardineiro, por melhor que seja não passa de um ajudante da planta; se ela não crescer (a partir de dentro, processo centrífugo) de nada adianta todo o adubo e todo o cuidado do jardineiro. O chamado “educador” é o jardineiro. Nada além de ajudante.

Falar em cachorro educado, gato educado, cavalo educado é não entender nada de educação. Cachorro, gato, cavalo treinados, sim, adestrados, sim, ensinados, sim; educados, não.

Seres humanos podem ser treinados, adestrados, ensinados? Sim. Mas isso para a educação só vale, na medida em que eles

assumem conscientes, livre e responsavelmente o treino, o adestramento, o ensino. Se ensino fosse sinônimo de educação, a pessoa mais ensinada seria a mais educada; quanto maior a graduação, maior (melhor) a educação; se assim fosse, os analfabetos não teriam educação nenhuma e os doutores seriam o máximo em educação; se assim fosse, os analfabetos seriam os maiores corruptos e corruptores, malfeitores da humanidade, e os doutores, nos mais altos escalões da república ou mundo afora, seriam os santos, os impecáveis, os imunes à corrupção.

A EDUCAÇÃO é o maior problema, o maior tema, o maior DESAFIO DA HUMANIDADE. É sua SOLUÇÃO.

Porque “ninguém educa ninguém”.

Abraço, Paulo, grande guru, grande estrela!

Porto Velho (RO), 10 de Fevereiro 2021

**Doutor em Educação pela UNICAMP, Mestre em Filosofia Social, Especialista em Orientação Educacional. Graduado em Filosofia e Direito, foi reitor da Universidade Federal de Rondônia. Publicou quinze livros. Gaúcho, de 1938, morra em Rondônia desde 1985.*

Ler a vida dentro de seu próprio mundo

*João Batista Filho**

*Raimunda de Brito Batista***

Prezado e querido Professor Paulo Freire
Dias atrás escutamos uma frase emblemática: “A única revolução possível só se fará pela educação”. Refletimos longamente sobre essas palavras que, de certo modo, atravessam o pensamento de quem deseja uma mudança real nos destinos de uma nação. Para nós, ambos professores, a educação é o primeiro caminho para a construção de um pensamento crítico que permita levar alento àqueles que mais necessitam. Viemos de uma região do nordeste brasileiro como você. Também como você, conhecemos e seguimos de perto toda a condição de pobreza em que viveu e vive o nosso povo. O seu trabalho conseguiu mostrar, revelar, traduzir a ideia de que o Homem é quem produz a cultura. Como consequência ele é também o criador, o realizador das mudanças que podem alterar o seu próprio destino. Daí, não poderemos esquecer que isso significa devolver ao homem a sua integridade. Essa plenitude é a força motora das transformações que permitam ao cidadão ser agente de sua própria realidade e

daquela em seu entorno, até porque o mais simples camponês consegue realizar com precisão a leitura do mundo. Essa leitura que você soube tão bem captar e disponibilizar, elaborando uma possível interpretação do mundo a partir de suas concepções didático-pedagógicas.

Sendo o homem também um criador por excelência, ele é, todos os dias, convocado, atraído aos conceitos de renovação que lhe permitam construir um mundo justo para todos. Imaginemos um mundo ideal onde as criaturas possam ser donas de suas próprias vidas, escolhendo, decidindo, agindo e compartilhando o processo criativo que lhe é inerente e com isso restabelecendo valores, ideias, ideais. Nesse mundo ideal, tão bem almejado por você, professor, o caminho a ser percorrido é íngreme, existem pedras, como diria o poeta, algumas aparentemente intransponíveis, mas passíveis de serem deslocadas com o esforço conjunto de todos. A educação, a cultura é um patrimônio de todo ser. A cultura está presente no simples ato de fabricação de um utensílio, no cultivar a terra para o plantio. Para muitos, o homem mais simples não conseguiria penetrar na complexidade da cultura com C maiúsculo. No entanto, observar os fenômenos naturais e saber identificá-los demonstra um saber cultural, uma leitura do mundo que muitos desconhecem. Ao atribuir a esse homem simples a possibilidade de compreender o seu papel enquanto ator de seu futuro, de sua vida, você, professor Paulo Freire, inaugurou uma nova maneira de analisar, compreender e viver a educação.

Entregar ao Homem o seu destino e fazê-lo refletir sobre o seu dever foi um dos maiores tributos que você presenteou ao seu povo. Podemos afirmar que, na história da educação no Brasil,

nenhum pensador conseguiu chegar a argumentos tão irrefutáveis para perpetrar mudanças. E isso certamente provocou e provoca grandes alterações nos conceitos engessados que ainda perduram no nosso modelo educacional. O ideal de poder ler sua vida, dentro do seu próprio mundo, não pressupõe estagnação; antes simboliza entendê-la, respeitá-la e transformá-la. Suas reflexões indicam àqueles que não puderam frequentar a escola um novo mundo, onde o encontro com o conhecimento pode conceder a todos aquilo que a constituição preconiza: “uma educação digna, gratuita, pública e de qualidade”. O seu sonho, Professor, ainda está longe de ser realizado, mas continuamos sonhando e só temos a lhe agradecer por esse movimento de despertar consciências, trazer uma nova aurora de expectativas e bem para todos. Você continua sendo a nossa melhor referência para a educação, pela singeleza de suas propostas, mas ao mesmo tempo pela grandeza que elas nos proporcionam. E, ipso facto, necessárias.

Grande abraço e saudações nordestinas

Balneário Camboriú, (SC), 9 de fevereiro de 2021.

**Sociólogo, doutor em Sociologia Urbana pela Universidade de São Paulo, Pós-doutorado pela Paris 12 (Sorbonne nova), professor aposentado pela Universidade Estadual de Londrina; natural de Patos-PB.*

***Mestre e doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, Pós-doutorado pela Paris 3 (Sorbonne), professora aposentada pela Universidade Estadual de Londrina. Natural de Campina Grande-PB.*

Sim, estamos atentos

*Auríbio Farias**

Estimado Freire,
Quando você, Paulo Freire, nos alerta que o ensinante aprende a ensinar ensinando, me faz recuperar minha trajetória e identificar diversos momentos em que me deparei com a verdade de sua afirmação.

Bate em mim também a necessidade de estar em permanente formação. A meu ver, precisamos muito de você para dialogar com o nosso cotidiano. Encontro em sua obra princípios posantes para a ética docente e humana que questionam algumas formas de se ver o mundo. Diversas frases e ditos populares que sobrevivem em nossa contemporaneidade, a meu ver, precisam ser revisitados, porque diante de seu pensamento eles não resistem. Penso que para você não se mantêm de pé: dois pesos, duas medidas; nem, faça o que eu digo, não faça o que eu faço; nem, manda quem pode, obedece quem tem juízo; nem, é verdade porque sou eu quem está dizendo; nem, você sabe com quem está falando?; nem, bandido bom é bandido morto; nem, vamos aprender a se comportar nos jantares refinados; nem, isso não é coisa de mulher; nem, farinha pouca, meu pirão primeiro; nem, não ande com fulano, porque você é melhor e mais educado que ele, também não ande com beltrano, porque ele é mais rico e mais refinado que você; etc.

Sim, Paulo Freire, quantas frases e ditos exaustivamente repetidos você desbanca com seus princípios e sua ética. Essas frases e ditos nos circundam, entram e saem dos nossos círculos de convivência nos lançando sempre o desafio de transformá-los. Essas frases e ditos revelam leituras de mundo que mantêm estruturas de pé, as quais precisamos desconstruir. E precisamos ler essas estruturas para poder, por exemplo, combater o racismo que elas encerram, desmascarar as mentiras que elas ensejam perpetuar, desvelar a grande e monstruosa desigualdade social que elas querem invisibilizar. Precisamos contribuir para a revisão de políticas públicas que lançam ao esquecimento populações vulneráveis, que fazem da meritocracia projeto de exclusão e de opressão dos grupos minoritários.

Sim, Paulo Freire, meu contato com você continua me ensinando a olhar também para dentro de mim, a diminuir dissociações entre pensar uma coisa e dizer outra, sentir uma coisa e expressar outra. Você nos alerta que precisamos dar espaço também a nossa sensibilidade, a nossa intuição e sermos coesos nas nossas relações humanas.

Sim, Paulo Freire, você nos ensina a falar e articular projetos às claras, para a partir do diálogo, construirmos sonhos que podem não ser só nossos. Assumir e expressar o que se pensa e se sente agrega grande potência ao diálogo, mais que o argumento da experiência, de uma verdade ideológica, do poder. O argumento para o qual você nos alerta é o da ética e transparência, da coerência entre o dizer e o fazer. Nesse ponto reside uma força extraordinária, para participarmos do mundo, para ouvir o mundo e contribuir para sua transformação.

Me encanta, Paulo Freire, tudo que você prega sobre não

dicotomizar o conhecimento. Muitos de nós crescemos em ambientes educacionais familiares e escolares que faziam grande separação entre o saber tido como erudito e o saber popular, a língua da escola e a língua da rua, a grande literatura e a literatura popular. Desse modo, a partir dos valores hierarquizantes, aprendemos a não considerar o conhecimento advindo do povo negro na cozinha da Casa Grande. A cozinha sempre foi um lugar de saber. Existia um saber das ervas, da combinação de produtos para atingir sabores, para induzir processos de cura, para transformar e encontrar remédios. Em muitos ambientes escolares presenciamos grande esforço em ensinar a língua padrão, o qual muitas vezes reforça o preconceito linguístico e alimenta o mito de que existe uma forma “correta” de falar. Em muitos ambientes literários também podemos presenciar certa tendência em privilegiar a chamada alta literatura, provinda de uma classe média, dos grandes centros urbanos em detrimento da literatura de chão agreste, semiárido, da periferia desse nosso Brasil. Me encanta, Paulo Freire, você falar do frescor revitalizante do diálogo entre esses mundos, entre essas realidades.

Do mesmo modo, me encanta a sua insistência sobre o desenvolvimento do pensamento crítico, como uma possibilidade viva e pulsante de transformação do mundo. Sim, podemos interferir na cultura. Quando o pernambucano Chico Science nos apresentou o que ficou conhecido como o Movimento Mangue, ele estava promovendo diálogo entre ritmos, palavras, pessoas e assim promovia elos entre grupos culturais e distintas gerações. Assim, do diálogo entre o rap e a embolada, entre os instrumentos eletrônicos e as alfaias, surgiram composições inovadoras com elementos de tempos diferentes. Foi assim também

que se tornaram mais visíveis diversos artistas protagonistas de manifestações culturais tradicionais, como, por exemplo, Dona Selma do Coco e Mestre Salustiano com sua rabeça e seu Cavalo Marinho. Também os maracatus mais antigos de Recife e os maracatus rurais da Zona da Mata pernambucana passaram a ser mais conhecidos e mais reverenciados pelo público em geral. E interferindo na cultura interferimos também na história.

Gosto muito também do que você fala no seu *Pedagogia da Autonomia* a respeito do pensamento crítico. Não podemos nos dobrar ante o poderio econômico e à autoridade estabelecida como verdade a ser seguida. A ideia de nos adaptar deve ser repelida com firmeza. Caso não façamos desse modo, corremos o risco de sermos dominados, manipulados, subjugados. E nós que pensamos as conquistas sociais devem ser perenes, não podemos relaxar diante dos ataques a sua pessoa, vindos de inimigos do diálogo.

Entender, Paulo Freire, o que você diz sobre a consciência crítica é, ao mesmo tempo, fascinante e desafiador. Compreender como os mais diversos fatores se entrelaçam aguça a curiosidade e ao mesmo tempo exige pesquisa e informação. Essa é nossa tarefa como docentes e como seres humanos. E isso envolve a ciência, a arte, a religião, a inteligência, a sensibilidade.

Outro dia, lembrei muito de você, assistindo a um documentário a respeito de um artista plástico argentino chamado Tomás Saraceno. O documentário tem como título “El tiempo das aranhas”, é de 2017 e eu o assisti no Canal Curta. Trata-se de uma entrevista com o artista, contendo filmagens de uma exposição que ele fez em Berlin, na qual procurava mostrar que tudo está interligado: nós humanos, as diversas espécies, a natureza, o

universo. Somos parte de uma realidade só: a vida. Ele afirma que nos achamos superiores a outras espécies, mas temos responsabilidade com o todo. Faz parte da exposição um espaço fechado de vidro com aranhas tecendo teias. Ele está fascinado pelas junções, pelos nós das teias e busca as semelhanças com nós, seres humanos. E ele cria uma instalação de uma teia gigante, onde as pessoas podem entrar e interagir com ela. Como na teia de aranha, quando se mexe em uma parte, em qualquer parte da teia se pode sentir o movimento. Assim, o toque de uma pessoa repercute em outra que está em outra parte da teia. Isso faz a pessoa perceber o que está a seu redor. O que ele busca é provocar em nós questionamentos: o que podemos aprender com outras espécies? Isso pode mudar as relações entre nós, seres humanos? É uma forma de entender uma realidade de diversas perspectivas.

Acredito, Paulo Freire, que esse artista, se não leu você, de alguma forma se conecta com seu pensamento. Principalmente nessa perspectiva de que a consciência crítica em diálogo com diversas áreas de conhecimento e com a arte tem um forte potencial de nos humanizar. E também de contribuir para uma transformação educacional que possa fugir dos modelos que querem nos formar a partir do que o mercado prognostica.

Eu poderia ainda discorrer sobre outros aspectos de sua pedagogia. Mas fico por aqui, agradecendo a você pelo amor que dedicou à educação e à humanidade. Estou certo de que, como você bem disse e sua obra bem mostra, somos um projeto inconcluso e isso é esperança de transformação e de construção de um mundo mais humanizado.

Saudades e esperança,

Paraíba, fevereiro de 2021

**Professor do Departamento de Letras e Humanidades – Campus IV – UEPB. Atua na área de Literatura e desenvolve projetos de pesquisa sobre a Oralidade na Literatura Brasileira Contemporânea. É também didata em Biodanza e desenvolve projetos de extensão sobre Biodanza e poesia.*

Olhos de ver, ouvidos de ouvir e mãos para fazer

*Izaura Maria Carvalho da Graça Furtado**

Estimado Mestre,
Na época em que o senhor escreveu a Carta aos Professores (1993), que nos inspira hoje a escrever estas missivas, eu morava na República de Cabo Verde, África Ocidental, lá perto da Guiné-Bissau, onde o senhor desenvolveu uma profícua prática profissional nos anos 80. Que eu sabia, o senhor não trabalhou no arquipélago de Cabo Verde, situado a 500 km do continente africano, mas para mim é como se tivesse passado pelas dez ilhas que se irmanaram à Guiné-Bissau na luta pela independência nacional, que se efetivou em 1975.

Digo isso porque o seu legado permeou as práticas docentes de muitos caboverdianos e caboverdianas. Cabo Verde, ao sair do longo inverno do império colonial português, foi considerado por vários organismos internacionais, como um território praticamente inviolável sem a “proteção” da metrópole lusa.

Porém, como o senhor dizia, “O mundo não é, o mundo está sendo” e assim os ilhéus escreveram sua história contrariando

os mais duros vaticínios. Nas pequenas ilhas de origem vulcânica e clima árido, não temos a grandiosidade e os abundantes recursos naturais dos demais países africanos de língua oficial portuguesa. Foi um desafio para o povo das ilhas construir um Estado-Nação que se tornasse próspero, estável e acolhedor para uma população que reside, maioritariamente, fora do arquipélago, espalhada pelos quatro cantos do mundo. Num primeiro momento, a irmandade entre Cabo Verde e Guiné Bissau espelhavam a sua citação, ilustre Professor: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.”

E assim o povo de Cabo Verde ousou. Ousou mostrar ao mundo que poderia existir sim, com o único recuso abundante nas ilhas: as pessoas e seus processos educativos. O investimento na educação era o caminho para aqueles que não emigrassem. Ter acesso aos estudos num país pobre e com tamanha dispersão geográfica era um desafio. Mas, se há um povo que nasce com o verbo “esperançar” na boca, esse povo é o caboverdiano. Fintar um destino que parece de mau agouro exigiu muita “educação pelo trabalho” para aqueles que, mesmo sem o saber, seguiram uma de suas máximas, Estimado Mestre: “criar o que não existe ainda deve ser a pretensão de todo sujeito que está vivo”.

O mundo deu suas voltas e hoje Cabo Verde aparece em mais mapas do que na época em que eu era criança, nos anos 60, e procurava onde seria aquele lugar longínquo e distante que meus pais diziam que existia, pois de lá emigraram para o Brasil ... mas o mapa só mostrava o vasto oceano Atlântico. Pela leitura do mundo, pela leitura da palavra, pela minha imaginação, eu entendi que as tais ilhas existiam sim, e era construídas dia a

dia, palmo a palmo, por “mulheres e homens que se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados”, tal como o senhor escreveu, ao pensar o seu povo e as suas culturas.

Os caboverdianos nutrem um carinho especial pelos brasileiros. As aulas de história e de geografia nos dizem que o gado, as mangueiras e a cana de açúcar foram climatizados em Cabo Verde antes de serem trazidos para o Brasil. Quando o Brasil se tornou independente de Portugal, as ilhas queriam seguir o mesmo caminho deste grande país irmão do outro lado do Atlântico, mas não havia recursos para tamanha empreitada. Em Cabo Verde se diz que as ilhas são um pequeno Brasil, um “Brasilim” ou, seria o Brasil um grande Cabo Verde?

Um sonho que se sonha em conjunto realiza grandes proezas. Foi o senhor que nos ensinou que cada ser humano deve “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva, porque capaz de amar.”

O olhar amoroso que temos pelos seus ensinamentos e pelos seus livros nos ensina a não esmorecer nestes tempos sombrios em que o neoliberalismo e o capitalismo corroem sonhos, modos de bem viver, solidariedades e lutas contra as desigualdades sociais. Suas palavras são hoje tão atuais e necessárias como na época em que o senhor as escreveu.

Os novos modos de viver e de educar que precisamos construir para um mundo pós pandêmico mais justo e solidário não têm nada de novo, pois o que é preciso para uma educação emancipatória foi bem descrito e explicado pelo senhor no século passado. Seu legado existe e persiste. Sabemos que as pedagogias da autonomia, da esperança, da indignação, são urgentes

e indispensáveis. Basta ter olhos de ver, ouvidos de ouvir e mãos para o fazer.

Gratidão, Caro Professor Paulo Freire! Faremos por honrar o seu legado!

Salvador (BA), fevereiro de 2021

**Natural de Paranaguá (PR). Graduada em Psicologia (UFPR, Curitiba - PR). Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e da Educação (Universidade de Valência, Espanha). Mestre em Educação Especial (Universidade de Cabo Verde). Atualmente é docente do curso de Psicologia do UNISBA (Centro Universitário Social da Bahia), Salvador - BA. Residiu em Cabo Verde por 22 anos.*

Analfabetismo tecnológico

*Giovanina Costa**

Oi, Paulo!
Desculpe a informalidade. Começo assim para ver se o vocativo lhe traz para mais juntinho e eu possa lhe falar como se fosse ao pé de ouvido. É que, neste momento, minha voz está saindo baixinha e ando cheia de dedos para falar e até mesmo com dificuldade de pensar. Nem sempre foi assim. Minha voz foi bem forte e já falei até em palcos, mas já faz um tempo que escolhi a sala de aula para atuar. Foi viajando pelo Brasil, gravando para um canal de televisão chamado TV Escola, que decidi ser professora. Talvez, você se lembre, pois começou antes de você partir. Foi nele que, em 2007, exibiram o documentário *Paulo Freire – Contemporâneo*, sobre você e Angicos, Mas, em 2007, nosso país era outro! Por um tempo, esperanças juntos, e seu nome era nossa grande inspiração. Em 2012, a presidenta Dilma até sancionou uma lei que nomeou você como Patrono da Educação Brasileira. Mas essa presidenta não chegou ao final do seu mandato, e o canal TV Escola não existe mais. Vivemos

outros tempos, tempos tristes. Desculpe-nos. Tem gente falando mal de você. Isso nos entristece muito. A mim e a muitos que se inspiram com suas palavras, com sua vida, com sua meninice. Os homens públicos, que nada têm de públicos, e governam o Brasil hoje não entendem. Na verdade, penso que não conhecem. Porque o que você fala é fácil de entender. Talvez precise só adentrar em zonas de afeto alegres para que suas palavras possam chegar ao coração, nos transformando e nos ajudando a transformar outros corações, outras vidas. Mas eles são tristes.

Você fala na sua carta — *ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra* que publicaram no livro, *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* — duas coisas sobre as quais adoraria poder conversar: a reflexão crítica sobre um certo acontecimento social ou natural e a passagem da experiência sensorial cotidiana para a generalização da linguagem.

Quero contar como anda nossa *cotidianidade educativa* atravessada por um acontecimento que, num primeiro momento, pode até parecer natural, mas que sabemos que é consequência do modo de viver humano que inventamos. Apareceu um vírus novo, o Sars-covid2, um coronavírus. Ele nem é muito fatal, mas é bem contagioso e, como não temos remédio para ele, muitos precisam de hospital para ficarem bons dos pulmões, órgão que ele ataca primeiro. Mas faltam leitos nos hospitais, e muita gente acaba morrendo. Uma tristeza só... Nem dá para despedir de quem se vai... Com esse coronavírus solto no ar, quem pode fica em casa. Só vai para rua quem é chamado de trabalhador essencial. Engraçado! Nós, professores, somos até percebidos como essenciais, mas podemos trabalhar de casa. As escolas no Brasil inteiro fecharam as portas. Primeiro, ninguém sabia

como iria ser, mas como o bicho-sapiens se adapta bem, fomos criando jeitinhos para fazer a escola acontecer. Uma escola de pantufas, como falou a Inés Dussel. Estudantes e professores, dentro de suas casas, tentando ensinar e aprender. Já imaginou? Está dando bastante confusão, porque você sabe como nosso país é grande e as condições de vida, desiguais. Ficamos todos dependentes da tal Internet e dos dispositivos eletrônicos e tem gente que não pode ter isso e fica à margem, aumentando a desigualdade.

Aquele tema das Tecnologias Educacionais dos anos 90 está mais do que na moda, aqui e no mundo. Cá pra nós, tem muita gente que só reclama. Eu, desde que trabalhei naquele canal de televisão de que falei, fiquei fã da EAD. E tem uma parte de mim que acha que o atravessamento tecnológico em que a educação se viu enfim lançada, porque não tem jeito de estar com alunos a não ser mediado pelos aparelhos, tem também seu lado positivo. Imagine você que, em 2021, muitos educadores ainda estão apartados dos meios de comunicação. Pode ser que seja resistência por parte de alguns, mas eu penso que é mais falta de condições mesmo. Eu mesma só tive dinheiro para comprar uma boa máquina há bem pouco tempo, quando passei num concurso para o IFRJ e estou ganhando melhor. Na época em que trabalhei na Rede Estadual, só podia ter computador fraquinho porque tinha que ser bem barato.

Você lembra quando os PCs chegaram no Brasil? Você já tinha voltado do exílio. Mesmo que tenha vivido a maior parte da sua vida sem computador, internet ou jogos *online*, você sempre falou de projetos, de aprender juntos, em comunhão. Então, eu acho que você gostaria de participar das oportunidades do

agora. Tem um professor da comunicação, na USP, José Moran, que entrevistei lá nos anos 90, que falava: “nunca tivemos tanta chance de aprender juntos como agora”. Confesso que me espanto com as possibilidades de colaboração, de convivência, do aprendizado que a troca virtual pode proporcionar. Muita gente me acha otimista. Eu não me acho não. Sou só desejo de que assim seja!

Sei que a produção de conhecimento se dando de forma cooperativa e coletiva está acontecendo e vou dar um exemplo: em menos de 1 ano que o novo coronavírus está nos atacando, desenvolvemos várias vacinas contra ele. Alguns (os mesmos que não gostam de você) falam mal das vacinas exatamente porque elas foram criadas rapidamente. Nem consideram que o tempo em 2021 corre mais rápido e que as pesquisas científicas estão a mil por hora, cruzando dados do/no mundo todo para uma mesma missão. Mas vamos deixar essa turma de fora do nosso papo porque não vale muito a pena não. Entre eles tem até gente que fala que a terra é plana. Não vale rir, Paulo! É sério! Não é piada não. Na sua época, se alguém ainda pensasse isso, era falta de estudo, não é mesmo? Hoje não, tem até graduado falando essa bobagem. Não dá para entender como isso pode estar acontecendo. Estamos todos pasmos! Melhor voltar para a cotidianidade educativa que estou querendo lhe contar para ver se, neste papo, eu consigo elaborar caminhos mais lindos para minha prática.

Eu gosto de pensar o corpo na educação e, por isso, eu queria conversar sobre experiências sensoriais que você coloca como característica da cotidianidade. Perdemos isso. E agora, José? Pergunta Drummond. E agora, Paulo?

Ah! Como eu queria sua doçura para nos ajudar a encontrar caminhos. Você que sempre teve a *Bíblia* numa mão e *O Capital* na outra, rindo do seu amigo Darcy Ribeiro que não entendia bem como você podia juntar Cristo e Marx na mesma missão. Você faz falta para nos ajudar neste momento a não pensar separando, mas juntando. A não demonizar nem idolatrar a tecnologia. Para tentar aproveitar o melhor do que o conhecimento humano produz e usar esse conhecimento a serviço de um mundo mais justo. Se você estivesse por aqui, talvez a gente pudesse fazer jogos, criar algoritmos, ampliar mundo. Os mais jovens se divertem muito e vejo centenas de possibilidades. Chamo até os jogos eletrônicos de Ópera do século XXI. É impressionante como, num jogo desses, tem tanta cultura: mito, ciência, arte, literatura, música e tecnologia. Mas posso estar falando bobagem. Eu nunca joguei. Mas que queria criar um jogo assim, educativo e filosófico, com você, queria!

É difícil! Os tais dos algoritmos parecem nos prender mais que libertar. Poucos entendem a matemática da coisa. Lidamos só com a interface para os usuários na tela lisa e, por ela, tem sido difícil avaliar a experiência educativa, tanto de aprender quanto de ensinar. Não sei se é de mais conhecimento que nós professores precisamos ou se é de uma postura diferente frente aos novos processos. Você fala da *leitura da leitura anterior do mundo*.

Boa parte dos professores do Brasil que estão em sala de aula nasceu antes do *boom* da internet em nossas vidas. Então, me esforcei para pensar o mundo-docente antes disso. Eu nem era professora nessa época, mas sempre soube que professor no Brasil nunca teve um salário bacana, desses que deixam o sujeito

tranquilo. É no *corre* que se vive como professor no Brasil, de uma escola para outra para complementar o salário. Fui pesquisar a vida de professores quando os PCs se popularizaram. Foi nos anos 90 que vimos o mercado brasileiro se abrir e os computadores se tornarem disponíveis. Disponíveis para quem? “Em 1996, um computador Itautec modelo Infoway com processador Pentium 166Mhz e 16 MB de memória custava cerca de 3000 reais, “¹ E O telefone celular? Conhecidos como “tijolões”, o Motorola PT-550 chegou ao Brasil em 1990, mas ainda era comprado lá fora e custava 3.000 dólares.² A evolução desses aparelhos foi enorme, mas os preços astronômicos do início dessa história foram proibitivos para nossa categoria. Para você, que dedicou sua vida aos que já tinham muito tempo de vida e não sabiam ler, vai ser fácil perceber a minha angústia e as minhas dúvidas. Este mundo do século XXI, com tantas maravilhas, criou também o fenômeno de um novo analfabetismo: o digital.

Paulo, a situação é complexa demais! A tal da informática usa muitas linguagens ocultas. Quem não é programador não consegue fazer nada além do que os programadores pensaram ser necessário. E quem programa não costuma ser educador. Nós somos só usuários. Toda vez que penso nisso me vem o Vilém Flusser e o livrinho que saiu lá nos anos 80, que, com certeza, você deve ter lido: *A Filosofia da caixa preta*. Estou precisando reler esse livro para ajudar a pensar a relação ser humano e os *apparatus*, pois nossa cotidianidade nunca esteve tão mediada

1 Informação disponível em <<https://www.hardware.com.br/tutoriais/conhecimento-hardware-evolucao-durante-decadas/anos-1.html>> Acesso em 08 de fevereiro 2021

2 Informação disponível em <<https://www.oficinadanet.com.br/post/15367-10-celulares-que-fizeram-sucesso-nos-anos-90-e-2000>> Acesso em 08 de fev. 2021.

por eles. Passamos o dia inteiro frente ao computador. É um cansaço que você nem imagina! Por todos os lados, muita pressão e a formação que recebemos na faculdade, que já tinha seus problemas, fica ainda mais pálida frente às novas necessidades de ser professor.

E por aí vou ficando confusa, sem conseguir estudar nesse sentido que você nos ensina: *desocultar, ganhar compreensão do objeto na relação com os outros objetos*. Não sei se nós, professores, estamos arriscando pouco na tentativa de recriar, presos que estamos a nossas conhecidas formas de ensinar ou se o que estão nos exigindo não é do mundo do educar. Sinto as duas coisas, tudo junto e misturado. Se não é direito abandonar um texto porque não se entendeu a palavra epistemologia, não deve ser direito abandonar o barco porque não sei lidar com algoritmos. Mas epistemologia está nos dicionários que tenho na estante, e programação é uma formação outra. Devemos, no futuro, ser programadores? Como aproveitar a tecnologia? Devemos resistir a ela até que ponto? Qual o alcance da crítica? Que limites dar a esse modo de vida? Que relações posso criar entre o corpo físico e o corpo digital?

Contei que gosto de pensar o corpo na educação, por isso, quando você fala de experiências sensoriais, me interessei em lhe escrever. Preocupava-me, no início desse movimento da educação pelas telas, com a ausência do corpo. E era isso que muitos falavam. Que educar não podia acontecer sem a presença. Não penso mais assim. Estou querendo separar o que se ganha e o que se perde para tentar defender melhor a escola e, claro, a educação presencial. Mas sem me colocar tecnofóbica, querendo conservar velhas formas de existência da escola, que, sabemos,

já não andava bem das pernas faz tempo.

Tendo a achar que se, revisasse a carta que nos mandou, talvez colocasse o computador junto dos dicionários etimológicos como um instrumento de trabalho. Será que estou certa? Já achei que a experiência virtual era mais pobre. Hoje não acho mais. Parece até que já existe a possibilidade de simulação. O sensorial nem depende mais, então, da concretude de mundo. Fios ligados ao meu corpo podem me dar sensações programadas na máquina. Dá medo de como isso pode ser usado pelos humanos — a rosa de Hiroshima não nos deixa duvidar da falta de amor que nossa espécie é capaz de absurdar.

Mas não gosto de separar o bem do mal e vejo muita beleza na produção humana. Queria acreditar que este tempo de agora é exatamente um tempo de incertezas e que o não-saber em que nós, professores, nos encontramos possa ser exatamente o que precisamos para errar e inventar, atentos para cuidar que não nos roubem o direito e o privilégio de seguir ensinando e aprendendo. Entendo que a crise é, também, oportunidade, ou seja, *kairós* se apresenta nos convidando a nos olharmos, enquanto categoria profissional, e a lutarmos por políticas que nos retirem do empobrecimento e do excesso de carga horária, para nos encontrarmos com o espírito do nosso tempo e nos lançarmos na aventura do aprendermos juntos nesses territórios virtuais que diluem cada vez mais as diferenças entre humanos e não humanos, entre real e virtual.

Vou me despedindo, certa de que o momento exige cautela. Teria muito mais a conversar com você e seria lindo encontrá-lo numa sala virtual e bater um papo. Escolheríamos uma plataforma *open source*, pois aposto que você recusaria, assim como

eu, a usar plataformas privadas que são uma forma perversa de privatização da educação e, conseqüentemente, um enfraquecimento da democracia na perda do direito da educação como um dos mais fundamentais bens públicos pelo qual devemos lutar.

Ah, Paulo, você faz falta na luta!

Com amor.

Prainha, Arraial do Cabo (RJ), fevereiro de 2021

**O sol em sagitário me levou para as artes e a filosofia. Não separo dançar de pensar, porque tudo é movimento. O viver me fez professora de filosofia. Dou aulas no IFRJ, Campus Arraial do Cabo e posso, nos intervalos, mergulhar no mar mais azul do Brasil. Gosto muito de estudar e aos 55 anos voltei para a UERJ onde tinha feito mestrado para fazer o doutorado.*

Os filhos de Pindorama vencem Anhangá

*Maysa Leal de Oliveira**

Querido Professor Paulo Freire,
É com humildade e profundo respeito que redijo essas linhas e lhe dirijo essas palavras após a leitura da carta que escreveu aos professores, em 1993, sobre o aprender e o ensinar e sobre a leitura do mundo e da palavra. Já lá vão vinte e sete anos entre o momento em que escreveu e o momento em que agora o leio, releio e escrevo, procurando conforto nos conselhos do Mestre, como criança que se aconchega no colo da mãe para espantar os medos.

Permita-me, amado mestre, confessar diante de ti, as fraquezas que jamais ousaria expressar na frente dos jovens, aos quais procuro sempre encher de entusiasmo, de estímulos criativos e valores edificantes para que, impulsionados em direção à busca da plenitude humana, cresçam até os limites de si mesmos e alcancem a perfeita expressão própria.

É que os tempos de hoje estão sombrios e comportam muitas incertezas. Nosso lindo planeta, Pachamama, está sendo explorado acima da sua capacidade de regeneração implicando riscos

que não podemos prever nem gerir. Há uma crise climática com previsão de crise alimentar e estamos mergulhados numa pandemia global, vivendo uma crise sanitária mundial sem precedentes.

É de perder a fé na natureza humana, Mestre! Eu sei, soa como uma heresia! Mas, o vírus mortal que promove verdadeira hecatombe planetária ceifando vidas em todas as partes do globo, não trouxe mais humanidade. Ao contrário, serve de cortina de fumaça para ocultar a sanha cobiçosa do capitalismo internacional que avança velozmente na rapina do território brasileiro, as últimas províncias preservadas da Terra.

Chegam vorazes com seus projetos de morte, cobiçando os metais, o petróleo, a madeira, a água e a própria terra para suas lavouras mecanizadas e cheias de agrotóxicos. Poluem o ar e envenenam os alimentos, queimam as florestas, matam e usurpam as civilizações indígenas. Penetram ardilosamente nas nossas instituições, traficando influências, aliciando, corrompendo. E contam com a cumplicidade da elite parasitária local, historicamente ignorante, lacaia de interesses estrangeiros e sempre mais atenta às suas exigências do que às necessidades do povo brasileiro.

Atacam a educação de todas as formas, Mestre. Aspiram distribuir ração nas escolas como alimento para as nossas crianças, enquanto se lambuzam em orgias gastronômicas luxuriosas e televisionadas. Atacam a filosofia, a sociologia e as artes nos currículos escolares, porque propiciam a reflexão e o refinamento da sensibilidade. Chamam aos professores de doutrinadores e clamam pelo fim da escola. Negam a história e a ciência pregando mentiras e conduzindo a todos bovinamente para a morte.

Quando reagimos de qualquer forma, cai sobre nós a violência da polícia, o aparelho repressor do Estado e apanhamos na rua sob o olhar cúmplice da população, como aconteceu recentemente com os colegas que se lançaram à frente, em São Paulo e no Paraná. Não suportam nosso esforço de humanização do pensamento e de negação de sua atrofia. Incomodamos apenas por existir.

A universidade pública e os institutos de pesquisa também estão sob ataque. Professores estão sendo perseguidos, demitidos ou afastados de suas funções. Recentemente, o diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, um proeminente cientista, foi afastado por divulgar dados alarmantes sobre desmatamentos e incêndios criminosos na Amazônia. Ameaçados de morte, há os que foram obrigados a emigrar. Pesquisar, aprender e ensinar no Brasil tornou-se perigoso, porque aqui, o conhecimento em si mesmo assume um caráter de subversão e o clima é tão trevoso como nos tempos de Galileu e Giordano Bruno.

Mestre, minhas palavras são meu instrumento de ação e luta em favor de posturas melhores para meu país e sua gente. Por isso, quero repudiar esse estado das coisas. Vivemos um momento de delírio que estamos chamando equivocadamente de humanidade, mas isso não é humanidade. Há numerosos talentos anônimos que jamais terão a oportunidade de se revelar. A maioria das pessoas não consegue chegar a expressar ativamente seu talento potencial e fica atrofiada pela falta de oportunidades. Estamos doentes e muito distantes da convalescença plena.

Eu sei que ser professor é muito mais do que ter um simples

contrato de trabalho, é um contrato divino, no seu sentido mais clássico. A gente assume a profissão de professor e carrega todos os deveres e se compraz desses deveres. Mas, inevitavelmente tenho sido tomada de desalentos e para não sucumbir recorro à sua força, ao seu exemplo, aos seus conselhos, às suas palavras.

O Mestre amou o mundo, as pessoas, as árvores, a terra, a água, a vida. Sonhou com a alfabetização do povo e trabalhou uma vida inteira para dar voz aos iletrados, para libertar os oprimidos desse Brasil. Suas palavras e ações foram sempre palavras e ações de luta por um mundo menos feio, menos malvado e menos desumano. Junto de ti, aqui aconchegada, volto a sonhar com uma civilização que incorpore em si todas as humanidades. E no meu sonho, Mestre, os filhos de *Pindorama* vencem *Anhangá* resgatando a sabedoria ancestral, que enche de luz os lugares de sombras e ensina ao mundo como viver em harmonia com a natureza e o que é a verdadeira humanidade.

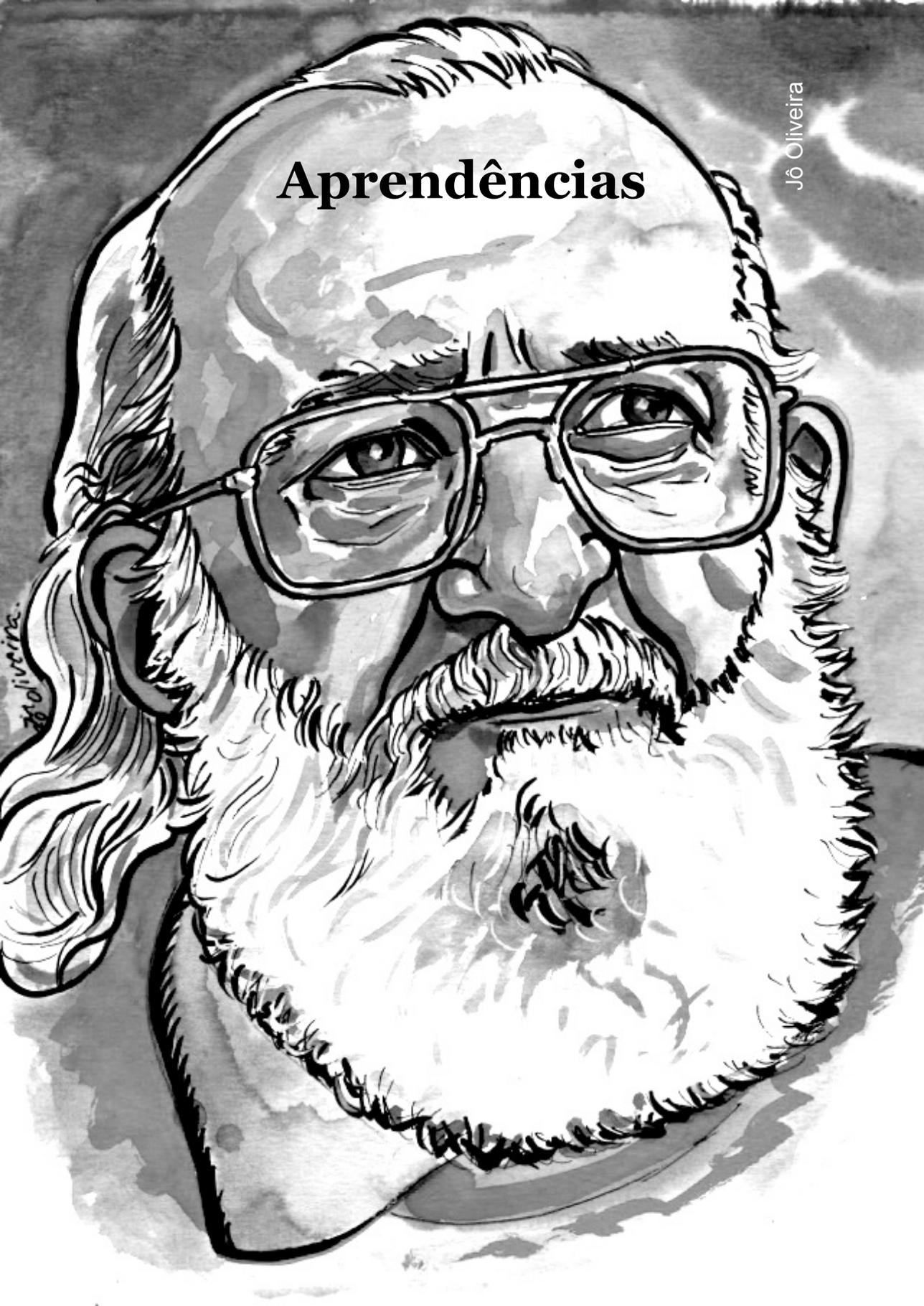
Esperando um mundo novo,

Brasil, 13 de Fevereiro de 2021.

**Professora, mestra em Cultura e Comunicação e doutora em Ciência,
Tecnologia e Sociedade.*

Aprendências

Jó Oliveira



Transformar vidas pela educação

*Francisco Ari de Andrade**

*Erbenia Maria Girão Ricarte**

Saudações fraternais

Recorremos a reminiscência nesse instante para penetrar no palácio da memória a ir buscar, em uma de suas dependências, algumas lembranças de seus ensinamentos que tanto promoveram e promovem a dignidade humana, por meio daqueles fazem da docência um exercício permanente de promoção social.

Nesse momento de travessia em que pesa sobre nossos ombros a intolerância política e o negacionismo científico no cenário nacional, valemo-nos das suas ideias sempre vivas, tomadas como um farol, não a iluminar o mar de incertezas, em que estamos à navegar, mas para sinalizar o melhor caminho para conduzir a direção do nosso barco sem entrar à deriva na escuridão oceânica das incoerências revoltas que arrebatam como ondas sobre as pessoas, a toldar a nitidez da luta pela esperança.

A orientação pedagógica sugerida na sua vasta obra, chama a atenção ao respeito e à liberdade que deve ser dada aos educandos, que nunca devem chamados de “analfabetos”, pelo fato

de não dominarem a leitura e a escrita, mas sim como alfabetizando, uma vez que a escola da vida tem contribuído como eles na leitura do mundo e a educação formal é proposta na perspectiva da transformação social.

Assim, ilustre e eterno educador, a sua pedagogia, baseada no diálogo entre quem ensina e quem aprende, desenvolve a capacidade crítica e prepara os indivíduos para sua emancipação humana, num exercício cotidiano de ação coletiva. Eis o legado mais significativo das suas ideias. Imprescindível ao exercício da docência e cada vez mais necessário em uma sociedade caracterizada por desigualdades.

De acordo com seus ensinamentos, a educação escolar requer, de forma permanente: a) O cultivo da curiosidade; b) As práticas horizontais mediadas pelo diálogo; c) Os atos de leitura do mundo; d) A problematização desse mundo; e) A ampliação do conhecimento que cada um detém sobre o mundo problematizado; f) A interligação dos conteúdos apreendidos; g) O compartilhamento do mundo conhecido a partir do processo de construção e reconstrução do conhecimento.

Uma das grandes preocupações é a construção de uma prática pedagógica que possibilite ao educando condições reais de tomar decisões emancipatórias. A ideia de liberdade se materializa no desejo do povo aprender e de aproveitamento de oportunidades democráticas em conquistas livres, por meio da organização e engajamento nas lutas populares contra todo e qualquer sistema opressor. A práxis pedagógica é a condição em que a liberdade, como rebento, rompe os grilhões da servidão mantida pelo sistema opressor.

A pedagogia da libertação possibilita aos educandos a

conscientização e compreensão das estruturas sociais. Admitimos não ser possível a existência da educação fora da sociedade e da cultura humana. A educação escolar proposta por ele é uma educação como um ato de amor que não deve fugir do debate acerca da realidade, formando indivíduos críticos que interagem no processo de democratização. O mais importante é saber por em prática uma pedagogia de comunicação que consiga fazer o diálogo entre saberes escolares e realidade social, com uma visão crítica aonde a consciência desabrochem e possibilite aos envolvidos no processo perceber o valor da cultura e o seu papel ativo na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nossa missiva tem por objetivo de agradecer ao senhor, eterno educador Paulo Freire, por suas ideias inspirarem uma professora cearense, que na década de 60 do século XX, optou em fazer parte de uma experiência educacional com o senhor numa zona rural de Angicos, onde foi possível se apropriar na prática de sua pedagogia em sua essência. Trata-se da professora Ruth Cavalcante, ainda viva, sobrevivente das perseguições políticas impostas pelo Ato Institucional nº 5, no ápice do regime de exceção que duraria de 1964-1985.

Graças a tal experiência educacional, na prática de alfabetização e adultos rurais, as memórias da professor Rute Cavalcante, recentemente se tornou objeto de estudo no Programa de pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal do Ceará, pela pesquisa Erbenia Maria Girão Ricarte.

Com essa base epistemológica adquirida na lida com adultos rurais nordestinos, associada a seu engajamento na no movimento da Juventude Católica e, posteriormente, integrante de uma ala política chamada de Ação Popular, foi que a Professora

Ruth iniciou suas atividades educacionais, antes mesmo de entrar na faculdade para cursar Pedagogia. Convidada por uma de suas professoras da escola em que concluiu seu 2º Grau Pedagógico, ela iniciou sua prática docente pelo Movimento de Educação de Base – MEB, agregando assim sua prática de mediação cultural com o ato de ensinar, fortalecendo, cada vez mais, sua identidade adquirida não como uma propriedade, mas como um produto, identificado no cotejo das lutas e conflitos decorrentes da resistência política ao regime de exceção brasileira.

A partir dessa concepção, Ruth Cavalcante sustentou toda sua prática social, política e profissional, por meio das formas que lhe eram concedidas mediar cultural e criticamente todos os agrupamentos em que se envolveu, fosse na escola como rebeldia por não entender porque que tudo tinha que ser imposto e não conversado, fosse com as determinações do grupo de juventude ligado à Igreja católica, fosse na militância política partido com uma centralização de gestão, fosse na prisão com as pessoas que conviveram com ela, fosse no exílio ou na cotidiano da vida essa dialética do que se vivia e do que podia ser transformado, por via da formação crítica é uma constante na vida da professora Ruth Cavalcante, pois do seu ativismo pode ser comprovado o método de Paulo Freire eficiente no que diz respeito a conscientização crítica do ser humano, levando-o a uma liberdade de ação, de poder transformador e de emancipação humana.

A professora Rute Cavalcante faz questão de destacar a experiência educacional a frente de uma experiência de educação popular à distância. Segundo conta, durante aquela ação educacional por meio de uma experiência radiofônica chegava a contar com até três mil alunos. Em cada localidade onde as ondas do

rádio alcançavam, havia um monitor com a missão de orientar os educandos sobre os conteúdos das aulas. Além de preparar o material didático e pedagógico que ia ser transmitido ao aluno, Rute Cavalcante tinha que visitar cada unidade em contato direto com monitores e alunos. Era uma emoção geral. Nos seus 21 anos de idade, trabalhando em uma atividade educacional orientada pelo MEB conheceu o Brasil visto por dentro, compreendendo as distâncias físicas e sociais que separavam o meio rural dos grandes centros urbanos.

As emoções da professora Rute Cavalcante trazem à tona uma reflexão crítica, ainda presente, na educação brasileira do início do século XX: a escassez de escolas públicas para atender a população, até mesmo porque a educação acabava sendo direcionada a uma pequena parcela da população brasileira que pagava por esta. Não podemos esquecer que esse período foi muito conturbado por ser marcado por movimentos oriundos do meio estudantil e de intelectuais à desencadear um otimismo político em relação ao país, na medida em que segmentos da classe média começa a reivindicar por bens culturais, dentre eles o acesso à universidade pública, a educação popular começa a ser percebida como a possibilidade de mudança, de uma nova sociedade.

Ruth Cavalcante teve sua primeira experiência como professora logo após terminar o curso pedagógico, quando sua mestra de Português, Ivone Garcia, a convidou para assumir seu lugar no MEB como docente locutora. Surpreendida pelo convite e sem contar com experiência de magistério aceitou a oferta. Assim iria tomar contato diretamente em um projeto que tinha como base epistemológica o Método Paulo Freire de alfabetização de adulto. O grande sonho de Ruth estava prestes a se tornar realidade.

Ruth iniciaria uma experiência que mudaria sua vida em todos os sentidos.

Ruth permaneceu dois anos como professora locutora, como professora primária, até que a professora Luíza Teodoro, comunicou aos professores normalistas que eles teriam que entrar na Universidade, em 1965. Ruth se preparou com uns amigos para fazer o teste de vestibular da UFC. Então com os recursos que tinham, sem fazer curso preparatório, com as leituras e com a experiência adquirida foram fazer o vestibular e passaram nas primeiras colocações do certame. Ruth passa a ser aluna da UFC na FACED – Faculdade de Educação, no curso de Pedagogia em 1966.

O MEB foi criado em 1961 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e apoiado pelo Governo Federal, mediante decreto presidencial e convênios com vários ministérios. Embora oficialmente separada do Estado, desde a proclamação da República, a Igreja Católica em muitos momentos foi sua aliada. Essa aliança foi forte no governo nacional-desenvolvimentista dos anos 1950, por iniciativa dos bispos progressistas do Nordeste brasileiro. Com elevados índices de mortalidade infantil, desnutrição e analfabetismo, na conjuntura da Guerra Fria, essa região era considerada “barril de pólvora”, temendo-se que nela se repetisse a Revolução Cubana.

O MEB tinha como objetivo inicial desenvolver um programa de educação de base, conforme definida pela Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, por meio de milhares de escolas radiofônicas, instaladas a partir de emissoras católicas. Após dois anos de funcionamento reviu esse objetivo e, alinhando-se aos outros movimentos de

cultura popular, passou a entender a educação de base como processo de “conscientização” das camadas populares, para a valorização plena do homem e consciência crítica da realidade, visando sua transformação. Mudou também seu modo de atuação e o conteúdo de suas aulas radiofônicas, conforme retratado no Conjunto Didático Viver é Lutar para recém-alfabetizados, que apreendido por forças da direita, foi pedra de toque da repressão após o golpe militar de 1964.

Não obstante a todo esse arcabouço de ideias e práticas que envolvem o processo de educação do ser humano, surge a educação pensada para a liberdade e para a emancipação do homem, através de seu grande idealizador Paulo Freire, filósofo e pedagogo brasileiro que se destacou no Brasil e no mundo desde a década de 50 por trazer outros conceitos sobre a Educação. Por toda a trajetória da professora e militante Ruth Cavalcante, inclusive a levando para muito perto do seu grande mentor no projeto de Alfabetização que ganhou larga visibilidade e amplitude no país nas décadas de 60 e 70 por se tratar de um método crítico e potencialmente formador: o método Paulo Freire.

Ruth se encontrava a frente desse processo de formação crítica porque vivenciava a experiência com a educação popular e de campo, já tinha formação política e já participava de movimentos sociais e estudantis. Sua prática antecede sua formação, formação esta que não aconteceu porque em 1968 após sua participação no Congresso da UNE – União Nacional dos Estudantes, Ruth ficou impedida de retornar à Faculdade por ter sido presa, e em 1969 teve sua segunda prisão na UFC, mas no campus da Química aonde oferecia uma formação para alunos que queriam trabalhar como professores alfabetizadores.

Bem, meu caro e eterno educador Paulo Freire, eis as reminiscências de uma professora que se tornou mestra de ensino por causa das suas ideias. Nesse momento, em que se comemora o centenário do seu nascimento, cuja eternidade lhe reservou um lugar inalcançável pelos mortais, nada mais justo de que prestar homenagem, por meio de memórias narrativas de uma professora aposentada, que fez da militância e da docência um ato político voltado à transformação de pessoas, numa demonstração concreta de não haver docência sem engajamento político.

Suas ideias voaram nas asas de um albatroz e atingiu os mais distantes pontos do planeta, anunciado ser possível transformar a vida de pessoas por meio de uma educação emancipatória.

Até sempre, saudades.

Fortaleza (CE), 15 de fevereiro de 2021

**Professor Associado, Dedicção Exclusiva - DE, do Departamento de Fundamentos da Educação, da Faculdade de Educação - FACED e do quadro Permanente de Docente do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE, da Linha de História e Memória da Educação, da Universidade Federal do Ceará - UFC. Líder do Grupo de Pesquisa em História da Educação do Ceará - GEPHEC. Doutor em Educação Brasileira, pelo PPGE-UFC. Pós-Doutor em Educação e Contemporaneidade, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Sergipe – UFS.*

***Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC, Mestre em Educação e Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Ceará - UFC, Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Professora convidada do Instituto Dom José - IDJ - UVA Universidade Estadual Vale do Acaraú.*

Educação contra a barbárie

*Luiz Arthur Pereira Saraiva**

Querido mestre e amigo Paulo,
Espero que estejas bem aí em cima. Desculpe a intimidade do termo amigo na saudação inicial. Quando cheguei ao mundo, em 1987, você já tinha escrito, produzido e trabalhado muito. Quando deixaste a existência terrena, 10 anos depois, eu estava na terceira série do ensino fundamental I (ou quarta série das séries iniciais do ensino fundamental, em nomenclatura atual). Naquela época, era uma criança comum e aluno de tia Socorro em uma escola de viés católico em minha cidade natal, Campina Grande, na Paraíba. Sei que não é válido chamar professora de “tia”, mas sem iniciar esse texto com uma problematização, carrego com muito afeto as aprendizagens e lembranças daquele tempo. A infância, aquele tempo bom em que o mundo não “batia” tanto quanto na vida adulta (mas reconheço que tive uma infância leve e confortável, diferentemente de muitos casos absurdos e abusivos de que temos notícias ainda hoje).

O Brasil da década de 1990, como você bem acompanhou, se deparava com o neoliberalismo feroz do “pensamento único” em

todos os setores da vida, incluindo a educação. No final dessa década e início da seguinte, conheci “na prática” outras professoras e professores que poderiam ser elencadas e elencados como profissionais seguidores e seguidoras de suas ideias quanto à educação e ao mundo da vida. Foram as discussões sobre os problemas e questões do mundo, do Brasil e da minha cidade em sala de aula, somadas à preocupação e à esperança de meus professores e professoras, que me levaram à docência quando adentrei o ensino médio.

Eu ainda não sabia que a educação transforma as pessoas e que são elas que transformam o mundo. A rebeldia da juventude – uma fase, é o que dizem – trouxe uma crença de que na sala de aula eu poderia deixar esse mundo melhor (ou menos pior, porque essa crença era/é vez ou outra bem abalada), que eu seria capaz, junto a outros e outras, de trabalhar com ideias e pensar possibilidades para resolver as situações do cotidiano que me causavam tamanhas angústias e inquietações. As injustiças, opressões e desigualdades que combatias, meu caro Paulo, não desapareceram: em alguns contextos, se agravaram e se metamorfosearam em outras.

Na minha formação docente inicial, tive contato com suas obras. As pedagogias do oprimido e da autonomia, que me marcaram profundamente, foram conhecidas nas componentes curriculares didático-pedagógicas. Seu nome ainda é muito citado, trabalhado e reconhecido, apesar dos ataques nesses últimos anos de setores ultraconservadores e reacionários que o responsabilizam pelas históricas mazelas do nosso sistema educacional, que o culpabilizam pelos “pífios” resultados nos testes educacionais patrocinados por órgãos e grandes entidades mercadológicas,

que tratam a educação e a escola como produtos. Nossas escolas da educação básica, em alguns casos, sequer apresentam condições mínimas necessárias para a aplicação dessas avaliações em si, imagina obter resultados agradáveis aos investidores (sim, a educação tem se tornado ainda mais um “palco”, um “negócio” de interesses empresariais, a exemplo dos grupos educacionais corporativos e reprodutores de materiais pedagógicos de qualidade bem questionável). Indigna-me que muitos problemas e desafios relatados em seus textos continuam, voltaram ou deixaram a situação educacional em um status maior de crise, a ponto dos esforços progressistas se tornarem atos de resistência, ações contra a maré de precariedades e intencionalidades nos discursos vigentes.

Dentre as inúmeras lições que deixaste em teu legado, gostaria de destacar duas delas. A primeira é a necessidade de diálogo. O diálogo é uma prática urgente nos dias de hoje (mas, também, desde os teus tempos): dias de intolerância, de “cancelamento”, de polarização aqui no Brasil (sim, eu imagino que você está acompanhando, com certa apreensão, o contexto delicado em que nos encontramos). As pessoas preferem classificar e julgar para excluir e oprimir ao invés de dialogar, de se colocar no lugar do outro, de desenvolver alguma empatia e convivência necessária para a saúde da democracia. Como bem sabes, longe de consenso, unanimidade ou pensamento único, a democracia exige uma capacidade e uma predisposição ao diálogo entre seus e suas participantes, uma base ética, cívica e coletiva ainda carente em nossa formação socioespacial.

O diálogo da/na sala de aula expressa a significação crítica da relação entre ensinar e aprender. Longe da imposição e da

relação heterônoma que ainda presenciamos em algumas práticas tradicionais, o diálogo abre a possibilidade para que os sujeitos envolvidos se tornem, de fato, agentes de seus processos formativos, seja dos alunos e alunas em contato com o conhecimento e sua produção, seja dos professores e professoras que trabalham em conjunto com suas turmas, atentando para suas necessidades, anseios, experiências e esperanças sobre a vida e o mundo em que vivem em diferentes escalas geográficas. É curioso que há alguns anos surgiram movimentos que acusavam você de doutrinação e esquerdismo: logo você, que dialogou com tanta gente, dos mais humildes e necessitados às autoridades e intelectuais do país, acusado de impor ideias e “castrar o pensamento” em nossa educação. Uma completa negação de sua competência e de sua responsabilidade enquanto profissional e ser humano. Um absurdo!

O diálogo extrapola a dimensão pedagógica enquanto princípio humano. Muitos conflitos e problemas que enfrentamos no cotidiano para além da escola poderiam ser evitados. Quantos rumos demos em nossas vidas e que poderiam ter sido diferentes se nos puséssemos a serviço do diálogo, se exercêssemos mais a capacidade de nos entender, até para complementar nossas leituras da vida e do mundo. Talvez fôssemos pessoas melhores nesse mundo tão carente de nossas melhores versões.

A segunda grande lição que deixaste, presente em minha práxis desde 2007, quando entrei em sala como professor (mesmo em formação) pela primeira vez (fui professor voluntário no cursinho pré-vestibular da universidade onde leciono atualmente, a Universidade Estadual da Paraíba) é a esperança em uma educação transformadora. Ah, Paulo, ainda há tanto

trabalho a ser feito na construção de um pensamento crítico e afetuoso, que seja capaz de criar alternativas e mudanças em nossa sociedade, em nosso mundo. A própria criticidade se encontra hoje fragmentada entre ideias e bandeiras de luta que poderiam se complementar, se unir contra as opressões do capital, do patriarcado, do colonialismo, da intolerância, mas que se enfrentam e se conflituam nos espaços políticos dos movimentos sociais, da academia, das instituições e da internet.

Falando em internet, vários adversários de suas ideias surgiram no “mundo virtual das redes”. Eu passo o olho rapidamente em portais de *streaming* e comentários nas notícias e vejo um nicho que se multiplica sob o raciocínio de que o pensamento progressista é “coisa de esquerdista, de petralha, de doutrinador, de ideólogo”! Escreveste, há décadas, que se a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar o novo opressor e hoje vemos não só diferentes opressões políticas, econômicas e culturais de classe, gênero, sexo, raça e etnia nesse complexo caldeirão social chamado Brasil. Mas, para agravar ainda mais tal conjuntura, autoridades e figuras públicas que legitimam, incentivam e reproduzem tais opressões em diferentes meios, pregando a violência como resposta para – quase – tudo. Em diálogo com Adorno, a educação transformadora é uma educação contra a barbárie, para que lembremos das atrocidades ocorridas na trajetória humana e a missão de não as cometer novamente (nem produzir novas atrocidades).

De uns tempos para cá, me preocupa como questões primárias à própria existência humana/social são relativizadas ou negadas. Para algumas pessoas, o Holocausto não existiu, o racismo é uma reclamação besta (chamam de “mimimi”, de

vitimismo), a democracia é ruim, a questão ambiental é uma farsa, o machismo não mata, é legal cultivar preconceito, o ódio é válido dependendo do alvo e a Ditadura Militar entre 1964 e 1985, que você vivenciou (e foi vítima) aqui no Brasil, foi uma ação necessária das forças militares contra o “perigo vermelho” (acrescente-se, sobre esse tópico, que há apoiadores de um “retorno” desse período ou que a intervenção das forças armadas colocaria o Brasil “nos eixos”). Tudo isso em uma Terra plana. A educação transformadora, que tão bem valoriza a vida e a condição humana, é atacada em um contexto de pandemia, em que o lucro é alçado a um protagonismo em detrimento da vida (ironicamente, citam que “a vida não pode parar”). A vida, atualmente, além de tão pouco vivida, tem sido pouco pensada, porque no ritmo das metas de *home office* e das especulações do mercado, sua exploração e precaridade consistem só em um recurso para atender uma classe dominante e não há tempo-espaço para o pensar: este continua constituindo uma ameaça à lógica que transforma diferentes homens e mulheres em engrenagens de uma insanidade global.

Paulo, apesar de tudo, tenho esperanças: vejo-a refletida nos olhos de meus alunos, minhas alunas e nos meus, diante do espelho. Tuas obras são indicadas e trazem ricos *insights* (diferentemente de alguns detratores que distorcem tuas palavras) não só para quem ousa se envolver com a educação (sim, medo e ousadia no cotidiano do professor) mas para se construir humanamente. Se a tarefa é árdua, mais necessária é nossa caminhada para combater os negacionismos e ignorâncias existentes nas dimensões da vida social. Permita-me pontuar que a educação transformadora, permeada pelo diálogo possível nos diferentes

níveis da educação, não é um idealismo ou algo ultrapassado: é, para quem acredita e exerce sua prática aliada à teoria, para quem também aprende enquanto ensina, uma possibilidade, um caminho a ser seguido. És exemplo de alguém que trilhou tal hercúlea trilha e deixou sonhos, conselhos, reflexões para quem quisesse trilhar também. Aqui, deixo meu agradecimento por tudo, Paulo. Se ainda estou nessa caminhada, me esforçando diariamente para ser um professor educador melhor (apesar de meus erros e limitações), a ti muito devo enquanto inspiração e pensamento vivo necessário a um projeto de humanidade justa e autônoma. Muito obrigado, mesmo.

Segue vivo, meu amigo. A luta continua!

Guarabira (PB), 10 de fevereiro de 2021

**Graduado em Geografia pela UEPB, Mestre e Doutor em Geografia pela UFPE, sou professor e pesquisador no Curso de Licenciatura Plena em Geografia do Centro de Humanidades da UEPB. Tenho interesses na atividade docente e na participação de projetos de ensino, pesquisa e extensão que contemplem Geografia e Humanidades, relações dialógicas entre educação, ensino-aprendizagem e práticas espaciais cotidianas.*

Consciência do inacabado

*Angelita A. Azevedo Freitas**

Querido e saudoso Paulo Freire,
Como eu gostaria que essa carta chegasse até você. De certa forma, acredito que chegará através de todos/as que a lerem e que reafirmarem a importância que teve e tem para a nossa sociedade, para a nossa educação. O meu desejo aqui é de ir ao encontro de seu legado.

Sou professora, pesquisadora, moro em Mariana, interior de Minas Gerais. Gosto de lembrar, de contar minha história e, principalmente, de ouvir as histórias de outras pessoas, como a de familiares, amigos/as, educadoras e de seus educandos. Cresci ouvindo histórias da minha mãe, dos meus avós e dos/as tios/as da minha mãe que moravam na zona rural. Quantas histórias recheadas de aventura, emoção e lições de vida. Aprendi, com gosto, a arte do narrar, a experiência de rememorar, de buscar recordações, referências que nos marcam no nosso jeito de ser e de encarar a vida.

Por isso, quero lhe contar uma história. Uma história real, de sete educadoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de

duas cidadezinhas vizinhas, interioranas, pequenas, com características rurais. As cidades são Diogo de Vasconcelos e Acaiaca, Minas Gerais.

Conheci Diogo de Vasconcelos em 2008, quando fui para lá trabalhar como coordenadora pedagógica municipal. Que mundo novo se abria para mim naquele momento. Posso dizer que foi um divisor de águas na minha vida. Conheci a rede pública de educação, a realidade e os anseios de pessoas que foram postas à margem da sociedade. Conheci e me apaixonei pela Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Lá, permaneci por 09 anos.

Em 2018, retornei a esse lugar como pesquisadora, com o enorme desejo de rever e trabalhar novamente com a formação de educadores/as, algo que marca a minha trajetória. O entusiasmo tomava conta de mim; a pesquisa que eu propunha não era apenas uma pesquisa para obtenção de um título acadêmico. Não, era muito mais que isso; era parte constitutiva da minha vida, dos meus desejos e *sonhos*. Você sabe muito bem como os desejos e sonhos nos movem e nos impulsionam, não é verdade?

E lá estava eu, no dia 08 de julho de 2018, para o primeiro encontro/reencontro com as educadoras de EJA. O primeiro encontro da pesquisa começou às 09h, mas comigo mesma, por volta das 07h30, quando saí de casa em direção a Diogo de Vasconcelos, há 60 km da minha cidade. Pelo caminho, muita coisa foi habitando meus pensamentos: alegria do retorno, encontros (pesquisa como lugar de encontro), satisfação em iniciar uma nova pesquisa. Pelo caminho, já chegando ao município, fui vendo pessoas à margem da estrada, nos terrenos de suas casas, capinando, varrendo. Pessoas simples, do campo, na maioria das vezes, à margem da sociedade. Peguei-me pensando

nos(as) estudantes da EJA, por ocuparem também uma posição marginal.

Retornava à Diogo, como pesquisadora. Oportunidade de um novo olhar, de ver a partir de um novo ângulo. Diogo sempre foi para mim um lugar de afetos e encontros. E fazer pesquisa em um local assim, é habitá-la também com afetos. Acho que isso faz toda a diferença...

Fui calorosamente recebida e fomos construindo, ao longo de mais de um ano, nosso processo formativo. Encontrávamo-nos sempre às sextas-feiras, a cada duas ou três semanas. Falávamos sobre os nossos saberes e aprendizagens experienciais na EJA, sobre aquilo que queríamos aprender, sobre a nossa prática. Enfim, conseguimos criar um ambiente muito favorável à formação, pois sabíamos valorizar as contribuições que cada uma trazia e tínhamos a certeza de nossa *incompletude* e de que “*ensinar exige consciência do inacabado.*”

No início da pesquisa e, também, em seu decorrer, fomos levantando temas de nosso interesse que seriam estudados por nós. E, como era de se esperar, as educadoras manifestaram o desejo de conhecerem você. Sim, elas diziam que não conheciam Paulo Freire, pois tinham lido poucas coisas sobre você e, veja, elas passaram por curso de formação de professores, na universidade. Se havia o desejo de te conhecer, elas tinham a certeza de sua importância na formação delas. E, então, decidimos que conheceríamos um pouco de sua vida e obra.

Mas te confesso que o que vivi e ouvi delas durante todo esse tempo me mostrou o quanto as suas ideias, Freire, estavam imbricadas na práxis pedagógica dessas educadoras. Foi fantástico perceber isso!

A primeira associação que faço das educadoras com você, Freire, vem das trajetórias de vida narradas por elas. Cinco delas nasceram e se criaram na zona rural; duas, nasceram em cidades, mas viveram também na zona rural. Algo que as marca fortemente é a vida dura, árdua, com trabalhos pesados desde a infância. São mulheres que, quando crianças, ouviam que escola não era lugar para meninas, pois o destino delas deveriam ser os afazeres domésticos e da roça. Meninas que, desde cedo, sonhavam em ser educadoras mesmo diante da invisibilidade que as envolvia. Meninas, moças, mulheres, que tinham um desejo e se nutriam pela “*Pedagogia dos sonhos possíveis*”. E, para se tornarem educadoras, sofreram muito, passaram por muitas *situações-limite* e, posso te dizer, que uma delas nos disse que, em um determinado momento da vida, parecia que o seu sonho de ser professora tinha se acabado, quão dura era a sua existência. Mas, Freire, a *utopia* se transformou em um novo modo de existência para essas meninas-mulheres-educadoras. O *inédito-viável* aconteceu e a docência foi para elas, uma vitória, burlando os processos de *opressão*, pelo menos, em parte.

Pois bem, essas educadoras chegaram a um lugar que certamente as aguardava: na Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Sim, as aguardava para serem, nesse espaço, agentes de transformação, agentes promotoras da *conscientização* de tantas e tantos estudantes que vivenciaram, assim como elas, o massacrante processo de exclusão. Elas foram e continuam sendo agentes que auxiliam na *compreensão de realidades políticas e históricas de opressão*, pois “*ensinar exige criticidade*”. E considero que essa seja a associação mais coerente que faço da prática dessas professoras com tudo o que você viveu, refletiu e nos deixou como

legado. A militância, a defesa dos direitos dos/as estudantes, o não se contentarem com um lugar marginal a eles/as reservado, estiveram presentes nas inúmeras narrativas dessas educadoras ao longo desse tempo em que estivemos juntas.

Encantou-me também a *dialogicidade* que essas educadoras promovem em suas salas de aula, baseada na compreensão de que todos/as são detentoras/es de saberes e que aprendemos e ensinamos a todo momento. Elas me mostraram uma prática que se afasta e muito de uma *educação bancária* e que essa prática é construída cotidianamente junto aos estudantes e aos seus pares no cotidiano das escolas.

Não te falei ainda sobre a satisfação e o encantamento dessas educadoras ao verem um/a estudante lendo as primeiras letras, as primeiras palavras. Quantos depoimentos encantadores eu tive a oportunidade de ouvir junto a elas. Como me emocionava ao perceber, através delas, que *não “há docência sem discência”* e que o nosso prazer pelo ser educadora/a certamente se intensifica quando há verdadeira aprendizagem.

Ao mesmo tempo em que falavam das aprendizagens dos/as estudantes, relatavam também das suas próprias aprendizagens com esses/as estudantes, pois *“ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”*. Adultos e idosos daquelas classes de EJA têm muito a ensinar para todos nós, com toda certeza. E, infelizmente, muitos não se dão conta desse potencial.

Freire, você não imagina como nossos encontros eram felizes, alegres. *Alegria* por compartilharmos os saberes, as vivências, a vida. *Alegria* por sermos educadoras. *Alegria* por sermos educadoras de jovens, adultos e idosos, e termos a consciência de nossa responsabilidade social e educativa. E a alegria sempre vinha

recheada de *Esperança*. Queríamos e queremos um mundo mais *humano*, menos desigual, mais digno de se viver.

E tudo isso, Freire, aproxima-nos de você e o eterniza na nossa história, na nossa profissão, na nossa vida.

Essas palavras traduzem um pouco do que somos e estamos sendo, em construção.

Com afeto.

Mariana (MG), fevereiro de 2021.

**É mineira, da cidade de Mariana; casada e mãe de dois filhos. É educadora, tendo iniciado a sua carreira como docente da Educação Infantil. Pedagoga, historiadora, psicopedagoga, mestre e doutora em Educação. Tem se dedicado à formação de educadores e, especialmente, nos últimos 12 anos, à Educação de Jovens, adultos e idosos.*

Reinvenção de ser e fazer escola

*Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva**

Querido mestre,
É com muito orgulho e pertencimento que comemoro o seu centenário. Sua vida, tecida de palavra-ação, testemunho vivo da experiência feita. Ah!! Como nos ensina e nos inspira! Sim, um nordestino, arretado, humilde, simples e grandioso, amante e orgulhoso de sua terra e sua gente. Terra de dificuldades, muitas vezes politicamente esquecida, reveladora de tanta bravura e recheada de delícias naturais tão peculiares.

O cheiro e o sabor do caju, na experiência do exílio, como fazia questão de lembrar, ativaram os fios de sua memória, conectavam-no à vida e à realidade da terra *Brasilis* e ao chão nordestino. E, nessa presente amostra de tempos obscuros em que os mais sombrios desejos são publicamente declarados, de ataques constantes à democracia, você é esse fio que nos liga à crença de que aquilo que seria possível e não foi, não está de todo perdido; toma-nos pelas mãos e nos convida, conclama a mais que nunca conjugar o verbo *esperançar*.

Retomando a imagem da mangueira frondosa, do frescor de

sua sombra, do marrom-acinzentado do graveto que fora giz e lápis em sua trajetória, você os transformou em ciência, história e poesia. Luta e resistência, inspiração e crença! Lanço-me ao convite de *esperançar* e *utopiar*. É preciso reconhecer que nos trilhos de nossa recente história, mestre, há muito a aprender, retomar, caminhar e percorrer. A leitura da palavra, mesmo com o avançar dos anos, de suas contribuições e de tantas pesquisas e experiências bem-sucedidas ainda não é realidade para muitas crianças, jovens, adultos e idosos de tantos recantos do país. *A leitura de mundo*, que, como nos ensinou, *precede à leitura da palavra*, ainda permanece de forma viva como uma ameaça iminente às diversas, absurdas e entorpecentes formas de dominação.

Não tem sido fácil perceber quão estática está a nação, ao ver e sofrer as consequências de uma política tão nefasta, de práticas tão retrógradas como aquelas da colonização; das formas mais grotescas às mais sofisticadas, em essência, pouco mudou. A ignorância, não aquela consciente do não saber, robustece a voz e ecoa de um ponto a outro, também em minha mente, pois não acreditava que esse nível de incivilidade ao longo do tempo pudesse existir e persistir. Imagine só, a ciência e os processos racionais sendo negados! Até o seu patronato à educação nacional ser atacado?! Mas, logo retomo a esperança advinda do sábio dito popular: árvore seca não se apedreja! Parece, mestre, como bem chamou atenção, enquanto povo, ainda prevalece a cultura do silêncio e da submissão introjetados no processo civilizatório.

Mestre, respondo ao convite da escrita em sentido festivo! Assim, situando nosso tempo histórico, ratifico o quão importante fora e é para nós, professores e professoras deste país e do

mundo. Não me sinto à vontade nesta composição se não contextualizar nosso atual cenário político e educacional. E reforço: sigo sim na persistência de ler o mundo e a palavra assumindo o processo diário de tornar-me professora numa construção incessante da docência que se deseja tecida com fios de inteireza e boniteza e assim poder presentificá-lo na formação de tantos outros docentes. Coloco-me a repetir o convite.

Sigo na insistência de pensar que a ciência só faz sentido se melhorar a condição de perceber o mundo e de nele intervir, colaborando para torná-lo mais humano, indistintamente. Não, não se trata, como nos ensinou, de acreditar que a educação sozinha transforma o mundo. Como professora, sem desconsiderar as limitações impostas e revestida de otimismo crítico, reafirmo, em suas palavras, que a educação se constitui como uma das importantes vias para a mudança. Nesse sentido, sigo me sentindo desafiada a fazer, junto aos discentes nas minhas trilhas da *ensinagem*, do patrimônio historicamente um processo instituído e instituinte.

Preciso dizer que em você encontrei as reflexões mais ricas, simples e densas de pensar a educação, pois não a estudou ou a investigou em um aspecto isolado, mas como teia composta de muitos fios, de relações as mais distintas, de fibras rígidas e flexíveis, das conexões mais periféricas a nucleares, profundas. Mais do que pesquisar ou pensar a educação, ela foi a sua vida, dentro e fora dos muros da escola, da universidade ou de um gabinete administrativo. Foi a sua mais nobre ferramenta para *o ser mais* escrita e inscrita em ações e práticas educacionais que ganharam o mundo, mesmo que não tenhamos tido força de implantá-las, no território nacional, como política de Estado. Freire, você

resiste! Seu projeto se renova nas sementes de educadores críticos que se formam aqui e ali, pois, apesar da aridez dos solos, sua *teoria molhada de prática* traz em erupção os brotos. A esperança crítica se renova!!! Ademais, mesmo em meio às rochas, o mandacaru se faz.

Pelo sertão do Ceará, na graduação em Pedagogia, por meio de suas leituras, aguicei o olhar para a relação entre ética e educação e, de forma mais peculiar, para a sua presença no fazer docente. Aceitei o convite, assim como o desta carta, para a reflexão que me foi especialmente tocado em Pedagogia da Autonomia. Para mim, na medida em que assumo o trabalho docente como uma ação eminentemente ética, revisto-me dos saberes necessários à prática educativa cuja presença nutre a necessária autonomia do educando e a negação do bancarismo opressivo.

Na releitura de suas palavras, *grávidas de mundo*, nutridas de tantas vivências em um processo histórico e coletivo incessante, sigo forjando as minhas e dando sentido à minha formação como formadora de professores. Ao pensar e fazer ciência, mestre, fora tão profundo, racional e ao mesmo tempo tão sensível que sinto poesia no seu pensar/fazer/comunicar educação e ciência. Eis que fala e testemunha o sentido e a coerência de pensar e fazer a docência caminhar de mão dadas com a *decência e boniteza*.

Particularmente, encanta-me o seu chamamento para a compreensão de que ensinar exige abertura ao outro, que consigo mesmo imaginar o desabrochar de uma rosa, a beleza e o perfume revelado a cada pétala ao se abrir, e o matiz de tantos tons que se formam junto a ela e em seu derredor. Nesse misto de ciência e sensibilidade, aceitei e aceito o convite de pensar essa relação em que professores e professoras dispõem ao estudante

o conhecimento por eles constituído e abrem-se à partilha. Uma partilha de estar com o outro, em uma dimensão que supera o físico, cuja presença é imprescindível à formação e à efetivação de uma aprendizagem que se deseja inteira e igualmente crítica. Entendo ser importante reafirmar que, embora não se resumindo a elas, o trabalho docente é também uma atividade com marcas emocionais e afetivas, fundado na presença com o outro, na crença, na confiança, na emancipação e no cuidado. Preocupação, esmero e zelo que nos convidara em uma de suas cartas a fazer *a leitura de nossas classes*, como se faz com um texto em todas as suas entrelinhas, percebendo não só o que é explícito, mas também aquilo que está latente ou mesmo silenciado. Fazer a aula *para e com* o outro como sujeito individual e coletivo.

E é nesse ser e estar no mundo com o mundo e com as suas gentes neste texto-sala que, sabendo da importância social de minha ação profissional e do meu compromisso ético com a emancipação dos estudantes, me concebo aprendente. Junto ao saber curricular, desvelo-me testemunho e partilho minha concepção de mundo e de educação, de respeito, amor, paixão e encantamento pela minha profissão e pelo que entendo por ciência. Um saber que não desejo professar, assimilando a necessidade primeira de entender que *ensinar não é transmitir conhecimento*, não é depositar um saber feito para o(a) aprendente por meio do mero exercício de ver, ouvir e fazer/ repetir.

Como nos adverte, eticamente pensando, a todo instante, entendo que estou no domínio da decisão. Posso optar entre incluir, compartilhar, fazer pensar, expandir, somar, multiplicar, dividir, diminuir, coisificar. Todas as minhas escolhas na redação do

texto-sala têm e me impõem responsabilidades éticas, impactam a relação com os discentes e a forma como vão se constituindo sujeitos ao longo de sua formação, forjando e ajudando a forjar tantas outras identidades.

No intuito de fazê-lo sujeito do processo educativo e de sua aprendizagem, percebo que não tem validade e coerência epistemológica lhe apresentar determinado saber como uma raiz enlatada, pronta para ser rusticamente manuseada e degustada. Como prática social, eticamente comprometida com a formação cidadã, como nos alertou, a qual sem o domínio dos conteúdos não se verifica, é mais compatível, produtivo, ético e bonito cuidar deste solo-cognição que traz em potência nossa humanidade e se torna consciência ativada por meio da vida e do construto social coletivo no sentido macro e micro do que é educação. Assim, sigo instigando-os a se lançar, ousar, a experimentar.

Procuo lembrar e fazer lembrar que a educação não pode ser casuística, mas intencional, planejada e sistemática. Recordo seus conselhos sobre a rigorosidade necessária para aprender e ensinar a *pensar certo*, procuro testemunhar em minha prática que *a docência não se faz com indiferença*. Nossa atividade formativa, a minha e a deles é tecida de conhecimentos, entretecida de valores, saberes, crenças e anseios. É historicamente situada, mutável e dinâmica.

Uma de minhas marcas, nas minhas aulas, é recorrer a analogias como forma de aproximar as discussões à concretude da vida, como venho fazendo neste texto. Com esta marca, reconheço-me, esperanço e utopio. As imagens e metáforas se forjam. Reconheço que, no exercício do magistério, no (re)fazer incessante da docência, me vejo diante do movimento de um

caudaloso ou manso rio, em que, ao pretender ensinar, me renovo no repertório de infomação/conhecimento, de valores e crenças que permeiam essa prática social tecida a muitas mãos. Na docência, como no curso do rio, cada professor ou professora pode avolumar o fluxo de água-saber/experiência banhado pelos afluentes-estudantes. Pois, sim, fez questão de nos alertar sobre nossas arrogâncias, insistindo em nos dizer que a *do-discência* não é uma via unidirecional. Nessa transcendência, pretendo aprender junto àqueles a quem pretensamente ensino alguma coisa e, nesse ir e vir incessante, de forma simples, mas com amorosidade procuro assumir uma de suas mais fortes e sutis assertivas: “*quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado*”.

Meu desejo, o mesmo de tantos educadores, é o de que todos juntos, indistintamente, nos fizéssemos saber. Mas este, o saber, é um tipo especial de posse a que também historicamente os mais pobres têm sido despojados. E, apesar do direito, do acesso e do discurso de educação para todos, as condições de ser e estar nesses espaços continuam desiguais.

Em meu fazer cotidiano, aceito o convite de registro ao qual nos convidou e, ademais, pelo exercício reflexivo que a escrita instiga, pergunto-me: Que escola somos e fazemos? Para quem? Para quê? Por quê? Teríamos automatizado a docência tanto quanto canta Chico Buarque: “Todo dia ela faz tudo sempre igual...? Mesmo com a assunção do *habitus* professoral, que não me falte o cuidado e paixão recitados na canção para dar sentido ao meu fazer cotidiano. Nessa tessitura habitual, não de-sejo enfraquecer a busca por respeito e valor social compatíveis à importância da profissão e ao que dela (e de mim) se cobra diuturnamente.

Neste momento peculiar da história, nunca me senti tão *aprendente*, tão estagiária da vida e nesta reinvenção de ser e fazer escola e universidade. A lousa, o livro e o caderno assumiram outro formato, o de uma tela digital. Realidade que conclama tantos de nós com ou sem afinidade com a tecnologia à própria refeitura nos desafios da profissão, pois o contexto e o momento não nos dá alternativa, nos obriga a inseri-la, ela que como disse *não pode ser endeusada nem diabolizada*. A gente se reinventa! Particularmente, sinto uma falta imensa do contato presencial, do semblante às vezes cansado, mas caloroso; das risadas, do barulho e no tipo peculiar de “balbúrdia” que a gente faz, da atenção e do silêncio quando necessariamente se faz. De perceber a dúvida no olhar, as questões e partilhas que se fundam no calor da presença. Sinto muito por tantas perdas vividas, doídas e sentidas nesse contexto de pandemia, por tantos abraços que não puderam ser dados, um até logo que se perdeu. Falta política, ação, amor e compaixão. Sobram lágrimas, preocupação e incerteza. Tantas famílias que a falta de comida no prato é visita constate. Em meio a tanto dessabor, quantos estudantes, especialmente, Brasil afora perderam o contato, seja pela falta do equipamento ou do sinal da internet para estudar ou aquele que no abandono social a trabalhar foi obrigado. Mesmo até a estes a escola tem procurado chegar, são tarefas impressas, pastas e portfólios para o saber da experiência do estudante ser considerado. Por outro lado, não há como negar a qualidade do que foi ou não aprendido aonde a instrução e a formação sequer conseguem chegar.

Mesmo com prejuízos econômicos, sociais e humanos, sinto-me convidada de forma individual e coletiva a valorizar a maior riqueza humana: a vida. Esse vírus tantas vidas ceifou. Atinge

a elite, sim, mas é sobretudo nas camadas mais carentes que, com a pouca ou nenhuma condição e estrutura, destruiu, levou um parente, um amigo, um vizinho; famílias estilhaçou, semeou hiatos. Esses tempos tão desafiadores estão grafados na história oficial e na dos esquecidos de todas as sortes. São desafios presentes e futuros os quais teremos de juntos e em particular dar a nossa contribuição. Diante deste cenário, meu desejo é que em cada coração brote uma flor de lótus e não nos tire a confiança do que tanto temos repetido: vai passar, vamos ficar bem e que mesmo sem fisicamente tocar é tempo de acolher! Assim, sigo no desejo de que eu como parte e todo da humanidade consiga me reinventar, semear, regar a humanidade que existe em mim e em nós, sinto-me convidada a encontrar o que nos fez perder de nós mesmos. A razão que assumiu a dianteira da história da humanidade nos ensine a revesti-la de racionalidade e nos reconecte em essência.

Na trilha dos desafios da educação, sabidamente, ela, a ciência, a produção e a seleção do saber não são neutros, assim sempre fez questão de pontuar. A cultura pública traduzida em currículo oficial/oculto transformada em currículo-prática permanece ainda excludente, demarca e reforça a divisão de espaços e papéis sociais. Entre nós, seja por ingenuidade ou alienação ainda se insiste em naturalizar a desigualdade, justificar e colocar o fracasso no plano individual. Social e culturalmente, historicamente o ponto de partida nos processos de escolarização se mostra e se evidencia nestes tempos de forma ainda mais desigual. E, apesar de mínimas e insuficientes, as políticas compensatórias incomodam a “ordem natural das coisas” na sociedade. Sobretudo agora e mais do que nunca, durante e no pós-pandemia, essas políticas precisam fazer parte de nossas pautas e

agendas.

Ao longo de minha experiência de vida e de docência, desejo fazer ecoar a voz de tanto (a) s docentes que foram fundamentais em minha formação. Desde àquela que me toma a imagem com as lembranças do processo de alfabetização, aos que na graduação e pós-graduação me fizeram e fazem o convite do *pensar certo*, revestido talvez de um rigor cada vez mais maduro e, por isso, consciente do *inacabado*. Que a minha, as nossas vozes, ecoem trajetórias silenciadas. Nessa teima persistente, insisto em me/nos perceber como profissionais e educandos críticos, afirmando-nos como sujeitos e não meros assujeitados do processo. Insisto no trabalho com a formação de outros professores no intuito de que juntos possamos colaborar para minimizar o fosso de acesso e efetivação da cidadania por meio do construto social conhecimento. E, nesse processo, desejo junto a quem aceita o desafio a não dar consentimento à história para silenciar tantas outras narrativas. Construímos possibilidades. Eis meu comprometimento ético-político.

Percorrendo essa jornada, revisto-me, particularmente, de otimismo crítico, aquele que rejeita o sentido de esperança substantivo. Tento fazer dela uma ação cotidiana, crítica e eticamente comprometida com a minha emancipação e a de quem caminha comigo. Faço a outros o convite que recebi de você, mestre: eu esperanço, tu esperanças, nós esperamos!

No mais permanente e consistente exercício do diálogo entre o passado, presente e futuro, mesmo em meio aos muitos possíveis erros certamente cometidos ao longo da caminhada, desejo que todos nós sigamos *ensinantes e aprendentes*, caminhantes e navegantes.

Mesmo com todas as tempestades de forma tênue, não me

contive em situar, reitero o desejo de que o saber seja um grande oceano para onde seguem os mais íntimos filetes dessa água-co-nhecimento rica de vida, gestante do mundo. Que ele desague em toda teoria, encharcando a prática, fundando a sabedoria. E que, estando à beira ou em alto-mar, na superfície ou em suas profundezas, o saber, nutrido de sentido, se reinvente no incessante ciclo de viver e conviver. Em meio a tanta aridez, mostra-nos que a seiva se esconde por trás dos espinhos, enche-nos de *esperança-ação*, nosso mais imponente mandacaru que “fulorou” aqui e além-mar. Para você, exímio mestre, meu exercício de escrita afetuosa, agradecida pela oportunidade de ser/refazer-me em teu rastro, no seu rico legado à humanidade e à educação. Permita-me compartilhar com meus estudantes estas reflexões a você endereçadas para que junto a eles consiga analisar se meu discurso se converte em minha prática, nesses caminhos nada distantes da possibilidade de errar. A quem amorosamente chamo de mestre, eis a carta desta professora que embarcou na desafiadora, instigante e apaixonante viagem de quem ousa ensinar e aprender, aprender e ensinar.

Um abraço transcendente tecido de afeto e admiração.

Patos (PB), fevereiro de 2021

**Pedagoga, com muito orgulho, Mestre em Educação, área de concentração em Formação de Professores pela UECE. Senti (e sinto) o chão da Educação Básica, hoje experimento a docência na Universidade Estadual da Paraíba, atuando e insistindo em semear um olhar pedagógico na formação docente do professor de Matemática no Câmpus VII, situado em Patos-PB. (lidiane_campelo@servidor.uepb.edu.br)*

Educação como exercício de humildade

*Jurani O. Clementino**

Querido mestre, Paulo Freire!
Quando você morreu eu era apenas um jovem sonhador, cheio de ilusões, repleto de fantasias e que, até onde me recordo, nunca tinha ouvido falar sobre o senhor. Eu morava numa comunidade rural e estava concluindo o Ensino Médio. Dois anos depois da sua morte eu entrei numa sala de aula, na condição de professor, pela primeira vez. Por força das circunstâncias (e olha que ironia!) fui dar aulas a uma turma de alfabetização de jovens e adultos. Nessa época, tenho a vaga lembrança de ter escutado alguém mencionar o seu nome, a sua obra. Foi adentrando os seus textos que compreendi o quanto tudo aquilo que o senhor discutia fazia sentido com a realidade na qual eu vivia. Com o lugar e com as pessoas com as quais eu dialogava. Meus alunos eram agricultores, donas de casa, pais de família, gente simples com suas “leituras de mundo” associadas as suas práticas cotidianas. *“Entendendo-se aqui como ‘leitura do mundo’ a ‘leitura’ que precede a leitura da palavra e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade”.*

As aulas aconteciam todas as noites numa escolinha rural, mesmo local onde fui alfabetizado, e reunia uma turma com aproximadamente trinta alunos. O mais velho deles devia ter setenta e poucos anos e o mais novo algo em torno de vinte. Eles quase sempre chegavam cansados, depois de um longo dia de trabalho. Visando o interesse da turma, procurava sempre tornar as aulas atraentes e explorava o que eles tinham de conhecimento adquirido ao longo da vida. Um dia, estávamos falando sobre o clima seco e as consequências disso no roçado e, no outro, cantando “Asa Branca” de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, acompanhada pelo barulho da sanfona tocada por seu Zé Leandro. Mesmo assim, vez por outra, eu flagrava a Sra. Ivonete, (uma dona de casa, mãe de quatorze filhos) roncando na cadeira enquanto eu explicava o conteúdo.

A aluna mais velha da turma, era dona Antônia Leandro. Mãe do sanfoneiro e sogra da aluna dorminhoca. Todos ali tinham um parentesco muito próximo. Dona Antônia, por exemplo, tinha nora, genro, filhos, afilhados e sobrinhos entre seus colegas de classe. Era uma senhora querida por todos, não enxergava muito bem e tinha uma dificuldade danada para escrever. Ficava tão nervosa quando pegava no lápis e segurava com tanta força que, em pouco tempo, estava banhada de suor. Contudo, era uma das alunas mais dedicadas. Foi um período muito curto, algo em torno de um ano e meio. Impossível mudar muita coisa na vida daquelas. Quando notei que muitos estavam escrevendo seu próprio nome nos cadernos em branco, reconhecendo algumas palavras novas e construindo frases curtas, precisei me ausentar. Ainda hoje alguns deles falam que aprenderam bastante comigo. E eu fico muito lisonjeado. Airton, sempre que

me ver, faz questão de dizer como aquelas aulas foram importantes na vida dele. Que aprendeu muito, que era um momento também de descontração. Zé Roberto, até hoje, me chama de “eterno professor”. Em meados de 2000, às vésperas de migrar dali, para cursar uma graduação, eu pedi que eles escrevessem uma espécie de cartinha, bilhete, recado para o professor. Recentemente reencontrei os bilhetes carinhosos que eles me escreveram. “Gostaria que você ficasse. Depois que você começou a ensinar eu já aprendi muita coisa”. “Que Deus te acompanhe”, “Sucesso em sua vida”, “Você é uma excelente pessoa e um bom professor”. Isso foi gratificante. As outras cartinhas/bilhetes me estimulavam a seguir com os meus estudos. Diziam que iam sentir minha falta porque estavam tomando gosto pela escola. Saí com o coração partido e a sensação de que a minha missão não havia sido cumprida integralmente.

Querido Paulo, mas eu estava predestinado a retornar à sala de aula. E voltei. Em 2006. Agora, já formado (graduado) e com um diploma de pós-graduação em comunicação e educação. Dessa vez para um novo público. Dava aula para alunos do ensino superior. Outra realidade, outro mundo, mas, para mim, os mesmos medos e sustos. Um professor está sempre submetido a esses espantos cotidianos. Vou narrar só mais uma experiência que vivi na condição de educador, e, acima de tudo, na condição de ser humano. Porque entendo que isso é também o que o senhor nos ensina. “*O ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende*”. É um caso recente, um relato que me emocionou bastante e do qual eu ainda não estou completamente livre.

Dou aulas no Ensino Superior há pouco mais de dezesseis

anos. Ao longo desse tempo vivi e convivi com os mais diferentes tipos de pessoas. Ajudei a formar uma geração de profissionais da área da comunicação. Mas todas as vezes que entro na sala de aula, ou saio dela, é como se fosse a primeira vez. Avalio o que foi bom e o que precisa melhorar. Cada turma é uma surpresa. Nesse sentido, a cada semestre tenho novas surpresas. E gosto disso. Elas me movem. Sinto-me entusiasmado e estimulado a seguir.

Nos últimos anos tenho me desafiado a ensinar e aprender com aquelas disciplinas teóricas: sociologia, metodologia, teorias da comunicação, projeto de pesquisa... Às vezes, as aulas rendem. Outras vezes, não. Um dia desses, saí da sala de aula muito angustiado. O público, ou seja, os alunos, quase não interagiram com a minha exposição. Fiquei três horas falando sem ter a certeza de que aquilo que eu dizia estava fazendo sentido para eles. Se eles estavam compreendendo. A sensação que eu tinha era muito estranha. Acreditava que todo aquele esforço prévio, toda aquela exposição teórica, toda aquela conversa sem fim... havia fracassado. Deixei a sala com uma única certeza: de que precisava melhorar minha didática. Não poderia esquecer a metodologia adotada por você, Paulo Freire! Tinha que envolver os alunos no debate. Eu não sou o dono, e muito menos, o porta-voz supremo do conhecimento. Como bem defende os seus textos: conhecimento não se transfere, se constrói no diálogo. *“É que não existe ensinar sem aprender (...) Ensinar não pode ser um puro processo de transferência de conhecimento do ensinante ao aprendiz”*.

Na aula da semana seguinte, me reinventei. Chamei a turma para o debate. Apliquei uma dinâmica e a coisa funcionou.

No final daquele encontro, via os olhos dos alunos brilharem. Estavam angustiados com as discussões, mas, ao mesmo tempo, felizes porque viam as coisas com outros olhos. A angústia do conhecimento havia feito bem a todos eles. E eu, que antes estava desiludido, me animei. Senti que as esperanças podiam ser renovadas. Vibrei comigo mesmo. E quando praticamente todos os alunos já haviam saído da sala. Eu, completamente realizado e vitorioso, juntava as minhas coisas, colocava na mochila para sair da sala. Foi nessa hora que uma aluna se aproximou de mim e disse que precisava conversar comigo. Ainda animado, perguntei o que havia acontecido. Ela disse que iria faltar às aulas nas próximas semanas e pediu a minha compreensão. Naturalmente, procurei saber o motivo da ausência. Pra minha surpresa e minha agonia, (num momento em que eu celebrava dentro de mim a vitória de uma “aula show”, que cantava vitória por achar que tinha incorporado toda uma metodologia freireana), a aluna me disse que começaria, no dia seguinte, o tratamento de um câncer. “Descobri um C.A professor. Começo o tratamento amanhã”.

Querido Paulo, como conhecemos pouco de nossos alunos. Como somos leigos nesse quesito. Fiquei sem palavras. Não sabia exatamente o que fazer. Tentei ser forte para não desanimá-la mais ainda. Ela precisava da minha coragem e do meu otimismo. Olhei bem no fundo dos olhos dela e disse: você é jovem, descobriu essa doença cedo, vai embora cuidar de sua saúde, tudo aqui pode te esperar. Ainda sem ação, abracei aquela menina e segurei as lágrimas antes que ela saísse da sala. Meus olhos estavam encharcados. Quando ela deu as costas, fechou a porta e eu estava completamente só: chorei feito criança e pedi

a Deus para iluminar o caminho daquela jovem. Querido Paulo, veja bem, enquanto eu estava preocupado com a satisfação dos alunos com a minha didática, uma aluna, de vinte e poucos anos, estava com oito nódulos malignos, quatro em cada seio. E participava da aula. Interagia. Fazia perguntas. Tinha sede de conhecimento, Quanta coragem, meu Deus! Quanta disposição. Como os meus problemas eram pequenos perto dela.

Talvez tenha feito essa digressão para tratar de alguns temas muito comuns em seus textos e presentes também na sua carta direcionada a todos nós professores: a humildade, o conhecimento adquirido, um ensinar que se executa ao mesmo tempo em que se aprende. Este não é um ofício fácil, mas é uma prática prazerosa quando se dá através de uma relação de troca e não de transferência. Dialogando com as sabedorias acumuladas, com um fazer cultural. É desafiador transformar as referências dos aprendizes em símbolos gráficos. Mas ficamos absolutamente felizes com a felicidade incontida deles no momento da descoberta, da vitória, da realização. Quando eles passam a compreender o mundo a partir de um novo ângulo. Enxergar o seu lugar de maneira diferente. Uma leitura do seu próprio mundo em diálogo com o mundo externo.

Já se passaram mais de duas décadas desde que você se foi, mas nosso desafio só aumenta a cada dia. Especialmente nesses tempos de acesso exagerado à informação, que exige de nós, uma necessidade em sermos breves. De um público com sérias limitações de leitura e, portanto, pouca postura crítica e ativa diante do texto proposto. Um fácil desistir. *“Estudar é, realmente um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica sistemática. Exige disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a. (...) Que o ato de estudar, no fundo é uma atitude*

frente ao mundo”. A preguiça do não tentar, em não encarar a vida. São muitos os desafios diários dos ensinantes frente aos conteúdos adquiridos como crenças dos aprendizes. A pouca humildade dos educandos. “*O ato de estudar demanda humildade*”. A certeza de que tudo sabem e a ingenuidade diante do que nada sabem. O fato de reconhecer que ainda desconhecem seria um caminho promissor para nossos educandos. A gente aprende muito com eles, mas muitos deles não querem ter a humildade de que esse processo é uma via de mão dupla.

Querido Paulo, suas lições iluminam as nossas práticas, impõem uma reflexão sobre o nosso fazer cotidiano e mostram o desafio em dialogar com essa nova geração. Muitos de nossos jovens e adultos de hoje são imediatistas, negacionistas, se postam ativamente contra os conhecimentos científicos, promovem rebeliões contra as teorias já consagradas, chegam em sala unguídos pelas profecias assustadoras das notícias falsas que satisfazem seus egos e suas vaidades. Uma geração que parece se orgulhar da absurda tentativa de recontar/reescrever/redesenhar a história da pior maneira possível. Que não conhece, mas odeia o Marxismo, o comunismo, as organizações sociais... Que contestam a existência dos eventos mundialmente conhecidos. Precisamos resgatar essa geração para um terreno de tolerância, empatia e humildade. Humildade em conhecer aqueles que conhecendo nos permitem acesso ao conhecimento. Humildade em ouvir aqueles que ouvindo nos fizeram perceber. Humildade em ser desafiado pelo novo, pelo incerto, pelo desconhecido e se permitir as maravilhas e angústias das descobertas. O mundo está precisando muito de um pouco de humildade. Fomos nós que erramos? Por que essa geração (e até muitos de nós professores) não pratica as virtudes que nos permitirão acesso ao

conhecimento? Por que o nosso conhecimento não está sendo aceito por eles? Por que não formamos leitores?

Não queria tomar seu tempo e confesso que gostaria de ter mais respostas do que perguntas. Gostaria de saber notícia de minha aluna com problemas de saúde, gostaria de ter ajudado mais aqueles educandos do EJA, gostaria que os jovens fossem mais humildes e tolerantes, que gostassem mais de ler. Talvez, assim, o mundo seria bem melhor.¹

Reinventando a vida,

Campina Grande (PB), 10 de fevereiro de 2021

Referências

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. 6^a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra,. 1982

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra IN: *Estudos Avançados*, 15(42), 259-268. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>

**É Jornalista, Especialista em Comunicação e educação; Mestre em Desenvolvimento regional pela Universidade Estadual da Paraíba UEPB e Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ; Doutor em Ciências Sociais – UFCG; Professor universitário, escritor, poeta e cronista. Membro da Academia de Letras de Campina Grande – PB e colunista do portal de notícias Paraíba Online.*

¹ Ao meu aluno, Eduardo Gomes, quero agradecer por ter feito uma primeira leitura e me dado as impressões iniciais a respeito desse texto. Gratidão.

Voz e vez educacional e social

*Marli Vieira Lins de Assis**

*Raimundo Nonato Damasceno Júnior***

*Renato Hilário dos Reis****

Amado e admirado professor Paulo Freire!
Em resposta à sua carta aos professores no livro “Professora sim, tia não - Cartas a quem ousa ensinar” (Editora Olho D’Água, 10^a ed., p. 27-38), gostaríamos de iniciar agradecendo por trazer tão bela reflexão aos docentes e, a despeito do tempo em que essa foi escrita, podemos afirmar que continua atual e necessária para nós educadores/as e para nossos/as educandos/as.

No início de seu texto, nos deparamos com alguns esclarecimentos acerca das ações de ensinar e de aprender. Nesses esclarecimentos, podemos compreender que educadores/as e educandos/as são sujeitos agentes nessa busca pela construção do conhecimento. A despeito disso, fica claro que nós, educadores/as, necessitamos ter um comportamento condizente com nossa função e atuação social, como você destaca em seu texto ao afirmar que: “a responsabilidade ética, política e profissional do

ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente” (2001, p.259).

Além dessa formação/capacitação, sua carta serve, também, como um alerta aos docentes para que a teoria aprendida durante a formação inicial ou continuada faça sentido no âmbito de sala de aula; para isso, é mister que “a experiência docente, seja bem percebida e bem vivida [...]”. Dessa forma, compreende-se que essa formação precisa ser permanente e relacionada a uma prática educacional que esteja atenta, não só às demandas curriculares, mas, acima de tudo, às demandas curriculares emergem da/o educanda/o, de seu contexto de vida e de suas práticas sociais.

Suas colocações acerca da importância da formação docente se estendem a todos os professores. No entanto, pedimos licença para dialogar com os professores que atuam nas turmas de Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA), público excluído social e educacionalmente por muitos anos/décadas. Considerando nossas leituras, vivências e experiências com esse público, podemos afirmar que, mais do nunca, esse/a docente necessita ter uma formação adequada para trocar e intercambiar saberes com esses/as educandos/as. Precisa ser um/a profissional com formação técnica (acadêmica), mas também com uma formação humana que faça com que o excluído possa se fazer e ser um incluído pessoal e socialmente.

Para isso, é indispensável um olhar cuidadoso, amoroso e acolhedor do/a educando/a da EJA para que ele/a se sinta como sujeito desse processo de ensino e de aprendizagem. Devemos compreender, portanto, que ensinar não é transferir

conhecimento, mas sim criar condições para que esse conhecimento seja construído, considerando, antes de qualquer coisa, os saberes prévios dos/as nossos/as educandos/as (FREIRE, 2001).

Dando sequência às suas reflexões, observamos sua preocupação com alguns atos inerentes ao processo de ensino/aprendizagem, tais como: estudar, ler e escrever e, apesar de estarmos longe de contemplar suas experiências e ensinamentos, gostaríamos de tecer algumas relações entre as reflexões apontadas em sua carta e duas experiências vivenciadas por educadores/as e educandos/as residentes na cidade de Brasília (DF), às quais deixam claro que, partir da realidade do/a educando/a é possível, é preciso e dá certo!

Ao fazer menção ao ato de estudar, em sua carta, fica bem claro que essa ação não deve acontecer sem considerar as experiências e saberes dos educandos. Retomando suas doces palavras: “Começamos por estudar, que envolvendo o ensinar do ensinante, envolve também de um lado, a aprendizagem anterior e concomitante de quem ensina e a aprendizagem do aprendiz que se prepara para ensinar amanhã, ou refaz seu saber para melhor ensinar hoje” (2001, p.260).

Considerando suas colocações acima, prezado professor Paulo Freire, podemos citar pelo menos dois projetos de Alfabetização e Letramento de Jovens, Adultos e Idosos que são desenvolvidos no Distrito Federal, os quais vão ao encontro de suas reflexões acerca do ato de ensinar, aprender e estudar. Paraphraseando-te, entendemos que não há saberes superiores nem inferiores nesse processo, mas sim saberes diferentes que se complementam na medida em que são construídos. Considerando essas reflexões,

apresentamos o primeiro relato do nosso ilustre professor: Dr. Renato Hilário dos Reis que apresenta sua experiência com Educação de Jovens, Adultos e Idosos nas cidades do Paranoá e Itapoã (Distrito Federal):

Amado Paulo!

Aqui, em Brasília, nas cidades do Paranoá e Itapoã, temos um trabalho de educação de jovens, adultos e idosos trabalhadores, que nasce de uma demanda das/os jovens da então Vila Paranoá à Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UNB) no segundo semestre de 1985. Estas/es jovens “são do movimento popular organizado do Paranoá e têm como objetivo a conquista de moradia própria de toda população, visto que moravam em área ocupada e eram sempre ameaçados de expulsão de seus barraquitos de lona, papelão e madeirite”. Nesta iniciativa de conquistar a moradia própria, percebem a existência de muitas/os não alfabetizadas/os, o que prejudica o avanço das conquistas da comunidade.

Diante dessa realidade, buscam, então, a Secretaria de Educação do Distrito Federal que nega o provimento do bem de serviço, pois, estariam legitimando a ocupação, que pelo governo, era tida como ilegal e, como tal, denominada, invasão. Tentam, então, o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL, que chega a abrir turmas de alfabetização, mas, estas, não atendem às expectativas destas/es jovens.

Em uma reunião delas/es, emerge a decisão de convidar a FE/UNB para suprir essa demanda. [...] Considerando esse contexto, a Professora Marialice Pitaguary (in memoriam), tendo ouvido os argumentos apaixonados das/os jovens, aceita participar, de

uma reunião noturna, com toda a comunidade, na qual, perante mais de 350 pessoas, convence-se em aceitar o desafio de alfabetizar jovens, adultos e idosos da Vila Paranoá. As/os jovens estabelecem a natureza de educação que desejavam: alfabetização de jovens e adultos como aprendizado da leitura e escrita transformadora das condições de vida da população.

Para atender a esse desejo das/os jovens e do conjunto da comunidade, Marialice e graduandas/os passam a pesquisar e estudar você, Paulo, e seus escritos disponíveis no Brasil, particularmente, “Pedagogia do Oprimido” e “Educação como Prática da Liberdade”, em especial, em seus princípios educativos de amorosidade-acolhimento; círculo de cultura; dialogia; relação teoria-prática; centralidade no saber da/os educanda/os e seu contexto econômico histórico-cultural; e desenvolvimento de uma práxis libertadora-transformadora. Ao longo dos anos, a esta práxis, vem se juntando outras vozes, atores, aprimorando o processo de educação/alfabetização, o que nos leva a dizer que você está há 36 anos conosco, no Projeto de Alfabetização de Jovens, Adultos, Idosos, do Paranoá e agora também Itapoã, em aprendizado e desenvolvimento humano individual-coletivo e coletivo-individual, como aprendemos com você!

Diante do exposto, consideramos que para que o educando compreenda e viva de maneira adequada o ato de estudar, é importante que esse faça sentido na vida dele. E fazer sentido aqui significa dialogar com suas práticas sociais de forma que o excluído seja incluído, seja visto e tenha, a partir dessa ação de estudar, maior engajamento e participação social, que é o que encontramos nesse primeiro projeto citado.

O segundo projeto de Alfabetização/ Letramento é fruto da

tese de doutorado da Professora Marli Vieira Lins de Assis com educandos da comunidade do Pôr do Sol – Ceilândia (DF). A comunidade do Pôr do Sol é considerada pelas mídias brasileiras a segunda maior favela do Brasil. Marcada pela má distribuição de renda – algo escancarado no nosso país – sem infraestrutura nenhuma e com poucas escolas, a cidade encontra-se em meio às que possui um número exorbitante de pessoas que não concluíram a educação básica ou que são consideradas analfabetas.

Diante desse contexto, foi criado o Projeto: LETRAMENTOS E IDENTIDADES SOCIAIS: UMA PROPOSTA ETNOGRÁFICA CRÍTICA DE LEITURA E DE ESCRITA PARA (E COM) OS MORADORES DO PÔR DO SOL (CEILÂNDIA - DF) que vai ao encontro das concepções e práticas educativas propostas e vividas por você – a quem honrosamente chamamos de professor Paulo Freire.

O que encontramos de Paulo Freire nesse projeto? Encontramos uma proposta de ensino/aprendizagem em que educador/a e educando/a são sujeitos agentes nesse processo. Ambos têm voz e vez educacional e social. A educação como prática da liberdade nasce das realidades e anseios dos/as educandos/as e faz com que esses/as tenham uma maior participação social, além de uma identidade social reconstruída e empoderada, como temos chamado mais recentemente. Podemos ver suas reflexões acerca dos atos de ensinar e de aprender na voz da educanda abaixo:

Nita: Professora, eu não sabia nada! Nem assinar meu nome, hoje eu vou no mercado e leio: UVA. Isso é suco de uva. Já sei outras palavras: OVO, tem na geladeira da minha casa. Já sei assinar meu nome, não preciso mais ficar colocando o dedão. Com a leitura, a vida da gente vai melhorando. Eu precisava

tirar uma xerox e me disseram para ir para o bazar do vovô. A senhora acredita que eu cheguei lá e vi V O V O e tinha o chapéu. Aí, eu já sabia que era lá, porque estava escrito vovô.

Entendemos que esses projetos dialogam com sua perspectiva e práxis educacional na medida em que partem das realidades dos/as nossos/as educandos/as em busca de suas transformações pessoais e sociais. Dessa forma, vamos criando situações de ensino e de aprendizagem que façam do excluído um incluído em todas as esferas da sociedade. Vamos mantendo seus ensinamentos vivos em prol de uma educação que não só educa, mas acima de tudo liberta!

Afetuosamente, os autores.

Brasília (DF), 14 de fevereiro de 2021

**Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Brasília, graduação em Letras pela Universidade Católica de Brasília, especialização em Docência do Ensino Superior pela UCAM (2003), mestrado em Educação pela Universidade de Brasília (2008), doutorado em Linguística pela UnB (2018). Desde o mestrado tem-se dedicado às pesquisas sobre letramento, formação docente e EJA.*

***Formado em Letras, Mestre em Linguística e pesquisador na área de Análise do Discurso Francesa, Alfabetização e Letramento. Atualmente, é professor do curso de Pedagogia da Faculdade JK Michelângelo e Subchefe de Gabinete e Assessor na área da educação no Senado Federal. Já foi professor do Programa Brasil Alfabetizado.*

****Mestre e Doutor em Educação. Tem experiência na área de Educação Popular de Crianças, Jovens, Adultos e Idosos e, é membro/pesquisador do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais-GENPEX/ UNB.*

Sobre ousadias docentes

*Bethania Medeiros Geremias**

Caro Paulo Freire,
Nesse momento em que respondo a esta carta, revisito minhas memórias e relembro dos sentidos sobre a prática docente como ato político, rigoroso e amoroso que foram sendo construídos ao longo de minha trajetória como educadora. Esse caminho, iniciado na década de 1990, no curso de Pedagogia foi marcado por inúmeras oportunidades de entrar em contato com sua obra e, mais do que isso, de me aventurar nesse caminho árduo da leitura rigorosa, exigida àqueles que não são meros comedores de palavras. Há que se mastigar cada uma e, absorver, como faz o organismo, àquelas mais necessárias à saúde do corpo. No âmbito da leitura, podemos dizer, que as novas palavras lidas precisam fazer sentido à alma e alimentar novas reflexões e permitir a criação de conceitos novos. Ah... Como é lindo ver as metáforas da vida sendo tecidas em nossos pensamentos e escrituras.

Retornando ao trajeto vivido, lembro do grande conflito ao ter que me decidir pelo curso de Pedagogia. Eu, uma adolescente de

dezesseis anos, fui persuadida por orientação paterna, de que ser professora era a melhor profissão para uma mulher. Mesmo sem estar convencida de que ele estivesse certo, fiz meu terceiro vestibular. Contando assim, revelo uma vida acadêmica precoce, marcada por escolhas apressadas e receosas quanto ao que me esperaria mais à frente. Inscrita na faculdade, me tornei uma estudante um tanto rebelde. Chegava atrasada nas aulas e adorava deixar a sala para sentar na escada frontal do prédio da faculdade para me atualizar sobre as vidas dos que ali sentavam comigo. Ao mesmo tempo, nunca deixava de estudar, de tentar compreender àqueles inúmeros autores que me eram apresentados. As disciplinas eram muitas – exigência de uma formação polivalente – e, as leituras também. A ideia de que toda a cultura profissional deveria ser transmitida nos quatro anos de curso ainda é dominante.

Eu era a mais nova da turma. Gostava de animar as colegas um pouco mais velhas com as minhas meninices e, de certo modo, era popular. Ah, mas como eu zombava do curso, apesar das notas que indicavam uma boa estudante. Dizia que aquilo não era para mim, que só estava fazendo para agradar o meu pai e que nunca, nunca mesmo, iria ser professora.

O primeiro revés, meu querido Paulo, tem a ver com você. Era 1993, uma manhã qualquer de aula. Fomos desafiados com a tarefa de fazer uma ficha de leitura do seu livro: *Professora, sim, tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. Tenho esse mesmo livro e trabalho com ele nas minhas disciplinas. Posso dizer, com todas as letras, que sou professora universitária hoje por efeito dessa leitura. Com ela, compreendi a grandeza da profissão docente em todas as suas nuances. Entendi que eu tinha escolhas. Não

precisava ser a tia autoritária e rude de meu jardim de infância, àquela imagem de tia que quase me fez odiar a escrita, ao tentar aniquilar meus desejos de descoberta e as aventuras de errar e refazer.

Com certeza, poderia lhe contar por horas à fio essas experiências primeiras, mas há outras coisas muito mais lindas para eu lhe contar. Para que você não se angustie ou pense que essas experiências me fizeram desistir, anuncio que só me instigaram a devorar livros e a questionar seus sentidos. Depois da leitura digerida e degustada pude mergulhar com gosto e coragem nos labirintos da profissão e, formada, tive minha primeira experiência como educadora na Educação de Jovens e Adultos. A maioria dos estudantes eram trabalhadores e trabalhadoras que, devido à inúmeras contingências da vida, tiveram que adiar seus projetos de ler a palavra-código, mas traziam consigo as palavras-mundo. Bastava a mim, eu pensava, buscar alternativas para que elas se materializassem nas salas de aula. Foi, então, que pude na posição em que agora me encontrava, exercitar a pedagogia-arte do diálogo. Dessa primeira experiência brotou uma peça de teatro escrita por múltiplas mãos e tecida por pensamentos diversos. Guardo com carinho a lembrança dos sorrisos e da plateia cheia de familiares, amigos e representantes da Secretaria de Educação.

Depois dessa experiência, fui professora de uma creche que atendia crianças de orfanato. Já levava comigo as sementes das suas palavras e da sua práxis. Em todos os momentos, nunca deixei de ser amorosa, mas também não me furtei de exigir que minha autoridade fosse respeitada. Já havia aprendido que autoridade não implica autoritarismo e a não confundir licenciosidade

com liberdade (de ser, viver e tornar-se mais). Tenho comigo que a liberdade do pensar é atravessada por compromissos, seja para conosco, com os outros e com todo o planeta.

Seguindo nesse desejo de ser mais, como educadora e gente, assumindo meu devir ontológico e, visando que meus estudantes compreendessem essa essência-semente que homens e mulheres possuem em sua natureza, prestei em 1998 concurso público para o magistério dos anos iniciais.

Obviamente, terei que ser breve nessa contação de histórias para não perder de vista o motivo real que me despertou esse imenso desejo de responder à sua carta. Mas, não posso deixar de expressar a riqueza de alfabetizar crianças de escolas periféricas e de ter a oportunidade, na época, de realizar inúmeros projetos na sala informatizada que, naquele momento, chegava às escolas. Foi magnífico acompanhar o processo de alfabetização acontecendo também nesse ambiente e, sobretudo, ver professoras e estudantes engajados em outras práticas de letramento. Posso dizer que foi um período de grandes desafios, mas que demonstrou o quanto as professoras precisavam estar abertas para aprender também com os estudantes que, ainda pequenos, tinham uma enorme facilidade com essas tecnologias.

Dessas aprendizagens, como professora e depois como coordenadora da sala informatizada, surgiram muitas perguntas, reflexões, dúvidas e anseios. Brotou um projeto de mestrado e um novo sentido de existência. Eu queria ser professora universitária. Foram anos de estudo e de aprofundamento. Um processo desafiador e ao mesmo tempo rico em trocas e novas aprendizagens. Tive a oportunidade de contar com grandes mestres e de conhecer diferentes lugares. Em todos esses espaços, seu livro

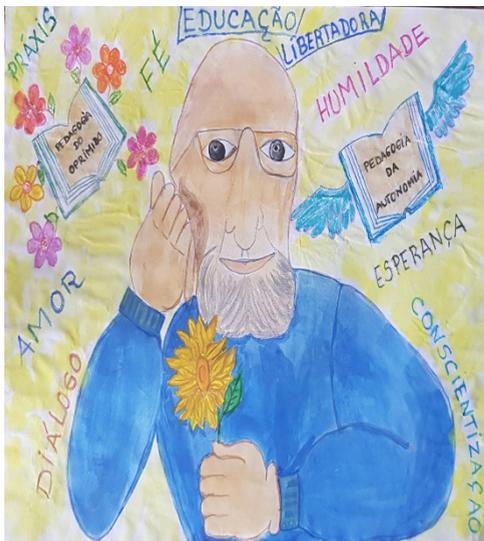
inspirador, aquele lido lá na faculdade, em 1993, seguiu comigo, fisicamente, mas, sobretudo como um alento para os dias difíceis e como incentivo para mantermos a esperança, do verbo *esperançar*.

Nesses últimos cinco anos, atuando como professora da formação inicial de educadores, brotaram novas experiências que oportunizaram dialogar com suas reflexões e utopias. Nas disciplinas tenho trazido suas cartas, àquelas escritas para os que ousam ensinar. E, mais do que isso, que ousam aprender. Hoje tenho um grupo de pesquisa chamado *TECIDO – Tecnologias, Ciências e Dodiscências*, sendo a última palavra do nome extraída dessas leituras que fiz ao longo da minha carreira.

É importante mencionar, Paulo, uma linda disciplina que leciono no Programa de Pós-Graduação em Educação, que tem como título o que considero um norte em suas viagens pelo mundo do pensamento e da prática: *Educação e razões oprimidas*. Mais do que simplesmente levar os estudantes a compreender seus conceitos, gosto de incentivar novas tessituras e relações com as suas próprias memórias e vivências, para que se sintam autores e atores de suas próprias obras, permeadas de leituras próprias: de mundo, de vida e de educação. Também, gosto de trazer outras vozes para o diálogo e beber de outras fontes, molhando as palavras com sabores diversos. Na primeira vez em que lecionei essa disciplina tentei trazer diferentes estratégias de leitura, que permitissem o diálogo e a expressão da criatividade. E ao levar tal proposta, eu mesma fui movida pelo ato criador e fiz um desenho tentando expressar essa alegria do encontro com sua obra. Essa pintura, feita em 2019, foi capa de um livro organizado por mim e publicado no final de 2020. Não

poderia perder a oportunidade de homenageá-lo nessa proximidade de uma data tão importante em que o mundo inteiro estará comemorando seu centenário de nascimento.

Apresento aqui o desenho, para posteriormente finalizar essa carta com a socialização de uma linda experiência realizada na disciplina de Didática para as licenciaturas da Universidade Federal de Viçosa, na qual leciono com alegria e orgulho. Essas palavras impressas à tinta de aquarela são àquelas que me dão suporte nesses momentos difíceis, no qual a educação passa por reveses que, talvez, mesmo você que já viveu o auge do autoritarismo e, sobreviveu a ele, jamais poderia imaginar. Tempos sinistros que nos convidam ainda mais a esperar.



Seguindo esse intuito de lhe contar sobre as minhas interlocuções com sua vida e obra, quero relatar uma estratégia que utilizei na disciplina de Didática, ofertada para estudantes de diferentes licenciaturas, em 2019.

Minha intenção, ao elaborar a proposta, era conseguir que os estudantes dialogassem com o texto e, mais do que isso que relacionassem com sua vida. Então, propus que respondessem algumas de suas cartas do livro Professora, sim; tia, não. Nessa resposta, os estudantes em grupos deveriam se dirigir aos demais estudantes da sala, contando sobre as reflexões produzidas durante a leitura. Confesso que houve um estranhamento da parte de alguns, acostumados a parafrasear e a citar textos, sem fazer conexões com os escritos ali apresentados. Mas, curiosos e criativos que são, eles responderam a três cartas, selecionadas por mim de acordo com os objetivos que eu havia formulado para a disciplina: *Primeiro dia de aula; Das relações entre a educadora e os educandos; De falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir o educando a ser ouvido por ele.*

Acho justo que ao ter essa oportunidade de conversar com você, também por carta, compartilhar alguns excertos dessas conversas e finalizar com elas. Embora saibamos que você não está mais entre nós fisicamente, é lindo explorar esse ato imaginativo de escrever para alguém que já se foi, mas que continua gerando flores, frutos e utopias.

Durante a leitura da quinta carta, Freire aponta que, ao entrar em sala de aula em nossos primeiros dias, é compreensível e possível que nós, enquanto professoras, estejamos carregadas de inseguranças, incertezas e, principalmente, de medo de não conseguirmos lidar com as possíveis situações que podem ocorrer no ambiente escolar. Assim, para superar esse receio, uma forma de começar, exposta na carta, é conversar com os alunos e mostrar que somos seres humanos como eles e, por isso, também sentimos medo da mesma forma. Estamos

de acordo com Freire que é importante que os educandos compreendam que não somos seres invulneráveis e que não possuímos sentimentos diferentes deles, mas que, na verdade, somos sim vulneráveis e cometemos erros como qualquer outro ser humano. Falar desses medos, dessas incertezas e desses anseios tem um papel fundamental para superá-los, pois assim podemos aprender a vencer esses sentimentos e também, devagar, ir ganhando a confiança dos alunos (Grupo A, 5ª carta).

Na sexta carta nos é explicada a relação do educador com os educandos. Freire expõe vários exemplos dessa relação, de ruins a bons. Alerta para a coerência do comportamento do professor dentro da sala de aula, uma vez que é através dele que os alunos irão se espelhar. Assim, não adianta que nós, como professores, exijamos mais liberdade na direção da escola para exercermos nossa profissão se, com os alunos, adotamos uma postura autoritária. Ademais, o autor ressalta o papel de transformação que um educador pode ter na vida de alguém, não só se referindo à transmissão de conhecimento, mas o de descoberta de dignidade pelo aluno. O papel do professor vai além de ensinar conteúdos, ele também tem um papel político. Para Freire não existe tema que não possa ser discutido, tudo é relevante, só depende da maneira que é apresentado. Dessa forma, é importante que saibamos da realidade de nossos alunos para entendermos como chegar até eles (Grupo B, 6ª carta).

Na sétima carta, o ponto principal trata do ato de ter voz e dar voz dentro da sala de aula. Freire diz que o professor, algumas vezes, por ocupar uma função tradicionalmente considerada de autoridade, inibe os alunos de participarem e compartilharem suas ideias e, dessa maneira, ele só “fala aos

educandos”. Diferentemente, devemos adotar a prática de falar “com os educandos”, construindo juntos e horizontalmente o conhecimento. É importante auxiliá-los no aperfeiçoamento de suas habilidades de fala e de escuta e, ao mesmo tempo, exercitar essas habilidades em nós também. Acreditamos que uma sala de aula deve ser um espaço de trocas, então, evitemos os monólogos (Grupo C, 7ª carta).

Freire, as reflexões provocadas pelas leituras de suas cartas, como vimos, parecem condizer com as suas compreensões sobre o papel da leitura e sobre a importante ação mediadora dos professores, nesse caso, dos formadores de educadores, pois “enquanto preparação do sujeito para aprender, estudar é, em primeiro lugar, um que-fazer-crítico, criador, recriador [...] (FREIRE, 2001, p. 260)”.

Entre saudades e esperança,

Viçosa (MG), fevereiro de 2021

**Pedagoga e Doutora em Educação Científica e Tecnológica. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa: Pedagogia e Pós-Graduação em Educação. Poeta nas horas vagas e pintora aprendiz autodidata.*

Educação transgressora

*Adriana Lessa Cardoso**

*Márcia Alves da Silva***

Prezado professor Paulo Freire,
Escrevemos esta carta para fazer algumas reflexões sobre as aprendizagens necessárias à docência e a pesquisa, cujo tema principal é educação e feminismo. A produção de uma pesquisa e a formação nos parece ser bem mais uma forma de subjetivar e criar interpretações. Clarisse Lispector, em seu livro *Um sopro de vida* diz ter medo de escrever. De acordo com ela,

É tão perigoso. Quem tentou sabe. Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo. (1978, p. 13).

O medo de escrever é processo de existência de como vamos fazendo uma leitura de mundo, nos apropriando de conceitos e ressignificando em ações. É um ir e vir por caminhos incertos e estar consciente da nossa incompletude. Este medo de escrever e aprender pode ter muitas motivações, fragilidades na alfabetização, cultura familiar, juntamente com a educação bancária que muito vivenciamos nas salas de aula. Essa experiência de

uma educação bancária muitas vezes limita os sonhos de estudantes, principalmente se forem mulheres, criando um determinismo do lugar, do gênero e das condições de trabalho.

Se em 2003 tivemos alguns avanços sociais, atualmente, estamos retrocedendo rapidamente, diante da presença de um governo de extrema direita, com implementação de cortes de verbas e perseguição política a partir da disseminação de concepções autoritárias de caráter fascista, e que usa, para isso, de pensamentos e ideias contrárias à ciência. Dessa forma, a produção científica, tão importante na construção de uma democracia e enquanto possibilidade de ser uma ferramenta emancipatória para as imensas parcelas da população brasileira que vivem, historicamente, à margem da cidadania, são novamente relegadas - pelas elites tradicionais do país, formadas pelo colonialismo e pelo patriarcado – a uma posição de subserviência ao capital e novamente retrocedem econômica, socialmente e intelectualmente, retornando a uma condição de dependência e vulnerabilidade. Nesse sentido, o legado de suas pesquisas vem contribuindo para reexistir neste contexto de opressão e perseguição.

A pensar a nossa experiência de professoras, passamos a re-visitar o sentido das palavras escritas nos seus livros *Pedagogia do Oprimido*, *da Autonomia e da Esperança*. Elas podem fazer sentido e preencher um vazio existencial para muitas pessoas, diante de um sofrimento devido à carência material, de recursos e acesso aos conhecimentos. Assim, queremos dizer que é o princípio da consciência de classe que a sua produção pode despertar, que não é algo nada simples, pois precisa de muito empenho para nos percebermos no mundo, pois ter consciência de

classe vai além da condição econômica. E nisso o pensamento problematizador, contextual e histórico constituidor da educação popular (EP) nos ensina a reconhecer as hierarquias do mundo ligadas ao capitalismo, colonialismo e patriarcado.

Professor Paulo, trazemos essa breve narrativa desejando poder seguir em frente, pensar nossa formação e das pessoas que nos relacionamos, e assumirmos a responsabilidade de cogitar alternativas para superar a crise educacional. Por que será que atualmente não valorizamos de fato a educação? A intelectual feminista estadunidense e sua admiradora, bell hooks, se refere a essa questão da seguinte forma: “os alunos não querem aprender e os professores não querem ensinar”. (hooks, 2017, p. 23).

Vejamos um exemplo cotidiano, muito frequente, especialmente nas faculdades privadas, porém também existente nas instituições públicas (ainda mais com o crescimento do neoliberalismo e do produtivismo acadêmico), onde muitas vezes o processo de ensino acontece de maneira bem bancária, pois damos uma lista bibliográfica, explicamos, “sanamos” as dúvidas e marcamos uma prova. E depois devolvemos um número ou um conceito apenas. Existem variantes, se “passa” um filme, se faz um seminário, em que cada aluno/a “pega” uma parte da matéria. Isso tudo para nos sentirmos aceitos em instituições rígidas. Fazemos também, para cumprir a burocracia e dar conta de um número expressivo de estudantes. Temos aqui a implementação da lógica do autoritarismo e do lucro.

Acreditamos que não é válido culpar somente o sujeito. Sem experiência, muitas vezes reproduzimos nossas vivências institucionais, por mais que estudemos as teorias progressistas.

Deste modo, pela falta de experiência e habilidades, muitas vezes recorre-se à metodologia tradicional que se tenta negar. Mas qual seria a melhor alternativa? Creio que a resposta não é simples, nem a temos, mas a reflexão e o diagnóstico já nos parecem um caminho para conduzir uma outra prática. Na construção dessa outra práxis estamos buscando uma aproximação e um diálogo entre a EP, a educação transgressora (que vem desenvolvendo bell hooks, por exemplo) e a pesquisa-formação (a partir da obra de Marie-Christine Josso). Sobre bell hooks, a autora faz um diálogo entre as pedagogias anticoloniais, crítica e feminista. Essa complexa mistura proporciona novas maneiras de ensinar, aprender e pesquisar, junto a grupos diversificados de alunas/os. (hooks, 2017).

Na nossa experiência, desenvolver uma pesquisa na área de conhecimento da educação requer a consciência crítica de que estamos pesquisando para aprender e ensinar. Essa percepção da interatividade sobre o campo da educação nos leva, além de conhecer o que vamos ensinar, valorizar a atividade docente. Atualmente, esta valorização é de suma importância pois, segundo a autora, o ensino é considerado o aspecto mais enfadonho e menos valorizado da atividade acadêmica (hooks, 2017, p. 23).

Ensinar, aprender e pesquisar, tem sido um desafio e tanto, por vezes triste e pouco animador. Estamos vivendo uma pandemia, com um governo de extrema direita liberal e ultraconservador a manifestar sua crueldade, com as parcelas mais pobres da população, pois são as pessoas mais vulneráveis e com menores chances de se protegerem. Por outro lado, como você bem sabe, somos um povo resistente e continuamos a esperar.

Podemos constatar muitas inovações e professoras/es articulando redes para dar conta de um ensino remoto, devido ao isolamento social que a pandemia impôs. Enfrentando a crise, criando e reinventando metodologias de ensino, a educação se mantém neste país, apesar de todo o caos. Diante desse desafio, ainda podemos ver a força da resistência por melhores condições de trabalho, se bem que reconhecemos que estamos amargando mais derrotas do que vitórias. Mas queremos muito que saiba que sua obra é uma inspiração ainda nos dias de hoje, e cada vez mais se torna fundamental e urgente.

Pensamos que compartilhar saberes com mulheres feministas pode conduzir a caminhos da escuta sensível e de uma práxis, pois envolve um sujeito cognoscente integral, corpo, mente e espírito. Se estudar é desocular, fazer relações, se arriscar, se aventurar (FREIRE, 2015), temos nos aventurado e aproximado também a pedagogia popular da pesquisa-formação desenvolvida por Josso, visando que as trajetórias de mulheres não são tidas apenas como fontes, mas também como relações humanas produtivas e educativas. A objetividade positivista, um obstáculo ainda muito presente na ciência e no imaginário, cede espaço para a subjetividade, reconhecendo a condição humana de interatividade e não mais um interrogatório, uma relação hierárquica entre pesquisadoras e pesquisadas.

Na concepção de pesquisa não extrativa e objetificante, o esforço pode se dedicar à transformação interna do processo científico. É as relações humanas que a ciência promove na produção de conhecimentos não pode esperar por uma utilização distante e externa, enquanto deixaria seus agentes em descuido e reificação. O papel da investigadora/professora necessita ser mais de

aproximação com abertura, escuta sensível, imersão e empatia. Desta forma, “as narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto”. (JOSSO, 2007, p. 413).

Para Josso, a dimensão de si não é passível de fragmentação, por isso, centrar numa abordagem de auto-formação permite desviar de certas amarras e situações bem comuns da produção narrativas, pois o objetivo da pesquisa formação é uma compreensão dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem. (JOSSO, 2007). Nossa aproximação à pesquisa-formação reflete na importância da formação a ideia central de não naturalizar os sujeitos. Fato que mais uma vez afirma as convergências com a EP e com a educação transgressora. A auto-formação, a EP e feminista se relacionam diretamente com o conhecimento, consciência crítica, estabelece vínculos com aprender a ser no mundo, mas também ter a percepção que o mundo é movimento. Precisamos, com base nos estudos feministas de caráter crítico e de(s)colonial que o mundo capitalista criado historicamente e socialmente estabeleceu espaços sociais para as mulheres diferente dos espaços sociais para os homens, bem como as diferenças também ocorrem em relação a raça, a classe, a idade, a sexualidade. Compreendemos a urgência de aprender a ser no mundo, por meio de uma educação politizadora e transgredir os mecanismos de opressão.

Por fim, professor Paulo, apesar dos imensos desafios que se colocam para todas/os as/os professoras/es que, como nós, acreditamos na educação como ferramenta de emancipação das pessoas mais oprimidas, escrevemos com prazer e só podemos agradecer a esta oportunidade. Buscamos trabalhar a

aproximação em uma relação cotidiana de leitura de mundo que precede as palavras e conceitos, reivindica estarmos juntas/os. A preposição ‘com’ muda completamente o paradigma educacional e, neste sentido, essas perspectivas teóricas e metodológicas se reafirmam enquanto um conhecimento situado, histórico e dialético. Sua obra nos inspira e nos fortalece, e por isso só podemos dizer: muito obrigada.

Esperançando a boniteza no mundo,

Pelotas (RS), fevereiro de 2021.

Referências

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Revista Educação: Porto Alegre*. Ano XXX, n. 3 (63). P. 413-438, Set/dez. 2007.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

**Licenciada em Geografia, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel, pesquisadora do Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero – D’Generus.*

***Socióloga, professora da Faculdade de Educação FaE/UFPel, Coordenadora do Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero – D’Generus.*

De professor para professor/a

*Waldeci Ferreira Chagas**

Querido Paulo Freire, professor/a e artista fazem o povo pensar, são formadores/as de opinião, tiram às pessoas dos seus lugares, acomodações e zonas de confortos; mechem com suas cabeças, não dizem o que devem fazer e nem que lugares devem ocupar no mundo. Por isso, incomodam, pois fazem as pessoas verem a vida como um campo de possibilidades. Muitos nem sabem das suas capacidades, por essa razão a prática docente deve ser constantemente refletida.

A vida quis que eu me tornasse professor. Eu não escolhi ser professor, fui sendo formado na relação cotidiana com vizinhos, parentes e amigos. Quando menino eu queria ser engenheiro. Menino eu sonhava muito; sonhava com coisas, que os adultos consideravam impossível realizar. A minha mãe considerava tudo era possível, desde que houvesse ação, investimento.

Nos papéis de embrulho desenhava casas e máquinas que se desmanchavam com o tempo, com o desmanche dos papeis foi-se os primeiros desenhos, o engenheiro e os projetos nunca realizados, começou a se forjar o professor.

Quando menino nos anos 1970 no Bairro dos Novais, onde morava na periferia de João Pessoa, convivi com muita gente que não sabia ler e escrever a palavra escrita. Aprendi a ler e escrever fora da escola oficial, numa escola de fundo de quintal mantida por umas normalistas. Antes de ir para a escola oficial, frequentei três escolas de fundo de quintal mantidas por normalistas; ainda lembro o nome de duas delas, Dona Beta, Dona Nilda. Ambas ensinavam os meninos e meninas ler e escrever nos quintais das suas casas. Depois que as professoras me ensinaram a ler e escrever palavras, passei a projetar e desenhar meu mundo. O mundo que passei a desenhar com letras e palavras era diferente do que eu vivia. Eu sonhava com outro mundo. Não gostava do mundo em que vivia. As professoras me mostraram outras possibilidades de desenhar e construir o mundo.

De posse da leitura e escrita, passei a desenhar não apenas casas e máquinas, mas escrever sobre condições de vidas e mundos. Um novo mundo passou a ser possível. Na época saber ler e escrever fez a diferença. No bairro onde morava pouca gente lia e escrevia inclusive entre meus familiares. Meu pai lia e escrevia minha mãe não. Mas foi ela quem me indicou a escola e tudo fez para que nela permanecesse, e nela estou, até hoje. Minha mãe disse que me colocou na escola para eu ser gente. Eu me via como gente, ela não. Para minha mãe ser gente estava associado a saber ler, escrever, saber falar e ter uma profissão.

Na época menino e menina não liam em público. Pais e mães não ensinavam o dever de casa dos seus filhos porque não sabiam ler e escrever. Os adultos se envergonhavam de não saber ler e escrever. Sentiam-se culpados. Os meninos e meninas não liam na frente dos adultos, principalmente dos seus pais; alguns deles

ao invés de orgulharem-se de ver os filhos saberem ler e escrever sentia-se humilhados. Minha mãe, ainda que não soubesse ler e escrever orgulhava-se de eu saber, e sempre me pedia que lesse para ela. Eu lia e gostava, principalmente quando a leitura era para um público formado pelos vizinhos. Não lia para envergonhar outras pessoas, mas para mostrar que sabia e estimulá-las a ler também. Depois entendi porque minha mãe me colocou na escola para eu ser gente. Na compreensão da minha mãe quando eu lia me tornava gente, porque aprendia muita coisa.

No grupo escolar onde fiz o primário, as professoras sempre faziam leituras, depois do recreio até o fim da aula, era só leitura e escrita. Eu gostava de ler e escrever, sobretudo, porque era a oportunidade para inventar um mundo diferente do que eu vivia. No mundo que eu escrevia no caderno da escola tudo era bonito, alegre e colorido. Não era uma boniteza da televisão, mas do que meus olhos enxergavam nas coisas que existiam e se vivia no bairro.

Não demorou e todas as tardes passei a ir de casa em casa ensinando os deveres dos meninos e meninas que moravam na mesma rua que eu, e em troca os pais que podiam me davam algumas moedas. Eu não exigia, mas eles me davam como forma de gratidão pelo feito. A noite ainda lia e respondia cartas que os vizinhos recebiam dos familiares que moravam no Rio de Janeiro e São Paulo; pessoas que nunca conheci. Assim o professor foi se formando sem que eu soubesse e quisesse. Eu queria ser engenheiro. Em 1972 eu já estudava na escola pública oficial, e não mais na escola de fundo de quintal; estudava no “Grupo Escolar Municipal Dr. Napoleão Laureano”, eu escrevia assim, entre aspas. Tirava do quadro, conforme as professoras

escreviam. Nesse grupo estudei da primeira a quarta série primária, e admirava as professoras, elas sabiam de tudo e me ensinavam tudo. Eu dizia que quando crescesse queria saber tanto quanto as minhas professoras: Dona Justa, Dona Edite, que também foi diretora do grupo escolar, Dona Maria Veloso, Dona Maria dos Anjos. Havia também Dona Graça, que foi diretora, mas não foi minha professora. Elas sabiam tudo. Com elas aprendi mais do que ler e escrever aprendi tantos conhecimentos, que todas as tardes passei a ensinar aos meninos e meninas da rua onde morava. Eu não brincava de ser professor, e nem de escola, eu ensinava o que as professoras me ensinavam. Eu queria ser engenheiro. As professoras me ensinaram a ler e escrever. Passei a desenhar e construir outros mundos. Elas me possibilitaram conhecimentos; condições indispensáveis a erger qualquer grande obra. Elas fizeram dos livros, e dos conteúdos neles existentes a massa e o tijolo que me possibilitaram construir obras e mais obras. Por onde andam o que fazem e o que pensam os meninos e meninas que aprenderam no Grupo Escolar Dr. Napoleão Laureano, no período de 1972 a 1975? Por onde andam as professoras primárias com quem aprendi o gosto pela leitura e escrita? Com elas nutri o desejo de que outros também aprendessem a ler, escrever, que tivessem acesso à educação, ao conhecimento e se tornassem engenheiros/as da vida. Com elas me tornei professor. Eu queria ser engenheiro, a vida quis e me tornou professor. Se não tivesse me tornado professor seria artista; artista e professor/a fazem o povo pensar. Professor/a alimenta a mente, forma cidadãos, artista alimenta o espírito, também forma cidadão.

Querido Professor Paulo Freire, por isso em seu nome

endereço essa carta a todas as professoras primárias, que todos os dias ensinam os meninos e meninas do Brasil a ler e os possibilitam que escrevam suas histórias, construam suas vidas, sejam cidadãos. Certamente, alguns como eu se formarão professores e professoras e continuarão essa lição que o Senhor nos ensinou: acreditar na educação como meio de transformação da pessoa, tornando-a capaz de transformar o mundo.

Abraços com amorosidade,

Guarabira (PB), fevereiro de 2021

**Cidadão Brasileiro, Militante Negro, Professor. Graduado em História pela UFPB, Mestre e Doutor em História do Brasil pela UFPE. Integrante do NEABI/UEPB/Guarabira, Ensina História da África, e História e Cultura Afro-brasileira e Indígena na UEPB/Campus Guarabira.*

Diálogo a partir da agroecologia

*Euriko dos Santos Yogi**

Ao nosso eterno professor. Desde que partiste o contexto social brasileiro vem sofrendo significativas mudanças. As políticas sociais do campo, graças aos esforços das organizações e movimentos sociais, avançaram! Finalmente a agricultura familiar surgiu como categoria de análise e de intervenção do poder público. Não podemos deixar de dedicar essas conquistas à pessoa que dedicou seu tempo para alfabetizar e gerar autonomia aos que mais precisavam de atenção.

Vimos no Brasil um operário pernambucano chegar à presidência da república, lamento que não tiveste a oportunidade de presenciar tal feito. O Lula honrou boa parte de seus compromissos, teve uma atenção especial aos camponeses, que dedicam suas vidas à produção de alimentos. Acompanhamos o surgimento de políticas sociais do campo que visibilizaram todo o potencial endógeno de nossos agricultores tradicionais. Seus saberes foram valorizados e as cosmovisões inerentes a cada grupo e em cada região do Brasil emergiram.

Através disso foi possível construir políticas que empoderaram a população, exemplo disso foi o surgimento da ASA – Articulação do Semiárido, que desenvolveu as políticas de construção de cisternas para aliviar a sede de milhares de nordestinos. Veja só, a cisterna partiu da ideia de um agricultor que migrou para o sudeste e ganhou a vida construindo piscinas para pessoas ricas. Ao retornar para sua terra encontrou pessoas com a escuta ativa, ensinados pela leitura freireana, juntos fomentaram a ideia que se tornou uma das maiores e bem sucedidas políticas de convivência com o semiárido.

Em meio à formulação de políticas para a agricultura familiar, presenciamos o surgimento da PNATER – Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. O texto da PNATER tem um forte caráter freireano, pois privilegia a ação contextualizada e participativa, um legado que deixaste através da Educação Popular. Uma pena que o termo extensão rural não tenha sido substituído, ainda, por comunicação popular do campo.

Outra influência para a PNATER foi o surgimento e popularização da Agroecologia, que surgiu na Europa como uma ciência, mas que ao chegar à América Latina foi tomada também como movimento, graças a interpretação e trabalho dos Movimentos Sociais do Campo a agroecologia passou a ser interpretada como movimento de transformação social e rompeu os muros da academia dura, excludente e positivista.

Sei que em seus textos, principalmente o livro “Extensão ou Comunicação?” a agroecologia não estava presente como conceito, mas acredite, estava presente como ideia. Não é por acaso que boa parte dos agroecólogos e agroecologistas são entusiastas da leitura freireana.

A agroecologia propõe a multidisciplinaridade e participação como pilares fundamentais para a construção do conhecimento no contexto da produção de alimentos, isso porque, junto ao movimento ambientalista, movimentos sociais do campo e agricultores tradicionais é entendida como uma forma de superar as mazelas sociais e ambientais geradas pela Revolução Verde via Modernização da agricultura.

A multidisciplinaridade colabora para que o entendimento sobre a sociedade e meio ambiente passem a articular as diversas formas de conhecimento assumindo a complexidade do mundo material. Assim, a Educação Popular nos ensina a fomentar a comunicação entre técnicos e agricultores camponeses / tradicionais.

Como agrônomo, devo às leituras e métodos freireanos a minha própria autonomia na forma como enxergo o campo e a sociedade. Pois tomaste o agrônomo como educador, e dedicaste teu tempo para escrever sobre o equívoco da palavra “extensão”, quando na verdade se trata de comunicação. Foi através das leituras dos teus textos que pude me libertar da prisão construída no processo da graduação em agronomia. A agroecologia foi a segunda porta aberta, já que me retirou da cegueira acadêmica.

Por isso professor, me arrisco dizer que a agroecologia é grande, é gigante... é imensa ao ponto de cada realidade concreta criar seus próprios conceitos sobre ela. Cada local e cada sujeito imerso nessa realidade pode criar seus próprios conceitos de agroecologia, isso porque vai além de ser uma ciência, uma prática ou um movimento, a agroecologia permite que os sujeitos se libertem do peso histórico da colonização e da modernização, numa dinâmica orgânica de recriação dos próprios “eus”, assim

como recria o “nós”.

É imensa a satisfação de poder escrever sobre a agroecologia e sobre as políticas públicas alcançadas no contexto brasileiro, como dito antes, és um dos pilares dessa realidade conquistada.

Quando a leitura de Paulo Freire se torna extremamente valorizada em cursos de graduação e escolas do campo, significa que todo árduo trabalho desenvolvido em prol da Educação Popular ganhou novas vozes com raízes profundas na justiça social.

Sim, a agroecologia já possui graduações espalhadas pelo Brasil todo. Sei que quando escrevestes “Extensão ou Comunicação?”, você se referia aos agrônomos educadores, mas se soubesse do contexto do agronegócio brasileiro nos dias de hoje, e o desenvolvimento da agroecologia, certamente o texto seria direcionado aos agroécólogos e agroecologistas.

Foi no contexto de contestação ao agronegócio e aos agrônomos positivistas que a agroecologia tomou fôlego e se popularizou no Brasil. Os seus textos foram fundamentais para libertar também alguns dos agrônomos formados pelo mundo... Exemplo disso, a presente carta é redigida por um agrônomo agroecologista.

Iniciei esta carta com o otimismo que nosso atual contexto político exige. Sim, apesar dos avanços que descrevo, nosso atual contexto carece da leitura e interpretação dos teus textos, mais do que nunca. Recentemente o Brasil foi tomado por uma onda de ódio camuflada de liberalismo e conservadorismo, veja a contradição!

Uma figura pequena, cujo nome não merece ser mencionado, chegou a presidência da república com um discurso religioso e de armamento da população... Prega contraditoriamente Deus

e a violência. Foi possível ver em sua campanha a incoerente figura que vestia a camisa de Jesus e gesticulava armas com as mãos. Nosso querido pernambucano, herói de outros tempos, o Lula, foi preso, numa das maiores perseguições políticas dos últimos tempos. Nossa presidenta da pátria educadora, a Dilma, sofreu *impeachment* (injustamente) com auxílio da mídia e dos poderosos empresários ricos que se recusavam a aceitar a ascensão da classe trabalhadora.

Apesar disso tudo o povo resiste! Resiste e continua lutando por dias melhores. Seus textos continuam a gerar esperança de dias melhores e continuam a fomentar a luta cotidiana dos movimentos sociais. Ficarias encantado ao ver as bandeiras estampando teu rosto em protestos pelas ruas.

É cruel nosso contexto atual, as políticas sociais e tudo que foi construído pelos trabalhadores vem sendo minado sistematicamente em prol de um projeto das elites brasileira. As políticas públicas para agricultura familiar sofrem um desmonte por dia.

A esperança de dias melhores reside na resistência do povo, na resistência do camponês, na resistência daqueles que ainda se importam. É por isso que a leitura de seus textos se torna nossa principal fonte de inspiração. Apesar do desmonte das políticas, os ensinamento dos bons tempos nos fazem colher frutos, literalmente! Camponeses e camponesas do Brasil, no contexto de uma pandemia global¹, colhem e doam alimentos aos que mais necessitam.

Sim! Em meio ao caos político que nós vivemos, surge um vírus altamente contagioso e que leva à morte milhares de pessoas pelo

¹ A doença do coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada por um coronavírus recém-descoberto.

mundo. Além dos efeitos da doença, o Covid, como é chamado, resultou em uma crise econômica sem precedentes, uma vez que demanda o distanciamento social, impedindo aglomerações.

Enquanto o MST é criticado pela mídia e pelos poderosos, continua a incentivar e promover a agroecologia e a produção de alimentos saudáveis. Saiba que hoje o MST é o principal produtor de arroz orgânico de nosso país. Isso é fruto do teu trabalho também.

O objetivo dessa carta é, de alguma forma, te mostrar que todo o suor da tua testa teve um resultado incrível. Fico feliz de poder te escrever hoje para contar um pouco sobre a agroecologia e a influência que a educação popular tem na caminhada e na construção de uma ciência que se tornou movimento social.

O atual contexto político, desfavorável aos mais necessitados, não é uma novidade em nosso país, o senhor que o diga! Exilado na ditadura militar não deixou o desânimo tomar conta e endurecer seu coração. Continuou a militância e a pesquisa para promover sua didática, que é conhecida e reconhecida no mundo todo.

Você nos deixou um legado que ninguém é capaz de tirar, isso porque quando um camponês se torna autônomo, quando consegue fazer a leitura do mundo através das palavras, também é capaz de transformá-lo. A esperança tem nome e sobrenome, a esperança de dias melhores se chama Paulo Freire, nosso eterno professor.

Fico feliz de concluir essa carta com o sentimento de esperança de dias melhores. Como entusiasta da agroecologia eu me comprometo a estudar, pesquisar e colocar em prática teus ensinamentos, pois sei que serei apenas uma semente em solo fértil.

Através do semeio, a perspectiva é de que haja o maior número possível de germinação. Dessa germinação virão as florestas!

Não me deixo abater pelo contexto político, sei que das contradições nascem as mais brilhantes soluções. Citei dois pernambucanos ao longo do texto, duas pessoas que possuem em sua história a marca do nordestino... “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

Seremos fortes, seremos freireanos.

Santa Maria (RS), fevereiro de 2021

**Agrônomo formado na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, com mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, doutorando do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Colaborador do Núcleo de Extensão Rural Agroecológica - NERA.*

Sigo aprendendo

*Priscilla Bibiano**

Olá, Paulo Freire!
Enfim resolvi responder aquela carta¹ que você enviou em 1993. Na verdade, venho respondendo a essa carta desde quando era gente miúda... antes até de você tê-la redigido. E penso que você gostaria de ver como o sonho dessa menina vem se materializando em sua escolha profissional. Pode parecer estranho dizer que uma carta é respondida mesmo antes de ter sido escrita, mas acontece. No caso de sua carta, ela vem sendo corporificada por tantas outras pessoas, em tantos tempos diferentes. Pessoas que, como eu, insistentemente, ousam manter viva a paixão de ensinar.

No mês de fevereiro/2021, completei 43 anos. Não gosto de datas comemorativas, talvez porque sofri um bocado com seu apelo comercial desde criança, quando o papai Noel era uma figura vingativa dentro da minha casa – já que eu sempre era uma boa menina e, mesmo assim, em alguns anos, ele não entrava

¹ Esta carta foi retirada do livro Professora sim, tia não – Cartas a quem ousa ensinar, no qual Paulo Freire dialoga sobre questões da construção de uma escola democrática e popular. Este livro foi escrito durante dois meses do ano de 1993, pouco tempo depois de sua experiência na condução da Secretaria de Educação de São Paulo.

pela chaminé (eu acreditava ser pelo fato de não ter), ou entrava e deixava itens diferentes dos esperados e escritos nas cartinhas (que passavam pela correção da “tia” da escola). Ah, tinha também o coelhinho da Páscoa, a fada do dente, personagens malvados que, a despeito dos boletins nota 10 em tudo, insistiam em pular o número da casa humilde que morava.

Fora os personagens, havia também uma incógnita com os meus pais: “Como pode eles não darem presentes no dia das crianças? Como pode eles aceitarem roupas usadas e eu ter que vestir – mesmo que fossem grandes demais ou pequenas demais? Por que não tem sobremesa, por que tem dias que a comida não tem variedade?”. Apesar dos engasgos, que não chegavam a ser dissabores, pois a pouca idade ainda não comportava grandes abstrações ou questionamentos existenciais, eu sentia falta daquilo que minhas coleguinhas da escola tinham (Paulo Freire, lembrei agora dos lanches e dos papéis de carta – que faziam parte da minha realidade, mas como algo que também não tinha acesso). Sentia angústia também quando era data comemorativa em que precisávamos levar dinheiro para a escola e eu passava vergonha por não levar – tipo: lembrancinhas para comprar no Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia dos Professores, festinha de final de ano que tinha que levar um doce ou salgado e um refrigerante...

Hoje, elas não me doem mais; cresci, ocupo um lugar – na terrível estratificação socioeconômica – que me permite viver estas “comemorações” como eu queria ter vivido enquanto criança. Mas elas não me fazem mais sentido, não quero vivê-las e optamos (a família que construí também cresceu aprendendo assim) por não ceder aos apelos comerciais destas datas. Não

trocamos presentes em Natal, não compramos ovos de Páscoa.

Já em relação às datas comemorativas natalícias, tenho imensa paixão! Desde sempre. Uma data que celebra a existência. Ahhhh, a individualidade presente! É o dia da pessoa! Não há motivo para comparações: é o seu dia! Se houve – ou não – presente, não importava... Ninguém iria te menosprezar com o ovo maior, o presente melhor. As atenções são daquela e para aquela pessoa. E, além de tudo, inclusive na escola, era festa: você ganhava parabéns de todo mundo, era abraçada e aguardava ansiosamente para o bate palmas. Nesta data, sim, a inocência e a pureza de sentimentos das crianças tinham lugar... a solidariedade e o afeto se faziam o melhor presente. Voltávamos para casa com o coração transbordando. Quase sempre, um cartãozinho assinado por todos os colegas.

Sabe, Paulo Freire, aquelas professoras – em suas práticas, mesmo de modo não intencional, se prestavam à manutenção do *status quo* e saliência das desigualdades sociais. Em sua maioria, eram boas pessoas e boas professoras... Mas não viviam uma pedagogia libertadora. Hoje, consigo ver que elas não tinham plena consciência do que faziam. Seu que-fazer era técnico: ensinar a turma a ler, escrever e fazer contas. Não importava de “onde” vínhamos, não importava se nossos Natais não tinham presentes e nossas Páscoas não tinham ovos... A lição tinha que ser dada.

Fizeram bem esta lição, em relação a mim: sou boa com as palavras, tanto de leitura quanto de escrita e transito bem pelos conceitos matemáticos. Claro que ainda me embolo com algumas regras da Língua Portuguesa – são tantas... Não guardei todos os novos acordos, troco esse, este, isto, isso (preciso melhorar neste – ou seria nesse? – quesito). Mas tenho boa interpretação

de texto, entendo e me faço entender. Porém, não posso deixar de pensar, como professora progressista que sou, que meu gosto pela aprendizagem teve grande relação com as falas (embora coloniais) da minha mãe e do meu pai: você precisa estudar para “ser alguém” na vida; e com meu sonho de um mundo melhor no qual as crianças fossem tratadas como “iguais”. Sobre isto, quero te contar brevemente.

Noite de terça-feira de carnaval, uma mulher em cima de um caminhão, percebe que está na hora de dar à luz... Manhã de 08/02/1978: na corda bamba, entre o frenesi do Carnaval e o recolhimento da quaresma - numa quarta-feira de cinzas, o choro de uma menina cheia de vida inunda o hospital de uma cidadezinha do interior. Quartinho rosa de princesa??? Rsr... Sem quarto, sem pulseira ou brincos de ouro... nem mesmo bijuteria... sem isso, sem aquilo... O berço que acolheu aquele corpinho era uma caixa de papelão que, carinhosamente, fora enfeitado com filó assim que a pequena foi prá casa. Cheia de negações, mas cheia de cuidados essenciais, fez da educação sua possibilidade de sair da condição de vítima e de viver num mundo mais justo e igualitário para todo/as. E esta foi a razão pela qual escolheu ser professora.

Venho de um tempo em que ser professora era um grande orgulho para as famílias: minha filha é professora! (As coisas mudaram, talvez possamos conversar disso num outro momento). Mas era fato que, para alcançar meu sonho, eu tinha que estudar. E não era um sonho pesado; hoje, quando falamos em ter que estudar, aparenta que será pesado... Para mim, nunca foi. Eu gostava de aprender e tinha prazer em ir conhecendo e sabendo mais do mundo. Como sempre me destacava nos conteúdos, também

era uma forma de me fazer menos invisível na escola, além de alegrar a família e deixar orgulhosos meus pais e a mim mesma.

Quando escrevemos uma carta, esperamos a resposta. E é por isso que resolvi te escrever. Para responder sua carta, aquela que escreveu especialmente aos professores, convocando-nos ao engajamento na luta por uma aprendizagem efetiva, da palavra e do mundo. Te escrever está sendo uma das maneiras de comemorar o seu centenário de vida. Que data maravilhosa! Tão diferente das datas que, especialmente na escola, me machucavam – mesmo tão pequena! E, comemorar com você, além do fator amadurecimento, do fator tempo, tem o fator consciência.

Encontrei no dicionário² que comemorar é trazer à lembrança; recordar, memorar, homenagear. Lá diz também que é realizar cerimônia de evocação de um fato, um acontecimento, uma pessoa. Comemorar, etimologicamente: origem latina – *commemorare* – e significa trazer à memória. *Commemorare* também significa *com-memorare*, isto é, recordar com, recordar junto com o outro. Já, homenagear, temos que é expressão ou ato público como mostra de admiração e respeito por alguém. São muitas as pessoas, movimentos, coletivos, instituições que estão realizando verdadeiras cerimônias para celebrar seu centenário... estamos em plena consciência da importância de *com-memorarmos* e homenagearmos você.

Sabemos também que você nunca gostou muito de honrarias, um homem sem vaidades que dedicou a vida a favor da libertação dos oprimidos. Então, o que estamos aqui a fazer, não é reverenciar sua figura, mas refletir sobre seu legado, e reinventá-lo naquilo que nos é possível. E olha, Paulo Freire, tem sido cada

2 Dicionário Online Oxford Languages

dia mais difícil. Nada de ficar lamuriando a situação deprimente de nosso país, nem de te aborrecer com os desgovernos e bárbaries que estamos vendo se instaurar; mas, realmente, manter viva a paixão de ensinar tem sido audácia e ousadia.

Em relação à sua carta, quero te dizer que li com todo cuidado e rigor, além de muito carinho, e gostei demais. Uma carta que exorta, que incomoda e desacomoda, mas que toca e orienta – como todos os seus textos. Logo no começo, quando diz da “significação crítica do ato de ensinar, assim como a significação igualmente crítica de aprender”, já podemos trazer para nós – educadores e educadoras – a riqueza e responsabilidade do nosso “ofício”. Sim, é necessário estar “disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer”. Neste ponto, me lembro do que eu te disse sobre minhas professoras de antigamente: elas se envolviam com nossa aprendizagem, mas não com nossa curiosidade. Creio que retratam o que você chamou na carta de burocratas da mente. Será que é por isso que a aprendizagem mecânica não “dura”? Como nos alerta outro querido, seu colega Rubem Alves:

Pense na memória como um escorredor de macarrão. Um escorredor de macarrão é uma bacia cheia de furos. A gente põe o macarrão na água fervente para amolecer. Amolecido o macarrão, é preciso livrar-se da água. Jogam-se, então, macarrão e água no escorredor de macarrão. A água escorre pelos buracos, e o macarrão fica. A memória é assim: ela se livra do que não tem serventia por meio do esquecimento.

Olha só, deve ser por isso que não guardamos grande parte do que aprendemos na escola: não nos tiveram serventia. Isso

é o que você chama de educação bancária, não é mesmo? E são muitos os conhecimentos trazidos como conteúdos e que serão água de macarrão, tempo e dinheiro jogados fora. Além de todo um saber de experiência feito (como você diz) que não é enxergado e nem é trazido para dentro das salas de aulas sob o pretexto de não serem válidos, científicos.

Outro ponto que muito me chamou a atenção foi sobre a formação continuada. Você escreveu que a responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de entender que sua formação deve se tornar processo permanente e que deve se fundar na análise crítica de sua prática. Seria muito bom se isso fosse uma realidade para todos nós, educadores e educadoras. Mas os governos não mudaram muito daquilo que você viu e viveu.

Hoje a formação continuada está prevista na legislação, nos orçamentos; mas, eles ora são desviados, ora são investidos em temáticas que não acrescentam muito na prática docente. O ideal é que os docentes fossem ouvidos na e para a elaboração dos planos de formação. Há, também, um grupo grande de educadores que, por todo o contexto educacional, se cansaram e desistiram de investir na própria formação – seja economicamente ou no sentido de entusiasmo: mesmo nos cursos proporcionados “sem custos”, estão tão cansados que não se abrem para a aprendizagem, para a revisão do sabido. Como o cotidiano não é trazido para ser repensado, os conceitos ficam, em sua maioria, na teoria. Não há um processo de conscientização, de leitura de mundo, como você ensina. E ainda acontece nas formações, na maioria das vezes, do jeitinho que você disse que recusava, em sua carta:

uma forma de trabalho em que fossem reservados os primeiros momentos do curso para exposições ditas teóricas sobre matéria fundamental de formação dos futuros educadores e educadoras. Momento para discursos de algumas pessoas, as consideradas mais capazes para falar aos outros.

Sim, talvez, se as formações acontecessem, como disse, por meio de “discussão crítica sobre a prática”, com a participação de todos e todas, as pessoas se engajassem mais.

No dia seguinte, no seminário de avaliação de formação, de quatro horas, se discutiam os equívocos, os erros e os acertos dos candidatos, na presença do grupo inteiro, desocultando-se com eles a teoria que se achava na sua prática. [...] Dificilmente se repetiam os erros e os equívocos que haviam sido cometidos e analisados. A teoria emergia *molhada* da prática vivida.

Paulo, que jeito bom de olhar para o próprio trabalho, depurando-o e crescendo com o próprio erro. Piaget já nos falava do erro construtivo. Engraçado que, nos grupos de formação, aprendemos sobre isso, mas, na prática, o erro não pode acontecer. De qualquer forma, fica sua exortação: que o processo de formação docente tem que ser permanente, que “estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria.”

Outro item de sua carta que queria retomar com você: o uso de instrumentos fundamentais para ser um bom leitor, que codifica, decodifica mas que, além das palavras, lê o mundo. Muito bom quando aponta a importância de dicionários diversos (como pôde ver em minha carta, adoro o dicionário etimológico... viajo nas histórias que moram nas palavras). Ah, sabia que fizeram um dicionário para você??? Se chama Dicionário Paulo Freire³,

³ STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. Dicionário Paulo

ele é maravilhoso: um dicionário de verbetes; verbetes das categorias principais de seu pensamento, um primor! Eu tenho o meu e não o deixo longe de mim.

Gostei de saber que você também utilizava estes instrumentos, preciso confessar – muitas vezes achamos que você era (é) tão gigante que não precisava de artefatos:

O tempo que eu uso quando leio ou escrevo ou escrevo e leio, na consulta de dicionários e enciclopédias, na leitura de capítulos, ou trechos de livros que podem me ajudar na análise mais crítica de um tema – é tempo fundamental de meu trabalho, de meu ofício gostoso de ler ou de escrever.

E dei risada quando puxou nossa orelha de leitor/as:

Enquanto leitores, não temos o direito de esperar, muito menos de exigir, que os escritores façam sua tarefa, a de escrever, e quase a nossa, a de compreender o escrito, explicando a cada passo, no texto ou numa nota ao pé da página, o que quiseram dizer com isto ou aquilo. Seu dever, como escritores, é escrever simples, escrever leve, é facilitar e não dificultar a compreensão do leitor, mas não dar a ele as coisas feitas e prontas.

Realmente, às vezes, temos que buscar o dicionário para compreender certas coisas. Isso não é vergonhoso, é um jeito de se implicar com o próprio conhecimento. Pode deixar, estarei ainda mais atenta a isso. Paulo, você é fantástico! Além de tudo, ainda nos deixou na carta umas “diquinhas”: anotar, rabiscar, rascunhar, escrever notas, fichas de leitura; e mais, fazer leitura de estilos diferentes de escritores “que não temem trabalhar sua linguagem a procura da boniteza, da simplicidade e da clareza”. Já estou até com vontade de ler um poema. Como é bom conversar com você! Você me inspira!

Como te contei, eu nunca tive problemas com minha formação continuada porque, desde pequena, estudar tornou-se o meio de realizar um sonho; portanto, sempre foi leve. Sempre me trouxe prazer. Claro que, de vez em quando, a cabeça pede pausa, mas acho que é normal. E sim, novamente concordo, tendo por base minha vida, que

Se estudar, para nós, não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação.

Nossa, como conversamos! Como foi bom dialogar com você assim, por carta, um gênero textual mais intimista, mais afetivo até. Te escreverei mais vezes. Mas, antes de terminar, queria dizer que você fechou a carta com chave de ouro ao dizer que as condições materiais da sociedade interferem nos processos de leitura e escrita, mas que não é correto esperar que as transformações materiais se processem para que depois comecemos a encarar corretamente o problema da leitura e da escrita.

Você, cada dia mais, me mostra o quanto meu compromisso com a educação precisa estar ancorado no desejo de ser mais e na busca de competência técnica, do rigor metódico, aliados a posturas humanizadas.

Ainda dialogaremos muito, neste ano. As com-memorações apenas iniciaram. Parabéns a você, nesta data querida!!!

Cordialmente,

Varginha (MG), fevereiro de 2021

Referências

ALVES, Rubem. Inúteis e perniciosos. São Paulo: Folha de São Paulo. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u525.shtml>. Acesso em fev/2021.

FREIRE, Paulo. Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra. In: Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar. 4ed. São Paulo: Olho d'Água. 1994. 127 p.27-38)

**Mestra em Educação pela Universidade Federal de Lavras/UFLA. Aluna especial no Programa de Pós-graduação Strictu Senso em Educação da UFRGS. Graduada em Pedagogia, especialista em Gestão Educacional pela PUC/RS e em Design Instrucional para EaD Virtual pela Universidade Federal de Itajubá/UNIFEI/MG. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Popular e Pedagogia Social. Foi Coordenadora Municipal de Educação Social, na Prefeitura Municipal de Varginha/MG, coordenadora pedagógica e educadora social do Instituto dos Irmãos Maristas. Atualmente é supervisora pedagógica Secretaria Municipal de Educação de Varginha/MG. E-mail: pbibiano@gmail.com*

Aprender é uma aventura criadora

*Sandra Maria Xavier Beiju**

Respeitável Mestre Paulo Freire,

“...o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende”

Hoje, domingo de carnaval de 2021, estamos no segundo ano da PANDEMIA do “Coronavírus”. Parei e sentei para escrever esta carta ao querido mestre Paulo Freire, que poderá ser publicada em um volume da EDUEPB – Editora da Universidade Estadual da Paraíba. Sempre gostei de escrever cartas. Lembro que na adolescência me correspondia, por carta, com pessoas de vários lugares do Brasil, cujo nomes e endereços eu localizava em sessões de revistas populares que circulavam nos anos 80/90. A sensação de escrever, envelopar e postar cartas nos correios era muito agradável. Apenas era superada pela emoção de receber cartas das mãos de Roberto – o carteiro de então. Às vezes, ele me encontrava no meio da rua, e, se estivesse com o malote, no mesmo instante me entregava cartas.

Eu escrevia e recebia cartas toda semana. Sabe por que estou

lhe contando sobre essa “memória afetiva” que emergiu no ato de lhe escrever esta carta, Mestre Paulo Freire? Porque a primeira leitura que fiz de uma obra completa de sua autoria, foi exatamente um livro escrito na forma de cartas: “Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar”. Gostei tanto desse livro e do impacto que me causou: foi um impacto político pedagógico forte. A partir desta leitura, eu já professora da escola pública e ao mesmo tempo estudante do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, me apropriei de uma compreensão crítica sobre o apelido “Tia” para identificar no espaço da escola a professora de crianças, principalmente. E a partir de então, nunca mais aceitei ser tratada por “Tia” no exercício da minha profissão.

Todo ano promovo uma conversa pedagógica com as crianças e suas mães sobre esse tema e peço-lhes para me tratem por professora ou mesmo por meu primeiro nome, e sou compreendida e atendida. Pra mim é um tema importante e deveria ser pauta do nosso planejamento escolar coletivo, porém, ainda não chegamos a esse nível de avanço pedagógico, sobretudo, no tempo atual, no qual há um retorno visível às políticas de educação fundamentadas no tecnicismo neoliberal, o que afeta muito nossa vida profissional escolar.

Escrevo esta carta a sua pessoa, para lhe contar muitas coisas, afinal escrevemos carta para “contar coisas” para alguém de quem gostamos, alguém a quem admiramos e respeitamos, e este é o caso. Uma carta é também para trocarmos notícias, falarmos sobre a vida e os acontecimentos sociais que nos impactam. Uma carta exige a existência protagonista de dois sujeitos, pelo

menos. Entre eles se estabelece um diálogo e isso tem tudo a ver com todo seu pensar, com toda sua obra e suas ações políticas em vida, querido Paulo Freire. Fico a pensar se você estivesse fisicamente aqui, no Brasil de hoje, o que nos diria diante de tantos acontecimentos políticos nefastos que nos afligem socialmente? Mestre, a situação socioeconômica do nosso povo é dramática nesse momento da PANDEMIA do “coronavírus”, porém, a responsabilidade por todo drama social não é do vírus e sim as políticas do atual governo, que não priorizam a vida e nem as pessoas. Estamos padecendo com a “financeirização” da economia nacional e esse fenômeno impõe fortes impactos nas relações sociais e nas políticas de educação, saúde, cultura, meio ambiente e demais áreas sociais. Nesse momento a PANDEMIA não dá trégua, mas a VACINA está longe de chegar para toda população e as doses recebidas já estão acabando por aqui, sem ao menos cumprir o “plano” de vacinação dos grupos prioritários.

Por outro lado, mestre, há muita resistência se organizando: são vários grupos da sociedade civil lutando para intervir nessa realidade perversa que enfrentamos nesses últimos anos. Haveremos de ultrapassar esse período tenebroso, no qual alguns governantes, a começar pelo governo federal, negam a gravidade da PANDEMIA e a lastimável situação de exclusão social que afeta considerável parcela do nosso povo. Negam a ciência, negam a VACINA e atacam, com ódio e requintes de crueldade: professores, pesquisadores, intelectuais e qualquer pessoa ou grupo que se opõem as políticas insanas do governo. Até você e sua importante obra têm sido atacados constantemente em redes sociais, em falas de governos e seus seguidores, inclusive o

federal, com acusações infames, desprovidas de qualquer fio de verdade, mas repleta de ódio político de classe. A prioridade do governo federal tem sido publicar decretos para facilitar a aquisição de armas e munição por parte de civis. Outro fato muito apavorante, é que tem crescido os crimes de feminicídio nos últimos dois anos em todo país. Nem precisamos dizer o que o quanto isso é trágico para toda sociedade.

Mestre, quero lhe falar também sobre a minha vida de professora na escola pública de educação infantil durante esse tempo da PANDEMIA do “Coronavírus” - a escola municipal na qual trabalho fica localizada na capital de Sergipe. Sou professora concursada na Rede de ensino deste município desde o ano 2002. Iniciamos o ano letivo 2020 no dia 05 de março, e o início de cada ano letivo é sempre muito especial, principalmente na educação infantil: chegam as crianças “veteranas” e chegam as crianças “novatas”, à escola. A escola recebe crianças de 3 a 5 anos de idade. Em 2020 eu e minha turma de 3 anos do ano letivo anterior (2019) continuamos juntas a pedido das mães, a pedido das crianças e por meu interesse também em dar continuidade a prática educativa que se desenrolou durante os 200 dias do ano letivo anterior (2019). Formamos a “turma 4 anos A” do turno matutino, e chegaram mais três crianças novatas na turma. Foram oito dias/manhãs de encontros/aulas na escola e veio o decreto municipal para suspensão das atividades presenciais na escola. Isso aconteceu no dia 18 de março de 2020. Foi um susto grande. Então pensei: o que farei agora com as crianças?

Uma coisa era certa, eu como professora, não poderia “sumir”

da vida das crianças, nossas interações afetivas/educativas tinham que prosseguir. Nós já tínhamos um grupo de *WhatsApp* com as mães de todas as crianças da turma desde o ano letivo 2019: mãe, avó, pai. Está neste grupo o familiar com o qual a criança convive. Nesse contexto de imenso desafio comecei a pensar o que eu poderia utilizar como lastro de sustentação para uma interação educativa virtual, via grupo de *WhatsApp*, com crianças de 04 anos de idade, pois essa era a ferramenta tecnológica disponível para a professora e para as famílias e suas crianças. E aqui caro mestre, quero reafirmar o quanto foi e é importante as leituras que eu já tinha de parte de sua obra, principalmente dos textos nos quais você se dirige a nós, professores, tais como: *Pedagogia da Autonomia* – saberes necessários à prática educativa; *À sombra desta mangueira* e fragmentos de outros textos da sua autoria. Essa base de leitura me ajudou a voltar o olhar crítico à minha prática pedagógica escolar e me provocou a necessidade de retomar leituras outras. Compreendi que a escola não poderia ser transferida para a casa de cada criança e tampouco alguém da família desempenharia o papel de professora domiciliar. Por tudo que já havia lido da sua teoria da educação, também já compreendia que “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos...” Sempre considerei as crianças com as quais trabalho, como sujeitos protagonistas do processo educativo escolar, e, também, aprendi com você, mestre Paulo Freire, que a prática educativa não pode e nem deve ser “espontânea”, tampouco pode ser neutra. Ela deve ser construída com todos os sujeitos partícipes, e deve ter diretividade política pedagógica, visto que o objetivo desta prática é alcançar

a “autonomia e emancipação dos sujeitos”. É a humanização da sociedade, tornando-a um lugar melhor para crianças e pessoas adultas viverem, além dos outros seres vivos.

Nesse sentido, inspirada nas suas leituras de outrora desde o tempo de estudante da graduação em pedagogia, época na qual mantive os primeiros contatos com sua vasta obra, propus as crianças fazermos uma “viagem na nossa memória afetiva da escola”. Mais uma vez lembrando o que aprendi nos seus textos, provoquei as crianças a pensarmos sobre as palavras: “viagem”, “memória”, “afetiva”. Usei a seguinte metodologia: escrevi cada palavra em uma tira de papel em letra de forma grande, colorida cada palavra e postei no grupo uma a uma, com mensagem de voz explicando a atividade que foi conversar em casa com quem pudesse e quisesse sobre cada palavra, o que entendiam por elas. O retorno foi muito compensador, me trouxe muitas alegrias, inspiração e esperança. Assim nasceu o “Kit memória afetiva da escola”, que eu enviei mensalmente para as crianças através de familiares que iam a escola em data previamente divulgada pela instituição, para buscar o Kit alimentação escolar – formado por alimentos destinados à merenda escolar que seria servida na escola, se estivéssemos em atividade presencial. Junto a cada “Kit memória afetiva da escola” enviei uma carta na qual resgatava, em um diálogo aberto com as crianças, todas as interações mantidas pelo grupo de *WhatsApp* naquele referido mês. O que resgatamos nessa “viagem na nossa memória afetiva da escola”? De que forma colocar em prática esse exercício com uma turma de crianças que havia passado apenas 1 ano letivo na escola na qual ingressaram com apenas 03 anos de idade?

Utilizamos todos os recursos adequados, sendo o mais

importante a interação dialógica no grupo e individualmente. Precisei, sobretudo conquistar e envolver as mães/avós/pais das crianças nesse processo educativo para estabelecerem, em casa, as conversas com as crianças sobre os temas “resgatados” na memória afetiva da escola. Percebi o quanto as crianças se envolviam com imagens fotográficas delas mesmas feitas em atividades escolares do ano 2019. Este foi material bastante utilizado: produzimos painéis com atividades e fotografias e produzimos vídeos que foram postados no grupo de *WhatsApp*. Através do grupo de *WhatsApp* conseguíamos chegar até à nossa escola, ao nosso quintal maravilhoso, no qual as crianças brincam, interagem com a natureza e aprendem sobre flores, insetos e árvores. Aprendem a plantar e a cuidar de pés de milho, pés de girassol, colhem cajus no pé e coletam sementes do ipê amarelo, nossa árvore mais majestosa. Essa experiência ampliou e fortaleceu os vínculos de afeto, respeito e confiança entre professora e crianças, entres estas e suas famílias e também entre a professora e as famílias. Você nos ensinou “...somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada...” Por tudo isso aproveite a oportunidade de escrever esta carta “in memoriam” lhe contando sobre indícios dessa prática pedagógica não presencial com crianças de 04 anos durante a PANDEMIA do “coronavírus” em uma escola pública municipal.

Tenho certeza, caro mestre Paulo Freire, você estivesse aqui fisicamente entre nós, estaria recebendo cartas de reconhecimento e solidariedade de todo Brasil e do mundo inteiro, pelos ataques vis que a extrema direita faz à sua memória e à sua grandiosa obra. Sempre quis lhe conhecer pessoalmente, não houve

tempo para esse encontro, infelizmente.

Saudade eterna,

Capela (SE), 14 de fevereiro de 2021

**Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe;
Pós-graduada em “Docência na Educação Infantil” – MEC/Universidade
Federal de Sergipe. Professora de Educação Básica na Rede Estadual de
Sergipe - aposentada, no ano 2020, por tempo de exercício em sala de
aula; Professora em exercício na Rede Municipal de Aracaju/SE – atuando
na Educação Infantil desde o ano 2006.
E-mail: sandrabeiju@yahoo.com.br*

A palavra é: Gratidão!

*Tiago Macedo Bezerra Maia**

Estimado Paulo Freire
Mestre, em primeiro lugar, saiba que é uma imensa honra e uma justa responsabilidade, neste ano comemorativo de seu centenário de 2021, vir a poder participar de tão importante e significativo desafio-homenagem.

É um desafio porque são tantas e incomensuráveis as contribuições de seu sempre atual pensamento e dos exemplos dos bons combates travados em sua ação, numa vida doada amorosa e inteiramente à educação e à formação humana, que quaisquer palavras aqui escritas como expressão de gratidão não seriam nunca suficientes para demonstrar a grandeza e a urgência de suas ideias e práticas.

Seus ensinamentos extrapolaram desde muito tempo os muros das universidades e vêm iluminando gerações de educadoras e educadores, pois se enraizaram nas mentes e nos corações daqueles que nutrem a esperança na luta cotidiana por *theoria* e *praxis* educativas realmente libertadoras e comprometidas com as transformações e com as realizações proporcionadas pela consciência crítica experienciada por cada sujeito na

construção de sua historicidade que emerge na concretude da vida em sociedade.

É uma homenagem de justo e necessário valor, ainda mais em tempos tão sombrios e dolorosos como os que toda a humanidade vem enfrentando, resultado de inconsequentes e irrefletidos processos destrutivos e desumanizadores pretensamente “civilizadores” permeados de um caráter arbitrário colonizador do pensar e do agir humanos herdados da modernidade.

Como uma resposta a essas sensíveis ressonâncias modernas, faz-se imperativo, como missiva de todo professor, no sentimento de justiça da mais digna memória, recordar, resgatar, visitar e difundir a força construtiva e o ímpeto humanizador proporcionado pelas suas reflexões que provocam sempre em seus leitores e estudiosos, no Brasil e em todo o mundo, uma desveladora compreensão da realidade, e através desta, uma genuína vontade de mudanças profundas das visões de mundo, valores, sentidos de vida, atitudes e relações dos sujeitos consigo mesmos (intrasubjetivamente), com os outros (intersubjetivamente) e com o mundo circundante, modificando positivamente perspectivas da existência humana.

Admiro como o Sr., Prof. Freire, também conhecido por alguns como “o andarilho da utopia” e algumas vezes autodenominando a si mesmo como “o menino conectivo”, sempre, por onde passou, levou consigo uma autêntica e humilde disposição para o contínuo aprendizado e a disponibilidade para, através do cultivo de um aberto diálogo, vir a estabelecer contatos e pontes entre seres humanos, histórias de vida, saberes, culturas, povos e nações, reconstruindo relações humanas, afetivas e sociais.

As dimensões da utopia da justiça social, e com estas, a da

(re)humanização e ressignificação das relações humanas deterioradas e das mudanças da sociedade, que sempre o nutriram, permanecem vivas não porque fossem suas lutas pautadas num horizonte impossível de ser alcançado, mas porque a busca pela realização destas são a seiva que alimenta a esperança e que nutre de alegria uma alma de educador, e que com a simplicidade que tanto foi característica de sua forma acolhedora de ensinar, abre, a cada leitura, uma gama de possibilidades críticas e autocríticas que reconfiguram como ser e estar, pensar e agir sobre a realidade e assim, de um outro modo, permite, alegre e livremente, amar as pessoas e o mundo, impregnando tudo de um significado novo. Eis o sentido da educação que o senhor pensou e praticou.

Dentre suas obras, algumas me marcaram de modo indelével e visceral, impactando e influenciando graduais e processuais transformações reflexivas e atitudinais. As leituras não me foram colocadas cronologicamente, de acordo com a historicidade de sua produção, mas, de modo paulatino, quando os professores me ofereceram como material de estudo.

A primeira obra que chegou às minhas mãos foi “Pedagogia da Autonomia” e, através dela, o Sr. me ensinou muitos dos saberes necessários para o cotidiano docente que são ocultados pela educação tradicional meramente técnica e arbitrária, bancária e acrílica, de modo que pude aprender que um professor que ama o ato de educar, deve, antes de tudo, permanecer como perene discente, em constante abertura dialógica para as novidades que emergem e surgem do encontro com as pessoas no mundo. O discente não é uma tábula rasa, um depósito morto de conteúdos meramente técnicos e instrumentais, mas um sujeito

dotado de existência e historicidade, em viva e ativa construção da própria consciência crítica.

A partir da sua perspectiva, compreendi que não pode, portanto, haver efetiva docência sem que se mantenha um olhar de perene discência sobre as nuances da realidade. Neste sentido, todos que aprendem (estudantes), a partir de suas experiências vividas e inquietações questionadoras, também sempre ensinam algo novo aos mestres e uns aos outros, e todos aqueles que ensinam (professores) podem e devem também humildemente estar na abertura dialógica para aprender.

Aprendi com o senhor que o reconhecimento dos saberes social e historicamente constituídos durante a vida dos discentes, ao serem valorizados pelos professores, confere aos educandos aprendentes autonomia, segurança, afetos positivos e consciência crítica de suas existências, individual e coletivamente, subjetiva e intersubjetivamente no mundo.

No texto “Pedagogia do Oprimido”, o Sr. mostrou ao Brasil e ao mundo as entranhas ideológicas e os mecanismos desumanizadores de um sistema educacional que serve à dominação e se utiliza da acriticidade e vulnerabilidade do povo. Povo este tradicionalmente “educado” para servir de mera instrumentalidade de estruturas alienadoras que beneficiam apenas as elites que historicamente detém o poder e assim oprimem, fática e/ou simbolicamente, e que faz emergir a dureza da vida dos povos periféricos envoltos nos grilhões de desigualdades sociais gritantes, perceptíveis, por exemplo, na invisibilidade que sofrem pelo não reconhecimento das próprias lutas, abafamento de legítimas reivindicações e a negação de participação política, etc.

Para desmistificar a falsa noção de que o oprimido não tem

consciência, o Sr. me ensinou que o oprimido é o mais consciente da opressão que sofre tanto no horizonte individual quanto coletivo. Trouxe à tona as facetas da educação tradicional pautada na centralidade de um modelo de dominação dos professores sobre os aprendentes, quando no “chão da escola”, os docentes tradicionais impunham uma prática antidialógica (sem diálogo), apassivadora (de atitude apenas receptiva) e antidemocrática (sem a participação discente na construção dos saberes).

Aos estudantes, então, era dado o lugar da total passividade como se estes não pudessem construir, em sua historicidade, formas próprias de conscientização e de saber. Em uma era de mercantilização da educação brasileira, o pensamento do Sr. desponta como uma esperançosa e inexorável alternativa de libertação das correntes do mercado e das aprisionadoras e limitadoras heranças coloniais elitistas, oligárquicas e autoritárias que refletem suas continuidades nas estruturas da sociedade e no modelo educacional vigente.

Por meio destes pressupostos críticos, o Sr. articula e postula novas possibilidades transformadoras dialógicas para as relações docente-discente no meio social, o que implicaria, gradual e consequentemente, em mudanças sociais para o enfrentamento das desigualdades inerentes a uma sociedade capitalista, através de uma educação de teoria libertadora concretizada numa prática descolonizadora das consciências dos “esfarrapados do mundo”.

A obra “Pedagogia da Esperança” foi a terceira a que pude ter acesso e, logo de início, o seu prefaciador adverte e exorta que a esperança que denuncia as injustiças sociais precisa ser revigorada, haja vista o caótico estado de coisas que podem e devem ser vencidas e modificadas, com base na reconstrução

de relações mais humanizadas, éticas, justas, simétricas solidárias, equânimes, democráticas e dialógicas, ao mesmo tempo em que mostra como foram sendo construídos tais conceitos na sua perspectiva teórica e como foram sendo revisitados, consolidados ou reformulados, a partir das experiências práticas da vida intensa e sempre engajada nas lutas travadas e das viagens feitas pelo senhor.

Neste livro o Sr. elenca nas linhas e entrelinhas uma gama de variadas correntes de pensamento que influenciaram e orientaram a formação do seu pensamento, um interessante e peculiar mosaico teórico-prático-metodológico que faz dialogar, interdisciplinarmente, diferentes tendências filosóficas, pedagógicas, sociológica, políticas, antropológicas, teológicas, etc., inclusive, algumas aparentemente contraditórias, abrangendo, dentre outras e por exemplo, do marxismo ao existencialismo, da teoria crítica à teologia da libertação, que podem ser identificadas como “pedras angulares” da sua pedagogia crítica e educação libertadora.

Nesse sentido, a leitura da “esperança” que revisita as bases da situação dos “Oprimidos”, resgata, quase que autobiograficamente, as histórias da vida, fatos, encontros e testemunhos do senhor, através de vivências dialógicas junto a trabalhadores, valorizando as diversas e possíveis leituras e compreensões de mundo, a partir das quais o Sr. contribui com a organização das lutas destes no esperar por mudanças histórico-sociais. Faz dos relatos das experiências de vida destes, vozes e brados de denúncia desveladora dos multifacetados e pluridimensionais mascaramentos que os opressores fazem uso para a continuidade de sua dominação. Com isso, a esperança é posta para além

do simples esperar, mas como gérmen de urgente mobilização para as lutas modificadoras interiores e sociais.

Nesse processo, os educadores podem e devem ajudar a conhecer, reconhecer, significar e ressignificar os conhecimentos dos educandos, os fortalecendo com a esperança na busca por uma humanizada conscientização e uma democrática justiça social. Nestas linhas pode-se claramente perceber a presença germinal e seminal das fundamentações da “Pedagogia do Oprimido” como orientação e norte, em especial, do seu método alfabetizador de adultos, que, como rudimento, elemento e processo de tomada de consciência, torna possível ao educando ler o mundo e, por isso, antecede assim o ler as palavras, apenas como leitura textual.

Um ponto importante que deve ser ainda ressaltado e marca as contribuições mais substantivas de obras como “Ação Cultural para a Liberdade”, “Cartas e Guiné-Bissau”, “Extensão ou Comunicação?” e “Educadores de rua: uma abordagem crítica – alternativas de atendimento aos meninos de rua”, é o papel central dado não só aos saberes, mas também aos fazeres e ao protagonismo dos modos de vida das populações historicamente marginalizadas, que em seu conjunto são manifestados na Cultura Popular, e a partir desta tornam-se princípio e fim, na teoria e na prática, da educação popular, tal como pelo senhor projetada.

Assim, cada educador ao seu modo, inspirado pelas suas obras e movido por uma apaixonada esperança, pode transformar o “estado das coisas” e iniciar horizontes de mudanças sociais efetivas, a partir do legado do Sr., desde o uso do método libertador da educação e alfabetização crítico-conscientizadora de crianças,

jovens e (especial e principalmente) de adultos, até a histórica luta política e cultural anticolonial e a (re)descoberta da vitalidade dos conhecimentos da cultura popular, por exemplo. Por tudo isso, essas linhas são uma homenagem sincera de registro de gratidão ao Sr., orgulho pernambucano e patrono da educação brasileira.

Com atenção e afeto,

Recife (PE), fevereiro de 2021

**É professor de Filosofia e disciplinas pedagógicas afins e sociológicas correlatas no IFPE e professor extensionista de Filosofia no Projeto Gradação, do CE/UFPE. É mestre, bacharel e licenciado em Filosofia pela UFPE. É bacharel em Ciências Sociais pela UFRPE. É especialista em Ensino de Filosofia pelo Contemporâneo/FAINTVISA e especialista em Gestão Pública pela UFRPE.*

Ensinar exige esperança

*Mônica Maria Teixeira Amorim**

Estimado Paulo Freire,
Tomada por profunda melancolia em função dos duros tempos que vivemos hoje, aqui, no Brasil, é que, enquanto educadora, busco através da escrita dessas palavras retomar o aprendizado mais que necessário da esperança e de outros tantos “saberes necessários à prática educativa” que aprendi com você¹, meu grande e eterno Mestre, Professor Paulo Freire. Esta carta que hoje lhe dirijo é, assim, uma “Carta em agradecimento” às muitas lições que contigo aprendi e que hoje iluminam a minha caminhada de educadora. Os duros tempos que vivemos hoje em nosso país, em meio a uma pandemia em que já somamos mais de 235 mil vidas perdidas, a um desgoverno que banaliza a vida, que nega a ciência, ataca a educação e os educadores, que ameaça a democracia, nos impõe a necessidade de “esperançar”. “Ensinar exige esperança”!² Este é um entre os tantos saberes que contigo aprendi, a esperança de quem “não espera acontecer”, mas que cotidianamente age tendo como horizonte de suas ações uma sociedade mais justa, “menos feia e

1 Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

2 Idem.

malvada”, como você costumava dizer³, meu Mestre. Essa esperança hoje me anima a pensar *outros mundos possíveis*, de mais justiça e igualdade, guiada por nossos projetos e ações sobre o mundo, projetos que se fundam na compreensão de que, como você bem nos ensinou, “a educação sozinha não transforma a sociedade, mas sem ela tampouco a sociedade muda.”⁴ Projetos e ações que se fundam na compreensão de que a educação é uma prática social e humana que, como você firmemente defendeu, deve se voltar para a humanização dos sujeitos e, por essa razão, deve se orientar pela ética e pelo respeito à vida — não pela “ética do mercado”.⁵ Também lições suas: uma educação que se coloque a serviço da conscientização dos sujeitos e de sua libertação de uma “visão ingênua de mundo”, que ensine a leitura da “palavra mundo” e que se dirija para a democratização da sociedade.⁶ Por essa razão, uma educação, como você sempre insistiu, que não pode prescindir do “diálogo”, da abertura para o mundo, para as gentes, as culturas diversas, e uma educação que “repudia toda forma de discriminação”.⁷ Como educadora que sou e que estou sendo no mundo, permanentemente me formando — e essa é, também uma lição que contigo aprendi —, ponho-me a pensar sobre outros tantos saberes que de suas li-

3 FREIRE, Paulo. *O profeta da esperança*. Entrevista concedida a Nye Ribeiro Silva em janeiro de 1996. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/oB5HT-2GWEcRSGS3gyVnhidjFsVEU/view> Acesso em: 12/02/2021.

4 Freire, Paulo. *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

5 Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

6 Freire, Paulo: *Educação como prática da liberdade*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2016.

7 Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ções extraí: o saber da “humildade” necessária ao educador, que é oposta a arrogância de quem não se abre para aprender sempre nem se abre para o diálogo com o mundo e com os outros. O saber da alegria, que nos é tão necessária para seguir adiante. O saber da curiosidade, da indagação, da busca, da pesquisa... como bem explicitado por você: “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.⁸ Esses tantos saberes, que nos limites desta carta destaco (e devo dizer que não tenho a pretensão de desconsiderar os outros tantos que contigo aprendi), pavimentam hoje minha difícil caminhada nestes tristes tempos de ameaça à vida, à educação e à democracia. A pandemia que nos impõe um isolamento social, aliada ao já mencionado desgoverno, nos desafia a pensar os rumos da educação, e nos recusamos a cair em uma educação que se dirija para “treinar pessoas”⁹, uma educação que não se coloque a serviço do combate às desigualdades que caracterizam nossa realidade brasileira. Recusamo-nos a cair no fatalismo, porque com você apreendemos a história como devir, como possibilidade – “o mundo está sendo esse”, injusto e desigual, mas ele pode ser diferente¹⁰. E ensinar exige reconhecer que a “educação é uma forma de agir no mundo”, que ela não “pode tudo”, ou não “pode nada”, mas constitui prática impor-

8 Idem.

9 FREIRE, Paulo. *Palestra realizada no auditório do CDCC, em 22 de novembro de 1944, patrocinada pelo IFSC-USP e Escola Educativa*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2C518zxDAo0&t=24s> Acesso em: 02/02/2021.

10 FREIRE, Paulo. *O mundo não é, está sendo*. Série documental SESC TV. Episódio 5. Direção: Cristiano Burlan. Disponível em: <https://sesctv.org.br/programas-e-series/paulo-freire/?mediaId=24eb2ddfefde1e2457e9cc5d1d20cac0> Acesso em: 02/02/2021.

tante para transformação da realidade social.¹¹ Transformação que nos exige a devida “reflexão crítica sobre a prática” que envolve problematização do real e busca da devida unidade teoria-prática.¹² Assim, nesses tempos de tamanha melancolia, os seus ensinamentos me fortalecem e inspiram a arrancar a alegria da tristeza e transformar desesperança em esperança para seguir resistindo, lutando, apostando, acreditando, fazendo uma educação a serviço de uma sociedade mais justa e decente. Ainda que, nos limites do trabalho remoto (imposto pela pandemia), a dialogicidade nos tenha sido tão difícil, seguimos aprendendo e ensinando, ensinando e aprendendo, nesses novos tempos em que reafirmamos a defesa da vida, da amorosidade e da alegria “menina”¹³, tão necessárias para que sigamos adiante. Alegria carregada de potência, prenhe de sonhos. E sonhos, como bem nos ensinou, são necessários, não enquanto quimeras, mas assumidos enquanto projetos pelos quais lutamos. Assim, peço licença para concluir, valendo-me da transcrição de um trecho que figura em uma de suas cartas pedagógicas que nos lembra do nosso dever de mudar o mundo. Sua indignação, em face da banalização da vida, sua defesa intransigente de uma educação progressista, nos convida e adverte: “É certo que mulheres e homens podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que «chegam» em sua geração. E não fundadas ou fundados em devaneios, falsos sonhos sem raízes, puras ilusões. O que não é, porém, possível é

11 Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia* – saberes necessários à prática educativa. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

12 Freire, Paulo. *A educação na cidade*: Projeto pedagógico. São Paulo: Cortez, 1991.

13 Freire, Paulo. *Pedagogia da indignação*: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

sequer pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto”.¹⁴

Gratidão, grandioso mestre, pelas tantas lições, sem as quais meu corpo e alma teriam sucumbido em face dos duros tempos que nós educadores estamos a viver. Gratidão por suas lições que me enchem de força e coragem, e me animam a resistir.

Abraços fraternos a você, nosso eterno Mestre e Patrono da Educação Brasileira.

Montes Claros (MG), Sertão das Gerais, verão de 2021.

**Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde atua em cursos de Licenciatura, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social e no Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: monicamorimsa@gmail.com*

14 Idem.

A esperança não cruza os braços

*Rilva José Pereira Uchôa Cavalcanti**

Meu Professor Paulo Freire,
Ao aceitar o convite de lhe responder, após a leitura da carta que o senhor escreveu aos professores, carta esta contida no *Livro Professora sim, tia não* nas páginas 27 a 38, me veio um sentimento muito grande de gratidão. Gratidão sim, pois este é o sentimento que invade o meu coração quando reconheço o quanto foi importante me debruçar sobre sua pedagogia para compreender a realidade social a qual me insiro e também para que eu assumisse meu compromisso profissional com a educação dos oprimidos, com a educação popular, com a educação comprometida com a libertação dos indivíduos. Educações estas que se traduzem uma educação crítica, em uma educação progressista. Afinal não tem como não ver suas ideias acerca da educação e seus processos como um embate, um confronto com as tendências e teorias tradicionais que explicam os processos de ensinar e aprender.

Na emissão desta carta vou tentar deixar claro o que foi possível apreender ao ler aquela Carta que o senhor nos escreveu

que, como todos os seus escritos, não conseguimos ler sem fazer primeiro nossa leitura de mundo, para depois usufruirmos de uma reflexão crítica para reconstruirmos saberes sobre qualquer que seja a temática em que o senhor aborde. Dessa forma, sistematizamos aqui compreensões que foram construídas ao ler a Primeira carta: Ensinar-Aprender Leitura do Mundo-Leitura da Palavra.

O que aprendi, a partir de seus conselhos, dos atos ensinar e aprender? Os atos presentes, ao longo da vida por todo e qualquer indivíduo que vivam no mundo, pois todos estão sujeitos a esses atos, mas o especificando ao ato educativo que se vivencia na prática escola, na educação sistematizada, o senhor nos tem alertado para compreendermos esses dois processos como recíprocos. Quem está com a função de ensinar, se disponibiliza também a está na condição de aprendente.

Isso nos inspira a ser uma professora, em seu dito, ensinante, que em lugar de transmissora de conhecimentos, de conteúdos assumimos a postura de professor-ensinante que provoca o aprendente a demonstrar também o que sabe, que informações, que ideia faz do que se vai aprender. Tenho clareza que nada aprenderei com os estudantes com que trabalho se não me coloco nessa posição de aprendente e nem muito menos se praticar uma ação docente voltada para o silêncio. É, por isso, a sua preocupação com uma prática docente que se volte para o diálogo.

E numa oportunidade de estudar sua proposta pedagógica, que tem no diálogo sua base, pude detectar que o senhor percebe o diálogo como fenômeno humano, pois para o senhor a existência, por ser humana “não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras

verdadeiras, com que os homens transformam o mundo.” Este seu entendimento sobre o diálogo supõe que esse seja uma importante prática para o homem viver no mundo e transformá-lo e, como tal, não pode ser privilégio de alguns homens, mas de todos.

Foi a partir dessas suas ideias que concluí que a prática de dialogar entre os homens é condição para sua existência no mundo e como tal não pode ser autoritária entre esses homens, mas um ato de criação entre eles. Assim sendo, para transformar o mundo, os homens criam e dialogam em torno de suas criações.

Essa disponibilidade em dialogar do professor que é, ao mesmo tempo ensinante e aprendente, faz desse professor humilde e aproxima dos outros, se torna companheiro. É bem verdade professor Paulo Freire que na prática de dialogar, não pode existir quem sabe mais e quem sabe menos. E como o senhor, em muitas de suas obras já afirmou, que na relação dialógica entre os seres ensinantes e aprendentes o que existe é a comunhão na busca de se aprender mais. Isso traz meu grande mestre a necessidade de acreditarmos na capacidade do homem de fazer e refazer, de criar e recriar, que não como privilégio e nem mérito de alguns selecionados para isso, porém como direito humano.

Aprendi com o senhor que é preciso considerarmos que os seres humanos têm sua leitura e compreensão do mundo, antes mesmos de se apropriarem da palavra escrita.

Dessa forma, meu entendimento, a partir de suas contribuições, é que existem algumas condições para a existência do diálogo: a esperança e a crítica. Os homens que dialogam devem esperar algo do seu quefazer. E por várias vezes me deparo com

suas observações em torno do esperar pois em sua visão a esperança no homem é o que o leva a eternamente buscar. E não é a esperança um cruzar de braços e esperar.

Professor Paulo Freire, é por isso que sempre pensei o diálogo Freire, situando-o à prática do diálogo no processo educacional, uma prática de educação numa perspectiva problematizadora uma vez que sem diálogo não há comunicação e, sem esta, não há educação.

Portanto, na oportunidade de aprender sobre o diálogo é pertinente dizer-lhe que no processo de ensino-aprendizagem, a prática de dialogar aproxima professor aprendente e ensinante e aluno, também aprendente e ensinante para, conjuntamente, conhecerem e reconhecerem o objeto cognoscível. Para eles o diálogo pode ser também a oportunidade que tem os dois de começar dizendo, expondo o que já sabe do que se está a aprender, podendo nesse momento também re-aprender o que já sabe.

É, dessa forma, que ao escrever aquela carta, o senhor nos chama a atenção de continuarmos aprendendo, e, também, de buscarmos a nossa formação antes de atuarmos como docente, e de modo permanente. Essa formação, a seu ver, além de poder nos propiciar aquilo que precisamos ser enquanto ensinante, tem que ser uma formação que nos leve a refletir criticamente nossa prática docente, para termos a consciência do que precisamos refazer, reconstruir nessa prática. Isso implica em continuarmos estudando sobre o nosso quefazer.

Desse modo, Professor Freire, percebo que nunca se cansou de, em sua vasta literatura, chamar a atenção para o ato de estudar, para nunca saímos da condição também de aprendente,

de aprendiz. E como referência a esse ato de estudar está implicado ao ato de ler. E o que tens nos dito e redito sobre esse ato? Que ele vem depois da leitura de mundo que vamos adquirindo em convivência na sociedade. A leitura da palavra é pertinente para a construção de nosso capital cultural, enquanto ser cognoscente.

Considero suas lições muito fortes, muito significativas. Ler, por exemplo nos ensina em sua carta que: “Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente mas gratificante [...] Ler é procurar buscar a compreensão do lido. Essa sua definição acerca do ato de ler nos faz considerar ler, não é apenas decodificar os símbolos linguísticos, mas interpretá-los e, melhor ainda, quando na condição de ensinante desse ato, anteceder a compreensão dos que estão na condição de aprendentes sobre a realidade que o cerca.

Ao tratar da prática de estudar, não tem como não enaltecer o brilhante texto que o senhor no presenteia no prefácio de sua obra *Ação Cultural para Liberdade*. O mencionado prefácio intitula-se: *Considerações em torno do ato de estudar*. O que nele está contido tem nos servido como texto de orientação para se entender como ser um participante de Círculos de Cultura na educação superior e esclarece os papéis de ensinante e aprendente em um processo educativo. Nesse texto prefácio o senhor levanta questões estimuladoras para um amplo debate. Essas questões estão voltadas para o ato de estudar como um ato que demanda humildade; como ato de assumir uma relação de diálogo com o autor do texto com a mediação dos temas que esse autor trata. É claro que suas considerações sobre esse ato,

acompanham as suas próprias concepções em torno do ato de educar. Sua contribuição em questionar as tendências e teorias críticas da educação é proveniente da concepção bancária do ato de educar que tanto o senhor questiona.

Por essas e por outras questões é que sua proposta problematizadora do ato de ser professor aprendiz, ensinante e também considerar o estudante como ser também aprendiz e ensinante, me possibilita ter visão diferenciada para o ato de estudar, de ler, de avaliar, de desempenhar a minha função docente. Não tem como ser o mesmo professor e mesma professora depois de conhecer e se apropriar de sua pedagogia, que pra mim é a pedagogia da crença na capacidade do outro, é a pedagogia do diálogo, é a pedagogia da construção coletiva do processo educativo, a pedagogia da certeza que continuaremos sempre aprendendo, pedagogia do respeito pelo outro, pedagogia do compromisso com a aprendizagem do outro, pedagogia da reflexão crítica da prática docente, pedagogia de uma postura crítica, enfim de uma pedagogia que nos leva a assumirmos uma postura diferenciada frente aos diferentes saberes dos envolvidos na prática.

Por isso, lhe sou muito grata meu estimado Professor Paulo Freire, e espero poder partilhar mais ainda suas teses, pois através delas, transformei minha vida profissional de ser professora e minha vida como ser atuante na sociedade e nos cursos de formação de professores que atuo tentamos relacionar as temáticas, de qualquer disciplina, a sua concepção problematizadora de educação. Sempre em preces de gratidão por tudo que produziu para melhoria da educação brasileira e de outros países.

Com carinho e pertencimento,

Igarassu (PE), 15 de janeiro de 2021

**Professora pedagoga com especialização em gestão educacional e doutorado em ciências da educação na linha de investigação inovação pedagógica. Atuação na educação básica e educação superior. Professora pesquisadora do Grupo de Pesquisa O lugar da Interdisciplinaridade no Discurso de Paulo Freire.*

Professora Doralice, a que ousou ensinar

*José Benjamim Pereira Filho**

Olá Professor!
Professor Paulo, vivemos, nos dias atuais, momentos muito difíceis. O Brasil e o mundo inteiro atravessam crises profundas. Há uma crise sanitária, uma pandemia que afeta toda a Humanidade causada por um vírus letal. Este vírus, um coronavírus chamado de covid-19, provoca morte. Já infectou e tirou a vida de milhões ao redor do mundo. A outra crise, é uma crise política, que é igual ou pior do que a crise sanitária, pois esta segunda manifestação tem ampliado a crise sanitária. Neste instante tomou ares de grandeza a política genocida do neoliberalismo. Política que promove a superconcentração das riquezas nos países centrais do capitalismo, com a supremacia do sistema financeiro, ao mesmo tempo em que destrói os direitos trabalhistas e sociais das populações e a economia dos países ditos periféricos. Os Estados Unidos submetido ao governo Trump e o Brasil ao (des)governo Bolsonaro de feição neofascista, armados da racista necropolítica, têm agravado as crises econômica, sanitária e humanitária, degradando a vida no país e em todo

planeta, degenerando as relações sociais e levando à falência dos sistemas. No Brasil, aumenta o desemprego, a fome, a miséria e a morte.

Nós da UEPB (|Universidade Estadual da Paraíba) reforçamos a conveniência de, nesta conjuntura, trazer à memória brasileiros que com suas atividades ilustraram a defesa da vida e da democracia. Sentimos a necessidade de revisitar algumas trajetórias aproximadas a sua, Professor, como a de Josué de Castro, Anísio Teixeira, Manoel Correia de Andrade, Celso Furtado, Dom Hélder Câmara, Abdias do Nascimento, João Pedro Teixeira, Margarida Alves, Gregório Bezerra, Assis Brasil, Osvaldo Cruz, e trajetórias mais populares como a da Professora Maria Doralice, entre tantos brasileiros defensores dos direitos dos Trabalhadores, da Democracia e da Vida.

Lembro, Professor, que, no início, a UEPB, filha da URNe, manteve a prática da realização anual da Aula Inaugural ou Aula Magna. Sempre uma pessoa amiga, querida, respeitada e admirada pela comunidade universitária por sua práxis social transformadora era convidada para esta celebração.

Para estas Aulas Magnas foram convidados Professores, artistas, cientistas, intelectuais, benfeitores e, entre tantos, o bispo negro da Paraíba Dom José Maria Pires, amigo sempre obsequioso da universidade; a Prefeita eleita por São Paulo, a ex-aluna desta universidade, paraibana de Uiraúna, Luiza Erundina. Para a mesma solenidade também foi convidado o Bispo de Olinda e Recife Dom Hélder Câmara, que hoje é considerado, por alguns fiéis, como um santo. E, prestigiando esta distinta composição, a UEPB também convidou o Senhor, Professor Paulo Freire, que hoje é o Patrono da Educação Brasileira.

Por ocasião da sua vinda à UEPB para a Aula Magna, fui encarregado, junto com ‘Seu’ Léo, de transportá-lo entre o Recife e Campina Grande. Já que o avião que o trouxera de São Paulo, onde o senhor era o Secretário de Educação da Prefeita Luiza Erundina, chegava somente até a capital de Pernambuco.

Conversamos durante esta viagem sobre a Paraíba e a UEPB. De passagem por Itabaiana lembramos das Professoras, Dolores Bione, Professora primária na escola instalada na sede do Vila Nova Futebol Clube, Dona Salomé e Dona Marieta, ambas da educação formal, pertencentes ao Colégio São José e de Dona Doralice, educadora de adultos (alfabetizadora), a que ousou ensinar. Destacamos, inclusive, o *carrancismo* do itabaianense Professor Maciel, conhecido mundo a fora pelas letras de José Lins do Rego, registradas no livro *Doidinho*.

Atravessando a linha do trem lembramos que aquela cidade era até poucos anos um polo ferroviário que agregava alguns estados do nordeste. Na estação de trens de Itabaiana circulavam, diariamente, trens de passageiros que iam e vinham desde Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife passando por Campina Grande e todo o interior da Paraíba (através do sertão, cariri, agreste, brejo e litoral).

Pode parecer inusitado, mas a esplanada daquela estação era um lugar de educação (de ensino/aprendizagem), porque lugar de comunicação, de troca de ideias, de conhecimentos, ali circulavam notícias. Ferroviários mais experientes contavam uns aos outros, e a quem se interessava, os fatos da conjuntura nacional e da vida regional. Denunciavam, quase em cochicho, a perseguição que sofriam os camponeses, que na zona canavieira da Paraíba e de Pernambuco reivindicavam seus direitos.

O que acontecia em Santa Rita, Mari, Pilar, Sapé, Alagoa Grande, de um lado, e em Aliança, Itambé, Timbaúba, Nazaré da Mata, Paudalho, São Lourenço da Mata, de outro lado, era repassado por maquinistas, foguistas, manobristas, bagageiros e até chefes de trens, carteiros e telegrafistas, uns aos outros e aos passageiros atenciosos. Pelo semblante solene e quase assustado percebia-se que alguns assuntos eram de muita gravidade. Tortura e assassinatos de camponeses (especialmente nas usinas de açúcar) eram comentados, denunciados. No campo, as Ligas Camponesas lideravam a defesa e a luta dos trabalhadores rurais.

E, enquanto o Senhor, Professor Paulo, circulava no Recife, seus arredores e aprofundava-se até Angicos, no Rio Grande do Norte, realizando seu projeto piloto de Educação que avançaria até o Programa Nacional de Alfabetização do governo de João Goulart e, na Paraíba, esta experiência de educação movia-se pela Campanha de Educação Popular – Ceplar; por iniciativa própria as aulas de alfabetização de adultos aconteciam, também, numa casa pobre em frente à estação ferroviária de Itabaiana. As aulas na casa de Dona Doralice, que ousou ensinar, eram compartilhadas pelas “*Mulheres do Beco*” (lavadeiras, engomadeiras e trabalhadoras domésticas). Entre as quais Dona Nóca, Dôa, Dona Biu, Dona Dáia eram as “*Mulheres do Beco*” que repartiam com outras Mulheres e poucos homens a tarefa da alfabetização. daquelas vizinhas, apenas Sebastiana ‘*Málavada*’ não tinha ânimo, nem sossego, para atividade ‘*escolar*’. Intranquila era Sebastiana, pois era maltratada pelas ruas que percorria desde a casa onde morava até a beira do rio onde era lavadeira de roupas. As outras alunas, apesar da vida difícil, frequentavam as aulas com

satisfação. Aquela professora era para elas uma companheira de trajetória (uma amiga, enfermeira, psicóloga, catequista . . . companheira, enfim).

Dona Doralice, ou Dona Dóra como algumas chamavam, não era a Professora ‘Tia’ alienada/alienante, tanto pela idade correspondente com as alunas/os quanto pela não existência de vínculos empregatícios. Era ela uma militante da educação que lecionava e escutava com apreço as suas alunas. Ouvia delas as duras experiências que sofriam ao longo da vida e as tratava com o respeito merecido de companheira e, junto com as “*Mulheres do Beco*”, tirava conclusões sobre suas rotinas cotidianas no rumo da transformação social. Era assim uma *ensinante aprendente* da leitura do mundo. A Professora articulada com a comunidade de Mulheres respeitava e aprendia com elas. Foram aquelas Mulheres que indicaram à Professora o tratamento para os ferimentos do filho. Atenciosa, ela seguiu a terapia aconselhada e, com *salsa do rio*, a cura foi garantida.

Quando um filho, ou filha, de uma das alunas se acidentava Dona Dóra era requisitada para o papel de enfermeira. Se o marido de alguma aluna padecia doença infame, Dona Dóra preparava receita restauradora e consensual. Se alguns maridos maltratavam as famílias era à Dona Dóra, conselheira, que recorriam as “*Mulheres do Beco*”. E, sempre, no final da aula aquela Professora chamava os alunos/as para uma reza, profesando sua fé. As aulas ocorriam pela noite.

Durante o dia Dona Doralice, além de cuidar dos doze filhos! e da casa! dava aulas na sala da frente em um curso de *dactilografia* para os jovens da cidade. Aprender *dactilografia*, àquela época, Professor, era tão importante quanto estudar os segredos

da computação no mundo atual.

A escola de Dona Dóra, a que ousou ensinar, prosperou até que a crise nacional recrudescer e, com o golpe de 1964, a deposição do governo João Goulart do qual o Senhor, Professor Paulo, fez parte e a subsequente implantação de uma ditadura no Brasil aquela escola foi ‘conduzida’ por autoridades locais, sem a compreensão da Professora, a se moldar aos métodos e rotinas da “*Cruzada ABC*”.

E muitas histórias ficaram pelo caminho . . .

Após atravessar a esplanada da estação de trens e a ponte do rio Paraíba em Itabaiana rumamos e chegamos em Campina Grande onde a UEPB promoveu com o Senhor uma breve reunião, em verdade uma conversa, com a presença do reitor, alguns pró-reitores e os membros do Napep – núcleo de assessoria e pesquisa em Educação Popular

Durante a conversa idealizei a solução, que, considerava ser a contribuição determinante da universidade para o fim do analfabetismo na Paraíba, como uma equação matemática. Em síntese: se cada aluno alfabetizasse 10 alunos por ano em poucos anos teríamos o fim do analfabetismo e o aluno estaria retribuindo à população com uma ação que compensasse a gratuidade do ensino público. Na ocasião fui chamado a atenção:

“Não! Não é assim!

A alfabetização de Adultos pressupõe um processo de Educação Política, ela é um fenômeno da Cultura” . . .

Claro que o “*puxão de orelhas*” não aconteceu com esse formato ríspido. Foram gestos e palavras cautelosas endereçadas a mim e que, parece-me, somente eu tomei a lição e a entendi.

O dia culminou com a sua Aula Magna que aconteceu no

superlotado, atento e entusiasmado auditório do Colégio Estadual da Prata, mesmo local onde a prefeita eleita de São Paulo, Erundina, também proferiu a Aula Magna do ano letivo da UEPB anos antes. A sua aula Magna, Professor, foi marcante para a História da UEPB.

Professor Paulo, continuamos acreditando que a educação como prática da liberdade contribuirá para que o Brasil e os Povos do mundo construam sociedades mais equilibradas e justas; que saibam resolver com o suporte da ciência os dilemas sanitários e que todos possam viver com dignidade. E é por esta fé, herança da Professora Doralice, a que ousou ensinar que junto ao Neabi e ao CPC, Esperançamos !

Abraços.

Campina Grande (PB), fevereiro de 2021

Domingo de Carnaval { sem Carnaval devido a pandemia }

**Cursou o primário em Escolas de Itabaiana (PB), o ginásio em João Pessoa, onde iniciou o curso Clássico no Liceu Paraibano, aproximando-se das ideias de Paulo Freire, e concluiu no Estadual da Prata em Campina Grande. Iniciou o curso de Sociologia na UFPB (hoje UFCG), concluiu História na URNe e fez Especialização em Museologia na UFPB (hoje UFCG). Foi militante do Movimento Estudantil, combatendo a ditadura e do Movimento Sindical Docente na Ampep e na Adurne/Adupepb. Participou de administrações da UEPB que transformaram a antiga URNe autodidata numa excelente academia democrática e popular e da criação do Neab-í e do CPC.*

Ética e estética: aprender sem perder a boniteza

*Valdivina Telia Rosa de Melian**

*Andreia Nascimento Carmo***

Caríssimo Paulo Freire, saudações!

Escrevemos-te não porque prefira à escrita ao diálogo, mas devido à distância que ora nos encontramos. Ao começar esta carta temos dificuldades para resumir as palavras que borbulham em nosso íntimo. Dizemos resumir porque senão seria antes um livro ao invés de uma carta. Pois bem, pensamos que devemos começar pelos agradecimentos: Obrigada! Somos muito agradecidas pelos seus ensinamentos. É assim que nos sentimos em relação ao seu legado para nós professores e alunos. Assim como você sempre deixou claro, a vida é ensinar e aprender, não existe uma única via só para o ensinar, é uma caminhada em mão dupla. Temos lido seus livros, não tanto quanto gostaríamos e precisamos, mas daremos um jeito

de lê-los todos para o nosso próprio bem, diga-se de passagem. Somos professoras em formação porque aprendemos contigo a reconhecer a incompletude do saber. Suas ideias são lindas e simples, talvez por isso causam tanto alvoroços entre os agentes políticos. É que eles estão acostumados a dificultarem tudo para que o conhecimento seja algo complicado para se adquirir por parte da parcela mais desabastada do Brasil. Gostamos muito de refletir sobre a explicação que você fez, quando explicava que não basta ensinar a ler que “Eva viu a uva”. É preciso ler de forma crítica para além da simples decodificação. “É necessário questionar quem é a Eva, qual posição ela ocupa na sociedade; quem planta a uva; quem vende ou bebe o vinho”. Realmente é preciso ensinar de modo que a prática social seja uma constante na vida. Não é possível um ensino-aprendizagem separado da vivência das práticas sociais.

Saiba que mesmo havendo uma distância circunstancial e física, suas palavras continuam vivas em nossos corações. Importa mencionar, que a despeito de estarmos caminhando e perguntando sobre o como fazer, o que fazer para ensinar e aprender, de modo que seja uma prática baseada na leitura de mundo tanto do docente quanto do discente, às vezes nos encontramos de certo modo impedidas de seguir de acordo com suas orientações. Como sabes a educação sempre foi para poucos e como bem afirmou nosso amigo Darcy Ribeiro “a crise educacional do Brasil da qual tanto se fala, não é uma crise, é um programa. Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos”. Desse modo, tal como mencionado, a crise na educação tem seguido seu curso. A crise chegou a tal ponto que os agentes políticos não têm poupado esforços em apagar o ensino

crítico. Há até quem defenda um projeto de escola sem partido alegando que as escolas fazem doutrinação. Imagina, uma escola sem partidos, sem ensino crítico, que tipo de educando será formado? Entendemos que a classe dominante não está interessada na formação de um cidadão com consciência crítica, mas na formação de seres que viverão de forma mecânica, apenas cumprindo ordens passivamente.

Quando você nos escreveu explicando que “ao deixar claro que o uso da linguagem escrita, portanto, o da leitura, está em relação com o desenvolvimento das condições materiais da sociedade, estou sublimando que minha posição não é idealista”. Entendemos que de fato, sua posição não é idealista, está totalmente ligada à realidade em todos os níveis da vida social, política, econômica e com o meio ambiente.

É imprescindível mencionar que seus ensinamentos, no sentido de tornar o educando um ser crítico, têm causado muita polêmica em torno de sua pessoa. Os que não querem uma educação emancipada, progressista, chamam-no de comunista com o intuito de menosprezar suas ideias, contudo, essa atitude negativa apenas aumenta as leituras de seus livros, e conseqüentemente, a prática de seus ensinamentos. Bem, mas não são apenas notícias tristes que trazemos, temos também notícias positivas. O nome Paulo Freire é um dos mais citados nos artigos científicos no mundo, o que nos enche de orgulho.

Sabe, quando estamos lendo seus livros e vemos a frase: “o ético está muito ligado ao estético”, conseguimos ver aí uma amplitude de sentido. Entendemos que é possível ser ético e estético ao mesmo tempo, é possível aprender sem perder a “boniteza” como você sempre dizia. A beleza a qual você se referia estava

presente na estrutura da escola, na forma de ensinar, na forma de convivência entre o educando e toda a comunidade escolar e no respeito à diversidade. Acreditamos que os que te menosprezam, são pessoas sem conhecimentos que não foram ensinadas a ler e escrever com boniteza, pois não sabem reconhecer a importância de seus ensinamentos e ficam reproduzindo falta de ética e estética no sentido de apagar o pensamento crítico que os ameaça na permanência no poder.

Outro dia estávamos lendo sobre letramento social e nos demos conta de que você é o precursor desta nomenclatura tão problematizada desde a década de 90. No livro a pedagogia do oprimido você deixa essa forma de trabalhar na educação bem clara. Ao ensinar a partir da dura realidade daqueles alunos lá em Angico, você estava praticando o letramento social. Agora veja, você já fazia isso a muito tempo, e somente a partir da década de 90 é que se começaram a pensar sobre esse tema. É relevante mencionar aqui que hoje temos a Base Nacional Comum Curricular que defende o processo de ensino-aprendizagem mediante práticas com letramento social, o que, como você sempre defendeu é fundamental para a formação do educando e sua inserção no mundo. Quando você afirmava que a leitura de mundo precede a leitura escolarizada, era exatamente o letramento social que defendias.

Paulo, gostamos muito também quando você mencionou que “o ponto de partida para o trabalho no círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem”. Para que seja possível o educando alcançar esse nível de modo de ser, é necessário um ensino-aprendizagem baseado no respeito, na teoria e na prática como você sempre defendeu. Os

seus pressupostos são basilares para a inserção e manutenção da “vocação ontológica de ser sujeito” que todo ser humano traz dentro de si. São basilares também para a compreensão de que a educação é um ato político e não um ato mecânico. Compreender essas máximas e praticá-las é o primeiro passo para uma educação transformadora. A educação enquanto geradora de conhecimentos para a formação de agentes capazes, não pode prescindir do ensino da política logo nos anos iniciais até a formação universitária uma vez que a política faz parte da vida. Dessa forma, quando você menciona educação como prática de liberdade, compreendemos que a educação para libertar precisa ser vista como ato político, precisa contemplar o pensamento crítico.

Sabes que estar em sua companhia (por meio das leituras de seus livros) é agradabilíssimo e aprender contigo é uma honra. Gostamos de falar sobre sua forma de pensar, seu modo de dizer que o ato de ensinar é um ato de amor. Sim, verdadeiramente o ato de ensinar e aprender é um ato de amor que se traduz na formação de educandos que formarão novos educandos ou continuarão servindo em outros espaços sociais, mas ambos tendo o ser humano como centro do desenvolvimento socioeconômico, tendo sua capacidade ontológica de ser sujeito respeitada. Essa é a boniteza de uma prática pedagógica firmada na concepção de que ler, escrever, ensinar e aprender é um ato político. Nesse sentido, terminamos esta carta com os nossos mais sinceros votos de que seus ensinamentos sejam cada dia mais difundidos, sobretudo na nação brasileira.

Cordialmente, as professoras Valdivina Telia e Andreia.

Abraços com literatura!

Araguaína, 11 de fevereiro 2021.

**Doutoranda em Letras- Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), possui Mestrado em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins - PPGL/ UFT. Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Pitágoras Unopar, Graduada em História - pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. E-mail: teliarosa@hotmail.com*

***Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins - PPGL/UFT. Possui Mestrado em Ensino Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins - PPGL/UFT; Graduação em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Tocantins; É professora de Língua Portuguesa e Inglesa do Ensino Fundamental e Médio pela Secretaria de Educação e Cultura do Tocantins desde abril de 2010. E-mail: andreianascimentocarmo@yahoo.com.br*

Ler é uma resposta e aprender é uma pergunta

*Maria José Vital Justiniano**

Saudações fraternas,
Sábias palavras carregadas de motivação e de grande incentivo foram dirigidas a nós professores que desejamos contribuir para o projeto “Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra”. Se sou professora, necessariamente, preciso ser leitora, aliás, aprender a ler. Só depois posso me atrever a dizer que vou ensinar leitura. Possivelmente, a paixão pelos livros reflete, sim, no processo ensino e aprendo / aprendo e ensino.

Quando em uma sala de aula repleta de alunos – assim como são nossas salas – um aluno JOÃOZINHO, bem aplicado do segundo ano do Ensino Fundamental diz para a professora, depois de uma aula sobre masculino e feminino.

– Não estou entendendo nada, depois que a senhora falou que basta trocar o “o” de garoto pelo “a” para formar feminino e escrever garota, então tô todinho enrolado.

Neste cenário, a professora muito experiente, não entendeu a

pergunta e replica:

- Tá bom, Joãozinho. Me diz o que exatamente não entendeu.

- Ora, o bolso mais a bolsa como fica? Eu botei a , então virou bolsa.

Já sei bolsa é feminino de bolso. Cola, feminino de colo. Mas não existe faco, como é o masculino de faca?

A professora se calou.

Então, teorias mais teorias para se ensinar leitura, gramática são apenas experiências traumáticas.

Meu mestre, Paulo Freire, a resposta à sua bela carta está muito complexa, pois a realidade educacional por si só já diz muita coisa. Inúmeros cursos de formação são oferecidos em todo Brasil. Nós professores compreendemos todo esforço que os especialistas e doutores em educação tentam repassar, no entanto, nenhum curso ensina uma professora dar uma resposta exata ao aluno Joãozinho que simplesmente seguiu a lógica do tal feminino e masculino que diz, na REGRA GERAL, trocar “o” pelo “a”.

"Todos os substantivos podem, invariavelmente, ser classificados em masculinos e femininos dentro da língua portuguesa. Em geral, temos por regra que todos os substantivos masculinos são caracterizados pela desinência “o”, enquanto os substantivos femininos são classificados pela desinência “a”.

Portanto, uma maneira muito simples de encontrar qual é o gênero de uma palavra é verificar em que desinência ela termina. Se a palavra for terminada em “o”, muito provavelmente trata-se de um termo de gênero masculino. Mas se for uma palavra terminada em “a” as chances são que se trate de um

*termo de gênero feminino”.*¹

Neste contexto, ainda, confesso precisamos demais de compreensão sobre o processo de aprender a ensinar, ou melhor, começar em não mais acreditar nas famosas teorias que não oportunizaram dar resposta imediata ao aluno que estava atento ao processo de troca do “o” pelo “a”.

Simplemente, a maior resposta que posso dar a carta que enviaste é uma só. Ler é uma resposta e aprender é uma pergunta. Obrigada pela carta recheada de conhecimentos fundamentais para o dia - a - dia do professor.

Abraços fraternos, na certeza que todas as pessoas que leram tua carta foram acrescentadas pelo teu conhecimento e acima de tudo pela lição de “Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria”

Com atenção e afeto,

Patos (PB), Sertão da Paraíba, fevereiro de 2021

**Professora aposentada. Mora em PATOS- PB. Possui Licenciatura Plena em Letras (FIP), com mestrado em Ciências da Sociedade (UEPB). Ama literatura. Escreve poesias e é apaixonada por livros. Ministrou aulas em escolas públicas e privadas, assim como em ensino superior.*

¹ FONTE: <https://comunidade.rockcontent.com/genero-gramatical...>

Ao mestre com carinho

*João Bôsko Cabral dos Santos**

Prezado mestre,
Conheci a obra do mestre quando fazia cursos de reciclagem para professores na então Associação de Escolas Católicas. Eu era Regente de Ensino. Era esse o nome que se dava às pessoas que ensinavam, mas não tinham curso de Licenciatura.

O primeiro contato foi com a obra *A importância do ato de ler*. O curso queria ensinar como interpretar textos nas aulas de português. Lembro-me de ter ficado intrigado porque o texto de Paulo Freire propunha bem mais do que uma simples interpretação de texto. Comentei isso com a ministrante do curso e ela me respondeu que a obra era ampla, mas que não podíamos fazer tudo que ela propunha porque assim não sobraria tempo para as aulas de gramática e de redação. As escolas católicas impunham vários limites sobre o que se podia ou não ensinar.

Naquela época eu era estudante de Engenharia Civil e achei mais prático ganhar a vida ensinando Português e Inglês em escolas particulares. Trabalhei em uma escola onde minha avó havia sido instrutora de Arte Culinária no tempo em que aquela escola ainda tinha internato. Nesta escola eu lecionava inglês. Ensinava português à noite no Círculo dos Trabalhadores

Cristãos para alunos do antigo Projeto Minerva¹ e dos chamados Artigo Noventa e Oito² e Artigo Noventa e Nove³.

Naquela época tomei consciência de que era um leitor do mundo e, independente de ensinar ou não, comecei a resgatar minhas próprias leituras do mundo desde a infância. O significado de minha avó me colocar para assistir e escutar a chuva no quintal de nossa casa e o detalhe é que minha avó já estava cega. O significado das réstias do sol na fenda das telhas que se

-
- 1 O Projeto Minerva era uma modalidade de Educação de Adultos que correspondia ao Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental (primeiro ao quinto ano). Entre dezanove e vinte horas, preparávamos os alunos para a audição da aula pelo rádio, logo após o programa *A voz do Brasil*. Na sequência, entre vinte e trinta e vinte e uma e trinta, repassávamos o conteúdo das aulas pelo rádio e fazíamos exercícios. A turma tinha trinta alunos entre trabalhadoras domésticas, trabalhadores da construção civil, trabalhadores de oficinas mecânicas e pessoas em geral que haviam ficado fora do processo escolar regular. Nos meses de junho e dezembro, os alunos faziam uma prova aplicada pela secretaria da educação na própria escola e se tivessem média maior ou igual a cinco recebiam um certificado que correspondia ao antigo curso primário. Os alunos tinham aulas de português, matemática, estudos sociais e ciências. Este é um relato da experiência educacional da forma como vivenciei. Desconheço a legislação educacional da época.
 - 2 O Artigo Noventa e Oito era uma antiga modalidade de Educação de Adultos que correspondia ao antigo Segundo Grau (atual ensino médio). Não havia aulas pelo rádio, mas os professores e regentes de ensino preparavam os alunos para prestarem os exames supletivos do segundo grau por disciplinas: português, matemática, história, geografia, física, química, biologia, educação moral e cívica, organização social e política do Brasil e inglês. Havia poucos alunos nesta turma, a maioria era de egressos do Artigo Noventa e Nove que continuavam seus estudos. Relato o que vivenciei. Desconheço a legislação da época.
 - 3 O Artigo Noventa e Nove era outra modalidade de Educação de Adultos que correspondia ao Segundo Ciclo do Ensino Fundamental (sexto ao nono ano). Entre dezanove e vinte e trinta, preparávamos os alunos para a audição da aula pelo rádio logo após a audição das aulas do Projeto Minerva às vinte e trinta. Entre vinte e uma e vinte e duas horas, repassávamos o conteúdo das aulas pelo rádio e fazíamos exercícios. A turma também tinha trinta alunos e a clientela era de egressos do Projeto Minerva que continuavam seus estudos. Nos meses de junho e dezembro haviam os chamados exames supletivos do primeiro grau (atual ensino fundamental) aplicados pela secretaria de educação por disciplinas para estudantes de toda a cidade. Os alunos tinham aulas de português, matemática, história geografia e ciências. Mais uma vez trago aqui um relato do que vivenciei porque desconheço a legislação da época.

projetava na sala e mostrava a poeira como um redemoinho de vento. As visões pela fenda dos muros da escola, dos policiais espancando estudantes e os arrastando pelos cabelos ou pela saia das moças. O súbito desaparecimento desde que foi retirado da sala de aula, do professor de história na escola, além das inúmeras vezes que fui parar na diretoria pelas perguntas que fazia nas aulas, até que conseguiram me calar, mas não conseguiram me impedir de pensar.

Houve um tempo em que eu dei aulas de educação religiosa, preparando crianças para a primeira comunhão, e num dos retiros espirituais de preparação de catequistas as pessoas se chocaram porque eu questionei como explicaria que a Virgem Maria dera a luz ao menino Jesus e continuara virgem. Vejam só o que a leitura de mundo provoca em um ser que começa a pensar porque passa a enxergar o que acontece ao seu redor! Imediatamente a diretora da escola me chamou em sua sala e me deu o aviso prévio sem precisar cumprir.

Enquanto fazia minha graduação em Letras nas disciplinas Psicologia da Educação e Didática Geral foi o momento em que tive a oportunidade de ler outras obras do mestre: *O que é o Método Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido e Educação como prática de liberdade*. Fiquei tocado pela praticidade da forma de alfabetizar e pelas outras discussões que aguçaram profundamente o meu DNA de avô comuna dos anos trinta do século XX. Outras criativas leituras de mundo surgiram, seguidas de leituras das palavras porque passaram a se evidenciar nas formas como passei a conceber minhas aulas.

Passei a utilizar réalias⁴ em minhas aulas de inglês e portu-

4 Embalagens de produtos, recortes de jornais e revistas, manuais de produtos

guês nas escolas públicas em que trabalhava. Evidentemente me beneficiei porque naquela época não havia a obrigatoriedade de adoção de séries didáticas nas escolas públicas de bairros mais afastados porque os alunos não tinham condições econômicas de adquiri-las. Nem eu mesmo tinha a consciência de que minhas aulas passaram a serem inspiradas nas ideias filosóficas, políticas, sociais, históricas, ideológicas, psicológicas e até linguísticas, resultantes de minhas intravisiões que emergiam sorrateiramente pelo conhecimento acadêmico-filosófico que naquele momento se instauraram no meu universo pedagógico-educacional.

Comecei por construir uma revolução espacial nas salas de aula. Organizávamos as carteiras em forma de “U” de modo que tínhamos um espaço aberto no meio da sala, que imaginariamente tratávamos como o nosso caldeirão do conhecimento. Um conhecimento que construíamos juntos – educador e educandos – e no final da aula cada um pegava sua porção “imaginária” de saberes e levava consigo – uma metáfora singular – que parecia ter um efeito mágico em nível de envolvimento dos alunos.

Na primeira aula, forrava no espaço aberto no meio da sala um grande lençol branco, parte de um teatro filosófico que tratava da importância de conhecermos e sabermos interagir e usar de forma inteligente e criativa a linguagem e que era para isso que serviam as aulas de inglês e português. Era solicitado aos alunos que selecionassem em casa, na rua, em qualquer lugar que quisessem, os materiais que gostariam de ter como textos para estudar durante o ano letivo e que teriam uma semana para captar e trazer para a aula no dia marcado. No dia marcado, os

importados, manuais de videogames, letras de músicas, páginas de anúncios publicitários, além de excertos da bíblia sagrada e de revistas pornográficas, entre outras surpresas que apareciam.

alunos depositavam sobre o lençol branco, então eu dobrava o lençol em uma ação simbólica de que ali estava a matéria-prima para o conhecimento que iria ser produzido durante o ano letivo, nas aulas de inglês ou português, conforme fosse o contexto.

Relevante dizer que tinha que haver uma triagem desses materiais para evitar usos impróprios para o contexto educacional de acordo com a faixa etária dos alunos (revistas pornográficas com imagens, panfletos tendenciosos de facções religiosas ou organizações contraventivas, conteúdos de acessibilidade complexa para uso em sala de aula, entre outros elementos que se considerasse inadequado para aqueles contextos educacionais). Nossas aulas seriam pautadas pelos materiais apresentados, resguardados os graus de dificuldade das linguagens em estudo e um cumprimento da agenda programática dos conteúdos designados para cada série, com destaque para um dicionário coletivo construído em uma das paredes de cada sala a partir da colagem de uma grande folha de papel pardo em que as palavras eram adicionadas de acordo com as dificuldades de percepção surgidas durante as aulas. Na agenda das aulas, estudos de vocabulário adequados a diferentes contextos, tipos de texto e uso compatível dos mesmos em situações de trabalho, estudos formais de língua, relações interpessoais – em níveis diversificados de oralidade e escrita – voltados para as necessidades de aprendizagem, sempre procurando respeitar os conteúdos programáticos para cada série. A avaliação em forma de prova era apenas uma convenção pedagógica da escola e no caso de nossas aulas cada aluno elaborava uma prova⁵ que no dia marcado seria re-

5 A elaboração dessa prova pelos alunos se constituía também como um dos instrumentos de avaliação.

solvida pelos outros colegas para somar esta nota com as notas dos trabalhos desenvolvidos em classe e assim surgia a média do bimestre. Depois de muito tempo foi que tive a intravisão que esta era uma forma de educação como prática de liberdade e que quando discutíamos, simulávamos, escrevíamos de diferentes formas, cantávamos, dançávamos, entrávamos em conflitos de ideias e de comportamentos disciplinares em sala de aula, ríamos, nos encantávamos, ficávamos emocionados⁶ com aquilo que estávamos fazendo, apesar das pesadas críticas dos colegas conteudistas savianistas e das equipes pedagógicas mais conservadoras que insinuavam descumprimento da agenda educacional ou intencionalidade política de uma postura de esquerda radical comunista.

Em mil novecentos e noventa, na época em que eu fazia mestrado em Linguística Aplicada na UNICAMP, me inscrevi em duas disciplinas do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação: a primeira foi o curso de Psicologia Transpessoal, da Professora americana Sandra Shepard, e o segundo foi a disciplina Colóquios Interdisciplinares ministrada pelo nosso mestre Paulo Freire. Interessa-me aqui falar sobre os Colóquios Interdisciplinares em sua heterogeneidade étnica, acadêmica, política, educacional e integrativa: um japonês, duas uruguaias que viajavam vinte seis horas para vir e vinte e seis para voltar a cada semana, os outros latinos, a americana, as gaúchas, os nordestinos, o pessoal do centro-oeste e do norte, os Professores

6 Tamanha intravisão foi a percepção de que se tratavam de círculos de cultura, parafraseando a obra do mestre Paulo Freire. Imagine o que é para um educador em formação sentir que segue os passos de seu mestre em seu fazer educacional. E como este sentimento nos dá uma sensação de cidadania, de se constituir em um ser político íntegro, um profissional realizado em seu ofício de ser humano e existencialmente em sintonia com seu mundo e com sua época.

Assistentes da Adriano Nogueira e João Wanderley Geraldi, além das visitas inusitadas da Professora Ana Maria Freire, do motorista que conduzia nosso mestre, a moça que trabalhava na casa deles, além de outros visitantes igualmente ilustres que nos brindaram com seus saberes e poderes. Além das obras já citadas que compunham as leituras, lemos as outras até então publicadas, com destaque para a tese de doutoramento do mestre sobre as bases da educação brasileira, as obras *Comunicação ou Extensão*, *Cartas a Guiné Bissal*, entre outras. A cada aula calorosas discussões teóricas eram regadas com depoimentos pessoais e de pessoas ao seu redor, além do encantamento dos alunos com histórias tão singulares quanto a da alfabetização de guerrilheiros nas cavernas em plena madrugada, incluindo os emocionantes episódios das arquibancadas nos jogos de futebol em Recife, um verdadeiro laboratório de sabedorias populares. Para o trabalho final da disciplina ele chamava cada um à cadeira ao lado dele e pedia que falássemos sobre nossa proposta de trabalho; imediatamente ele nos atribuía conceito “A” e elogiava nossas propostas dando sugestões; que responsabilidade foi desenvolver aquela proposta de ensino de redação no curso supletivo, a partir da experiência de um diário de relatos do cotidiano desenvolvido pelos alunos durante o bimestre, traduzido em manifestações formais de escrita em pelo menos três modalidades textuais; ainda sinto as feições de entusiasmo do mestre a me dizer que eu seria o responsável pela cultura de escrita daqueles jovens que estavam em minhas mãos – isso representa muito até hoje.

Para finalizar esse tributo, um pedacinho da experiência como formador de professores nos vinte e quatro anos na docência

universitária. Primeiro, a necessidade de defesa incomensurável de que devemos dar o nosso melhor ao atuarmos na educação pública por ser o berço de formação de cidadania para a classe trabalhadora. Segundo, o compromisso de construção de um conhecimento que seja libertador no sentido de conscientizar os nossos alunos para lutarem por uma justiça social que contemple as assimetrias sociais. E, terceiro, e não a última, a obrigação de contribuir para a formação de uma sociedade que tenha consciência de seu papel como indivíduo pertencente a uma coletividade que defende os direitos e deveres, causas e solidariedades, diferenças e gêneros, sempre mediando a linguagem à integração social e ao que o mestre Paulo Freire sempre repetia... *“A gente tem que se sentir gente e dizer às pessoas que elas podem se sentir gente também...”*

Com carinho e pertencimento,

João Pessoa (PB), fevereiro de 2021

**Graduado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba em 1987. Professor da Educação Pública e Particular. Atuou no Ensino Fundamental e Médio e na Educação de Jovens e Adultos – principal interesse atual. Mestre em Linguística Aplicada pela UNICAMP e Doutor em Estudos Linguísticos pela UFMG. Atuou como formador de professores de línguas na Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente vive em João Pessoa. (sjohnnyjampa@gmail.com)*

Ensinaamentos para toda a vida

*Luciana Alexandre do Nascimento Silva**

Estimado Mestre Paulo Freire,
É muita alegria, emoção e honra poder escrever-lhe! Ter a oportunidade de celebrar o centenário de seu nascimento e continuar espalhando pelo mundo o riquíssimo legado que o senhor nos deixou.

Paulo Freire é sinônimo de amor, de esperança, de luta e perseverança. Não é por acaso que nós, pedagogos, professores e educadores, lhe temos o mais profundo respeito e admiração. O senhor nos ensina, nos inspira, nos motiva a seguir adiante, mesmo com todas as dificuldades que encontramos em nossa jornada no dia a dia das escolas e mesmo fora delas, pois entendemos que a educação transcende os espaços escolares.

Ao longo dos meus 6 anos como professora regente em turmas da educação de jovens e adultos (EJA), pude vivenciar na prática muitos de seus ensinamentos. Coisas que aprendi através de seus livros e vídeos, um acervo essencial e de suma relevância aos que amam a educação e desejam lutar por tempos melhores para todos. Na minha prática docente busquei continuamente enxergar o potencial que meus alunos tinham, embora muitos deles não acreditassem neles mesmos, devido aos preconceitos vivenciados ao longo da vida. Infelizmente, o analfabeto muitas

vezes é visto como um ignorante e incapaz na nossa sociedade. Utilizei coisas das vivências dos discentes para alfabetizar, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, motivei-os diariamente, ajudei-os a resgatar a autoestima, mantive relação de diálogo constante, busquei dar-lhes autonomia, conhecer e atender suas necessidades reais, ensinei e aprendi com eles numa troca recíproca. Aliás, acredito que mais aprendi do que ensinei com tantos saberes e experiências que eles me apresentavam no cotidiano escolar. Quanta riqueza advinha dos saberes populares, fazendo emergir novos conhecimentos, aprendizagens e reflexões.

Eu tive a oportunidade de colocar em prática a sua proposta pedagógica para a alfabetização de jovens e adultos e atestar que sim, funciona perfeitamente e envolve os alunos de uma forma muito significativa. E quão gratificante era vê-los serem alfabetizados em pouco tempo! Mais que isso, pois ao ler e escrever eles ganhavam cada vez mais condições de compreender melhor a realidade e, assim, gradativamente poderem atuar e transformar a sociedade como cidadãos conscientes, ativos, críticos e participativos. Devemos sempre acreditar que a educação é uma ação coletiva e libertadora.

Muitos dos meus alunos não tiveram a oportunidade de estudar na época certa ou desejável, por inúmeros motivos, mas os principais eram: a necessidade de trabalhar para ajudar em casa e porque a escola ficava muito distante de suas residências, o que dificultava bastante o acesso e a permanência na escola. Por isso era tão importante que eles fossem acolhidos e valorizados, que percebessem que apesar da idade, de chegarem na escola à noite cansados após um longo dia de trabalho, das preocupações diárias, eles eram capazes e podiam melhorar suas condições de

vida por intermédio da educação, de não fazer apenas a leitura das palavras, mas a leitura de mundo.

Sinto muita saudade dessa época e jamais esquecerei as experiências, os desafios, as conquistas, o amor envolvido, as incertezas, curiosidades, reflexões, enfim, a aprendizagem verdadeiramente significativa para todos os envolvidos nesse processo. É claro que a sua proposta pedagógica não se restringe à educação popular e à educação de jovens e adultos, embora tenha aqui a sua marca registrada. Na verdade, essa proposta pedagógica pode ser praticada em todos os graus de ensino, adaptando-a conforme a realidade e a necessidade. Mas para a minha pessoa realmente marcou muito esse período em que trabalhei com os jovens e adultos. Também foi o período em que estava fazendo a minha graduação, podendo ter a minha prática pedagógica iluminada pela teoria. Foi uma fase de grande crescimento profissional e também pessoal. Lições que guardarei por toda a minha vida!

O senhor, querido Mestre, é sinônimo de educação e autonomia. É o pedagogo do oprimido, que tem um olhar sensível aos menos favorecidos. É também o pedagogo da esperança, que nos mostra a importância de perseverar e esperar por um melhor, mais justo e igualitário. Com todo o seu legado aprendemos que é preciso ousar, ter paciência e tolerância, respeitar o diferente e aprender com ele, perceber o valor e o poder que a educação tem.

Como seria bom que ainda estivesse entre nós! Especialmente nesses tempos difíceis, tempos de pandemia, de medos e incertezas. Sabe, estamos passando por um período diferente de tudo o que já vivemos. Repentinamente um vírus mundial se fez presente entre nós e paralisou nossas atividades rotineiras. Fomos

obrigados a ficar e a trabalhar em casa. Certamente mexeu com a estrutura das escolas e a educação precisou utilizar tecnologias diversas para adaptar-se ao ensino remoto. Não foi fácil, mas foi lindo ver os professores se reinventando, aprendendo, perseverando... Tem sido tempos de novas aprendizagens e grandes desafios. Mas tudo isso teve um lado negativo muito forte também, pois acentuou as diferenças de classe social existentes no nosso país, onde os alunos menos favorecidos não tiveram acesso ao ensino remoto por falta dos recursos materiais como computador, tablet, celular e internet. E quanta falta tem feito o convívio social, pois como o senhor mesmo diz “Importante na escola não é só estudar, é também criar laços de amizade e convivência”. Tudo isso lhe entristeceria, assim como a nós. Mas acredito que depois de tudo isso seremos pessoas melhores, entendendo o que realmente importa nessa vida e lutando incansavelmente por um mundo melhor e mais humano.

A ti, a palavra que melhor resume o meu sentimento é GRATIDÃO! Gratidão por seus ensinamentos, pelo exemplo de homem, educador e pensador, exemplo de coragem e amor verdadeiro à educação... O senhor pode não estar mais entre nós fisicamente, mas certamente está e permanecerá através de suas obras e de todo o belo legado que construiu em vida.

Um forte abraço, repleto de ternura e gratidão.

Brasília (DF), fevereiro de 2021

**Mestranda em Educação pela Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Educação, Tecnologia e Comunicação (ETEC). Pedagoga e Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal desde 1996 (anos iniciais). Especialista em Administração da Educação (UnB) e em Psicopedagogia Clínica e Institucional (FAE).*

Paulo Freire e a pedagogia de Jesus

*Drance Elias da Silva**

*João Luiz Correia Júnior***

Prezado Paulo Freire,
É um enorme prazer entrar em contato com você, se assim nos permite tratá-lo, em virtude da intimidade que fomos criando com a sua pessoa a partir dos livros de sua autoria que estudamos ao longo de nossa formação, desde os tempos da Graduação em Teologia, no ITER - Instituto de Teologia do Recife.

Atualmente, somos professores da UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, Instituição de Ensino Superior que se pauta na sua grande contribuição pedagógica, buscando interpretá-la, atualizando-a para os desafios do tempo que se chama hoje.

Gostaríamos de partilhar uma experiência que estamos fazendo em nossos estudos, ao utilizar alguns de seus conceitos pedagógicas como chave hermenêutica para interpretar a ação missionária de Jesus, na Palestina do século I. Os resultados da pesquisa apontam, até o momento, que podemos considerar a

prática de Jesus com característica de uma pedagogia eminentemente problematizadora e libertadora. Como amostra da pesquisa, tomamos por base a narrativa da primeira multiplicação dos pães no Evangelho segundo Marcos (Mc 6,34-44).

É o que procuramos demonstrar, a seguir, nesse breve relato.

A Pedagogia de Paulo Freire, sobretudo a que está presente na consagrada obra de sua autoria, “Pedagogia do Oprimido”¹, é muito interessante como aporte hermenêutico para se construir uma compreensão crítica sobre a práxis de Jesus, narrada em trechos dos Evangelhos.

Tomemos aqui, como exemplo, um trecho do Evangelho que dá informações sobre o *modus operandi* de Jesus: a primeira multiplicação dos pães e dos peixes (Mc 6,34-44). Logo na abertura da narrativa, lemos:

Assim que ele [Jesus] desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensiná-lhes muitas coisas.
(BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002).

“Assim que ele desembarcou...” é um conectivo de lugar /

1 O livro “Pedagogia do Oprimido” foi escrito durante o exílio no Chile, em 1968. Nele, Paulo Freire elaborou teoricamente a experiência de alfabetização realizada na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, em 1962, na qual trezentos agricultores se alfabetizaram em 45 dias. O livro tem quatro capítulos: o primeiro apresenta a contradição dialética (contradição) opressores *versus* oprimidos e mostra a necessidade de se adotar uma práxis que possa orientar uma ação visando a superação dessas contradições; o capítulo II contrapõe a “educação bancária” (que consiste na memorização mecânica de conteúdos apresentados pelo professor) e a educação problematizadora (que promove a “dialogicidade” entre educando e educador mediada pelo mundo; o capítulo III apresenta conceitos estratégicos, tais como diálogo, tema gerador e função pedagógica do partido político; o capítulo IV desenvolve a teoria da ação dialógica, por meio da qual a liderança política não pode temer as massas, sua forma de expressar-se e sua participação efetiva no poder (PAULY, In: STRECK; REDIN; ZITKOSKI (Orgs), 2018, p. 362-363).

tempo, por meio do qual abre-se a perícopé. Importante perceber que o que vai ser narrado sobre Jesus acontecerá de forma imediata: assim que ele desembarca, isto é, põe os pés no chão daquele lugar. Jesus “viu” uma grande multidão. Dois aspectos chamam a atenção nesta simples frase:

Primeiro, é importante perceber que o Evangelho de Marcos faz uma distinção entre “ver” e “olhar”. Na narrativa de cura da mulher com fluxo de sangue, “Jesus olhava em derredor para ver quem fizera aquilo” (Mc 5,32). Ver é algo mais profundo do que simplesmente olhar... Por isso, o que ele viu tem repercussão em seu interior: provoca impacto em Jesus, que será o protagonista de toda cena.

Segundo, a “multidão” aparece aqui com as seguintes características: a) É constituída de um número elevado de pessoas, o que explica a necessidade de usar o adjetivo *polys*, “grande”; b) Encontra-se à espera de Jesus; c) Suscita nele compaixão. Ched Myers (1992, p. 198-199) demonstra que há estudos no sentido de que o termo *ochlos*, “multidão” é usado aqui como sendo análogo à expressão hebraica *‘am ha’ aretz* (“povo da terra”). Nesse caso, a multidão faz referência a algo que estava acontecendo naquele contexto: havia muita gente “sem terra”, que vagava em busca de trabalho, pois perderam suas propriedades por estarem endividadas, sem poder saldar as dívidas do sistema de tributação sobre o que era produzido. No texto paralelo de Mateus, escrito posteriormente (Mt 9,36), está escrito que Jesus teve compaixão da multidão “porque estava cansada e abatida² como ovelhas sem pastor”, imagem bíblica (Nm 27,17; 1Rs 22,17; Jr 11,19; Ez 34,5; 2Cr 18,16) para representar os mais pobres abandonados

2 Grifo nosso.

pela classe dirigente.

Jesus, ao inserir-se na realidade do seu povo, procurou ver em profundidade as causas de seu desenraizamento social, permitindo-se ficar problematizado diante de tamanho sofrimento. Por isso, “ficou tomado de compaixão por eles” (Mc 6,34).

Nesse ponto, Paulo Freire nos dá um excelente suporte hermenêutico para afirmarmos que Jesus, à frente do seu tempo, não utilizou uma “educação bancária” como faziam os mestres oficiais da Religião. Jesus “ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mc 1,23). A prática pedagógica do mestre de Nazaré da Galileia era a de uma pedagogia problematizadora; uma pedagogia que não impõe, mas que leva o outro a refletir.

Segundo os conceitos de Freire em “Pedagogia do Oprimido”, o educador problematizador refaz, constantemente, seu ato cognoscente, como investigador crítico da realidade. Desse modo, “a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade”: “busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade” (FREIRE, 2018, 65 ed., p. 96-97).

A partir dessa inserção crítica na realidade das multidões, Jesus é movido de compaixão (sentimento que não é mero sentimentalismo, mas, conforme a palavra no texto original em grego, é algo que mexe com suas entranhas) e o impulsiona a agir de modo solidário: “E começou a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6,34). Um agir que toma a pessoa humana como pressuposto de sua mensagem.

Não é dito o que Jesus ensinou verbalmente, mas o que é narrado, em seguida, demonstra que houve um ensinamento prático: a partilha de comida, numa grande refeição coletiva a céu

aberto (Mc 6,35-41). “Todos comeram e ficaram saciados” (Mc 6,42).

Nesse ensinamento prático, dos muitos aspectos que podem ser destacados, tomemos três:

a) O envolvimento do discipulado de Jesus, seus educandos imediatos, na causa da grande multidão. Eles queriam se desvencilhar dessa obrigação, sugerindo que Jesus despedisse a multidão, pois “o lugar é deserto e a hora já muito avançada” (Mc 6,35). Mas Jesus insiste: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37).

b) A incompreensão do discipulado sobre o que fazer, de imediato, pois a lógica em que foram educados era a lógica baseada na economia de compra e venda: não tinham dinheiro suficiente para alimentar tão grande multidão. Jesus ensina uma outra lógica: a da partilha dos bens, de forma organizada, na qual o discipulado devia colaborar na organização (Mc 6,38-41).

c) A bênção de Jesus sobre os alimentos partilhados. Os discípulos partilharam o pouco que todos trouxeram: ficaram saciados e ainda houve sobras, que foram recolhidas para que nada fosse desperdiçado (Mc 6,42-44).

Paulo Freire deixa claro que, por meio da prática pedagógica problematizadora, “vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo” (FREIRE, 2018, 65 ed., p 100).

Poderíamos acrescentar: realidade na qual têm o poder de interferir no processo de transformação. De fato, segundo Freire (2018, 65 ed., p. 105), “para a educação problematizadora,

enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está em que os homens [e mulheres] submetidos à dominação lutem, por sua emancipação”. Jesus parece que, intuitivamente, estava agindo nessa perspectiva de uma educação problematizadora.

Que grande ensinamento adquirido nessa multiplicação dos pães e dos peixes por meio da partilha! Esse banquete a céu aberto deve ter causado tanta repercussão na consciência do povo e, de modo especial, nos discípulos de Jesus, que está narrada duas vezes em Marcos (Mc 6,34-44; Mc 8,1-10), e uma vez nos demais Evangelhos (Mt 14,13-21; Lc 9,10-17; Jo 6,1-13; Mc 8,1-10). Foi uma prática pedagógica que ficou marcada na memória coletiva da fé cristã, devido ao seu potencial profético-revolucionário, capaz de gerar esperança em mudanças na forma como se vive em comunidade, por meio da boa-nova de que é possível viabilizar uma economia solidária e participativa.

Como afirma Paulo Freire (2018, 65 ed., p 102-103), a educação problematizadora não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens e mulheres como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como “projetos” –, como seres que caminham para a frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens e mulheres, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu

objetivo.

Essa definição conceitual de Paulo Freire sobre “educação problematizadora” contribui para percebermos na ação missionária de Jesus (e de seu discipulado) elementos de uma prática pedagógica libertadora, junto às multidões oprimidas daquele contexto histórico em que estavam inseridos.

Querido Mestre Paulo Freire, concluindo esta carta, relato de uma experiência de pesquisa, queremos agradecer sua valiosa contribuição por meio dos seus conceitos pedagógicos que, em nossa compreensão, ajudam a compreender e admirar o alcance da ação missionária de Jesus. A nosso ver, o Mestre Jesus teve uma atuação eminentemente problematizadora, e genuinamente libertadora.

Por mais tenebrosos que sejam os momentos históricos, sua pedagogia do oprimido nos inspira e anima a continuarmos firmes na educação problematizadora, contribuindo para que as novas gerações conheçam seus estudos, procurando atualizá-los como aportes hermenêuticos para analisar criticamente a realidade educacional do presente, bem como para compreender a prática pedagógica de personagens históricos, líderes carismáticos políticos e religiosos, ao longo da história.

Com carinho e gratidão,

Recife (PE), fevereiro de 2021

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 65 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2018.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992. 570 p.

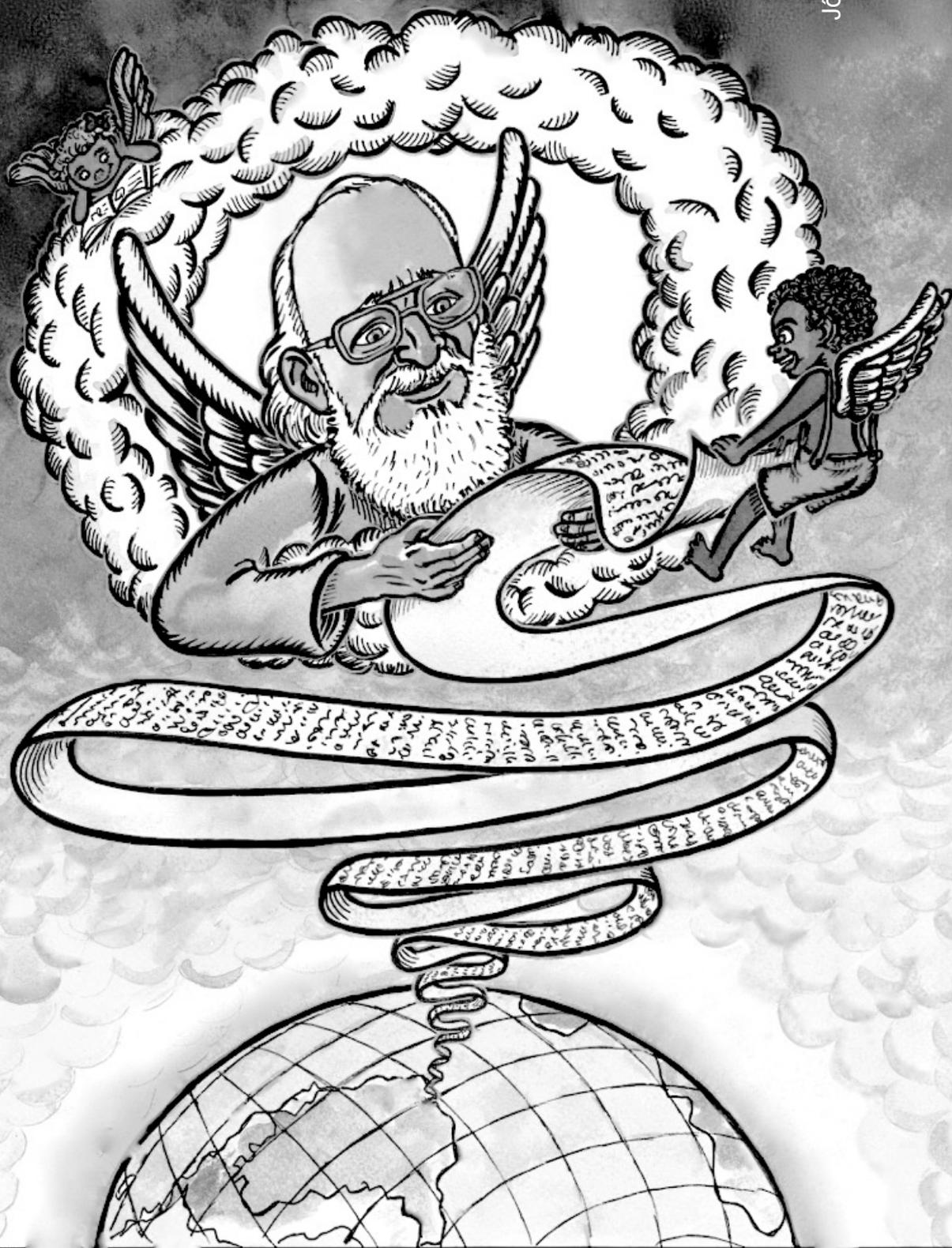
PAULY, Evaldo Luis. *Pedagogia do Oprimido*. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire* (4ª edição revista e ampliada). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, pp. 362-363.

**Pós-doutor em Teologia pela EST – Escola Superior de Teologia de São Leopoldo. Doutor em Sociologia pela UFPE – Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: drance.elias@unicap.br*

***Pós-doutor em Ciências da Religião pela PUC-GOÍÁS. Doutor em Teologia pela PUC-RIO. Professor titular e pesquisador da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: joao.correia@unicap.br*

Esperançando

Jó Oliveira



Histórias, palavras e sonhos

*José Cristovão de Andrade**

“A educação é um ato de amor, de coragem que se fundamenta e se nutre no diálogo, na discussão.”
(FREIRE,1983).

Estimado Paulo Freire,
Foi no final dos anos de 1970 que me encontrei com as suas ideias. Nessa época, fruto da atuação junto às Pastorais Religiosas e no Movimento de Grupos de Jovens, JUC – Juventude Unida em Cristo na Comunidade de Santa Rosa em Campina Grande. Esse movimento discutia as questões religiosas, políticas e educativas. Era uma ponte entre os sonhos da juventude e a realidade de desigualdade social, no intuito de compreendê-la e forjar formas de intervenção. No campo teológico, objetivava o fortalecimento do entendimento dos princípios religiosos do cristianismo. No campo da política, além de compreender o contexto social da época, era evidente externar a luta popular em defesa da dignidade social e pelo fim do regime opressor dos militares. Os oprimidos teriam que conhecer sua realidade e mudar tal situação. Era aqui uma ponte nossa entre as teorias de Karl Marx de desigualdade de classes e a sua visão

de opressão.

Esse diálogo só era possível devido à propagação da obra *Pedagogia do Oprimido* nos meados dos anos 1980, seja nos movimentos pastorais, sejam nos eventos promovidos pelas Universidades como UNICAMP, UFPB e FURNE em um encontro memorável em 1982, no Teatro Municipal Severino Cabral em Campina Grande. Era um diálogo sobre as perspectivas da educação no contexto social de tantas desigualdades sociais da época. Para nossa juventude, esse ato era um novo chamamento para lutar em defesa da educação. Aqui também encontramos as obras de Patativa do Assaré, *Triste Partida* – um apelo pelo fim do êxodo rural e da grave seca no Nordeste. Esses encontros iriam mapeando um cenário de resistência pela juventude em todo o Brasil.

Aqui, agora, era visível as disputas entre as correntes de forças políticas de esquerdas-marxistas para atuar nas direções das entidades de jovens. O contato aqui era com o PCdoB, PCB, MR8, PDT, PMDB e depois pelo PT. Devido ao cenário de opressão pelos militares, essas correntes políticas estavam presentes e identificadas pelos jornais: *Voz da Unidade-PCB*; *Tribuna Operária-PCdoB*; *Hora do Povo-MR8*. Essas forças tiveram um papel importante no processo de redemocratização do país, na luta pela anistia e pela defesa de uma nova constituição, livre e democrática. No meio estudantil da UNE e UBES, a corrente VIRACÃO era quase hegemônica na direção política revolucionária do PCdoB.

No campo educacional, discutíamos as experiências e práticas pela transformação da sociedade. Foi neste exato momento que ouvimos falar mais detalhadamente em Paulo Freire, este

seria um autor ideal para mediar o debate sobre o novo mundo de justiça social e de implantar um modelo de sociedade com a garantia do fim da opressão e pela igualdade de classe. Era um encantamento. Em 1982, em pleno regime militar, nos debruçávamos sobre o conceito de Mudança Social e Transformação Social. A militância de todas as correntes unificava a tese em defender as Teorias Freirianas. Esse também foi o ano em que estávamos militando, no Grêmio Estudantil do Colégio Estadual da Prata, a luta pela reabertura do Centro Estudantil, fechado em 1968 pelos militares. Essa retomada só foi possível em 1984, momento de disputas e lutas pelas eleições *diretas já* e por uma nova Constituinte.

Como Paulo Freire já era conhecido pelos educadores e militantes, nos anos de 1984, pude reencontrá-lo no período do Curso de Licenciatura em Sociologia na UFPB, em Campina Grande, hoje, UFCG. O encantamento nesse período no curso de Sociologia era o do paradigma da Sociologia Crítica representados, na instituição, por Educadores como Cícero Agostinho, Severino Gomes – Bui, Alloys Wellen, Maria da Luz, Marta Lúcia, Luiz Gonzaga de Melo, Rômulo Araújo, Fábio Freitas, Padre Charles, Raimundo, Hermano Nepomuceno, Cristina, Albanita Guerra, dentre outros. Esses, em sua maioria, falavam do grandioso papel de Paulo Freire na Educação.

Neste cenário de Sociologia Crítica, era visível o namoro com outros paradigmas apontados por Dermeval Saviani, Eduardo Galvam, Moacir Gaddoti, Angela Antunes. Todos esses, pontuavam a crise social e seus impactos na educação brasileira.

Destaco agora outro momento importante com Paulo Freire. Minha vivência prática como Monitor Social junto aos jovens

carentes e no movimento de meninos e meninas de rua de Campina Grande (1986-1990), uma prática de educação popular nas comunidades carentes e na Fundação de Bem-Estar do Menor Alice Almeida (FEBEMAA) como oportunidade e vivência de um diálogo possível sobre o analfabetismo, a fome, o desemprego, evasão escolar e violência social. Os textos, indicados para reflexão desses problemas, eram voltados para as principais categorias Freirianas como: Conscientização, Mudança, Diálogo, Opressão, Esperança, Liberdade, Educação e Alfabetização de Jovens e Adultos.

As oficinas realizadas sobre educação popular sempre apontavam a visão transformadora, maneira possível de mudar a condição de desigualdade social, era assim, a tentativa de educar e de reeducar a sociedade, sendo os educadores convidados e convidadas para esse desafio. Recordo-me de uma Oficina sobre Cooperativismo e Educação, uma experiência Freiriana em 1962 em Angicos-RN, que segundo os dados relatados pelo Centro de Referência Educacional (CRE), Freire realizou suas primeiras experiências de alfabetização com 300 trabalhadores rurais em 45 dias. Nessa experiência, Freire deixava claro que o problema central do homem não era só o simples fato de alfabetizar, mas de fazer com que este indivíduo assumisse sua dignidade enquanto homem, capaz de fazer sua própria cultura, sua própria história (PAIVA BELLO, 1993).

Nesta concepção, Freire assimila um papel diferente da ação do homem, logo, o homem que detém a crença em si mesmo é capaz de dominar os instrumentos de ação à sua disposição, incluindo nesta, a leitura e escrita, a leitura de mundo. Freire concebia a educação como única via de refletir sobre a realidade

existencial. A lógica era a de articular com essa realidade as coisas mais profundas dos acontecimentos vividos para assim inserir os fatos particulares na globalidade das ocorrências da situação. Via, no processo de alfabetização, a aprendizagem da leitura e da escrita, como releituras do mundo. Para Freire, o *diálogo* processar-se-á a *conscientização*.

O processo pedagógico valorizava e estimulava na ação formativa dos professores a inserção da contextualização, inclusive e principalmente, política ao processo ensino-aprendizagem. Este movimento de educação popular, como enfatiza Paiva Bello (1993), é abortado pelo golpe militar de 1964 sob a acusação de ser um método subversivo.

Essas ideias fortaleceram minha militância e prática pedagógica junto aos jovens da FEBEMAA. Todos os projetos pedagógicos passavam por uma ampla discussão e planejamento. As ações esportivas e culturais, e de cooperativismo, tinham base e sentido no ato de educar no seu verdadeiro significado, o de *humanizar*. Essa questão sempre foi apontada em Freire como necessária: Modificar-se é um imperativo da natureza dos seres humanos, na busca de complementar-se como pessoas.

Passadas essas experiências, pude agora, como professor da UEPB a partir de 1991, discutir com mais precisão, na disciplina de Sociologia da Educação e Fundamentos das Ciências Sociais nos cursos de Estudos e Serviço Social todas essas temáticas já pontuadas e suas relações. Foi aqui um novo desafio no sentido de defender uma Educação Transformadora com suporte Freiriano e do Marxismo, de acreditar na conquista de uma nova sociedade. Era, na prática, a utilização do Materialismo Histórico e Dialético. Freire ao não propagar essas categorias

teóricas de K. Marx, apontou como novos conceitos a *Pedagogia do Oprimido, da Esperança, da Liberdade, da Autonomia, da Conscientização* e, depois, a *da Indignação*. Todas essas possibilitaram o resgate do debate sobre o papel da Educação no processo de transformação, a luta de classes, a dominação.

Sempre trabalhei esses conceitos no fortalecimento da concepção Marxista de sociedade. Vivenciados todos esses passos com Freire, em 2005, pude participar no Centro de Educação – CEDUC/UEPB, das atividades, do recém-criado *Grupo de Estudos Paulo Freire-GESPAUF* - idealizado pelo Mestre e sonhador, Cícero Agostinho. Os registros de criação do GESPAUF mostravam o desejo dos educadores de Campina Grande reunir um Grupo de Estudos do pensamento Freiriano. Foi exatamente no dia 5 de maio de 2005, o dia da sua criação, conforme constam nos relatos do Professor Cícero Agostinho:

[...] Um grupo criado para homenagear aquele que há 8 anos se foi para eternidade, mas ficando entre nós no tempo, com suas ideias, seu exemplo de vida, que a morte corporal não nos arranca... hoje, tornamos um sonho numa realidade.

Esse período será marcado por grandes conquistas da Comunidade Universitária da UEPB, a coroação da sua *autonomia financeira* (06 de agosto de 2004), criando cursos de licenciaturas em regiões carentes do nosso Estado. A criação do Curso de Licenciatura em Filosofia no Campus de Campina Grande e a expansão da universidade para as cidades de Monteiro, Patos e João Pessoa foi uma grande vitória do povo Paraibano. Oferta efetiva dos cursos de ensino superior em todos os Câmpus da UEPB; sendo Lagoa Seca, Catolé do Rocha e Guarabira as maiores expressões. Essa expansão resultou na ampliação de vagas, de

pós-graduação, de qualificação, de concursos públicos e na melhoria de vida das categorias dos Técnicos-Administrativos e Docentes.

Neste período, de 2005 até 2020, pudemos registrar 15 anos de ações do GESPAUF em defesa da Educação Transformadora e de destacar o legado de FREIRE no âmbito da educação de Campina Grande e de toda Paraíba. Hoje, sabedor de que a Editora da UEPB/EDUEPB tem um projeto institucional de publicar coletâneas com Cartas dirigidas a Paulo Freire, em homenagem ao seu Centenário, sinto-me na obrigação e oportunidade de retomar um texto por mim já iniciado e cobrado por Cícero Agostinho do GESPAUF. Produção essa que seria apresentada no Colóquio Internacional em Recife em 2019, com a temática: *Meu encontro com Paulo Freire*, hoje encontro motivação para apresentar esses colóquios como *Uma carta à Paulo Freire*, neste momento histórico dos 100 anos em defesa da Educação Popular e Transformadora, a Educação como um sonho possível de conquistar grandes mudanças e anseios do povo oprimido.

Essa comemoração também registrará a indignação dos Freirianos contra as ofensivas conservadoras e fascistas do cenário político atual brasileiro, “onde vemos em tom de chamadas de fogo”, os discursos ideológicos oriundos do Palácio Central, do MEC e demais setores religiosos, uma exposição de palavras daninhas contra as ideias e o legado histórico do nosso Patrono em defesa da Educação Brasileira. Pensamento este que caminha na contramão das grandes nações de todo o mundo que comemoram com louvor e respeito seu centenário neste ano de 2021.

Outro aspecto que merece destaque é o cenário de *Pandemia do covid-19* que vem exigindo dos educadores uma intervenção

racional da gravidade causada do momento e dos impactos cruéis no processo educacional, em todos os níveis de ensino, quer nas esferas públicas ou privadas. O ensino remoto e a educação híbrida são apontadas como alternativa para vencer a gravidade da crise e seus efeitos nas camadas mais sofridas da sociedade.

A Pandemia vem revelando situações graves de desigualdade social em todo o planeta, um real cenário de crescimento da fome; da falta de perspectiva social pelas camadas pobres; o galopante índice de desemprego e o aumento da violência doméstica escancarada em forma de opressão à mulher em todos os níveis, por último, o feminicídio. Tudo isso vem questionar e trazer ao campo educacional a visível atualidade das obras Freirianas, escritas em contextos e décadas, cuja realidade era outra, mas que revelam o quanto ainda estamos distantes de vencer tais obstáculos sociais e educacionais. Nesse vendaval de grave crise, *o esperar, o sonho de liberdade, e a educação como um sonho possível*, parecem badalar em todos os sinos que ecoam a voz do *despertar, da mudança e da indignação*.

A Educação é chamada para atender essa nova ordem, de jamais ceder ao crivo do capitalismo excludente, de classificar a Pandemia como um mero fator e de forma privilegiada, facultar os melhores métodos e o uso da tecnologia à serviço dos que são mais privilegiados enquanto classe social. Ceder a essa pressão midiática e tecnológica, é fechar os olhos para os graves problemas de *desigualdade social* sofrida secularmente pela classe operária, pelos excluídos sociais tais como os Quilombolas, os Indígenas, os Trabalhadores do Campo, Comunidade LGBTQIA+ e dos Desempregados e pelos povos Imigrantes.

A educação como pressuposto humanitário é defendido pelos

seus ativistas que jamais abrirão mão da *esperança* de conquistarem dias melhores para a sociedade. A paz e a saúde para todos deve ser nosso lema maior. Isso é exemplar na Obra de *Freire: A Educação como sonho possível*, uma educação em sintonia com a mudança. Freire nos alertava sobre esse atual contexto: O processo de *educar* é o que faz promover nos sujeitos, a capacidade de interpretação dos diferentes contextos em que estão inseridos e, bem como, qualificá-los e instrumentalizá-los para a ação.

É neste cenário que escrevemos esta *carta* ao nosso Patrono da Educação como forma de reafirmar a necessidade de refletir suas categorias teóricas nesses momentos, não só das mais diversas crises que estamos ora vivendo, mas na nossa ação prática cotidiana, na realidade objetiva que nos cerca na vida profissional, seja também na ação conjunta aos movimentos sociais e nas camadas que lutam por um mundo justo e digno para todos e todas. Esta *carta* sinaliza o vínculo umbilical do olhar humano, fraterno, de paz, de amor e companheirismo entre todos e todas que lutam por uma educação cidadã e fraterna: *humana*. Você, mestre, nos respondera com o seu olhar de firmeza e na sua simplicidade de ouvir e refletir:

“[...] não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação sem refletir sobre o próprio homem. [...] comecemos por pensar sobre nós mesmos e tratemos de encontrar, na natureza do homem, algo que possa constituir o núcleo fundamental onde se submete o processo de educação. Qual seria este núcleo palpável a partir de nossa própria experiência existencial? Este núcleo seria o inacabamento ou a inconclusão do homem (FREIRE, 1979, p.27).

Será que suas respostas nos remeterão às releituras das suas Pedagogias: Da Indignação? Da Autonomia? Da Esperança? Do Oprimido? Da Educação como Prática de Liberdade? Da Política

e Educação? Da Educação: Um sonho possível? Da Educação e Mudança? Das Cartas à Cristina? Das Cartas Pedagógicas? Paulo Freire continua vivo no coração dos *educadores e educadoras* de todo o mundo! Ele me habita e, me permite, a cada dia, ressignificar.

Hoje, é um dia especial na minha vida e toda a minha família: comemoramos o aniversário da minha Filha Mayne Tainá e os 11 meses do netinho, João Lukas.

Abraços solidários,

Campina Grande (PB), 22 de fevereiro de 2021.

Referências

PAIVA BELLO (1993)

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 26^a edição. Ed. Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática de Liberdade. 14^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

**Professor de Sociologia – DCS/CEDUC/UEPB. Mestre em Sociologia UFPB, Pró Reitor de Cultura da UEPB, Membro do Conselho Estadual de Educação da Paraíba, Membro do Grupo de Estudos Paulo Freire de Campina Grande – GESPAUF*

Entre as incertezas do cotidiano

*Andressa Barrios**

O i Paulo,
Estou sentada próximo ao meu computador em uma tarde chuvosa, preparando-me para começar a escrita desta carta. Há tantas coisas a lhe contar sobre esse tempo em que vivemos, sobre as escolas, sobre a educação, mas as ideias não me veem à mente, por mais que tente. Deve ser o cansaço que me acompanha.

Comecei, então, a pensar sobre a escolha profissional que fiz para a minha vida: ser professora. Isso me fez voltar para minha infância. Veja, Paulo, eu fui alfabetizada em casa pela minha mãe, uma mulher negra, empregada doméstica que estudou até o 6º ano, apenas. Lembro que ela chegava em casa cansada do trabalho, tomava banho e sentava comigo em volta da mesa para me ensinar. Lembro do cheiro forte de cloro em sua pele que, aliás, me remete a uma memória afetiva, amorosa. Cloro era o cheiro da minha mãe, foi o cheiro que a acompanhava diariamente. Além da questão financeira, o racismo foi um dos grandes fatores que fez com que minha mãe abandonasse os estudos.

Então, Paulo, desde muito cedo eu ouvi relatos de como a escola poderia ser um espaço hostil para mim, uma criança preta. Lembro que minha mãe me preparava e tentava me fortalecer para que eu enfrentasse esse momento tão esperado que era o de ingressar na escola.

De fato, ela tinha razão, a escola não foi um espaço acolhedor. Era, para mim e para tantas outras crianças negras, um espaço de segregação. Ao longo da vida escolar eu troquei várias vezes de escola. Sete vezes, para ser mais precisa. E sempre foi difícil me adaptar ao novo espaço, aos novos amigos. Eu me sentia insegura, eu tinha medo de não ser aceita, de ser excluída. Eu tinha muitos medos. Várias vezes fui motivo de piada por causa do meu cabelo e várias vezes fui excluída do círculo de amigos/as brancos/as. Nas apresentações da escola eu sempre ficava com papéis inferiores. Lembro bem de uma apresentação de encerramento de final de ano em que iríamos encenar o presépio de natal. Adivinha qual papel a mim foi atribuído? De mendiga. Não digo isso para desmerecer aqueles que vivem de caridade. Mas me dói pensar, aliás, que muitas pessoas dependam da suposta generosidade de outro para sobreviver. Me dói ainda mais ver a maior parte das pessoas que foram empobrecidas são negras. Talvez, por isso, viver o papel de mendiga naquela cena mexeu tanto comigo. Não nos veem em outros lugares, Paulo. Não nos deixam sonhar em ocupar outros lugares. Correr desesperadamente e mendigar um pedaço de pão que me fora dado era apenas uma foto, dentro do filme que ainda vejo rodar. Sendo assim, eu não gostava de ir para a escola, mas eu adorava brincar em casa de escolinha. Eu sempre queria ser a professora, pois aquilo, desde criança, me dava uma sensação muito gratificante.

Os anos passaram. Ingressei na universidade em 2013 para cursar Artes Visuais/Licenciatura. Logo no segundo semestre consegui um estágio em uma escola como professora estagiária de artes, onde eu atuava em sala de aula com outro professor/a responsável. Desde então a sala de aula tem sido meu lugar de trabalho, de realização e tantos outros sentimentos.

Recentemente, em conjunto com ensinamentos de bell hooks, revi minhas certezas. bell hooks, feminista negra estadunidense é uma importante autora viva e que disse ter sido muito importante para ela a Educação Popular. Entendi a partir dela que a imagem de mulher negra forte, capaz de suportar o peso de toda a pirâmide social, foi posta em dúvida. A imagem daquela que aguenta tudo sozinha e suporta qualquer coisa me acompanhou a vida toda e é reproduzida o tempo inteiro pela mídia. Mas, porque, Paulo, porque não podemos assumir nossa fraqueza? Nós temos o direito de nos sentirmos cansadas quando nossas vozes são silenciadas. A *população* negra tem sido profundamente ferida, como diz bell hooks, “feridas até o coração”. Essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir. A escravidão condicionou os/as negros/as a conterem e reprimirem suas emoções. Afinal, um/a escravo/a que não fosse capaz de conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver. Esta prática segue na vida dos negros/as mesmo depois da abolição, como tática para superar a violência cotidiana, causadas pelo racismo e sexismo.

Como deve saber, Paulo, vivemos tempos muito difíceis. Estamos cansados/as. Não conseguimos respirar. O enfrentamento da pandemia na área educacional tem sido desafiador em todos os níveis de ensino, da educação básica ao ensino superior.

A adaptação à modalidade remota e as desigualdades de acesso às tecnologias agravam o cenário de incertezas em que toda a comunidade escolar está inserida. O que estamos fazendo com a educação não tem sido nada democrático, Paulo.

Se eu pudesse eleger o sentimento do ano de 2020, seria na palavra incerteza. O dicionário a classifica como nome feminino: ‘qualidade ou condição do que é incerta, falta de certeza; dúvida; estado de espírito caracterizado pela dúvida e pela indecisão; irresolução; hesitação; situação possível, mas que não se sabe se ou quando vai ocorrer; impossibilidade de prever a evolução e/ou o desfecho de certa situação; conhecimento insuficiente de algo’. 2020 foi isso!

A pandemia do coronavírus isolou as pessoas em suas casas, fechou comércio, fronteiras entre países e também as escolas. Os pátios, antes tão barulhentos, ficaram silenciosos. As salas de aula, antes tão cheias de olhares curiosos e interações, foram preenchidas pelo vazio do distanciamento social. Em meia a tantas incertezas, o sentimento que nos move nesse momento é o comprometimento e o amor pelos/as nossos/as alunos(as), amor pela comunidade escolar, amor pelos pais e mães, responsáveis que nos abraçam nos encontros da vida, amor pelo mundo que queremos e que sonhamos em transformar com nossa ação educativa. É revolucionário ser professor/a porque, em tempos de retrocesso civilizatório, os/as educadores(as) seguem na luta por um mundo melhor. Movidos pelo sonho e pela utopia de que, um dia, muito em breve, o que ensinamos se materializará no cotidiano da vida. E o mundo e a vida serão bem melhores do que hoje. Afinal a gente educa. Mas a gente chora junto. Compramos roupas, sapatos, vamos na casa, se necessário entramos em

contato com conselho tutelar, damos colo, escutamos, tratamos com respeito, rimos muito, dividimos comida, compramos rifa, vendemos rifa, dançamos, cantamos, medimos febre, ligamos pra casa, conversamos, compramos material e lembrancinha do próprio bolso, abraçamos forte e muitas vezes garantimos o único lampejo de sanidade na vida de muito/a aluno/a cuja a vida familiar é conturbada. A gente ama, porque conhecemos, porque nos interessamos, porque estamos lá todos os dias com eles/as. A gente educa. Ainda assim somos chamados/as de vagabundos/as, de malandros/as, de imorais, de comunistas... A gente educa. Como você nos diz em todo seu livro sobre a profissionalização do educador e alerta para o perigo de sermos tomados muito mais como tios/tias. E não é por vocação, é por estudo, por formação e por escolha profissional. Mas se ganha pouco e, desse pouco, ainda nos tiram mais. Sugam, desmoralizam, ultrajam e acabam com nosso equilíbrio físico e mental. Somos odiados/as pelo presidente do país e sua corja. E com tudo isso e nesse caos, que não começou agora, mas que sempre existiu, esperam que levantemos bandeiras pela reabertura das escolas diante da maior pandemia de nossa história recente. Não iremos compactuar com essa loucura. Nossas escolas sem papel higiênico, com salas minúsculas e sem ventilador não suportariam. Não temos o poder de cuidar sozinhas/os e ser responsáveis pelo comportamento protocolar de grupos inteiros de estudantes. E isso sem salário digno, sem respeito e sem vacina? Vocês, que hoje gritam por escolas abertas a qualquer custo, não são nossos/as amigos/as. Vocês também não são amigos/as das crianças. Vocês são vítimas do sistema, que os obriga a deixar seus filhos/as em algum lugar, como a escola, para poder

trabalhar. Apesar de tudo isso, escrevam o que eu digo: ninguém nesse país ama mais as crianças do que as/os professores/as. E amar agora é dizer: AINDA NÃO!

Ser professor/a hoje, no Brasil, é um gesto revolucionário de amor. Sim, de amor. Sim, revolucionário. É preciso ser movido por um sentimento muito forte para suportar o que os/as professores(as) têm que passar nos seus espaços educativos. Resistência, compromisso e amor. Sobre estes três pilares nos movemos e nos unimos na ação pedagógica transformadora. Entretanto, nesse momento me sinto exausta, cansada, dentre tantos outros adjetivos relacionados ao desgaste físico, mental e emocional que acumulei nesse último ano. A exaustão cobra um preço alto e acho que já estou pagando por isso.

Por fim, obrigada Paulo. Quero te agradecer pelo exemplo de educador que foste e que nos inspira. Deixo aqui um abraço apertado, de alguém e de muitos/as que dialogam contigo, com tuas ideias, com a tua presença sempre pulsante e amorosa.

Com gratidão,

Pelotas (RS), fevereiro de 2021

**Grupo Mariposas: minorias sociais, resistências e práticas de transformação”: Grupo de pesquisa na área de educação alocado na Faculdade de Educação (FAE) na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Surge da necessidade de refletir sobre o papel de grupos caracterizados como minorias sociais, em especial no campo de gênero, raça e sexualidades, com professoras/es estudantes que estão em processo contínuo de formação docente, visando a construção de ações políticas transformadoras. Integrantes: Andressa Barrios; Aline Accorssi. Diônvera Coelho; Livian Lino Netto; Álvaro Veiga Júnior; Anelise Fernandes; Julia Rocha Clasen; Tamiê Pagies.*

A ousadia do esperançar

*Nivia Maria Vieira Costa**

Estimado Paulo,
Sua carta me foi recebida como uma luva esperada pelas mãos geladas de um inverno rigoroso. Inverno aqui apenas como pura metáfora, pois de onde escrevo sabemos de sol e períodos chuvosos, nunca de frio. Sou educadora amazônida. Moro em um município paraense com mais de quatrocentos anos de fundação, Bragança, que em suas ruas e prédios carregam as marcas da colonização portuguesa.

Paulo, assim como seu relato sobre Porto Mont, na Ilha de São Tomé, aqui também a região é de pesca e a renda principal do município gira em torno dela. Mas afirmo-lhe que a beleza maior desse lugar está na diversidade dos povos que a habitam, não apenas pescadores, mas quilombolas, extrativistas, agricultores e artesãos, que ainda possuem uma relação respeitosa com a natureza, inclusive com os seres encantados que eles afirmam existir, extraindo apenas o necessário para sua sobrevivência e manutenção de sua família. Entre mar e mangue, rios e pequenas plantações, vivem e convivem homem e natureza ainda

em sintonia, algo que você, se tivesse oportunidade de nos visitar, sentiria satisfação de ver. Acho que aquele olhar de admiração e deslumbramento que você se referiu ao final de sua experiência com a formação docente já existe por aqui, entre os próprios moradores dessas reservas.

Outro dia em uma das comunidades pesqueiras, participei do lançamento de uma cartilha sobre Educação Ambiental, organizada por professores da Universidade Federal do Pará-UFPA/Campus Bragança e membros da comunidade, que abordagem temas locais e possuía ilustrações feitas por alunos daquela comunidade, que se tornaram coautores. Eles estavam incrivelmente felizes em folhear a cartilha e se verem representados naquele material. Nem prestaram atenção sobre o que as pessoas diziam no lançamento, elas só folheavam, com calma e com olhar compenetrados cada folha da cartilha. Naquele momento eles fizeram cultura, sua arte foi reproduzida em livro, como o homem que molda com suas mãos o barro e faz arte. Isso me marcou profundamente. Nunca pensei que um livro pudesse ser tão prazeroso para uma criança, tal como um parque de diversões. Naquele momento lembrei de você, de seus ensinamentos sobre deixar o outro falar por si e ser o protagonista de sua história. Naquele dia, naquela tarde, naquela comunidade do interior do Pará, você esteve conosco.

Em sua carta você também falou sobre a importância do estudo. Estive fora do Brasil por dois anos para fazer meu pós-doutorado. Estudei sobre Educação, mas aprofundei minhas leituras em Educação de Adultos. Quanto mais estudava sobre a educação mundial, mais conhecia sobre o Brasil, sobre a educação brasileira e sobre quem sou. Ao me distanciar do meu cotidiano

o vi melhor, com mais nitidez, e, por isso, compreendi perfeitamente como as professoras de Porto Mont se sentiram.

De volta ao Brasil, com um novo olhar, voltei à minha atividade docente. Os noticiários só falavam sobre um vírus que teve início na China e provocou problemas pulmonares graves, levando milhares à morte. Esse vírus, para o espanto de todos, se espalhou rapidamente por todos os continentes, ceifando a vida de centenas de milhares de pessoas, se tornando uma pandemia mundial.

No Brasil, Paulo, as coisas não estão fáceis. Você ficaria muito decepcionado com a nossa situação. O governo ignora o vírus e, mesmo depois de um ano da pandemia ter chegado ao Brasil, ainda temos uma média de mil mortes por dia! Deveríamos estar felizes por já terem vacinas e por elas já estarem alcançando os municípios brasileiros, mas o vírus é tão contagioso que sua velocidade é muito maior que a quantidade de vacinas disponíveis.

Em decorrência da pandemia a desigualdade social tornou-se brutalmente evidente, pediram para todos ficarem em casa, isolados, mas muitos não brasileiros, como você bem sabe, não tem casa; outros não tem opção, simplesmente precisam trabalhar ou morrem de fome. Entre morrer famintos ou serem exterminados pelo vírus, optam em matar a fome.

A educação nem se fala. Dois mundos passaram a coexistir: os alunos que ficaram sem aula - geralmente de escolas públicas e os que tiveram acesso à escola, por meio de ensino remoto - quase todos de escolas privadas. Alguns municípios aqui do estado do Pará na tentativa de minimizar essa distância de mundos pensaram nas mais variadas formas de acesso ao conhecimento, inclusive via rádio ou por meio de envio de materiais impressos

aos alunos, mas não foi suficiente para garantir o mínimo de atenção ao ensino ou à aprendizagem. Em qualidade nem se fala.

As escolas que estão ofertando o ensino remoto passaram a cobrar duplamente os professores e eles tiveram que se transformar, do dia para a noite, em quase máquinas: passaram a trabalhar nos três turnos e, em algumas madrugadas, ainda elaboram ou corrigem materiais. Mesmo trabalhando em suas casas veem muito pouco sua família e dedicam pouquíssimo tempo aos seus filhos, uma verdadeira exploração do trabalho docente e precarização do ensino.

Muitos alunos, mesmo de escolas privadas ou da rede federal de ensino, não dispõem de equipamentos ou mesmo internet para acompanhar as aulas e simplesmente vão ficando para trás, até serem completamente esquecidos. Muitos professores, pelo excesso de cobrança, estão sofrendo com alto grau de ansiedade e stress, além da própria pandemia que nos assola.

Paulo, você foi preso, acusado injustamente por defender um país mais justo e com educação para todos, por isso viveu no exílio durante muitos anos. O Brasil hoje é um país democrático, mas vivemos tempos muito duros, em uma luta contra um governo que faz apologia ao uso de armas. Não tem compromisso ambiental, ignora os direitos dos trabalhadores, persegue os servidores e instituições públicas, negando-lhes recursos e retirando-lhes direitos. Precisávamos tanto de você, para nos dizer algo em meio a tudo isso! Que falta você nos faz! Mas lembramos que temos suas cartas, livros, vídeos, documentários e vemos que suas palavras nunca estiveram tão vivas e atuais.

Com você renovamos nossa esperança e nossa força de nos manter resistentes na busca por tempos melhores. Aprendemos

que enquanto esperamos novos tempos, plantamos, regamos e cultivamos a terra. Estamos suados, Paulo, nessa espera por novos tempos. E esperamos, não sustentados pelo verbo esperar, mas pelo verbo que você nos ensinou: esperar. É por esperarmos que ousamos, em meio a todo o caos, ser educadores.

Desculpe o desabafo, mas precisava compartilhar minhas dores e esperança, que sinto não serem apenas minhas, mas de milhares de brasileiros. Trabalhamos na certeza de que chegará o tempo em que veremos uma sociedade mais justa, mais fraterna e em sintonia com o outro, a outra, a natureza e com o planeta que habitamos.

É sempre muito bom falar com você, Paulo, aguardarei por próximas notícias suas e desejo, sinceramente, que onde você estiver, que interceda por nós! Saiba que suas palavras não foram em vão, seus livros nunca foram tão lidos como quando tentaram retirá-lo de ser o Patrono da Educação do Brasil, sem sucesso. Mas isso ficará para a próxima carta.

Com afeto.

Bragança (PA), 11 de fevereiro de 2021

**Doutora em Educação Brasileira – UFC. Pós doutora em Educação de Adultos, pela Universidade de Coimbra-Portugal. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará-IFPA/Campus Bragança. E-mail: nivya.costa@ifpa.edu.br*

Um mundo melhor não cairá do céu

*Ariel Salvador Roja Fagundez**

Querido Paulo;
Não imaginas a alegria que me produziu tua carta. Alegria e surpresa. É a primeira carta tua que recebo. E ela é tão linda que não sei como dizer-te¹. Busquei por diversos meios dar início a esta resposta. Rabisquei algumas linhas, não gostei, procurei em meus livros algumas passagens preferidas, mergulhei em outras cartas para buscar inspiração e nada parecia me agradar. O melhor então é não ler o anteriormente escrito e seguir.² Portanto o que aqui virá é uma tentativa de resposta que contenha um pouco da boniteza com qual nos ensinastes a ver e ler o mundo. Desejaria te escrever coisas mais lindas, como as que tu mereces, mas nada me ocorre³.

Estamos vivendo uma situação excepcional. Os desafios que se apresentam para o campo da Educação são imensuráveis. No exato momento em que escrevo, o país se aproxima de 240 mil vítimas fatais provocadas pela pandemia de Covid-19. Somos o

1 DS. 2; 1.

2 DS. 1; 1 -

3 S. 29; 1

segundo em número de mortos no mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos e estamos entre os países com maior tempo de paralisação das atividades escolares. Em recente estudo realizado pela UNICEF, cerca de cinco milhões e meio de crianças e adolescentes brasileiros não tiveram nenhum tipo de atividade escolar no ano passado. Outra pesquisa realizada pelo Datafolha apontou que quatro milhões de alunos abandonaram a escola em decorrência das consequências impostas pela pandemia.

São tempos de recolhimento domiciliar forçado, de medo, de desconfiança, de proibições a reuniões, de incertezas, tempo de violência, de mortes silenciadas, de abraços proibidos e de sirenes. Tempos muito parecidos com aqueles que te levaram a prisão e posterior exílio. Em circunstâncias tão adversas, tenho encontrado amparo nas palavras carregadas de esperança escritas por um educador submetido ao confinamento, à humilhação e à privação dos direitos e da liberdade durante a mais recente ditadura Civil-militar ocorrida no Uruguai, país do qual migrei para o Brasil ainda quando criança. Trata-se de cartas que utilizei para tese de doutorado. São escritos de um homem sensível, cuidadoso, amoroso, educador como tu. Engajado com o compromisso ético e político que possui o ato de estudar, “de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente”, a despeito de todas as circunstâncias. Cartas que apesar da rigorosa censura e limitações impostas à correspondência dos encarcerados pelo regime descrevem com poesia a rotina das manhãs em que era necessário acordar cedo para preparar as aulas, sem material ou com material feito para crianças, em que era preciso inventar e modificar para serem usados na alfabetização de adultos, companheiros de cárcere.

Dizia Ruben, o detento nº 038 do Estabelecimento de

Reclusão Militar Nº 1 de *Libertad*⁴, que *lhe agradava muito o acordar bem cedo. Lá a água quente era distribuída antes do toque de levantar, e assim podia começar o dia com um bom mate amargo. Ainda que não pudesse avistar o sol em seu amanhecer, o via através dos campos que começavam a sentir sua carícia. Na música com que os pássaros recebiam o dia, em que predominavam a dos pardais e andorinhas. Ao pardal ele os identificava com a cidade e com os pobres e mal vestidos e a andorinha com os andarilhos. Dizia ouvir também alguns pássaros de monte e de campo que a aquela hora se aproximavam a eles e concluía que o homem era o animal que recebia com menos alegria o dia.*

E como também creio que “não há ensinar sem aprender”, estudando essas correspondências encontrei nelas algo no que quero coincidir de verdade. Quando fazem referência às maneiras de ensinar de antes e de hoje eu penso que se referem a uma parte da educação. A chamada sistemática, que é a que se materializam nas escolas e demais centros de educação. Porque a educação é, segundo Ruben, um fenômeno pelo qual as gerações adultas transmitem a sua cultura às gerações mais jovens. (Claro, os adultos também estão se educando, isto é, nos educamos enquanto vivemos). Mas acredito que se refiram ao que se chama assistemático, espontâneo, não intencional, que é constituída pelo lar que habitamos o bairro em que moramos, a televisão, os filmes, os jornais, etc. Estes últimos também nos formam e por vezes, mais que a escola que frequentamos, muitas vezes pelo simples fato de dedicarmos a eles mais tempo. Bem,

4 A penitenciária de *Libertad* abrigou um total de 2.873 homens durante o período da ditadura Civil-militar ocorrida no Uruguai entre os anos de 1973 a 1985.

tanto antes como agora, como sempre, cada ensino corresponde a cada sociedade. Se uma sociedade é boa o será também seu sistema de ensino e vice-versa. Pois cada sociedade busca preparar seus jovens para essa sociedade ou para os objetivos que essa sociedade se propõe. Quando uma sociedade muda, também muda seu sistema de ensino.⁵

E nesse sentido, devemos entender que se inicia uma etapa de trabalhosas transformações. Que exigirão luta e participação. Nada nos será dado de presente. Tudo se obterá lutando. Mas com a confiança de saber, que os esforços serão frutíferos. Que tudo o que sonhamos é possível. Com nosso esforço e participação. Por isso considero que serão anos de intensas lutas os que nos esperam, mas de reconfortantes realizações⁶.

Esse mundo melhor não nos cairá do céu. Não vem a nós senão que vamos até ele. O construímos cada dia com nossas atitudes com nosso esforço por sermos melhores. E o mundo melhor se afirma nos jovens. E no exemplo como farol que ilumina a outros em suas relações com os demais, se fortalece e concretiza o sonho da comunidade que aspiramos⁷. Olhar o porvir sempre tratando de manter idêntica confiança. Compreendo que às vezes as adversidades ocorrem e nos abatem nos levando a pensar que é uma de não acabar nunca. Mas se como hoje olho esta tua carta de alguns anos atrás, olhando para nossa existência e as de quem são como nós, comprovamos que enfrentar dificuldades é, e tem sido uma constante. Como também tem sido o olhar e o esforço posto em um futuro melhor. Que será das crianças e dos jovens? Qual será a sociedade que herdarão? Temos que fazer todos os

5 G 3; 1

6 G. 5; 2

7 G. 9; 2

esforços para que sejam melhores que nós e a sociedade em que vivam, melhor que a nossa. Para que neles cresça com maior força o afã de superação. A humanidade alcança assim, cada vez etapas superiores.

Um ano se recupera. As atitudes corretas ou incorretas nos moldam. É o que realmente nos faz melhor ou pior. Certa vez um sobrinho que visitou Ruben lhe questionou se ele imaginava passar tanto tempo enclausurado⁸. Ele respondeu que não, mas se os tivesse que enfrentar os enfrentaria. O importante era como enfrentá-los. E assim deve ser. Tratar sempre de não conciliar com o mal, viver com dignidade, buscar ser melhor. Então o tempo que parece totalmente perdido não será em vão. E será em muitos casos ganho. Mostrará que ainda que em condições muito adversas, o caminho da superação é possível⁹.

Penso que quem nos rodeia atuam como fazem por ignorância. Então, nossa tarefa, ainda que pareça muito humilde, deve ser estar centrada na busca do esclarecimento que surge na conversa do cafezinho, no escritório, etc. Parece bem pouco, mas não o é¹⁰. As vezes penso que não sabemos valorar atitudes, gestos, comportamentos que nos parecem irrelevantes, demasiado simples. Deslumbram-nos as pessoas de êxito econômico, profissional, social. Não somos capazes de observar que aquele comportamento aparentemente simples é próprio unicamente dos seres possuidores da maior riqueza: a riqueza interior, os bons sentimentos. Os que fazem possível o objetivo superior que podemos almejar como seres humanos: as boas relações. Posso resultar repetitivo, mas não lutamos por outra coisa. Às vezes,

8 Ruben permaneceu preso por mais de 12 anos.

9 G. 10; 2

10 G. 7; 1

como podem ver, custa muito. Mas proporciona as maiores satisfações. As verdadeiras¹¹.

É que a vida, o futuro está tão cheio de coisas por fazer e viver que não pode haver lugar para a incerteza frente a temores. Estou certo de que os momentos mais felizes, as horas mais belas, são as que ainda nos faltam viver. Essas eu não as troco por nada¹². Todo tempo futuro pode ser melhor¹³. Bom, já estão servindo a janta e com isso vou me despedindo com um forte abraço para todos. E não se impacientem pela distância que separam nossos encontros. Já virão tempos melhores. Cuidem-se e queiram-se muito. Até a próxima. Ruben¹⁴.

PS: esta carta foi escrita em um diálogo com a epistolografia de Ruben. Assim criei um código de transferência dos fragmentos de suas cartas obedecendo a seguinte ordem: “DS” para a pasta Dom Sixto, seguido do número da carta correspondente e da página de onde foi extraído o parágrafo por mim traduzido. O mesmo ocorre para a pasta “G”, de Gustavo e “S” de Soledad.

Com atenção e afeto,

Pelotas (RS), fevereiro de 2021

**Doutor em Educação, mestre em Ciências Sociais e graduado em História pela UFPel. Professor de História do Instituto Federal Sul-riograndense, Campus Pelotas/ RS. Sixto Ermitaño Roja era meu avô, pai Ruben. Gustavo meu primo e Maria Soledad, a irmã mais nova de Ruben. A eles agradeço por confiarem a mim as cartas de Libertad.*

11 G. 8; 2

12 G. 34; 2

13 S. 9; 2

14 DS. 47; 2 .

A boniteza de ser professor

*João Morais de Sousa**

Caro educador Paulo Freire, inspirado em seu exemplo esperançoso, busco nesta carta discorrer sobre o que é ser professor, indagando-lhe se os parâmetros tomados aqui, baseados nos seus ensinamentos, são válidos ainda hoje para essa compreensão. Afirmo, de início, que é difícil e complexo esse desafio. Primeiro, porque, como o mestre mostrou, a essência e a realização do professor se dão mais no campo da subjetividade – do sentir, dos afetos, das emoções, das intuições, das paixões, dos sonhos, do amor – do que no campo da objetividade. Segundo, porque não se consegue descrever isso em sua inteireza com a racionalidade instrumental/cartesiana e nem com palavras, a não ser que elas estejam “grávidas de mundo”.

Assim, baseado nos seus escritos, passei a compreender, na minha experiência, que ser professor foi sempre sonhar para além da realidade imediata em que estava inserido. Realidade essa de apertos, dificuldades e dominação. Também de sonhos, seiva e vida no sentido amplo. Como filho de agricultores da zona

rural do alto sertão paraibano, as dificuldades foram muitas, como são as histórias de muitos sertanejos. Meus pais são semianalfabetos. Fomos retirantes de seca, buscando a sorte de uma vida melhor, no sudeste do país – em São Paulo.

Confesso, mestre Paulo Freire, que ser professor foi minha primeira grande alegria e a realização de um “sonho”. Aprendi a sonhar para ensinar outras pessoas a sonharem, a resistirem a essas amaras de exploração e opressão.

Observando sua trajetória compreendi que ser professor é aprender a ensinar, a sonhar, a lutar (cotidianamente) e a se encantar com a construção de uma vida melhor. De se vislumbrar um mundo mais humano, mais digno e mais feliz. De se buscar uma educação mais inclusiva, emancipadora e esperançosa; uma educação promotora da liberdade, da cidadania e da democracia; uma educação pelo fim das desigualdades e injustiças sociais. Como você nos ensinou: ser professor é um ato de amor e um ato esperançoso do verbo esperar. É um ato de lutar pela transformação social e de buscar compreender os sentidos e os significados da realidade social a partir da nossa inteiração.

Mestre Paulo Freire, ser professor de sociologia no Brasil, o contexto atual da pandemia da covid-19, com mais de 240 mil mortes, até o momento, escancara a falta de humanidade por parte do governo federal e evidencia práticas fascistas e genocidas. Desde o início desse governo, têm sido frequentes os ataques à educação, às universidades públicas, à ciência, aos direitos humanos, ao SUS, aos servidores públicos. Também, o governo federal vem atentando contra as liberdades democráticas e a vida. E se posicionando a favor do capital, do mercado, da retirada de direitos e pelas privatizações das nossas empresas

públicas. Inclusive, vem dando passos largos para privatizar as nossas universidades públicas. O desemprego está crescente, as fakes news são os parâmetros da “sua” verdade e da “sua” justiça. Por essa razão, mestre Paulo Freire, torna-se mais imperativo resistir às desigualdades e as formas de dominação que são tantas; também é imperativo dar visibilidade a essas desigualdades, buscando superá-las.

Assim, nesses tempos difíceis, mestre, ser professor é um ato pertencido de amor para além da esfera do ter; do status, do prestígio, da honra. É um ato de pertencimento a esfera do ser, dos valores, das esperanças, dos afetos, dos sonhos e das utopias. É um ato de vocação e sacerdócio pelo que se faz. É ato de paixão pela profissão.

Portanto, ser Professor é uma busca constante pela felicidade e pelo bem estar social. É uma construção coletiva no sentido de ajudar a colorir o mundo transformando-o em um lugar melhor para se viver e conviver – sempre com mais educação, arte, cultura e poesia.

Assim, ser professor é poder ajudar a sonhar e a lutar por uma sociedade mais justa, fraterna, humana e feliz.

Com amor e carinho,

**É bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (1992), mestre em Ciência Política (1995) e doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2001). É Professor/Pesquisador Associado II do Departamento de Ciências Sociais da UFRPE.*

Tempo de Esperançar

*Camila Cultri**

Estimado Paulo Freire,
Descobrir os caminhos do labirinto interno, estando fechada entre os quatro muros de uma casa - por conta de uma pandemia, me colocou em contato com sua obra. Na peleja de fazer os afazeres domésticos e acadêmicos, encontrei uma alegria para compartilhar.

A alegria reside em aprender e ensinar, mesmo estando no ambiente simplesmente conhecido como “lar”. Já faz algum tempo que existe a necessidade emergente para que sejamos menos tóxicos, menos consumistas e que tenhamos uma atitude mais sustentável a fim de contribuir com o planeta e quebrar a desigualdade social. E algumas atividades que corroboram com isto podem ser praticadas em casa, entre todos dos membros da família, uma vez que as escolas estão fechadas devidos as orientações de distanciamento social.

Este período de quarentena se tornou um rico momento de aprender e de compartilhar com os membros da família. Em defesa da ciência e a favor da vida estamos construindo os caminhos para driblar as dificuldades e passamos por ele com dedicação, conhecimento, curiosidade, ingenuidade e tanto generoso de

criatividade. Estamos sendo obrigados a conviver com posicionamentos políticos e sociais de pessoas que não acreditam na ciência, que criam situações negacionistas às consequências da pandemia COVID-19. Infelizmente são comuns casos de descrença na efetividade das vacinas, e são elas, juntamente com as medidas de prevenções, somadas aos remédios que serão capazes de combater o vírus Sars-CoV-2.

Lá fora, o capitalismo contemporâneo se transformando, sabe-se lá em que. Mudanças em escala global (armas nucleares trades, financeirização, automatização, robótica, mudanças climáticas e crescentes desigualdades). Aqui dentro de casa, um ajuste aqui outro acolá. Uma economia aqui outra ali. A aplicação de alguns conceitos de agroecologia e uma mudança no estilo de vida. Mesmo estando em ambiente urbano, seguimos com a replicação das práticas de reciclagem, reuso e reutilização. Aos poucos vamos imprimindo dentro de casa e na vizinhança, assim como nos espaços públicos mais próximos, àqueles nossos sonhos de uma vida mais sustentável.

São com estas perspectivas de mudar um pouco o mundo, que podemos economizar no uso de recursos naturais, eliminar os resíduos, gerar alimentos orgânicos e exercer nossos direitos civis para melhores condições da vida em sociedade. É o que eu chamo de “*eco-home*”. Este termo significa aquilo que tem sido possível fazer dentro de casa no contexto da sustentabilidade, mesmo estando em tempos sombrios, tal como este momento de pandemia.

Dentro de mim, a percepção de que faço parte da raça humana. Algumas vezes me envergonho, outras me afloro no desejo de viver com saúde e dignidade. Sinceramente, este sentimento

de estar “viva” somado com a ação de “respirar” nunca teve tanta importância; nunca este sentimento esteve tão presente em mim. Talvez por eu me sentir insegura diante das agressões políticas do meu país.

A luta não é de agora e não acontece somente neste território. Ao longo da nossa história também tivemos líderes em luta, tal como Nelson Mandela combatendo o preconceito na África do Sul e Martin Luther King junto com movimento dos direitos civis nos Estados Unidos. Recentemente, ouvimos as súplicas da menina Greta Thunberg junto às Nações Unidas pela preservação do meio ambiente e atenção as mudanças climáticas. Enquanto isso, no Brasil o cenário tem sido cruel e impetuoso. Aqui que se passam por cima de todos com a frenética boiada e, para se ter ideia, do grande desastre em termos de políticas públicas, que vem sendo implantadas pelos atuais ministros da gestão do presidente Jair Bolsonaro, apenas em 2020 se aprovaram mais 493 pesticidas. Sem contar os incêndios na região do Pantanal e o desmatamento na região da Amazônia.

Que conselhos daria o senhor (Freire) vivendo aqui nesta época, em que o barco chamado “Brasil”, navega em mares revoltos, adentrando em águas profundas totalmente desgovernado? Que respostas as sociedades darão a esses formidáveis desafios que se estenderão pelas próximas décadas? Será que se sustentarão a construção do futuro da economia capitalista? Ou a tendência é socialista? Provavelmente a bilateralidade não responderá as demandas da sociedade.

A pandemia Covid-19 acelerou essas tendências e reflexões. Procurando uma resposta nas artes para este momento atual, encontro uma antiga técnica chamada “mosaico”. Ela também é

conhecida pelo nome de “pintura eterna” e corresponde a arte de encaixar e colar pedaço por pedaço, peça por peça. Permitindo, assim (re) construir ou mais precisamente, revelar algo novo. Algo surgido a partir de velhos pedaços, que por meio da colagem das partes se constituirá em algo que jamais será mais o mesmo.

Como observa Manzi, “estamos sendo confrontados a reconsiderar com urgência, a maneira como nos relacionamos com outros seres humanos e seres não humanos”¹. A inteligência artificial e as estatísticas nas demonstrações computacionais estão sendo usadas como nunca. A matemática nunca se fez tão presente na contabilização de desastres diários. De um ano para cá, uma somatória de pessoas contaminadas e mortas se tornaram notícias diárias. Nosso cotidiano totalmente tomado por apontamentos que tentam apresentar e compreender o contexto mundial, brasileiro e local diante da pandemia. Assombrosas *fakenews* complicam o inexplicável efeito avassalador do novo coronavírus.

Os imaginários da transformação capitalista estão sendo construídos e contestados em discursos públicos. As observações sobre as crises atuais somadas à pandemia provocada pela COVID-19 revelam impactos diretos e indiretos. No Brasil, estes efeitos da crise sanitária, econômica, social, ambiental e política descarregam-se principalmente sobre a condição de vida das mulheres, das minorias, dos oprimidos e dos grupos que são poucos representados pelos interesses dos políticos. Devemos olhar alguns dados para enxergar a amplitude dos efeitos da pandemia e com ela perceber que a desigualdade social veio à

¹ MANZI, Maya. *More-Than-Human Conviviality-Inequality in Latin America*. Disponível em: <http://mecila.net/pt/pt-working-papers/>. Acesso em 02 fev. 2021.

tona. De acordo com o IBGE, são 13 milhões de pessoas na extrema pobreza (que vivem com até R\$ 151 por mês), e quase 52 milhões na pobreza (com renda de até R\$ 436 por mês)².

As mulheres ainda têm alguns fatores que agravam mais sua situação. Neste país são milhares de mulheres chefes de famílias, responsáveis pelo abastecimento dos lares e cuidado dos filhos. Estudos recentes demonstram que mulheres têm 19% dos cargos de chefia, e no Brasil, apenas 13% das empresas têm CEOs mulheres³. São milhares que sequer conseguem concluir o ensino médio, menos ainda o ensino superior na faculdade. As responsabilidades pelos trabalhos domésticos e maternais se sobrepõem às produções filosóficas, artísticas e científicas representada pelas mulheres. Muitas vezes este reconhecimento é secundarizado ou até mesmo silenciado.

Uma referência aos estudos sobre Igualdade de Gênero, dentro de uma perspectiva crítica e reflexiva, no que tange ao tratamento com responsabilidade na função social, histórica e política brasileira contemporânea apresenta impactos da masculinidade tóxica, violência e preconceito que assolam o Brasil. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020, cresceu no 1º semestre de 2020 os casos de violência doméstica e sexual, mortes violentas e estupro. Também aumentaram os chamados (+3,8%) para a polícia militar que registrou 147.379

2 JORNAL NACIONAL. *IBGE*: Brasil tem quase 52 milhões de pessoas na pobreza e 13 milhões na extrema pobreza: A situação é mais crítica no Maranhão, que tem um a cada cinco moradores na indigência.. G1, Brasil, 12 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornalnacional/noticia/2020/11/12/ibge-brasil-tem-quase-52-milhoes-de-pessoas-na-pobreza-e-13-milhoesna-extrema-pobreza.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2021.

3 FERREIRA, V. *Igualdade de gênero?* Mulheres têm 19% dos cargos de chefia no país. Disponível em: <https://www.creditas.com/exponencial/igualdade-de-genero-e-lideranca/>. Acesso em: 03 fev 2021.

casos de violência doméstica. Ainda no 1º semestre, foram registrados 648 vítimas feminicídios com um aumento de 1,9% em relação ao mesmo período de 2019⁴. Não obstante, o ano de 2020 além da pandemia causada pelo SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19, foi um ano marcado pelo aumento dos feminicídios, dos conflitos raciais e violência. Em meio a tudo isso, se mostrou como uma oportunidade para as mulheres assumirem cargos na política.

Nestes tempos difíceis, tenho me apegado ao seu conselho, amigo Paulo. Aquele que trata da esperança e de mundos possíveis. Algo que diz assim: “É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”

Pois bem, tenho levantado e sacudido a poeira para não deixar a peteca cair. Neste momento, coloco meus votos de esperança no cenário político com a ampliação de mulheres, de indígenas, de negras e negros e membros da comunidade LGBTQI+ aos cargos públicos. Mas a esperança é que eles tenham em si atributos de ética, política e se baseiem nos princípios da educação. Que sejam representantes dos desprovidos socialmente, que lutem pelas causas ambientais, pela saúde e segurança dos povos. Precisamos de lideranças para combater os fascistas, “anticiência”, negacionistas, terraplanistas e as pessoas que promovem

4 PÚBLICA, ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2020.

descrença na efetividade das vacinas, lançando *fakenews*.

O fato de Kamala Harris (mulher negra e filha de imigrantes) como vice-presidente de Joe Biden, nas eleições americanas, tem apresentado ao mundo a questão de gênero como uma oportunidade para acompanhamento e análise de políticas de igualdade de gênero. Confesso que isso me trouxe um pouco de esperança. Ao mesmo tempo, em que vejo que no Brasil, teremos muito trabalho para ter mudanças em breve.

A esperança por aqui se renovou com as eleições municipais, que em 2020 tiveram o maior número de candidatas (33,6% do total de 557.389). E, embora pequeno o número de representantes, nas urnas os eleitores elegeram o maior número de mulheres como representantes a vereadoras e prefeitas, sendo um total de 658, o que corresponde a 13% no Brasil. Creio que a visibilidade pelas mídias sociais, possibilitou conhecer mais de perto a atuação dos candidatos e das candidatas nos diversos campos das políticas públicas e nos atuais debates de assuntos que envolvem questões sociais, de direitos humanos, de proteção ambiental, de frentes agroecológicas, entre outras.

Viver no Brasil não está fácil. As intervenções dos atuais representantes do governo na área da saúde tem se mostrado catastróficas e o pânico cada vez aumenta mais. A economia está totalmente afetada pela crise política, de modo que a esfera pública econômica tem perdido sua credibilidade e há enorme descrença em relação ao desenvolvimento ou crescimento do país.

Contudo, registro aqui minha esperança nos aspectos alternativos. Nas contribuições das mulheres, inclusive naquelas “dos lares” que convergem escassez em abundância, que fazem alquimia na cozinha, que cozem a renda e ninam transformações

agroecológicas ao invés de capitalismo. Que a conectividade das mulheres ajudem a sanar as doenças, que impulsionem os debates para aprofundar a compreensão sobre as perspectivas do campo, da Agroecologia e dos Feminismos. Conectando, também, de forma interdisciplinar o papel do docente e do aprendiz na atuação transformadora em seus diversos espaços sociais.

Com pertencimento,

São Carlos (SP), fevereiro de 2021

**Mulher, ativista, apicultora, empreendedora, professora, consultora e acadêmica. Tenho especial interesse por modos de vida alternativo ao consumismo e ao capitalismo, sou fã do movimento agroecológico e do feminismo. Atualmente sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP, Brasil. <http://orcid.org/0000-0002-9459-1272>. <http://lattes.cnpq.br/1283889033381595>.*

Aos que anseiam um mundo melhor

*Wellington Henrique Ferreira**

Estimado Freire,
Desejo que esta carta quando encontrar alguém, vá de encontro e cumpra sua missão: transmitir minha mensagem de peito aberto aos que anseiam por tempos melhores.

Os meus desejos são simples, mas muitas vezes na realidade parecem longe de serem cumpridos. Desejo que as crianças sejam crianças, até virarem adolescentes. Que os adolescentes desenvolvam a maturidade necessária (e adequada à fase) e com perspectivas de serem levados a sério, em um país que despreza sua identidade, poder de decisão e opinião. Desejo que os aposentados tenham seu canto de sossego, mas que tenham sua vida agitada também. Agitada de ver o por do sol se pôr, de se sentar à mesa para apreciar um bolo de fubá junto aos netos, de rir com os colegas sobre os tempos passados, sem pensar em um amanhã de incertezas, pelo contrário, terem a segurança de que o amanhã é aquilo que estamos construindo e concretizando hoje: sonhos! Meus desejos é de ver meus alunos brincando, sujando as roupas de terra, areia, fazendo pinturas e grudando massa de modelar

nas calças. Meu desejo vai além disso: a segurança que eu transmito aos pais enquanto profissional, sabendo do meu potencial, de que eles podem trabalhar tranquilos que seus filhos estão em boas mãos, aliás, em minhas mãos.

É saber que ao tocar o coração de alguém como um dia o meu foi tocado que me motiva a continuar a lecionar, embora no Brasil, a profissão docente tem sido cada vez mais difícil. Dias cinzas, ataques aos profissionais do magistério, desvalorização da carreira, são atreladas à falta de prestígio que perdemos perante parte da sociedade que sequer sabe ou reconhece tamanha importância dos nossos atos junto aos alunos, dos cuidados e do preparo visando um amanhã melhor para todos.

Dentro e fora da escola, vivemos e semeamos um projeto de amanhã solidário, que possa ter igualdade e equidade com todos os sujeitos, sem qualquer tipo de discriminação. Para isso, é exigível de nós ações, não apenas desejos, mas atitudes, falas, representações de onde almejamos chegar.

Mais do que navegar é preciso, viver é preciso. Apreciar cada momento com intensidade. Às vezes, é mais do que necessário se afastar um pouco da realidade, abstrair a poeira que tenta te cobrir e refletir debaixo de uma árvore de projetos. Por isso, faço aqui meus mais sinceros votos de que as tormentas que tentam atrapalhar nossos sonhos passem rápido, que nos faça amadurecer e enfrentar os próximos dias com sabedoria.

Embora a pandemia trouxe consigo um mar de instabilidade e coisas desagradáveis, como o aumento do desemprego, aumento da desigualdade, acesso a serviços essenciais, insegurança, violência, fome, dentre outros, mas fez também aflorar o espírito da solidariedade presente em muitos povos. A prova disso são

inúmeros relatos que vemos todos os dias, de pessoas compartilhando o pouco (ou quase pouco que possuem) com os demais, em um espírito de amor ao próximo, amor que não nos faz desistirmos uns dos outros. Atitudes assim são como o combustível que nos motiva a sermos melhores sempre, esquecendo um ideal de padrão ou de perfeição, mas de aceitabilidade, responsabilidade, seja de cá pra lá ou de lá pra cá.

Ainda sobre existir, somos imigrantes por todo o tempo de nossa existência. Na medida em que mudamos, nos transformamos e também mudamos o próximo: é no dar e receber que desenvolvemos nossa sociedade, métodos, regras e valores. Mas muitas das vezes, sinto uma aflição em me questionar o motivo de tantas guerras por territórios, conflitos por religiões, ou por ideologias tragas por outrem fazem de nós humanos, cada vez mais perdidos de nós mesmos. É uma tentativa frustrada de mostrar o “eu” sobre “você” e fazer com que isso seja verdade, acordado para todos.

Tenho em meu peito uma saudade grande, em que chega a ser angustiante: a de reencontrar meus pequenos alunos todas as manhãs. Aquele sorriso de “Bom dia tio Well” tem feito falta em meio à tantas turbulências vividas.

Em um país onde mil pessoas perdem a batalha contra uma doença ainda incurável diariamente (e já tem um tempo), sobreviver é um motivo para agradecer duas, três vezes ou mais, quantas vezes for necessário. Por isso sou grato a tudo que tenho, por ter meus familiares e amigos por perto, e um desejo incessante, mais do que preciso, de que tudo isso passe, seja breve e que possamos aproveitar disso um processo de melhoria, seja empatia, solidariedade, respeito. Sentimentos que hoje em dia

parecem ter entrado em extinção.

Aos meus alunos, e a todos os alunos que vivenciam sonhos, vontades e desejos de dias melhores, o pedido é um só: abracem o estudo como um verdadeiro escudo, só ele pode desenrolar o nó que nos é amarrado desde muito cedo. Somente o escudo há de preparar a criança e o jovem de hoje para humanizar o seu entorno de amanhã, um cidadão pensante, que seja capaz de tomar decisões, exigir seus direitos e manifestar-se em sua comunidade, concretizando o que pensamos hoje em um amanhã verdadeiro, em um mundo mais justo e igualitário para todos.

Com pertencimento,

**É formado em Pedagogia pela Universidade de Mogi das Cruzes – UMC e atualmente Mestrando no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de São Paulo – USP. Em seu Projeto de Pesquisa, aborda a temática do Fracasso Escolar e o contexto de uma escola pública do município de Poá – SP, local onde atua profissionalmente na Educação Infantil.*

Gentileza, compreensão e generosidade

*Maria Luana Caminha Valois**

Ao Senhor Paulo Reglus Neves Freire.
Prezado, eu Maria Luana Caminha Valois, Latinoamericana-brasileira, vinte oito anos, professora de espanhol, mestra em Teoria da Literatura, residente em Pernambuco e formada pela Universidade Federal de Pernambuco - uma de suas casas acadêmicas - escrevo esta carta, pois vi nela uma oportunidade de agradecer ao senhor pelas inúmeras contribuições deixadas e pelo inspirador ímpeto de buscar possibilidades a um sistema enrijecido e, por muitas vezes, déspota.

Vale ressaltar que meu primeiro contato com seus escritos foi através do livro *Pedagogia da Autonomia* (1996). Confesso que nunca antes havia pensado em uma pedagogia como a que o senhor propõe. Declaro, também, que pensar em um sistema educativo que levasse os meus alunos a questionar estava fora da minha compreensão.

Para que entenda meu ponto de vista, explico: Venho de um colégio Militar, o de Recife para ser mais exata. O senhor deve conhecer, suponho! O Exército se orgulha de espalhar esses

colégios pelo Brasil, com a proposição de que dará aos seus alunos ensinamentos e valores que a sociedade já perdeu, seu lema é: CMR - o sonho feito realidade!

O tom irônico vem, justamente, dos sete anos de experiência dentro da instituição mencionada anteriormente como aluna, em contraste com outros sete pensando educação dentro da Universidade, nas salas de aula de instituições públicas e como formadora do projeto de formação continuada organizado pela Secretaria de Educação de Pernambuco.

Percebo que, apesar do colégio ter uma ótima infraestrutura e um corpo profissional respeitável, a disciplina asfixiante imposta aos discentes não deixa lugar a autonomia. Muito menos para os erros. Pelo contrário, o erro é severamente punido. Não é visto, dessa forma, como uma oportunidade para aprender. Isso gera, sem dúvida, uma ansiedade desassistida. O resultado disso são alunos amedrontados, que podam suas subjetividades em prol de adequar-se a um modelo.

Evidente que tudo que compartilhei anteriormente não é irreversível, e acredito ser uma prova disso (risos). Porém, trata-se de algo doloroso e que poderia ser evitado, pois suas palavras advertem: ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a de transferir conhecimento (1996, p. 27).

Passada essa reflexão inicial, tenho mais uma coisa para agradecer: seus textos foram de grande ajuda para meu trabalho de

conclusão da graduação. Além disso, através do senhor pude conhecer Catarine Walsh (Interculturalidade e decolonialidade do poder - um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial) e bell hooks (Ensinando a transgredir a educação como prática da liberdade), mulheres inspiradoras que foram orientadas pela sua perspectiva teórica e prática, reforçando sua ideia de que não é possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos e da formação ética dos estudantes.

De toda essa experiência que compartilhei, fico com o fôlego que ganhei através do senhor para fazer diferente, para ensinar com gentileza, compreensão e generosidade. Minha prática de vida busca, dessa forma, ser um prolongamento do seu legado, para que mais e mais discentes recebam o toque humanizante das suas reflexões!

Com afeto e amorosidade,

Recife (PE), fevereiro de 2021

**Mestre em Letras - ênfase em Teoria da Literatura - e graduada em Letras - Licenciatura em Língua Espanhola. Ambas as titulações concedidas pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Atualmente atua no ensino superior, como professora de Literaturas hispano-americanas, na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.*

Paulo Freire está vivo!

*Maria Marly de Oliveira**

Meu querido ex-professor Paulo Freire Ter sido sua aluna no meu Curso de Mestrado no Centro de Educação da UFPE¹, foi um divisor de águas em minha trajetória acadêmica. Como o senhor bem sabe, pois quando fui solicitada no primeiro dia de aula a me apresentar e dizer porque tinha escolhido cursar a disciplina Educação Crítica, eu simplesmente disse que era por pura curiosidade em conhece-lo como professor.

Porque disse mera curiosidade? Porque exercia o magistério Superior lecionando a disciplina Metodologia Científica nos anos iniciais dos Cursos de Licenciaturas. Até então acreditava que a Metodologia Científica era uma disciplina de conteúdo denso, que objetivava a ensinar e construir projetos acadêmicos, para organização de TCC, monografias, dissertações e teses.

Portanto, ministrava esta disciplina de forma positivista, sem deixar espaço para críticas junto aos alunos. Tudo era muito mecânico; literalmente a minha prática docente era mera reprodução de conhecimentos, e que, no seu dizer querido mestre,

¹ No final da década de oitenta, Paulo Freire fazia parte do Quadro de Docentes do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Neste período, tive a oportunidade de cursar a disciplina Educação Crítica, ministrada por Freire.

significa “depósito de conhecimentos na cabeça dos alunos”.

Desde o primeiro dia de aula, comecei a ficar encantada com a sua simplicidade, por sua leveza, pela fácil comunicação e empatia; também me chamou bastante atenção, a forma como o senhor adentrou na nossa sala de aula, sem nenhum livro ou qualquer apetrecho de cunho didático.

O senhor foi logo nos solicitando que ficássemos sentados nas cadeiras formando uma grande roda, informando que seria para facilitar a comunicação. A seguir, nos foi solicitado que entre três a cinco minutos nos apresentássemos dizendo o nome, principal formação, atividade exercida no atual momento e uma breve síntese da nossa trajetória acadêmica.

Após a apresentação de todos os mestrandos, o senhor agradeceu, tecendo palavras de elogio e incentivo, e indagou o que cada um de nós tinha como expectativa e possíveis sugestões para desenvolvimento da disciplina. Também solicitou a colaboração de um mestrando para escrever, no quadro branco, o que cada aluno falava. Logo ao terminar as anotações quanto às perspectivas e sugestões, novamente nos surpreendeu, retirando do bolso um papel dobrado e disse: *aqui está um esboço do programa da nossa disciplina e vamos fazer os devidos ajustes com tudo que vocês falarem*. E assim, o programa da disciplina foi o resultado de um trabalho coletivo com bastante diálogo.

A etapa seguinte foi a formação de equipes e nos foi solicitado que de maneira espontânea, nos organizássemos em equipes com três pessoas. Depois solicitou outro aluno para escrever no quadro branco uma lista de dez temas, que já estava escrito na mesma folha do esboço do programa da disciplina. Também nos solicitou que de maneira espontânea, cada equipe já formada,

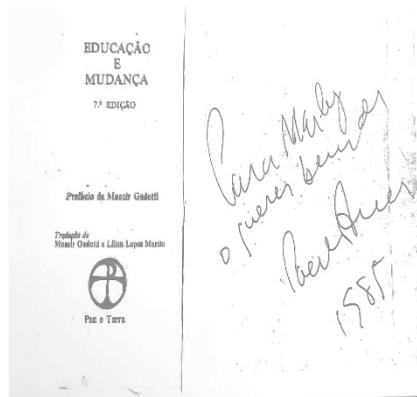
escolhesse um tema para organizar os Seminários que foram desenvolvidos por cada equipe.

Toda disciplina foi desenvolvida com a realização de Seminários, onde havia muito diálogo com os alunos e constantes intervenções e questionamentos para aprofundamento de cada tema trabalhado. Enquanto grupo de mestrandos, sempre estávamos preocupados com a nota de avaliação da disciplina, e sempre que perguntávamos, o senhor calmamente dizia: “não se preocupem, porque o que importa é a aprendizagem.

Na etapa seguinte, o senhor solicitou a formação de equipes explicando que, de maneira espontânea, nos organizássemos em equipes de três pessoas. Na sequência, nos solicitou outro aluno para escrever no quadro branco uma lista de dez temas que já estavam escritos na mesma folha do esboço do programa da disciplina,

Outra grande surpresa foi o processo de avaliação, pois ao término da disciplina, nos foi solicitado que escrevêssemos uma *Carta* para um educador popular falando das experiências vivenciadas em sala quanto aos conteúdos trabalhados, e que apresentássemos sugestões/recomendações para aperfeiçoamento da prática docente no contexto de sala de aula, seja em contextos populares e/ ou no campo.

Visando registrar esse momento ímpar em minha trajetória acadêmica, quando eu e minhas colegas de equipe terminamos de apresentar o Seminário com o tema *Educação e Mudança*, usando como aporte teórico o livro *Educação e Mudança*, lhe solicitei um autógrafo no livro que havia comprado para apresentar o Seminário.



Com um misto de satisfação e emoção divido com você leitor, este autógrafo que retrata a amorosidade freireana. Muito obrigada por você está lendo este texto.

Lembro que o senhor disse em sala de aula que a maior satisfação de um professor/educador é constatar a aprendizagem de seus alunos e a evolução de sua trajetória acadêmica. Por isso, resolvi lhe enviar esta Carta para lhe dizer muito obrigada pelos seus ensinamentos e relatar o meu aprendizado.

Pois bem professor, após cursar a disciplina Educação Crítica, posso afirmar que minha vida acadêmica mudou bastante e até diria que deu uma guinada tanto em termos teóricos, práticos como metodológicos. Portanto, foi uma experiência muito importante que me levou a ler mais e desenvolver toda minha atividade acadêmica, tendo como foco a dialogicidade e a criticidade.

Fiquei tão empolgada com suas aulas, que logo senti necessidade de começar a trabalhar em contextos populares. A minha primeira experiência foi inspirada ao observar um grupo de pequenos agricultores que se encontravam acampados em uma praça pública em frente ao Palácio do Governador do Estado de Pernambuco. Essas famílias estavam reivindicando moradia e

trabalho.

Por várias vezes passei em frente a esse acampamento e sempre ficava me questionando por que tanto abandono do poder público? Por mais de cem dias aquelas famílias ficaram acampadas sem nenhuma assistência e viviam em barracas de plásticos e usavam a água de um chafariz para lavar roupas e tomar banho. Essas pessoas viviam da caridade de alguns transeuntes que circulavam pela praça e de alguns “bicos” que faziam.

Ao tomar conhecimento, através de notícias de jornais, que as pessoas do acampamento foram retiradas da praça porque precisavam “limpar” a área ocupada para a transferência de “poder”, devido à chegada de um novo governador “eleito pelo povo”, tomei a iniciativa de conhecer o novo local para onde as famílias foram transferidas. Tratava-se das terras de um engenho desativado situado em uma área da região metropolitana do Recife. O poder público doou lonas para que elas construíssem suas cabanas para morar. Alguns políticos conseguiram que o novo governador autorizasse o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para demarcar a terra para doar um hectare de terra para cada família. Assim, essas famílias passaram a fazer plantações de milho, feijão, arroz, frutas e verduras para sua subsistência, e a venda do excedente desses produtos em feiras públicas. Com o dinheiro que eles conseguiam, começaram a construir algumas pequenas moradias em alvenaria.

Dessa forma, foi instalado um acampamento para as famílias retiradas da praça pública, na cidade do Recife-PE, e transferidas para as terras do chamado Engenho Pitanga situado no município de Igarassu, área metropolitana de Recife-PE. Então tive a ideia de convidar dois colegas da UFRPE para visitar a

nova área de assentamento. De início, fizemos uma pesquisa para fazer o levantamento das palavras mais usadas entre eles e o quantitativo de analfabetos. Tivemos uma grande surpresa porque a maioria era analfabeta e queria aprender a ler; segundo eles queriam “saber ler para não ser enganado pelos homens do poder”.

Então criei uma turma para alfabetização de jovens e adultos. Ao mesmo tempo procurei saber quem sabia ler e tinha frequentado uma escola por alguns anos a fim de oferecer um treinamento para que pessoas da própria comunidade assumissem o compromisso de dá continuidade à alfabetização do grupo de jovens e adultos que estavam sendo alfabetizados por mim, segundo o método de Paulo Freire.

Junto a dois colegas da UFRPE começamos a despertar o interesse de alguns de nossos alunos, e assim criamos uma *associação de moradores* para que de forma organizada, esses acampados pudessem lutar por seus direitos junto aos políticos para atender às suas necessidades básicas, quanto ao abastecimento de água, energia elétrica, transporte, escolas para as crianças e outros.

Essa experiência me impulsionou a buscar parcerias para colaborar na implantação de cursos de alfabetização de jovens e adultos em outras áreas de assentamentos, favelas e diferentes contextos populares. Na Universidade, as nossas aulas passaram a ser teóricas e práticas. Um dia por semana as aulas eram teóricas ministradas na UFRPE, onde ensinávamos os passos básicos para construção de projetos acadêmicos, objetivando a posterior construção de monografias ou os chamados TCC.

Outro dia da semana, levávamos os estudantes em ônibus

liberados pela UFRPE em direção às áreas de assentamentos e favelas, para realização de pesquisas e aplicação de questionários. Tais pesquisas objetivavam a construção de projetos para construção dos TCC. Bom, teria muito a dizer, mas vamos encerrando por aqui essa fase. Com essa prática, pudemos levar a Universidade aos contextos populares e também trazer, para dentro da Universidade, representantes das comunidades a fim de participarem de reuniões e treinamentos.

Ao ser nomeada coordenadora de um projeto bilateral entre a Universidade de Sherbrooke-IRECUS- Canadá e a UFRPE - Departamento de Educação, consegui construir um projeto em equipe para implantação de um Curso de Associativismo/ Cooperativismo, tendo como principais aportes teóricos a filosofia e a pedagogia de Paulo Freire. O Currículo do Curso foi todo baseado em Freire. Assim, a UFRPE passou a formar técnicos em Associativismo e Cooperativismo com uma proposta freireana a fim de que esses técnicos trabalhassem em contextos populares implantando pequenas associações produtivas e cooperativas de consumo e crédito.

Com base nessa experiência exitosa, decidi ir ao Canadá cursar um Programa de Doutorado em Educação. O tema da minha tese teve como principal objetivo a análise dos impactos do projeto bilateral Brasil /Canadá, quanto à formação de técnicos em associativismo e cooperativismo.

Priorizando os aportes teóricos de Freire, fui estudando outros autores e analisando a possibilidade de encontrar autores a serem trabalhados para estabelecer correlações com a filosofia e pedagogia freireana. Nesses meus estudos, descobri a importância da hermenêutica filosófica de Gadamer (2007) e a

complexidade segundo Morin (2003; 2005).

Para criar e adotar a Metodologia Interativa como procedimento metodológico na minha tese de doutorado, enfrentei grandes dificuldades, visto que no Programa de Pós-graduação na Universidade canadense onde estava cursando o meu Doutorado, as linhas de pesquisas priorizavam metodologias de cunho positivista, que não davam abertura para análises críticas.

Venci as resistências impostas por esse programa ao afirmar categoricamente que a minha tese sendo freireana só poderia ser ancorada em uma metodologia dialógica. Foi dessa maneira que sistematizei a Metodologia Interativa adotando como aportes teóricos a dialogicidade de Freire (1987), a hermenêutica filosófica de Gadamer (2007) e a complexidade como paradigma, proposta por Edgar Morin (2005). Utilizei como carro-chefe dessa metodologia, o Círculo hermenêutico dialético (CHD) para a pesquisa de campo.

Com base no método de análise hermenêutica de Minayo (2004), desenvolvi a técnica de análise de dados, acrescentando a importância de fazer uma análise mais aprofundada com o cruzamento dos dados à luz dos fundamentos teóricos e técnicos que foram trabalhados na construção de todo quadro teórico, e que a denominamos de análise hermenêutica dialética-interativa (AHDI).

Na defesa da minha tese, o que mais se enfatizou foi a originalidade do procedimento metodológico, de tal maneira que o tema trabalhado passou a ter um foco secundário.

Essa proposta metodológica adota como carro-chefe para coleta de dados a técnica do Círculo Hermenêutico-Dialético (CHD), que tem a dialogicidade como fio condutor para estabelecer uma

interação entre pesquisador e entrevistados, no processo de construção e reconstrução da realidade.

Os aportes epistemológicos do CHD são os referenciais para uma análise em profundidade dos dados coletados e o cruzamento com informações advindas de outras fontes, sejam documentos oficiais pertinentes ao objeto de estudo, sejam outras fontes de pesquisa como questionários, imagens, observações, filmagens anotações do caderno de campo.

Com base na didática francesa, a Sequência Didática Interativa (SDI) é uma técnica que facilita o processo ensino-aprendizagem. Essa técnica é um desdobramento da Metodologia Interativa, e como não poderia deixar de ser tem como seus principais aportes teóricos a hermenêutica, a dialogicidade e a complexidade. A maior ênfase está centrada na Dialogicidade, segundo Freire (1987), como principal fundamento teórico e metodológico, além dos aportes teóricos de: Oliveira, 2011 e 2018; Freire, 2002; Gadamer, 1998; Minayo, 2008; Morin, 2005).

Levando em consideração que a dialogicidade perpassa todo processo de ensino-aprendizagem e na realização de pesquisas (OLIVEIRA, 2020), precisamos entender que, segundo Freire em sua obra a Pedagogia do Oprimido, “a dialogicidade é a essência da educação”. Daí porque o diálogo segundo este autor é uma prática de liberdade, sendo um encontro entre os homens mediatizado pelo mundo (FREIRE, 1987).

Assim sendo, a SDI é eminentemente dialógica por fazer do aluno, um ser de relações, e sujeito de sua própria história. Defendo a ideia de que a SDI se constitui numa Metodologia Ativa, visto que os alunos e/ou diferentes pessoas de determinados grupos sociais são os verdadeiros protagonistas do

processo ensino-aprendizagem.

A SDI está sendo muito bem aceita no meio acadêmico e já passa a ser utilizada não só como técnica de motivação no processo ensino-aprendizagem, mas também como método de pesquisa.

Considerando as experiências exitosas dessa ferramenta, a título de divulgação, concorri a dois Concursos públicos de projetos, em parceria com o CNPq. O primeiro projeto objetivava apresentar propostas inovadoras para o processo de Formação de Professores e foi patrocinado pelo Programa de Apoio à Educação no Mercosul – PASEM, em parceria com o CNPq. Nesse Concurso que teve a participação de mais de duzentos concorrentes, a SDI ficou em terceiro lugar, e consta no banco de dados do PASEM.

O segundo concurso do qual participei foi no projeto de pesquisa Ensino de Ciências na Educação Básica-Linha 2 - MCTIC/CNPQ. Concorri com o título: *Sequência didática interativa como proposta didático-metodológica para ações inovadoras no ensino de ciências e formação continuada de professores da educação básica*. A concorrência foi grande com mais de trezentos projetos apresentados, sendo aprovados cento e vinte, e a SDI ficou em primeiro lugar.

Portanto, essa ferramenta está consolidada no meio acadêmico, pois foi constatado em pesquisa realizada recentemente, que já temos cento e sessenta e quatro trabalhos publicados entre teses, dissertações e artigos científicos, com aplicação do CHD na Metodologia Interativa e com a SDI, que é um desdobramento dessa metodologia.

Querido professor, finalizando esta Carta, quero ainda lhe

informar, que esta aprendizagem que impulsionou e continua a impulsionar a minha trajetória acadêmica, está alicerçada na *dialogicidade* como carro-chefe de todas as minhas atividades acadêmicas, para fazer a leitura de mundo, esperando dias melhores para nossa sociedade.

Mais uma vez, o meu profundo agradecimento.

Recife (PE), fevereiro de 2021

**Professora do Quadro permanente do PPGEC/UFRPE e UPE - Campus
Mata Norte – Recife-PE*

Remando contra a maré

*Rejane Maria da Silva Oliveira**

Querido Paulo Freire:
Gostaria de lhe dizer que você sempre foi uma referência inquestionável para mim, em sala de aula. O seu método de alfabetização é, em minha opinião, o melhor por ser mais eficaz.

Sempre procuro utilizá-lo na minha prática de educadora do ensino fundamental, não apenas na alfabetização de adultos, mas também na alfabetização de crianças, trabalhando palavras que são do seu cotidiano e procurando dialogar com elas a partir da realidade. Posso afirmar, sem errar, que este muito contribuiu na minha prática de sala de aula.

Ensinar para mim é algo prazeroso e procuro fazê-lo sempre com compromisso e dedicação. A leitura de alguns dos seus livros, “Educação e mudança” e “Pedagogia da autonomia”, fez-me compreender que a escola precisa rever seu papel na construção de cidadãos e cidadãs atuantes e, principalmente, humanizados/as e comprometidos/as com a transformação de sua realidade. Minhas origens escolares vêm de escola pública e minhas aptidões pelo magistério têm origem na minha infância.

Órfã de pai aos sete anos, fui a única dos sete filhos a cursar uma universidade e fazer pós-graduação. Não foi fácil dedicar-me aos

estudos. As dificuldades foram inúmeras. Não é fácil ascender na vida escolar se se trata de uma família sem recursos, num país de grandes desigualdades sociais. Esta realidade afeta de forma efetiva no cotidiano escolar porque gera a falta de perspectiva no futuro vivenciada pelos nossos aprendizes. Estes desafios carecem de ser enfrentados com políticas de Estado. Por outro lado, quando vemos uma criança iniciando o processo de aquisição da leitura e da escrita, nos sentimos orgulhosos por estarmos cumprindo a nossa missão de alfabetizar.

Sou uma sonhadora e lutadora em potencial. Por acreditar num país melhor, é que procuro investir minhas energias para que ocorra o ato da transformação social a partir do processo de ensino aprendizagem. Sei que já tivemos avanços significativos na educação, mas precisamos lutar sempre contra recentes retrocessos de governos que não têm compromisso com a educação.

Atualmente e, graças a pessoas como você, querido Paulo Freire, que tanto estimulou o diálogo na sala de aula, oferecendo aos nossos aprendizes a liberdade de opinar, algo que, na ditadura militar, não acontecia. Lembro-me bem, quando ainda menina, que ficávamos quietinhas (os), apenas copiando e ouvindo as explicações da professora. Hoje, na sala de aula, enquanto educadora, estou sempre estimulando o diálogo, a interação e a curiosidade das crianças.

Um grande desafio, hoje, na era da tecnologia e das redes sociais, é formar pessoas mais humanas, solidárias e comprometidas com a transformação desta sociedade capitalista que oprime, massacra e leva milhares de pessoas à exclusão social. *Vivemos numa sociedade cuja classe dominante procura tornar significativa parcela da classe dominada, invisível, perante a*

realidade a que está submetida, negando-lhes a condição de seres humanos, merecedores da dignidade de que trata os direitos humanos. Uma grande verdade é que, não são apenas os nossos aprendizes que vivem sem dignidade no seu cotidiano, nós, professoras e professores também somos vítimas deste sistema, devido às condições precárias de trabalho a que somos submetidos/as.

Esta difícil realidade faz-nos, por alguns momentos, perdermos a esperança num futuro melhor. Contudo, se nós, educadoras e educadores perdemos a esperança, como poderemos semear a esperança nas crianças e jovens?

Décadas atrás pensávamos que, no futuro, teríamos um país com menos Desigualdades, porque havíamos substituído o atraso da educação pela educação de qualidade, a partir de mais investimentos na educação pelo do governo. Infelizmente, vemos um retrocesso sem tamanho com a eleição de um presidente que banaliza o conhecimento e a ciência.

Escolas militares são criadas com o objetivo de formar cidadãos e cidadãs que obedeçam sem questionar, cerceando o direito de discutir e opinar na sala de aula. Leis foram criadas para punir professoras e professores que ousem formar aprendizes críticos e participativos que questionam e procuram a verdade. Mas o que mais nos impressiona são nossos representantes da educação, como o ministro, que, na pandemia do Coronavírus, estimulou escolas a abrirem, mesmo sabendo que isto custaria a vida de professores e professoras.

Apesar de todo esse retrocesso, no Brasil, do governo Bolsonaro afirmando claramente que: “Pobres só tem utilidade na hora de votar”, precisamos continuar acreditando na educação como

a base que move uma sociedade. Precisamos acreditar numa educação baseada no respeito, na tolerância e no diálogo que transforma. Precisamos acreditar que a educação será capaz de superar toda a ignorância que desrespeita, discrimina e exclui.

Precisamos continuar acreditando que o diálogo será capaz de superar toda violência. Precisamos acreditar na capacidade que nós, professoras e professores temos de “remar contra a maré” e insistir numa pedagogia que respeita as individualidades de cada aprendiz, vendo-os como seres que merecem nosso respeito e dedicação, tendo a coragem de ensiná-los a persistire m no caminho que os levará não apenas a realizarem seus sonhos e objetivos, mas que os tornarão seres humanizados(as) capazes de lutarem por um mundo com mais igualdade social.

Com saudades e respeito,

Campina Grande (PB), fevereiro de 2021

**É pedagoga, especialista em docência na educação infantil pela UFCG, especialista em docência na educação básica pela UEPB, e especialista em orientação e supervisão educacional pela Unipê. Atua como professora na rede pública municipal de ensino de Campina Grande-PB.*

Esperança viva e real

*Danielle Mendonça Sousa Ferreira**

*Gilcéia Leite dos Santos Fontenele***

Estimado professor Paulo Freire,
É com muito carinho e admiração que escrevemos uma resposta a sua tão importante carta, a qual lemos com muita atenção e comprometimento. Inicialmente, ressaltamos que somos educadoras da Educação Básica pública no Distrito Federal. Acreditamos firmemente em uma educação capaz de movimentar transformações sociais, como nos encoraja em seus escritos. Salve Paulo Freire! Um dos maiores educadores e ativista do pensamento pedagógico contemporâneo do Brasil!

A carta que nos escreveu é mais real e contemporânea do que possa imaginar. Estamos em 2021 e nos vemos envoltos em um contexto político brasileiro de silenciamentos, retiradas de direitos sociais e políticos, ameaça ao trabalho docente, perdas de direitos trabalhistas, cultura do ódio, opressão política e negacionismo. Além de tudo isso, nesse último ano, nos acometeu uma pandemia. Um vírus letal que matou muitos brasileiros. A educação e a Ciência, embasadas em uma política de proteção à vida, lutam por investimentos e credibilidade diante de uma

política nefasta e cruel que beira o fascismo.

Em seu centenário, queríamos ter outras notícias. Muitos avanços na educação e dos movimentos sociais. Mas o fato, e mais importante, é que sua carta, seus livros, seus depoimentos e sua vida não deixam nossa esperança morrer. Isso é libertador!

Nas linhas que seguem, responderemos alguns trechos da sua carta, e como ponto de partida já agradecemos por sua tão sublime luta, engajamento e coragem. Sim! A coragem de dar vida aos seus pensamentos e ideias sobre a educação. De escrever tantas mensagens em forma de livros. Quanta sabedoria compartilhada que nos inspira e acompanha nos objetivos de uma educação com função social crítica para a sociedade brasileira!

Concordamos quando fala da relação entre o ensinar e aprender. Desta forma, podemos dizer que ensinar e aprender são verbos complementares, poderíamos dizer que são as “faces de uma mesma moeda”, pois quem ensina, possivelmente, aprende algo. E quem aprende, ao aprender, também ensina. Assim, ensinar/aprender formam um par dialético, no qual há uma intercomplementariedade, uma relação de unicidade, na qual a teoria e a prática estão, o tempo todo, permeando o processo educativo, suscitando uma constante práxis.

Sobre “repensar o pensado”, consideramos que estes termos podem nos levar a pensarmos sobre os equívocos de nossa profissão, nossas contradições absurdas que são características do homem diante de suas humanidades. E refletindo, enquanto professores, ousamos destacar: como necessitamos estar, o tempo todo, repensando nossas aulas, as atividades que propomos para os nossos alunos! Será que nossas propostas (aulas) estão levando os nossos estudantes a pensarem sobre o que já

sabem, ou a refletirem acerca do que pensam que sabem? Será que estamos propondo desafios importantes para que nossos estudantes possam crescer enquanto cidadãos e, também em conhecimento? Será que estamos proporcionando espaço suficiente para que nossas crianças e jovens possam expor as suas ideias, para que possam desenvolver as suas capacidades de pensar e conhecer? Será que já nos perguntamos, porque este (esta) estudante está errando isto ou aquilo? O que ele (ela) não entendeu? O que falta para ele (ela) aprender?

São muitas as perguntas e muitas as repostas, cada realidade encontrará as suas indagações e, por consequência, não haverá uma resposta única. E a dúvida é o que nos proporciona chegar a amplos conhecimentos. Duvidar da forma como fomos organizados em sociedade. Das distribuições das terras. Das oportunidades nem sempre compartilhadas. De um conhecimento absolutista. Duvidar, Perguntar e questionar...a dúvida criadora do conhecimento.

Assim, diante de tantos questionamentos, construiremos as nossas afirmações e/ou nossos questionamentos a partir do que vivemos, do que acreditamos, não estamos em mundo fechado, precisamos abrir portas para que a educação de qualidade possa entrar e nos fazer melhores do que fomos ontem, pois como diz: aprender faz parte da vida e até o nosso último suspiro, estamos aprendendo.

Como necessitamos compreender a base que foi defendida por sua pedagogia: a dialogicidade. É urgente que haja uma proposta de conhecer o mundo do outro, suas subjetividades, cultura e experiências. O conhecimento que parte das experiências de cada ser no mundo. O ser concreto! As idas e vindas aos seus textos

e livros nos aproximou da convicção de que a escola pública deveria se engajar em sua função crítica e social. Na emancipação dos discentes e docentes e no trabalho de uma consciência política histórica.

Todas as questões citadas anteriormente nos fazem refletir sobre a preparação e a capacitação para ensinar, nas quais defendemos que uma formação docente baseada na perspectiva da práxis, em que haja a unicidade entre a teoria e a prática, em que a experiência do professor seja repensada a luz da teoria, sem que haja a dicotomia entre a teoria e a prática. Ressaltamos, além disso, que o docente não se faz apenas na formação inicial é preciso ir além, buscando sempre uma formação permanente e constante, em movimento.

Professor Paulo Freire, o seu texto fala da importância do estudar, do ler, do observar e do reconhecer. Ao falar no ato de estudar, suas frases nos despertam para uma importante questão de que estudar é antes de tudo um “que-fazer crítico, criador e recriador” (FREIRE, 2001, p. 260) isso significa que estudar não se resume “nas coisas da escola”, está muito além disso, pois estudar é bem mais profundo quando pensamos na experiência de vida de cada indivíduo, na sua curiosidade, na sua capacidade de pensar e ver o mundo.

Desta forma “o ato de estudar implica sempre o de ler” (FREIRE, 2001, p. 260), porém, ler não é um decodificar de palavras, não é a leitura de palavras puras e simples, mas é a leitura das palavras no mundo do indivíduo. Então, nos perguntamos: qual o significado da palavra no mundo de quem lê? A partir deste entendimento, memorizar serve para quê? Qual a compreensão que cada um tem da palavra no seu mundo? E o

contexto desta palavra, o que ele diz para o indivíduo? Assim, acreditamos que a leitura da palavra está atrelada a leitura do mundo e da leitura do contexto, aos quais podemos dizer que envolvem a experiência, a realidade e as múltiplas culturas.

Para prosseguir, destacamos um trecho do seu texto: “estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber a relação com os outros objetos” (FREIRE, 2001, p. 264). E para complementar sua afirmação destaca que quem estuda precisa se arriscar, se aventurar, pois sem isso não é possível criar ou recriar, ou seja, aprender. Por isso, ensinar não é transmissão de conhecimento do professor para o estudante (FREIRE, 2001), é uma busca ousada de ambos os sujeitos que são protagonistas na construção do conhecimento.

Para finalizar comentamos sobre a importância de estimular o gosto pela leitura e pela escrita e sobre a relação de intimidade que deveria haver entre pensar, ler e escrever, que há, na carta, importantíssima colocação e que se a pensarmos como basilar para o ensinar e o para o aprender, se considerarmos este tripé, esta interconexão, realmente o ensinar e o aprender ganhariam outro sentido, outro significado, outras ações.

Não tem sido fácil professor, os tempos atuais são dolorosos e desafiadores. Há quem queira desaparecer com a ideia de uma escola emancipadora. Estamos na luta e na resistência. Seus manuscritos nos encorajam e nos fazem esperar como sempre nos disse. Uma esperança viva e real! Esperança na ação política docente e discente. Esperança em um projeto de educação pedagógico e político. Esperança na formação crítica de professores e na organização pedagógica que privilegie as experiências, as culturas, os conhecimentos diversos e suas relações. Na esperança

da voz ecoada, sem opressão, sem silenciamentos! Saiba que as suas palavras são sempre lembradas, vividas, aprendidas, estudadas por nós educadores que acreditamos que a educação pode transformar e revolucionar as mentes e os corações. Assim, seguimos esperançando.

Cordialmente.

Brasília (DF), Verão de 2021.

**Mestra em Educação pela Universidade de Brasília. Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas PRODOCÊNCIA e do Observatório de Educação Básica do Distrito Federal (ObsEB).*

***Mestra em Educação pela Universidade de Brasília. Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Pesquisadora no Grupo PRODOCÊNCIA – UnB e integrante do Observatório de Educação Básica do Distrito Federal (ObsEB).*

Percepção do mundo, aplicação da palavra

*Kilmara Rodrigues dos Santos**

Caríssimo professor Paulo Freire, Desde que se teve acesso às suas experiências de educação popular, que resultaram no que hoje tratamos como sendo o Método Paulo Freire, incontáveis professores no seu anonimato, atuam numa constante batalha que perpassa desde a precariedade dos espaços físicos no ambiente escolar e seu entorno, até a falta de valorização profissional que carrega inúmeras outras questões. Mesmo assim, estes têm se dedicado a projetos e práticas pedagógicas que levem em consideração a leitura da realidade local, visando sua transformação (para melhor). Nesse grupo, no qual me incluo na humilde condição de ensinante que aprende, me vejo na necessidade de escrever-lhe para contar sobre fatos que vêm se ratificando desde aquela sua carta que nos foi endereçada e que guardo comigo até hoje, como fazia minha mãe, numa caixinha com tampa, reservada para guardar os escritos de quem se ama.

Primeiramente, gostaria de registrar a seguinte confirmação: hoje em dia, todos os alunos percebem quando o ensinante se

aventura a ensinar sem competência para fazê-lo. O que eu chamaria de “tecnologia com intencionalidade pedagógica”, os ensinados de hoje chamam de pesquisa na internet e logo, descobrem se é fato ou *fake* quando alguém se atreve a fazer afirmações indevidas. O lamentável disso é que mesmo não autorizados a ensinar o que não se sabe, como está claro na carta que recebemos, ainda há quem se aventure a entrar numa sala de aula sem a ação “de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes”. No entanto, há também muitos daqueles que se movem como educadores porque, primeiro, se movem como gente, sabendo que “há sempre algo diferente a fazer na nossa cotidianidade educativa”.

O que não sabíamos, era que, nesses últimos dias (entre os anos de 2020 e 2021) teríamos uma necessidade tão maior de aprender a ensinar, partindo da leitura de mundo. Apesar de sua intenção em nos alertar, não conseguimos mensurar a dimensão dessa necessidade tão ensinante quanto aprendente. Sequer imaginávamos que seríamos testemunhas de uma pandemia que ocasionou um distanciamento social imperativo que resultou, entre outras coisas, no fechamento das nossas escolas a ponto de as Nações Unidas alertarem para o que está sendo chamado de “catástrofe geracional” devido ao fato que chegou a afetar 1 bilhão de estudantes em 160 países. Assim, nesse longo espaço que tirou de nós as possibilidades de se despedir dos estudantes, de sentar com eles para explicar o que nos separou e ainda, não nos deu tempo de preparar novas possibilidades de ensinagem.

Tivemos, então, que buscar em nós mesmos uma dedicação,

uma flexibilidade e uma resignificação que nem sabíamos que morava em nós. Mesmo cientes de que “ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos”, vimos a necessidade de aprender de forma acelerada o que na carta, já lhe parecia fundamental deixar claro quando disse: “é que a leitura do mundo que é feita a partir da experiência sensorial não basta”. Somente quando fomos impelidos a abraçar o que nos foi dado como saída, nos apresentado como Ensino Remoto, é que foi possível entender que “a leitura feita a partir do mundo abstrato dos conceitos vai da generalização ao tangível».

Um outro ponto que é preciso registrar nessas linhas é que, dada a experiência de São Tomé, na África Ocidental, quando os jovens que se preparavam para a tarefa de educadores e educadoras, apesar de estarem predispostos a colaborar e aprender coordenando as discussões nos círculos de cultura, assim como os aprendentes, sabiam eles, que “jamais tinham feito o que iam fazer”. A única diferença que os marcava é que os participantes liam apenas o mundo, enquanto os jovens a serem formados para a tarefa de educadores liam já a palavra também.

Eis aqui mais uma predição do que estamos vivenciando: nós também, mesmo sendo leitores da palavra e apesar do advento da tecnologia da informação e da comunicação; das contribuições dos *softwares*, aplicativos, utilitários e atividades *gamificadas*, estávamos, de forma geral, ainda engatinhando na aquisição do conhecimento necessário para inserir tudo isso na prática pedagógica cotidiana de ensinagem. No entanto, a necessidade urgente de restabelecer vínculos com os estudantes, nos fez aligeirar essas práticas de ensino remoto. Coisa que jamais tínhamos feito: nem enquanto ensinantes, nem enquanto ensinados. Assim, “jamais, contudo, havia (eles em São Tomé

e havíamos nós no Brasil de 2020) discutido uma codificação assim, como jamais haviam tido a mais mínima experiência alfabetizando alguém. Mesmo assim, lá fomos nós nos alfabetizarmos tecnologicamente e, acima de tudo, reconhecer a necessidade desse letramento tecnológico urgente (o que foi muito difícil para muitos de nós).

Ainda da carta recebida, trago à memória que *“Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos”*. Desse modo, nossa ensinagem foi se fazendo possível quando desocultamos nossa imagem através de câmeras que algumas vezes distorciam nosso rosto, microfones que falhavam e causavam mutações na nossa voz, internets que ‘caiam’ na minha casa, na casa deles... interferindo nas relações com objetos ocultos porque, do outro lado da tela, a câmera deles era desligada por incontáveis razões. Entretanto, por vezes também se mostravam rostos curiosos, esforçados, com e sem fones de ouvido que às vezes funcionava, às vezes não, mas que se mantinham para comprovar que em ambos os lados, para que a leitura da palavra e do mundo ocorra, *“implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria.*

Um penúltimo destaque igualmente necessário de registro é também em resposta a mais uma colocação da carta recebida onde consta a *“questão do uso necessário de instrumentos indispensáveis à nossa leitura e ao nosso trabalho de escrever”*. Ah, amado Freire, como está sendo difícil! – Imagine ter como instrumentos imprescindíveis ao restabelecimento de vínculo com a instituição escolar um computador, um aparelho celular com sistema *android*, um provedor de internet banda larga e o conhecimento necessário para operar tudo isso numa aula cujo

ensinante está a quilômetros de distância... Quero deixar claro que nós do ensino público tentamos como, dissestes, levantar “o problema do poder aquisitivo do estudante e das professoras e professores em face dos custos elevados para obter dicionários básicos da língua, dicionários filosóficos etc. (leia-se aqui os instrumentos necessários na situação atual), enfatizando, também com suas palavras que “poder consultar todo esse material é um direito que têm alunos e professores”. Em alguns casos, fomos ouvidos, em outros, fomos atendidos, em ainda outros: nem ouvidos, nem atendidos... mas que fique claro que lutamos! Que resistimos!

Enfim, já em tom de despedida, quero lembrar que neste ano vão chegar por aí muitas cartas, homenagens, recados e muitos, muitos pedidos pela nossa educação também, além de agradecimentos. Por aqui, seguiremos na certeza das suas contribuições para nossa prática, já que é necessário que não apenas nos demos conta de como estamos sendo, mas nos assumamos plenamente como estes “seres programados, mas para aprender”.

Despeço-me saudosa e comprometidamente aprendendo a aprender todos os dias, na certeza de que *ninguém escreve se não escrever, assim como ninguém nada se não nadar.*

Com amor.

Paraíba, fevereiro de 2021

**É Pedagoga, licenciada em Letras, com pós graduação em Língua Inglesa, EJA e MBA em Gestão Pública. É Mestre em Educação e pesquisadora de políticas e práticas em educação com ênfase na Formação de Professores. Com experiência em assessoria educacional, atualmente é professora efetiva da Educação Básica e Substituta na UEPP.*

Pedagogo das coisas simples

*Francisco Delzymar Dias**

Meu caro Professor Paulo Freire, Estamos bem no meio de uma grande tempestade, passando, já há alguns anos, por diversos momentos difíceis. Seus detratores chegaram ao poder e continuam sem entender os objetivos de suas andanças e escritos pedagógicos. Aqueles mesmos detratores que te impediram de colocar em prática o plano nacional de alfabetização, que te prenderam sem motivo, que forçaram seu exílio, que se recusaram a fornecer seu passaporte, que tentaram dificultar seu retorno ao país, sua posse na UNICAMP, enfim, depois de três décadas, eles chegaram novamente ao poder.

Querem derrubar teus bustos espalhados pelo Brasil e retirar o título de *Patrono da Educação Brasileira*, homenagem que foi concedida pelo impacto e reconhecimento da tua obra no Brasil e no exterior. Continuam sem entender o teu legado. Não percebem que tuas contribuições práticas e teóricas não estão representadas nos bustos, estátuas, nos títulos de *doutor honoris causa* ou nas diversas cátedras que levam teu nome.

Perdão por não entendermos a natureza de tua obra. Uma

minoria barulhenta insiste em culpar-te por algo que não tem relação contigo. Perdão pela disseminação de tantas ideias atribuídas que nunca saíram dos teus escritos. Culpam-te pela indisciplina, pela ausência de resultados, pela questionável ideia de que existe um fracasso educacional, sem, ao menos, atentar para o fato de que, aquilo que propuseste, nunca foi implementado totalmente na legislação e nas escolas brasileiras.

Perdão por não entendermos que a educação revolucionária que tu propunhas, não tem relação com ideologias difusas ou qualquer tipo de imposição de pensamento. Tu sempre rejeitaste qualquer tipo de extremismo ditatorial. O objetivo da tua vida e obra sempre foi incluir os excluídos, sejam trabalhadores rurais ou urbanos, donas de casa, jovens e adultos do Recife, João Pessoa ou Angicos, aqueles que o chão da sala de aula sempre foi território improvável e muitas vezes impossível, dada a naturalização histórica com que esse direito natural à educação sempre lhes fora negado.

Acusam-te de estimular a doutrinação nas escolas. Logo tu? Tão aberto ao contraditório e que nunca buscaste a hegemonia do teu pensamento, mesmo quando peregrinava como convidado a falar nos maiores centros educacionais do mundo. Inclusive, é importante ressaltar que, muitos desses lugares, continuam estudando as ramificações e impactos do teu pensamento. Quantas vezes escreveste que o ato de ensinar é indissociável ao de aprender? Quantas vezes defendeste o respeito a autonomia do aluno e o reconhecimento de todos os tipos de conhecimento que ele carrega consigo? Como alguém com essa percepção de aprendizado mútuo e colaborativo pode ser acusado de alguma prática pedagógica impositiva que não encontra referência em nenhuma de suas obras?

No centenário do teu nascimento, as pessoas irão descobrir um educador que defendeu a rigurosidade metódica ao mesmo tempo que valorizou os pequenos gestos e ações. Combatia o fatalismo mostrando valor e esperança através dos pequenos aprendizados, sempre levando em consideração a realidade do aluno. O educador brasileiro mais reconhecido e premiado da história que vibrava, chorava e se encantava com a emoção de um adulto que consegue, pela primeira vez, escrever o nome simples de quatro letras da esposa no caderno.

Um educador, um andarilho, um ser humano que reconheceu em vida suas limitações. Não acreditava no processo de ensino-aprendizagem tradicional e impositivo, trazendo uma realidade atípica, fora do contexto social do educando. Questionava e era duro com aqueles que tentavam manipular o pensamento do grupo, fazendo uma educação para eles e não com eles.

Despeço-me, aqui do futuro, com uma mensagem de esperança em meio a todo esse caos. Sim, ainda há esperança. As pessoas continuam lendo sobre tu e tuas ideias. Muitos estão percebendo que já havia alguém, lá na década de 60, que falava e escrevia sobre a necessidade da empatia nas relações humanas e educacionais, mesmo quando essa palavra nem era de uso comum.

Um forte abraço e obrigado por nos ensinar a pedagogia das coisas simples. Com carinho

Patos (PB), fevereiro de 2021

**É Licenciado em História (FIP) e Bacharel em Direito (UFCG). Possui Mestrado pelo PPGSA/UFCG. É especialista em História do Brasil e também em Direito Educacional, ambas concluídas pela FIS. É professor, escritor e palestrante, atuando tanto na Educação Básica como no Ensino Superior.*

Escutar exige mais do que silenciar e ouvir

*Thyago Madeira França**

*Marcela Henrique de Freitas***

Mestre,
Em 2021, celebramos o seu centenário. São 100 anos de um legado vasto, humanizador e potencializador do alcance incomensurável de uma educação que liberta. Mais do que nunca, temos refletido sobre a significação crítica do entrelaçamento dos atos de ensinar-aprender a partir de sua tão pertinente “Carta de Paulo Freire aos Professores.” Como o senhor mesmo disse “não existe ensinar sem aprender”. Essa famosa máxima também nos fez recordar de um conhecido dito de Cora Coralina, “feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina” – ou melhor, aquele que compartilha conhecimento e está sempre disposto a aprender com o outro, aquele que sabe que sempre haverá o que aprender com o outro e, do mesmo modo, algo a ensinar a alguém.

Ousadia! Diríamos que ensinar-aprender requer mais do que ousadia. Pede coragem, empatia e suor para enfrentar os desafios diários. Exige uma busca incessante pelo conhecimento,

formação crítica, preparação e investimento subjetivo. Mas isso o senhor sabe mais do que ninguém. Afinal de contas, abriu-nos importantes clareiras para enxergarmos caminhos para uma educação mais humana, mais contextualizada, mais libertadora.

Por isso, defendemos que assumir nossa incompletude enquanto educadores significa conceber o conhecimento e o ensino como fontes inesgotáveis de um caminho (im)possível, sempre como um vir-a-ser, ainda que, dia após dia, nos esforcemos incansavelmente para reduzir as nossas lacunas, os nossos vieses, os nossos preconceitos. E isso, acreditamos, implica enxergar o aluno como um sujeito ativo e complexo, singular e perpassado por discursos que não necessariamente são perceptíveis ou compatíveis com as nossas experiências enquanto professores.

Aprendemos com os seus ensinamentos que cada criança, cada leitor, cada aluno tem sua história de vida e que isso não pode ser desprezado. Muito pelo contrário, aprendemos que devemos fazer uso das condições de produção do ensino e da constituição do alunado, de modo a promover experiências educacionais mais contextualizadas, que façam sentido para os envolvidos – lembremo-nos do seu exemplo de alfabetização com os operários potiguares.

Assim, também acreditamos que ensinar é muito do “negociar”, ensino é negociação. Negociam-se saberes, visões, opiniões, singularidades e posicionamentos. Busca-se que uma matéria faça sentido para sujeitos tão próximos fisicamente (ou não! tomemos o contexto de ensino atual¹, por exemplo), mas, por vezes, tão distantes e desiguais ideologicamente, com

¹ Carta escrita em meio a uma pandemia que reconfigurou de forma repentina toda uma estrutura de ensino até então desenvolvida essencialmente em formato presencial. Veja mais em <https://coronavirus.saude.gov.br/> Acesso em 12/02/2021.

formação heterogênea, experiências diversas e inscrições (religiosas, políticas, sociais, econômicas) por vezes opostas – isso sem falar das múltiplas variações fenotípicas, étnicas, de gênero e de movimentos sociais centrados na inclusão das minorias².

Somos gratos, pois seus ensinamentos não nos deixam esquecer que devemos acreditar na possibilidade de um novo amanhã, sem sermos ingenuamente idealistas e utópicos. Também nos reforçam a importância de anteciparmos o amanhã para que se possa sonhar melhor o hoje. E, por isso, vale dizer que temos resistido, a duras penas. Mas os desafios que a contemporaneidade, a sociedade das mídias e do cansaço, bem como o mais recente contexto de pandemia e suas novas formas de pensar o ensino e a aprendizagem são grandiosos e inúmeros. Talvez estejamos em descompasso com o hoje, que dirá com o amanhã. Sigamos lutando, juntos, sem perder a fé e o amor!

Recordamos de algo importante que nos ensinaste em sua Pedagogia da Autonomia: aprender a escutar. Estamos cada vez mais carentes desse ato. Hoje temos dificuldade em escutar. A maioria das pessoas apenas ouve. Escutar parece estar relacionado à passividade, sem interação, sem comprometimento ético. Mas a escuta é um exercício, exige dedicação, disciplina e empatia. Dessa forma, temos nos esforçado cada vez mais para escutar de verdade, o que exige bem mais do que somente silenciar e ouvir.

Daqui, dos tempos de hoje, queremos te contar que ensinar, cada vez mais, precisa extrapolar os limites e as fronteiras de

2 Pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero (LGBTQIA+) <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia> Acesso em 12/02/2021.

uma sala de aula. A preocupação dos educadores³ atuais não pode mais se restringir a formação acadêmica do aluno (métodos, teorias e práticas) ou a uma inserção dele no mundo da ciência e do trabalho. Mais do que nunca, parece emergencial que se fortaleça uma formação cidadã, ética, responsiva e responsável dos sujeitos, que, para além de futuros profissionais, precisam ser humanos. Precisamos formar gente!

Mas a luta não tem sido fácil, nobre mestre. Remar contra a disciplinarizante e domesticadora educação bancária está cada vez mais exaustivo. A luta tem sido de convencimento. Temos enfrentado questionamentos temerários quanto à validade e à necessidade das ciências humanas, das artes, das filosofias. E sabemos que uma sociedade que não quer que os seus sujeitos pensem parece ter seus planos perversos de alienação. E isso, na escola, traduz-se, nos piores casos, em perspectivas reducionistas, com a formação de alunos que entendem os saberes como preparação para o mercado de trabalho, ou que tomam o conhecimento como competência a ser domada para aprovação em processos seletivos que os farão ganhar dinheiro e vencer na vida.

Caro professor, temos lutado para que a curiosidade continue a ser a força motriz da interação que se estabelece na escola, como você propõe. Nossa batalha continua sendo por uma educação dialógica e libertadora, pela formação de alunos da escola pública que reconheçam os processos de opressão que atravessam a sua vida, que se reconheçam como oprimidos e que, como o senhor indica, não queiram se transformar no opressor. A luta é diária e atravessa nossos poros, nossas leituras, nossos

3 Aqui optamos por esse termo dada sua amplitude.

planejamentos...por isso, resistamos!

Saiba que Paulo Freire vive em todos os educadores que lutam para que a chama permaneça acesa. Educadores libertadores, presentes! Aqui, nos movemos como educadores porque, primeiro, como o senhor nos ensinou, nos movemos como gente! Por fim, encerramos com suas palavras: “se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (FREIRE, 1979, p. 218).

Saudades e esperança,

Santa Rita (PB), fevereiro de 2021

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

**Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Morrinhos. Graduado em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em 2006. Doutor em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da UFU. Professor que crê na educação como ferramenta de transformação social. thymad@gmail.com*

***Docente do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Câmpus Santa Rita. Licenciada em Letras Inglês e Literaturas de Língua Inglesa (2014) e Bacharel em Tradução (2018) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre e Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da UFU. Professora que crê na educação como ferramenta de transformação social. marcelahdf@gmail.com.*

Escola é vida em emancipação

*Ivonildes da Silva Fonseca**

Querido Mestre,
A motivação para fazer esta missiva se dá em momento singular na Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, o projeto assumido pelo Prof. Cidoval Sousa em recolher cartas para você, neste seu Centenário. Dentro desta motivação ganham contornos as lembranças da minha relação com a sua pessoa na minha vida na qual a imagem da profissão docente tem lugar de destaque desde a minha infância.

Nesses caminhos terrestres, no ano de 2021, em que estamos em uma pandemia, o seu nome permanece, a sua memória permanece VIVA demonstrando quão fundamental foram os seus ensinamentos, inclusive eu tenho a compreensão que escola é vida, escola acolhe vidas, escola trabalha pelas vidas, por vidas plenas sempre em processo emancipatório.

Cresci nas periferias de Salvador, especificamente na Cidade Baixa, lugar lindo e historicamente rico e foi nesta região, na Península Itapagipe, que comecei a frequentar a minha primeira escola.

A escola era, durante a minha infância, o meu lugar de encantamento. As professoras, eu as achava lindas, especialmente a ‘Pró’ Luiza (não havia o tratamento de “Tia”) me conduziam para outro mundo e neste só havia uma profissão: Professora.

A minha primeira escola, Escola Santo Antônio, no bairro de Roma, foi projeto da Irmã Dulce, hoje, Santa Dulce dos Pobres, com o Círculo Operário da Bahia e lá fiz o curso primário (havia 1º ano A e 1º ano B). Saí para fazer Admissão e ingressar no Ginásio no Colégio Estadual Alípio Franca e após 4 anos , fui cursar os 3 anos do Científico no Colégio Estadual da Bahia, mais conhecido como “Central”.

Segui o percurso escolar, a primeira da família de 3 irmãs e 3 irmãos, me inscrevi no Vestibular para a Universidade Federal da Bahia, e me tornei estudante na Escola de Biblioteconomia e Documentação, me graduei e iniciei atuação profissional. Ocorre que, durante a graduação, fiquei mexida com as aulas de Sociologia, e, fui prestar outro vestibular, vindo a ingressar na Licenciatura de Ciências Sociais. E aí, a explosão ocorreu com relação ao seu nome, Paulo Freire!!!

Comecei na Licenciatura em Ciências Sociais e nas disciplinas específicas de Educação conheci a Pedagogia do Oprimido e a ação revolucionária de alfabetizar. A partir de então, parte das minhas angústias tiveram respostas e eu acresci à minha orientação de vida, a prática de alfabetizar. E para completar a minha paixão docente, eu ouvi parte da sua fala no ano de 1982, no XI Congresso de Biblioteconomia e Documentação na cidade de João Pessoa. Ai, que dupla alegria: vi Paulo Freire e conheci a linda capital pessoense: a cidade das Acácias.

Querido Mestre, tenho um episódio que considero marcante

e quero te contar. Eu não sou filha de Papai Noel! A única vez em que fui olhar no telhado da minha casa (era baixinha) se tinha presente no meu sapato, que era sandália, tive a decepção de me deparar com o vazio. Creio que, a partir de então, passei a cultivar uma melancolia e tristeza no período natalino.

Nos idos de 1980, em Salvador, a onda de apatia me pegou no dia 25 de dezembro e a cura desse momento veio do seu livro “”.Conscientização: teoria e prática da libertação”. Puxa, sai fortalecida depois daquela noite de leitura, principalmente porque aprendi que ninguém conscientiza ninguém e a compreensão de que nós , pessoas letradas, éramos as que tinham o poder de Conscientização, era recorrente nessa época. E, se, as letradas, tivessem títulos conferidos por Universidade... ah, essas eram tidas como detentoras da verdade. Mudei a minha concepção, mudei a minha prática a partir de você.

Li “Conscientização” e, me tornei chatinha (que bom!!!) nas reuniões em que eu percebia a tendência em não valorizar a fala, as ideias de quem era pouco ou sem escolaridade.

Anos se passaram e eis que, no final do século XX, vim morar no estado da Paraíba, na cidade de Cabedelo, no bairro de Jardim Manguinhos, o local no qual vivenciei os maiores momentos de felicidade da minha vida e pude proporcionar ao Grupo de Mulheres -GEMA, daquele lugar o poder de começar a aprender a ler e escrever em 40 horas. Foi fan-tás-ti-co!

Paulo, vou te contar um pouquinho sobre essa experiência. Era o final da década de 1990 e na certeza de que a organização social era fundamental para a transformação social, me encontrei com muita gente atuante em Cabedelo. Fazíamos reunião da Associação de Moradores de Jardim Manguinhos no espaço

da Igreja Católica e fui observando que muitas mulheres não sabiam nem escrever o próprio nome.

Jardim Manguinhos era uma comunidade de pescadores, situada entre o Mangue e o mar, o Rio Paraíba e o Oceano Atlântico e no meio uma floresta, chamada Mata do Estado. Lindo, Jardim Manguinhos ! As ruas não eram calçadas e muitas não eram nominadas dificultando que a comunicação escrita chegasse ao seu destinatário.

A Associação de Moradores do Jardim Manguinhos trabalhou para colocar linha telefônica e para nomear muitas ruas e, mostrando a sua vocação religiosa católica, a comunidade, respondendo uma consulta feita, optou por nomes dos Apóstolos cristãos e da Nossa Senhora Aparecida num conjunto de alternativas que trazia, nomes de flores e nomes de peixes.

Voltando ao assunto do processo da alfabetização. Percebi que desenvolver um curso com homens e mulheres, trazia desconforto para estas pois havia uma enorme vergonha em expor as sensibilidades e ainda por cima, sabemos, que as pessoas adultas não alfabetizadas, carregam a auto culpa.

A estratégia adotada foi criar um curso específico para aquelas mulheres e desde o primeiro dia, tudo fluía para o interesse em participar intensamente. Era uma alegria, uma descontração e aumento da auto estima. Paulo, o espaço da sala de aula era o local do culto da missa, o chão era a nossa lousa. Houve aulas em que fizemos simulação e uma delas foi centrada no ato de comprar e a organização para fazermos as prateleiras (foram os degraus existentes), os rótulos de produtos e as cédulas, foi um sucesso com elas lendo escolhendo, lendo os nomes dos rótulos e das cédulas.

A liberdade experimentada por aquelas mulheres, algumas pescadoras, permitiu que as nossas palavras geradoras viessem da Mata do Estado, do Mangue, da rotina de vida e do próprio corpo feminino. Foi muito divertido trabalhar os nomes populares dados à vulva. A abertura da recepção não teria acontecido caso houvesse homens. A especificidade do grupo garantiu a velocidade da aprendizagem.

Sim, Paulo, antes do início da aprendizagem propriamente dita, havia os minutos de relaxamento e houve uma sessão em que eu fiquei estarecida. A ação era a de massagear os pés e houve um “encolhimento” por parte de algumas porque não entendiam a humildade do ato. E, imaginem, eu, a massagear os pés de uma mulher que se considerava inferior! Mas, no diálogo, veio a aceitação e, aí, como calcularmos o que foi aprendido a partir da relativização de hierarquia, a que forma submetidas?

Pois é, meu Caro Professor, a leitura de vida antecede a leitura das palavras! Bem, o curso transcorria e em um dado momento, eis que chega uma companheira saltitante porque foi ao centro da capital e conseguiu ler o nome do ônibus. Que orgulho ostentado pelo fato de, pela primeira vez, não ter pedido ajuda para que alguém lesse para ela, qual seria o seu destino marcado no transporte coletivo.

A dificuldade de não poder ler o destino marcado no transporte coletivo, foi derrubada e evidente que, a leitura e a escrita, são fundamentais para derrubar outros obstáculos, inclusive o da desumanização. Todavia, a resposta de alguns representantes do poder oficial quanto a encarar de frente a emancipação humana a partir da aquisição da ferramenta de ler e escrever, foi dada na gestão do governo de Jair Bolsonaro. Lamentável, triste...

Mas não desistimos de cuidar da sua memória , do seu legado para a humanidade , honrado Paulo Freire! Também sabemos que o Movimento de Educação Popular , iniciado no Nordeste na década de 1960, teve resultados positivos impactantes e as críticas foram aparecendo porque a sua pedagogia preparava o educando para entender e criticar o contexto no qual estava inserido. Não quero ser panfletária mas tenho que dizer que os críticos perderiam eleitores , caso a pedagogia adotada fosse a da liberdade.

Oh, Paulo, seria tão fácil se os Poderes públicos levassem a sério a derrubada dessa dificuldade criada socialmente , que é o analfabetismo. Você mostrou isso e nos ensinou.

Passei por outras experiências mas esta relatada, é especial na minha vida por ter sido em grupo e grupo de mulheres periféricas do local em que reinava a solidariedade, o carinho, também havia as discórdias entre vizinhos e que muitas vezes eram resolvidas com o diálogo, o ato de apresentar com frutas, caranguejos, lagostas, era constante.

Eu sou defensora do respeito à vocação e depois de alguns anos de vida, fico feliz em ter seguido a minha vocação maior, que era assumir a docência. A função de atriz também falava alto em meu interior mas a sobrevivência é muito definidora das nossas atividades laborais. Mas, estou bem na docência, sofrendo as dores e as delícias de ser.

Na Paraíba, trabalhei no Centro Universitário de João Pessoa, na Faculdade de Enfermagem Santa Emília de Rodat e, em 2001, uma grande colega e amiga freiriana, Marcelina Gonzaga de Luna, me impulsionou a fazer Concurso para docente na Universidade Estadual da Paraíba. Fui aprovada e desde 2002,

faço parte do corpo docente. Atuei em Campina Grande , depois por permuta com o colega, Francisco de Assis, fui para a cidade de Guarabira.

As experiências na UEPB vêm me proporcionando um enriquecimento humano sem limites que vai desde me possibilitar a conhecer quase todos os 223 municípios paraibanos até ter sido eleita para atuar como Vice -Reitora e assim voltar a trabalhar administrativamente em Campina Grande e ministrar um dia de aula na cidade de Guarabira.

Vou finalizando esta cartinha , e quero te contar que a explosão que ocorreu comigo trouxe respostas sobre as causas da desigualdade social e racial que maltrata e mata neste Brasil; a explosão teve a responsabilidade de alguns nomes que me foram apresentados na Universidade e desses, o seu, Paulo Freire. Ainda hoje, o seu nome vem carregado de bondade, humildade, respeito ,esperança, transformação. O seu legado é firme apontando que outro mundo possível , que a concepção, o paradigma é do Bem Viver, que o trabalho é em grupo , que do diálogo saem as soluções importantes para “varrer do mundo”, a opressão.

Que Vivas iluminando mente, aquecendo corações para outro Mundo!

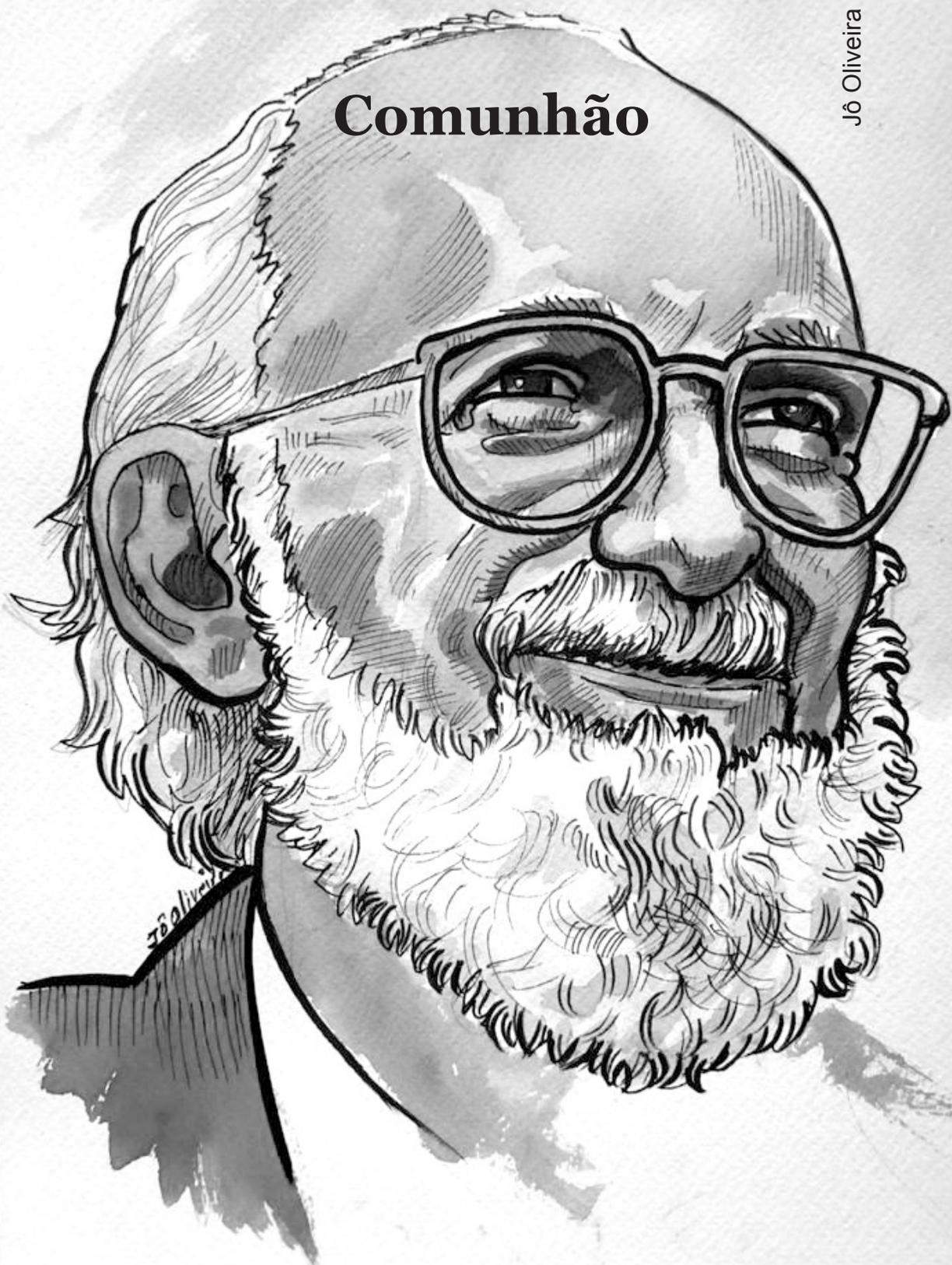
Esperançando um mundo novo,

Campina Grande (PB), fevereiro de 2021

**Nascida na cidade de Castro Alves, criada em Salvador (BA), atualmente morando em Guarabira, Campina Grande e João Pessoa. A vida de professora me permite essa múltipla vivência em diferentes regiões paraibanas. Docente da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, alocada no Departamento de Educação, no Centro de Humanidades , Campus III.*

Comunhão

Jó Oliveira



Aprender a ler (a palavra e o mundo) é resistir

*Juarez Nogueira Lins**

*Maria de Fátima de Souza Aquino***

*Maria Suely da Costa****

*Rosângela Neres Araújo da Silva*****

*Rosilda Alves Bezerra*****¹*

Prezado Mestre,
Desde o auge de sua pedagogia crítica – educação como prática de liberdade – até os dias atuais, a educação brasileira caminhou a passos lentos, entre avanços, equívocos e retrocessos. Nesse percurso, na área de Língua Portuguesa (LP), nas décadas de 50 e 60 do século XX, viam-se os ranços de uma escola elitista em detrimento de uma escola para todos. Você vivenciou isso. Nas décadas seguintes, 70 e 80, a evolução dos estudos linguísticos e os efeitos do período de “exceção” se fizeram presentes. A ideia era transformar a linguagem em instrumento de

¹ A professora Rosilda Bezerra morreu poucos dias antes do fechamento deste volume, vítima da Covid-19. À ela nosso respeito, gratidão e compromisso de continuarmos esperando um mundo melhor.

comunicação, mas comunicar o quê nessa época sombria? Até você, sua pedagogia (subversiva, uma vez destinada às massas) e outras vozes foram censuradas! Na década de 90, no alvorecer da nova democracia aqui no Brasil, levando em consideração os estudos da linguagem, surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para orientar o ensino na educação básica. Esse documento representou, no nosso contexto educacional, um momento de lucidez e esperanças motivadas pelos ares desse novo tempo, apesar de pouco explorado, muitas vezes, contestado e, enfim, pouco efetivado no ensino.

Nessa perspectiva, considerando os aspectos políticos e teóricos que influenciaram a formação docente e as políticas educacionais no final de século passado e início deste, é possível identificar avanços na nossa educação, com destaque para programas institucionais de formação inicial e continuada para minorar a crise do magistério e valorizar a formação docente, a exemplo do Profletras, Prodocência, Pibid, Residência Pedagógica e outros. A docência, como um trabalho, requer uma formação específica, de qualidade, com um currículo que permita ao professor o entendimento de sua dimensão histórica, social e política, enfim, de seu papel no contexto e construção histórica de suas lutas, deveres e conquistas.

No momento (início da terceira década do século XXI), – *era da informação com as novas TDIC* –, a velocidade e circulação de conhecimentos, a facilidade de acesso às informações, a extinção de fronteiras (físicas, culturais, linguísticas), o crescimento das mídias de interação e comunicação digital, marcaram profundamente a paisagem social/educacional do planeta e do nosso país. A ciência, os meios de comunicação e de produção evoluíram,

aproximando culturas, salvando vidas, incluindo pessoas, excluindo e destruindo outras. Esse cenário impactou indivíduos e instituições. Algumas reagiram bem, outras resistem/resistiram às mudanças, entre essas figurou a escola, uma vez que é possível encontrar focos de resistências, mesmo que brandos, mas presentes em alguns ambientes educacionais.

Assim, com o advento das novas tecnologias, a escola e os docentes “perderam espaço” para as plataformas/ferramentas digitais e redes sociais. Nesses espaços digitais, ao mesmo tempo em que se encontram muitas informações, notícias em tempo real, encontram-se também falsas notícias, falsos especialistas em todas as áreas, posturas fascistas, racistas e homofóbicas, violência explícita e exposição da vida privada. Enquanto floresce o aparato tecnológico, há o recrudescimento da luta pelo trabalho, cada vez mais escasso, pela democracia, pelo acesso aos bens educacionais, culturais e pela sobrevivência. Cresce, também, a violência em todas as suas formas – físicas, psicológicas, morais...

Hoje, em tempo de polarização, a sua pedagogia da libertação (a pedagogia crítica) confronta-se com a pedagogia da fé. Grupos de intolerantes tentam impor uma verdade divina, própria (Deus não iria permitir isso) sobre os avanços científicos. Tentam desdizer as conquistas científicas e sociais; e, através de recursos escusos, fragilizar, ainda mais, a incipiente democracia brasileira. Como não bastasse, esse cenário de descrença, de incertezas e ataques à democracia, recrudesciu ainda mais o ódio e a intolerância com o advento de uma pandemia avassaladora que vem ceifando várias vidas, entre elas a de vários companheiros e companheiras de luta docente. Esse acontecimento exigiu novas

leituras, pois, nesse mundo pandêmico, onde a ciência trava uma guerra por espaço e aceitação, ler precisa ser um “ato de esperança”, para que a espécie humana venha sobreviver, pela construção da cultura da solidariedade e ajuda mútua, em oposição aos grupos que disseminam a superioridade de uns sobre outros, aqueles da extrema direita sobre os “esquerdistas petralhas”, os negros, os grupos LGBTQIA+, as mulheres, os pobres, os nordestinos. Mas, mesmo nesses grupos que sofrem repressão, há muita gente com atitudes que nos lembram as suas palavras, “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”.

Vale lembrar que grupos de extrema direita sempre existiram, habitando os “subterrâneos”, esperando o “messias” da truculência, o “salvador da amada pátria, Brasil”, que alimenta a alma daqueles que desdizem evidências científicas, não acreditam e nem aceitam outras verdades. Uma caricata ode à pedagogia do ódio, da ignorância e da intolerância. Aceitar sem contestar é o lema. Ensino este, em tudo diferente do pregado pelo Messias que há séculos lutou a favor dos marginalizados. Face a essa realidade e imbuídos de um sentimento de tristeza, perguntamo-nos: enquanto professores (as) onde foi que nós erramos? Nossas tentativas de formar cidadãos críticos e conscientes, leitores e construtores de um mundo justo não funcionaram? Quais os sentidos possíveis para esse momento histórico? Entre esses sentidos, destaca-se a desumanização dos seres. Sob o efeito das transformações tecnológicas, das políticas desastrosas, da educação precária, da luta pela sobrevivência, do excesso de informações, muitas vezes falsas, o homem, desumanizou-se. Nesta perspectiva, a escola, o professor e a leitura exercem um papel

essencial na reconstrução do humano, aturdido entre tantas informações, sem rumo. Para minimizar os efeitos desse turbilhão de informações, transformando-o em conhecimento útil, é necessário (a) o (a) professor (a), para direcionar, refletir e humanizar. E deste modo, constituir leitores de mundo.

Neste exercício de formação de leitores, adquire destaque a Literatura que, dentre suas manifestações identificadas como Literatura brasileira, Literatura Infantil e Juvenil, Literatura Afro-brasileira, etc., tem possibilitado o contato com um mundo imaginário, e ao mesmo tempo real, pela experiência do outro, como parte constituinte da memória e história do Brasil. Países cujos nomes de heróis e heroínas são incontáveis, embora muitos negados e silenciados. Pois bem, cabem nesta literatura aspectos das áreas social, econômica, política e cultural da sociedade brasileira que, historicamente, impôs uma homogeneidade profundamente inconsistente. Somente os interessados e os iletrados poderiam aceitar como natural. Nossa diversidade étnica jamais seria a mesma após o pretense “descobrimento”. E assim, como sabiamente você, Mestre, pontuou que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, não cabe, portanto, simplesmente querer anular uma identidade. Antes disso, e de forma humanizada, o saldo positivo está em ser, ela, enfatizada em suas particularidades e riquezas. Desse modo, compreendemos o fazer pedagógico que se quer humanizador, porque cuida para a dialética da vida em sua natureza inclusiva, agregadora de diversidades.

Nesse direcionamento, aprender a ler (o mundo e a palavra) se torna um ato de resistência, não só para compreender as mazelas impostas, mas para lutar pelo bem comum, que se

concretiza em escola pública com qualidade, equidade e humanidade. Atualmente, não basta ser humano, é preciso humanizar. No sentido mais efetivo e afetivo do termo, para que a sociedade viva dias mais esperançosos. Embora a dita do poeta “O mundo não foi feito para pensarmos nele [...], mas para olharmos para ele e estarmos de acordo [...]”, lidar com o ensino nos faz, a cada dia, crer na mudança e na possibilidade da transformação.

Nesse sentido, para transformar as pessoas e as instituições, humanizando as relações entre ambas, os requisitos básicos, ao nosso ver, são: formação na área de humanas, leitura do mundo e leitura da palavra, principalmente por meio do texto literário. Nós que fazemos o PROFLETRAS/UEPB (Mestrado Profissional em Letras) trabalhamos na formação dos sujeitos sociais, especificamente na sua relação com a língua; sujeito este que constitui e é constituído na/pela linguagem. Enquanto profissionais das Letras, temos ciência de que a nossa função é compreender as situações e agir, tendo por foco o poder da palavra e das demais formas de linguagens, inclusive tecnológicas, tendo em vista que tudo é contexto. Contribuímos, assim, para ressignificar e fortalecer a prática docente de Língua Portuguesa (LP), por meio da articulação entre os saberes teóricos e práticos, através da parceria entre as IES e as escolas do ensino básico. E, desse modo, valorizar a docência, humanizar o ensino-aprendizagem e aproximar o ensino de LP das demandas atuais.

O processo de ensino e aprendizagem, no contexto atual, não tem sido uma tarefa fácil, nem para nós nem para os nossos discentes (professores do ensino básico), uma vez que, para atender às novas demandas tecnológicas e sociais, cada vez mais tem se exigido renovações constantes tanto dos espaços educacionais

quanto de seus agentes. Assim, acreditamos que nos cabe resistir às adversidades e acreditar no ser humano e em suas potencialidades. Um dos grandes desafios, nesse momento, para além da necessidade de valorização da carreira, de prestígio social docente e de recursos para a gestão escolar, está em resistir ao medo e enfrentar às mudanças oriundas da pandemia da Covid-19 que assola o país e o mundo. A situação de isolamento ocasionada por essa pandemia exigiu a realização de atividades remotas, em todas as áreas, caracterizando-se como um grande desafio para o ensino, particularmente do setor público, tornando mais evidentes as desigualdades sociais. Nesse contexto, entre o ceticismo, o medo e as tentativas, o ensino remoto insurgiu como um espaço necessário de trocas de conhecimentos, ora pautando aos seus atores a condição de aprendizes no manuseio das tecnologias, ora possibilitando uma abertura para enxergar o outro em suas possibilidades e limitações, tudo em função de novas aprendizagens. É fato que perdemos em percentuais significativos a riqueza de trocas afetivas instauradas em aulas presenciais, uma vez necessitar ser ressignificado o fazer da sala virtual. Contudo, grandioso é o potencial humano do docente em ser resiliente em nome da construção de aprendizagens significativas.

Diante de um quadro político-social neoliberal e pernicioso, trazido à tona nos últimos anos e exarcebado pela pandemia, em que muitos adotam posturas fascistas, ler deve continuar sendo esse “ato de resistência” e um “ato de indignação”. Não só para compreender as mazelas impostas, mas para lutar contra as injustiças sociais, as desigualdades, enfim, lutar pelo bem comum. Lutas que podem se concretizar em escolas públicas, com qualidade e equidade, em ensino voltado para a empatia, para a

construção de sujeitos independentes, mas solidários, com conhecimentos diversos e humanizantes.

Como diria Chaplin, “mais do que máquinas, precisamos de humanidade”. Para tanto, ler precisa ser um ato de liberdade: liberdade para pensar, para concordar, para discordar e para produzir o bem comum. É na busca de construir sujeitos autônomos, que nós pesquisadores em Letras, atuando no curso de Pós-Graduação em Formação de professores da rede pública de ensino básico, agradecemos seus ensinamentos e suas contribuições, Mestre Paulo Freire, sobre o ato de ensinar e aprender.

Reinventando a vida,

Guarabira (PB), fevereiro de 2021

**Professor Doutor da UEPB, Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem (UFRN). Pesquisas nas áreas de: Estágio, Ensino de LP, Literatura e Formação de Professores (as).*

***Professora Doutora da UEPB, Doutorado em Linguística (UEPB). Pesquisas na área de linguística (Variação linguística, oralidade, escrita, leitura, letramento e ensino).*

****Professora Doutora da UEPB, Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem (UFRN). Pesquisas em Literatura Brasileira, Teoria e Crítica Literária e Literatura e Ensino.*

*****Professora Doutora da UEPB, Doutorado em Literatura e Cultura (UEPB). Pesquisas nas áreas de linguagens: Literatura Comparada, Literatura e Cultura Visual e Ensino.*

******Professora Doutora da UEPB, Pós-doutorado em Letras (Coimbra/Portugal), Pesquisas em Literatura de Língua Portuguesa e Africanas, Literatura e Ensino (In memoriam)*

Paulo Freire está vivo, presente e pulsante

*EJA-CONSUPRA**

Grande mestre Paulo, cordiais e afetuosas saudações!
Estamos aqui em atendimento ao vosso chamamento permanente para o diálogo, a partir da carta que nos endereçou no ano de 1993. Temos o privilégio e a felicidade de tecermos saberes justamente neste ano em que celebramos os 100 anos de sua esplendorosa vida! Sim, Paulo Freire está vivo, presente e pulsante, em nós e em todos e todas que acreditam que uma sociedade mais justa, fraterna e solidária é um projeto urgente e necessário.

Por favor, permita que nos apresentemos. Somos ainda uma criança aprendendo a caminhar. Fomos batizados de “*Educação de Jovens e Adultos: contextos, sujeitos e práticas*”, mas pode nos chamar de “EJA-CONSUPRA”. Somos um grupo de pesquisa vinculado ao Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) campus Nilópolis, e que busca se construir de maneira dialógica, democrática e não-hierárquica. Nosso propósito é estudar, construir, pesquisar e produzir conhecimentos junto/com a sociedade, de modo que possamos promover um

mundo melhor, sem desigualdades, onde todos e todas tenham autonomia para conduzir suas vidas com equidade e cidadania.

Nascemos no mês de setembro do ano de 2020, um ano que nos desafiou ao extremo a resistir para existir. Ano em que vivenciamos a maior crise do último século, quando a disseminação do novo Coronavírus tornou mais flagrantes as desigualdades do mundo, e os desafios para superá-las.

Neste contexto de crise, as dificuldades vivenciadas pelos oprimidos se agudizaram. Sendo assim, ao buscarmos reinventar o mundo, nada mais necessário e urgente que termos como ideal a leitura do próprio mundo. Sim, enquanto professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores, estudantes, sujeitos-militantes da EJA, temos como campo de enfrentamento, disputa e construção acadêmica e política a Educação em suas múltiplas realizações. É a partir deste espaço-tempo que, já em nosso primeiro ano de vida, entendemos e aceitamos o chamado que nos fez através da carta que nos endereçou, intitulada “*Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra*”, convocando-nos ao engajamento nesta luta por uma educação emancipatória e libertadora.

Temos como elemento primário em nosso coletivo a esperança (a que busca, persegue a mudança, persiste), e não a espera. Esperança de um “que-fazer crítico, criador, recriador”. Para isso somos chamados a “ler o mundo, ler a palavra e, assim, ler a leitura do mundo anterior feita”.

Querido Freire, você nos ensinou que educar é um ato humano, de amor e coragem. Que nossa luta deve ser movida pela esperança, e que, em tempos em que muitos têm muito a dizer e poucos estão dispostos a ouvir, devemos nos unir em torno de

um projeto de Educação que eleve as categorias raça, etnia, religião, gênero, sexualidade, idade e classe social.

Seguindo seus ensinamentos, exercemos nossa militância de forma ética e responsável, colocando-nos ao lado daqueles que são socialmente preteridos, e que, no entanto, não desistem de lutar, buscar novos rumos e reconstruir seus saberes. Lutamos com convicção por uma Educação que se pautem em conteúdos vazios, e sim na boniteza da vida, no diálogo, na justiça, no afeto, na autonomia, e na luta pela igualdade de oportunidades e a universalidade de direitos.

Escolhemos conscientemente trilhar um caminho no qual, em união, temos a possibilidade de sonhar, esperar, construir saberes e resistir a todas as formas de opressão e exclusão. Nele, seguimos crendo que a Educação tem o caráter humanizador e a força necessária para mobilizar as pessoas, dando novos rumos a dias tão sombrios. Caminho que nos chama para a luta, posto que nenhuma conquista chega sem a mobilização popular.

Mestre, como bem sabe, nosso povo resiste a séculos de opressão. O resultado, temos visto dia após dia refletido na sociedade, na política e na divisão desigual do trabalho e da renda. Vítima dos duros e contínuos golpes de governantes, que sempre estiveram a serviço dos mais ricos, nosso povo vê-se, ante a necessidade de ajudar no sustento de casa, premido a abandonar, muitas e muitas vezes, seus sonhos e projetos. O acesso à Educação é, talvez, a mais dura destas perdas, uma vez que a ausência da escolarização faz com que se tornem mais vulneráveis ao jugo dos opressores, submissos e com medo do futuro.

Mas, graças a você, amado Paulo, esse cruel processo tem sido interrompido na vida de muitos. Seu exemplo formou gerações

de aguerridos educadores, que, inspirados pela educação emancipatória defendida por você, criaram espaços de promoção de uma educação dialógica, voltada para a emancipação e a ampliação da visão de mundo daqueles que tiveram seus direitos à educação negados ao longo da vida. Com você, aprendemos que educar, para além de um ato de amor, é se colocar no lugar do outro, se permitir viver outras realidades e, através do afeto, ajudar a formar novas mentes para que possam trilhar caminhos brilhantes. Seguir os passos do grande mestre da educação sempre foi um presente; poder se debruçar sobre suas obras e vivências e ter como inspiração suas realizações sempre foi enriquecedor. Você nos ensinou, com seu exemplo, que a educação é o maior instrumento de transformação da humanidade.

Cada um de nós teve a oportunidade de conhecê-lo, querido professor Freire, de diferentes formas, e por diferentes caminhos. Nossa diversidade de caminhos como coletivo fez com que sua palavra mobilizadora nos tenha alcançado como sujeitos da EJA em diferentes estágios da nossa trajetória identitária: discentes, docentes, discentes-docentes, docentes-discentes; pela força do exemplo em nossos lares, onde nossos familiares, também educadores, liam e comentavam de forma apaixonada seus livros e escritos. Tal encantamento mobilizador nos proporciona um fluxo-contínuo de afetividade e encantamento, que, tal como aludido por Ecléa Bosí, nos possibilita a contínua retomada do “poço da memória” de suas ideias-força. Assim, a (re)leitura de sua obra passa a ser um exercício de invocação memorialística e reaprendizado do real, fazendo com que, mais do que a obra de qualquer outro autor, que a (re)aproximação de sua obra nos mobilize “numa experiência criativa em torno da compreensão”

de mundo”. Uma compreensão crítica, questionadora, esperançosa mas nunca ingênua. É por isto que, nestes tempos difíceis que enfrentamos, mais do que nunca, escrevemos-lhe como se fôssemos salvar a vida de alguém - provavelmente a nossa própria vida, como dizia Clarice Lispector.

Mesmo diante do cenário que temos hoje para EJA, de negação e apagamento de direitos e oportunidades, acreditamos nos sujeitos da EJA como protagonistas nos processos de ressignificação da modalidade, de suas existências e dos coletivos a que estão vinculados. Daí que continuamos acreditando na possibilidade de (r)existência de caminhos a serem percorridos, e nas múltiplas possibilidades de lutas no campo das micropolíticas.

Aprendemos contigo que não existe possibilidade de existência humana sem sonho. Logo, nos constituímos como um grupo de sonhadores que afirma sua condição de seres humanos, que defendem a formação humana em seu aspecto integral, e que buscam contribuir nos múltiplos processos de educação de jovens e adultos em nossos territórios.

Foi com você que aprendemos a respeitar e a compreender os saberes trazidos por nossos companheiros de caminhada, saberes estes que devem ser levados em conta no processo ensino/aprendizagem, e cuja troca deve envolver, estimular e seduzir a todos nós. Você também nos ensinou que todos devemos ser responsáveis pelos nossos processos de (re)construção do conhecimento; que nossas culturas não devem ficar fora da sala de aula, pois fazem parte do que somos e daquilo em que acreditamos; e que a escola não pode ser uma entidade à parte em nossas vidas, e sim, fazer parte dela. Aprendemos, também, contigo, a sermos emancipados e emancipadores, em uma sociedade machista,

homofóbica, misógina, racista e desigual. Este tem sido nosso sopro de esperança e de coragem para continuarmos a/na caminhada.

O caminho, como bem, sabes, amado Paulo, seguirá espinhoso. Os desafios não cessam em se avolumar e a recrudescer. Cabe a nós nos fortalecermos no ato de criar e recriar formas de tornar nosso fazer pedagógico afável, a ponto que a ninguém (se) exclua, independentemente de suas peculiaridades e escolhas. Que sejamos capazes de acolher o que a sociedade renega, pois, assim, construiremos um Brasil mais igualitário e justo. E por fim, que, na caminhada, saibamos reverenciar as conquistas do passado, sabendo que o que há de mais potente no seu legado é a possibilidade de, com ele, compreendermos os desafios do presente e não perdemos de vista as utopias do futuro.

Amorosamente.

Baixada Fluminense (RJ), fevereiro de 2021.

**Criado em setembro de 2020, o grupo de pesquisa EJA-CONSUPRA (Educação de Jovens e Adultos - contextos, sujeitos e práticas) surge do desejo de seus membros em se constituir em um coletivo voltado para o desenvolvimento de estudos e ações que (re)pensem a Educação de Jovens e Adultos em uma perspectiva democrática, instituinte e não-hierárquica. Vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), propõe um conjunto de (re)aproximações teóricas e pragmáticas nos/dos territórios em que se desenvolve, articulando-se aos sujeitos da EJA e as suas práticas, reflexões, desejos e expectativas societárias.*

Participaram da elaboração desta carta os seguintes membros (em ordem alfabética): Andréa de Moraes Silva, Ariane Adão Lopes Teixeira, Lilian Regina Araujo dos Santos, Marcos Vinicius Reis Fernandes, Maria Cllara Barbieri Farinha Marrafa, Rony Pereira Leal, Sandra da Silva Viana e Tamara de Oliveira Alves

Ninguém aprende sozinho

*Jacqueline Augusta de Almeida**

*Márcia Augusta de Almeida***

Caro Paulo Freire,
É com imensa gratidão que recebemos a sua carta. Há vários assuntos que gostaríamos de discutir com você, mas vamos nos concentrar em um ponto que nos fez recordar o primeiro contato com a sua obra.

A primeira vez que lemos um dos seus livros foi na Universidade em meados de 2014 e 2015. Na época, éramos estudantes de licenciatura e nos deparamos com uma leitura trabalhosa, com uma linguagem incomum e com palavras que nunca tínhamos ouvido. Foi uma leitura da qual não compreendemos quase nada. Mesmo com a orientação dos professores e discussões em aula, sentíamos que não estávamos compreendendo o que os seus textos queriam nos dizer.

Sua leitura é desafiante e pode nos levar a desistir dela, seja

por causa da dificuldade de compreensão ou pelo medo de reconhecer que temos limitações. Porém, como você mesmo diz, não devemos nos desanimar diante do desafio de aprender, pois esse sentimento de inquietação faz parte do processo de ler, escrever e conhecer.

Foi somente em 2017, por meio de um grupo de estudo, que retornamos à leitura de sua obra. Em um contexto não acadêmico pudemos experimentar uma nova forma de ler os seus textos. Aprendemos a importância de conhecer o contexto histórico daquele livro, a importância de ler outros autores, de ter outros olhares sobre o mesmo objeto. Aprendemos, também, a importância de discutir com pessoas de formações e experiências distintas.

Hoje, após lermos a sua carta, percebemos que na primeira vez que lemos os seus textos faltaram instrumentos para ler e compreender, faltava a prática de leitura crítica e a postura ativa diante da leitura e o diálogo com o outro.

No grupo de estudo, compreendemos que a leitura não deve ser uma atividade solitária; ela deve ser compartilhada com os outros. Como você sempre diz, ninguém aprende sozinho, aprendemos em comunhão com outro. Somente na leitura coletiva podemos ressignificar a palavra e a leitura do mundo.

Somos gratas por toda inquietação que sua obra provoca, por sempre despertar a curiosidade de aprender e lembrar que, como educadoras, temos um compromisso ético e político com a educação. Sempre que nos sentimos solitárias ou duvidosas de nossa profissão voltamos às suas palavras; elas nos inspiram a continuar esperançosas e firmes em nossa caminhada de ensinar e aprender junto com nossos educandos.

Entre saudades e esperança,

Jacqueline e Márcia.

Guarulhos (SP), 14 de fevereiro de 2021.

**Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Paulo, servidora pública na Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, nascida e moradora do município de Guarulhos, onde atua profissionalmente.*

***Licenciada em Física pela Universidade de São Paulo, nascida e moradora do município de Guarulhos e participante do Grupo de Estudo Paulo Freire - sediado na Universidade Federal de São Paulo/Campus Guarulhos.*

Reescrever e redizer o mundo

*Carta do NEFI (Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias,
UERJ) a um menino que faz 100 anos**

Querido Paulo,
Relendo as *Primeiras palavras* da apresentação de algumas cartas que “enviaste” a quem ousa ensinar (Freire, 2017/1993), nos vimos infantilmente encantados, encantadas e encantades com a boniteza da relação que estabelececes entre a tua escrita e um tempo que está para além do próprio ato de lançar palavras sobre o papel; um tempo que antecede à primeira letra que se materializa na tinta de um papel ou, agora, na tela de um computador.

Pareceu-nos, Paulo, que dirias que a escrita era anterior à materialidade das palavras, atravessada por uma temporalidade que não cabe na métrica de *khronos*. Uma escrita pretérita e imperfeita, que nasce antes de se escrever e permanece enquanto escrevemos.

Se a própria escrita se expande nesta relação com o tempo, o

que poderíamos pensar acerca da autoria de quem escreve?

Sabes, Paulo, o modo como nos aproximamos das coisas que escrevestes nos indica a força amorosa presente nos encontros entre mulheres e homens, professoras e professores comprometidas, comprometidos e comprometidos com uma educação libertária, que aposta na autonomia como princípio e que não reproduz a opressão, especialmente nestes tempos duros que estamos vivendo.

Pareceu-nos importante que esta carta também se constituísse nesta potência de estar com outras pessoas e, por esta razão, te escrevemos a muitos pares de mãos. Mãos que deixam fluir palavras próprias e palavras de outras, de outros, de outres...

Mãos que se aventuram a expressar ideias, princípios e sentimentos sobre este tempo que vivemos e que, por sua vez, se relacionam com o aprendido em tempos já vividos e com a esperança dos tempos que queremos viver.

Mãos que, por meio da escrita das palavras e das ideias, promovem uma abertura ao diálogo como uma possibilidade de dizer e de pensar com os outros, outras e outres a transformação do que somos e do mundo que habitamos.

Queremos dizer nossa história de vida, nossas dificuldades, nossas lutas, nossos anseios e nossa vontade de mudar e construir um mundo melhor. Queremos por meio de um ato revolucionário expor e fazer ruir um mundo opressor, violento e injusto, ao mesmo tempo em que propomos um outro mundo livre, com paz e justiça social.

Queremos dizer e escutar a voz dos oprimidos: dos excluídos, dos diferentes, dos pobres, dos miseráveis, dos sem-teto, dos sem-terra, dos encarcerados, dos espoliados, dos violentados,

dos mortos. Queremos promover e partilhar as ações com os oprimidos: em manifestações, em protestos, em ocupações, em marchas, em lutas.

Queremos apresentar a possibilidade de reescrever e de redizer o mundo... Queremos estudar.

Paulo, querido, somos um grupo de uma universidade pública que está atravessado pela infância; que escuta a infância; que tenta habitar infantilmente a educação; um grupo curioso, inquieto que procura ver o mundo sempre como se fosse a primeira vez a olhar para esse mundo e seus habitantes.

Também promovemos experiências de pensamento filosófico entre crianças de muitas idades e, noutro dia, numa conversa filosófica entre crianças em torno da pergunta “o que é pensar?”, a Nina (12 anos) declara que “pensar é uma relação com o mundo e com os outros”. Nesse seguimento, o Rodrigo (11 anos) afirma que também “os bebês pensam porque eles apegam-se e reconhecem quem lhes dá carinho”. Talvez o que essas crianças estejam afirmando é que pensar seria uma forma de ler o mundo não só a partir da leitura de palavras, mas também a partir da leitura de afetos, acontecimentos e experiências. Pensamos também com o coração. Partilhamos contigo estes relatos porque sentimos que “a teoria emerge molhada da vida prática” (p. 264) e isso nos lança no movimento de estudar. Sim, queremos estudar, num movimento de desocultar, de ganhar a compreensão mais exata do mundo, e perceber suas relações com outros objetos (p. 264). O que se desoculta com o ato de estudar?

Estudar deve-nos também permitir redizer o mundo: denunciar as injustiças sociais provocadas por um governo antidemocrático, autoritário, paternalista, que tem afetado diariamente a

construção de uma sociedade crítica, reflexiva, politizada, dialógica, esperançosa e amorosa. Seguimos lutando, Paulo, contra as práticas relacionais antidialógicas que se disseminam entre nós em uma época marcada por uma pandemia que tem sido usada pelo governo para disseminar sua política da morte.

Estamos atentos à infância pela possibilidade de aprendermos a dizer a ela escutando a nossa palavra. Palavra que se sabe atenta, sensível, curiosa. Palavra que nos ajuda a pronunciar o mundo e esperar com um mundo mais bonito, justo e igualitário, em que homens, mulheres, jovens, crianças, idosos se reconheçam como gente com um mundo compartilhado e um mundo próprio....

Querido Paulo, cada vez mais precisamos abraçar as árvores das nossas infâncias. Agora saímos ao ar livre, de máscara. Está difícil sentir o ar puro por conta de um vírus silencioso e traiçoeiro. Nossas crianças estão tendo aula online; nós, infantes grandes, também. Penso naqueles e naquelas que não tem acesso à internet. Quantos “luchins” da música de Victor Jara estão sem acesso à educação... A desigualdade educacional nunca foi tão acentuada. Como ter uma educação popular de forma remota? Aqui vamos tentando esperar e infanciar.

Gostamos de te ler e encontrar contigo. Sentimos em tuas palavras uma força infantil. Dia desses ouvíamos uma canção: “demorei muito para te encontrar...” Encontrar contigo é, ao mesmo tempo, encontrar com tanta gente, de tantos lugares diferentes, encontrar também muitas infâncias, mundos que vão se abrindo cada vez mais em curiosidade infantil, em beleza, em perguntas, em amor. Queremos seguir, continuar nessa caminhada amorosa contigo.

Estás muito presente nos nossos encontros. Pena que, durante a pandemia, não tem sido possível fazê-los acontecer presencialmente, porque no NEFI (é a sigla do nosso grupo de pesquisa) buscamos saberes nos sabores e, nas tardes de quarta-feira, quando estudamos juntos, é nosso ritual compartilharmos lanchinhos deliciosos que cada um leva. Adoramos experimentar as guloseimas que de vez em quando um dos nossos pesquisadores traz do país que visita. O doce de leite da Argentina bate um bolão no grupo que também tem muita gente apaixonada por futebol, que nem você. Fazemos até uma “pelada” de vez em quando. Mas na nossa cotidianidade o que entra em jogo mesmo são suas palavras, *mais que nunca* necessárias. Temos estudado teus livros e livros que te escrevem. Todos lemos a biografia filosófica que um de nós te escreveu e namoramos a pedagogia da pergunta. Até rimos quando, para começar um trabalho, vem sempre: — cada um faz uma pergunta... ser nefiano talvez seja um jeito de aprender a perguntar. Seria difícil definir, temos tantos sotaques! Mas em qualquer língua que apareça, apostamos muito na igualdade e reforçamos sempre que igualdade não se opõe a diferença, mas à desigualdade. Não falamos de buscar a igualdade, mas de afirmá-la, de partir dela. E é tão lindo quando isso se dá! Nas nossas errâncias do aprender e do ensinar você é fonte que alimenta nossas inquietudes e nos ajuda a autoquestionarmos sobre o sentido do educar. O que já conquistamos nos faz buscar a potência do educar juntinho do viver, sem separar a vida do trabalho, afirmando assim uma vida filosófica, uma vida educativa. Por isso nos serves de exemplo, não pra ser seguido, mas para nos ajudar a ficar atentos sobre o que você falou em *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*: “o único

modo de nos mantermos vivos, alertas e de sermos verdadeiramente filósofos é nunca deixar morrer a criança que existe dentro de nós”. E nisso que a gente acredita, Paulo. É isso que a gente busca aqui no NEFI.

Por isso, querido, tu que tiveste o dom de ensinar de forma a perguntar, e de palavrear em palavra alfabetizar, ensinar de forma a ler e escrever as palavras, um método da práxis oriundo, mas que ensinando a ler as palavras acabava ensinando a ler o mundo e, assim, lendo em glória, aquele povo danava a escrever, e escrevendo a própria história...Hoje, Paulo, te lembramos. Que lutaste, te esforçaste e fizeste teu nome, que é exaltado mundialmente. Perseveraste, educaste e não te contiveste, educou todo povo a recriar sua mente, porque lá, porque lá dentro, tem a chave de todo conhecimento, o alienado é o que fica parado, porque pra nós, Paulo, educação é movimento. Movimento intelectual, emocional, social, enxergar o opressor e o oprimido com você, com mestre Paulo Freire, nós educadores, nós temos um amigo.

Amorosa e meninamente,

Meninas e meninas do NEFI de todas as idades

Rio de Janeiro (RJ), 09 de fevereiro de 2021

Referências

Freire, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Paz e Terra, 2017/1993.

Freire, Paulo; Macedo, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

Kohan, Walter Omar. *Paulo Freire mais do que nunca*. Uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

**Foi criado em 2003 no Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ele oferece atividades de ensino, pesquisa e extensão, como o projeto “Em Caxias a filosofia em-caixa”. Organiza um selo editorial (filoeduc.org/editora), experiências de formação e os Colóquios Internacionais de Filosofia e Educação (filoeduc.org/10cife)*

Repensar o pensado

*Simone Braz Ferreira Gontijo**

*Juliana Parente Matias***

Oi, Paulo. Tudo bem com você?

Faz tempo que nós queríamos falar com você. E como você sempre foi adepto da escrita de cartas aos professores, estamos escrevendo essa carta a você. Dizem que nas cartas é possível escrever coisas que, muitas vezes, não podem ser ditas em alta voz e, ultimamente, parece que voltamos aos tempos em que não podemos falar livremente sobre todas as coisas. Falar sobre suas ideias é uma delas, das coisas que doem no coração quando falta a liberdade de poder expressar a admiração que temos. Só que nos últimos três meses deixamos essas limitações de lado e iniciamos uma boa prosa com você. Foi uma conversa feita num grupo com muitos estudantes e você nos trouxe muitas lições.

Sabe, Paulo, ler o mundo com olhos críticos não é fácil. Ter um grupo de jovens de 20 e poucos anos em processo de formação docente entrando em contato com suas ideias é algo que nos traz um misto de sentimentos e queríamos te contar sobre como foi essa experiência.

Trabalhamos no curso de licenciatura em Letras e temos um grupo de estudantes de 2^o período que cursam a componente

curricular Prática de Ensino II. Com as aulas remotas ficamos pensativas sobre como reorganizar a disciplina, dando sentido a tudo o que estamos vivendo e, ao mesmo tempo, trazendo os saberes que são importantes à prática docente. Como esse ano comemoramos seu centenário resolvemos ler com os estudantes *Pedagogia da autonomia*.

É isso, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Já pensou o que é ler sua obra nesses tempos sombrios? Uma obra completa? Nada de frases de efeito, soltas e descontextualizadas. Nada de pequenos tópicos, um capítulo ou outro... A leitura completa, de forma dialógica, onde professoras e estudantes teriam espaços de fala respeitados, liberdade de expressão, concordando e discordando de suas ideias – como você mesmo aponta no início do livro.

Não pense que foi fácil apresentar essa proposta aos estudantes. Um misto de euforia e desconfiança tomou conta do grupo, mas precisamos confessar que nenhum deles havia lido um livro seu. Mesmo os mais avançados no curso, inclusive os já formados e cursando uma segunda habilitação... Quem já o admirava não conhecia bem suas ideias e os que não lhe eram simpatizantes também. Imaginamos que você já está habituado a isso, não é Paulo? Aqueles que tomam partido e não sabem muito bem porquê.

Temos que te contar que não foi fácil, mas foi muito gratificante. Foi uma leitura viva, vivida a cada semana em sala de aula remota como se fosse presencial. Ver a transformação acontecendo é fantástico! Uma transformação dialógica, porque é impossível passar ileso a sua leitura. No nosso caso, uma releitura, mas parecia ser a primeira vez... A experiência com a docência nos fez ver novos aspectos do texto, o mundo que vivemos hoje,

nos trouxe um novo olhar, nova leitura.

Precisamos te dar mais detalhes dessa nossa experiência. Deixa a gente te contar... Uma das estudantes disse que a princípio ela criticou muito o que estava lendo, acreditava que era uma enrolação, mas que agora não se imagina fazendo um trabalho sem utilizar os conhecimentos que desenvolveu a partir deles. Outros relatam que a leitura foi uma proposta enriquecedora, por permitir pensar e repensar as mais variadas formas de ensinar, alguns relatam que levaram seus conhecimentos para outras componentes curriculares, pois, perceberam que esse aprendizado pode perpassar por toda a trajetória de formação docente, e ir além dos muros da faculdade.

Foi surpreendente ver o amadurecimento da turma a cada nova descoberta, a primeira grande questão que gerou polêmica estava relacionada ao texto “Professora sim, tia não” - o único texto que não fazia parte do livro pedagogia da autonomia, mas achamos fundamental inseri-lo nesse contexto. E daí por diante cada novo encontro permitiu uma conversa com os mais variados temas. Ampliaram o olhar para o conceito de educação bancária, se perceberam como um estudante/ sujeito consciente do seu inacabamento, refletiram sobre a importância do papel ativo no processo de conhecimento e da colaboração na prática docente-discente, se indagaram sobre autoridade e autoritarismo docente, se esperançaram com a boniteza e a alegria que faz parte da prática docente.

Nas nossas aulas também foram convidadas várias celebridades para conversar com você. Tivemos encontros que foram embalados pelo ritmo de Raul seixas, Belchior, Cesar Mc, todos eles compartilhando com a sua leitura de mundo. Também

tivemos a oportunidade de aprender com mídias e aplicativos de jogos interativos. Achamos que esse você ainda não conhece, mas os nossos alunos estão inseridos nesse cenário tecnológico, e utilizaram essa metodologia para puxar uma conversa que envolvia a disponibilidade para o diálogo, fazendo análise dos meios de comunicação, que você tão bem apresentou, deixando claro que não podemos excluí-los e, sim, discuti-los, e eles assim o fizeram.

Paulo, você diz que “não existe ensinar sem aprender” e nós aprendemos muito com essa experiência. Aprendemos que vale a pena ousar, fazer diferente, ouvir, calar, esperar, falar... Que o processo pedagógico dialógico é para ser vivido, além de estudado. E que isso é possível! Não importa se o ensino é presencial ou a distância.

Você diz em sua carta aos professores que o aprendizado do ensinante se faz ao “repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer”. E você, mais uma vez, estava certo. Foi relendo sua obra, repensando nossas posições, nos envolvendo com o fazer pedagógico e nos encantando com as descobertas dos estudantes que nos redescobrimos em nosso fazer docente. Vimos prazer e beleza no ato de ensinar.

Neste setembro de 2021, seu centenário, nós ganhamos o presente de sempre poder dialogar com você. Com a esperança de que essa carta chegue ao seu destino te damos um “até breve”!

Abraços com amorosidade,

Brasília (DF), 15 de fevereiro de 2021.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente. 63ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. 10ª ed. Editora Olho D'Água, 1993.

**Professora do Instituto Federal de Brasília, nos cursos de mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica e Letras/ Espanhol do campus Ceilândia. Graduada em Pedagogia (UCB), mestra e doutora em Educação (UnB). Líder do GEFOR - Grupo de Estudos e Pesquisa em Organização do Trabalho Pedagógico e Formação Docente.*

***Professora do Instituto Federal de Brasília, no curso de Letras/ Espanhol do campus Ceilândia. Graduada em Pedagogia (UFC), mestra em Educação pelo Instituto Politécnico de Santarém, Portugal. Membro do GEFOR - Grupo de Estudos e Pesquisa em Organização do Trabalho Pedagógico e Formação Docente.*

A educação precisa de mais Andorinhas

*Grupo Mariposas**

Caro Paulo,
Tantas coisas temos para lhe dizer que escrever essa carta requer um momento de preparação e organização dos pensamentos, para que não vire um emaranhado de ideias pelas quais pode se tornar até difícil encontrar o caminho. Então nos preparamos, fizemos um café e conversamos por horas até decidir qual assunto seria priorizado nesta resposta.

Esta carta se trata de uma necessidade quase visceral de lhe falar dos tempos em que vivemos, quando alguns tentam, inclusive, distorcer sua história e suas palavras. Escrevemos do sul do Brasil, para dizer que este grupo pensa constantemente em você. Temos conversas profundas sobre/com os seus textos e traçamos novos caminhos de pesquisas com eles. Descobrimos com você algo que ilustra uma ânsia presente entre nós, uma necessidade que pouco encontramos dentro do espaço acadêmico e que impulsiona debates infundáveis, que circundam a pesquisa e a formação humana: a vontade de interpretar o mundo no sentido de

esperançar sua mudança.

Percorremos aquilo que você escreve e que escreveram em diálogo com você seguindo nossa busca permanente por Ser Mais. Neste caminho encontramos os Círculos Epistemológicos (ROMÃO *et al*, 1998). Descobrimos nos círculos uma outra concepção de pesquisa e pesquisadores/as, e, a partir desse encontro, tomamos o diálogo como elemento central da pesquisa social que praticamos. Foi com você que reconhecemos a possibilidade de produção de conhecimentos que não se encerravam em nós, mas se insurgiam no encontro com o/a outro/a, na busca por um conhecimento conscientizador, em um processo cheio de contradições. Por isso te escrevemos Paulo, para falar sobre o fazer pesquisa em educação nos tempos atuais, e das vezes que a conversação com você se tornou crucial diante da produção epistemológica dominante.

Certamente Paulo, respondemos com prazer a sua carta e sabemos que, como um bom diálogo, ele é solidário e de interesse social, o que quer dizer também educativo. Então vemos – ou desejamos – que esta escrita circule e desperte provocações para além de nós. Aliás, esse nós trata-se, institucionalmente falando, de um grupo de pesquisa inserido em uma Faculdade de Educação. Nosso nome é “Mariposas”, pois procuramos lembrar a história de mulheres, de ativistas, como as irmãs da República Dominicana. Somos formados/as em diversas áreas, tem pedagogia, artes, música, psicologia, sociologia. Tem agronomia e veterinária. E viemos crescendo, expandindo o círculo. Nossa linha de estudo, nomeamos educação descolonial e transgressora. Com isto, almejamos práticas de transformação. Transformação, importante dizer, nossa e da sociedade. E aqui cabe começar a

falar da linguagem e concepção de mundo. Nos dedicamos a pesquisar na educação, com educação e para a educação.

Estamos numa instituição pública, fazendo nossas pesquisas de mestrado e doutorado, na segunda dezena do século XXI. Este “estar” é constituído de várias áreas e tempos, disciplinas e indisciplinas, dentro ou fora, movimento de fluir fronteiras, modificá-las. A transgressão se dirige ao poder injusto e ao fatalismo da opressão. Nosso grupo já vinha trabalhando há algum tempo com a Educação Popular e em um formato inspirado nos Círculos de Cultura. Assim, foi um passo para desejar seguir com os Círculos Epistemológicos, que são muito semelhantes. Podemos dizer que são uma continuidade desta forma ancestral humana de se reunir em círculos abertos e horizontais, voltados para o centro, e que representa um reconhecimento da importância percepção coletiva e solidária do mundo em movimento. A totalidade em relação interativa com as suas partes. Nos nossos estudos viemos detalhando mais a metodologia no sentido de enfatizar a pesquisa, mantendo as articulações da totalidade dinâmica na práxis, por meio dos processos dialógicos que envolvem o ensino e a aprendizagem.

Sobre nossa formação escolar (incluída aqui a formação acadêmica), transcorridos estes mais de 50 anos da epistemologia da Educação Popular e Problematicadora, acreditamos que a educação em muitos sentidos tenha melhorado, mas também tenha ido a passos lentos, com quedas e recuos. É bom lembrarmos que a educação “precisa de mais andorinhas” e como ainda precisamos nos fortalecer e sermos mais numerosas/os, assim, falaremos um pouco adiante sobre o inverno polar que estamos vivendo.

Querido professor, expressamos nossas experiências e sensibilidades, no afã da democratização do conhecimento, de abertura, na conquista da participação e da justiça social, por isso, aqui não caberia revisões teóricas, normas e rigores metodológicos. Digamos que as instituições são ainda muito presas ao sacerdócio colonial e, assim, nossas concepções de mundo estão sendo formadas em meio a processos que envolvem negociações entre o autoritário e o emancipatório. Será que nisto avançamos? A burocracia tem ficado inflacionada pela dificuldade da ética se materializar, da dignidade humana ser garantida. Não precisaria tanta papelada, tanto palavrorio e tanta lei se as pessoas fizessem mais do que dissimulam, se vivessem mais do que acumulam.

Falamos em quedas e recuos, e estes tempos recentes estão atroztes. Incrível Paulo, que tempos estes! Aqui, o consenso é claro sobre o que se dizia há muito tempo: a sociedade tem avançado tecnologicamente, mas na esfera ética e política, muito pouco. Um avanço longe do suficiente. Hoje, a educação, a ética e a política estão encasteladas num núcleo vital. E dizemos isto com certo amargor, depois de tanto tempo sabendo o que não fazer ainda incorremos em erros primários.

Na segunda dezena do segundo milênio, ficamos um pouco chateados Paulo, de ter que dizer aqui que levamos um tombo muito feio, parecido com atropelamento. Em certas partes se olha a pele e não foi danificada, mas os ossos doem muito e esperam o pior da radiografia! O conservadorismo, o obscurantismo religioso e o neoliberalismo têm crescido muito, e em nível mundial. E há uma pandemia viral, de um vírus mutante e muitas vezes mortal, que afeta, confirmando a regra do capitalismo, as pessoas mais vulneráveis.

Para não nos alongarmos demais neste contexto, olhemos mais para cá: o Brasil não está fazendo bonito. Elegemos o negacionismo em várias frentes e, pasme, chegamos a celebrar a ditadura militar! O negacionismo, junto com o autoritarismo e a distribuição clientelista de privilégios se aproveita da expansão da tecnologia informática em rede e se fundamenta na repetição da mentira e difamação. O poder judiciário se corrompe e se acozarda. Moroso e parcial com a maioria da sociedade, é uma fera célere e ágil para com os interesses do capital.

O deus dinheiro tem estrangulado a política e a educação. Tem mais coisas, que chamaremos de política da exploração e da morte, mas nesta carta Paulo, não será possível abordar com a devida importância este tema. Precisaríamos de muito espaço e tempo para falar disso, porém vamos dosando, nas próximas cartas seguimos neste processo incessante de compreensão, de diálogo, leitura de mundo e escrita. O que é preciso dizer agora, é que tudo isto é uma parte das pessoas, é grande, mas está longe de ser mais da metade. O inimigo sabe dividir e nos jogar uns/umas contra as/os outros/as, inclusive no campo da educação.

A configuração da realidade tem sido severa. É extrema! As coisas que acontecem agora evocam a chamada “gripe espanhola” e depois a grande depressão. Frequentemente tem se comparado o atual rumo com os perigos da ascensão do nazismo e do fascismo. Entendemos que não é tão grave como a guerra mundial que aconteceu quando você era jovem. E depois teve a bomba atômica. Mas como queríamos te ouvir falar sobre a guerra fria, sobre o “estado de bem-estar” e te pedir para traçar algumas considerações sobre o atual panorama mundial. Não obstante, o trabalho educativo não foi em vão, ainda temos muita imunidade humana e apetite em viver justiça e alegria.

Precisamos agradecer a todos/as que como você e suas sementes nos fortaleceram, nos dão alento e coragem.

Acreditamos que podemos falar assim. Nosso círculo Mariposas tem nos nutrido e nos dá força para nos educarmos e educar. Podemos esperar com o corpo em processo de conscientização, por meio da e na realidade, com nossas percepções a nos dispor a aprender a dialogar mediados pela realidade concreta. Cada vez mais compreendemos que o percurso da Educação Popular é atual e necessário. Sim o tombo foi grande, mas foi tombo! Não fomos estraçalhados ou soterrados, estamos aqui agora nos levantando e tentando entender este movimento do mundo.

Queremos dizer sobre a importância dos Círculos para compreender e criar possibilidades de transformação numa realidade tão dura como estamos vivendo. Precisamos trazer essa contextualização do tempo presente na compreensão dinâmica que nos propicia os círculos e nós mesmos/as como pesquisadores/as e dedicarmo-nos à realidade para lutar pela esperança ativa. Acrescentamos que o desafio é pensar a educação nos tempos atuais e que isso somente se faz possível, desde nossa concepção de ciência, a partir de relações, a partir do contato com o/a outro/a, do diálogo. Na renovada fundamentação da práxis da Educação Popular em busca da possibilidade de compreensão e intervenção nessa realidade.

Quando nos levantamos encontramos os Círculos Epistemológicos, como uma maneira de seguir o caminho, mesmo diante dos percursos nebulosos. Enfocamos aqui esta forma de fazer pesquisa Paulo, porque para nós é também, expressão de uma possibilidade de conscientização. De rompimento com a falsificada neutralidade científica. Ou com engajamento

autoritário. Através dessa concepção de pesquisa, nos formamos e localizamos a possibilidade de uma formação conscientizadora, aporte para nossa práxis sobre a realidade. Descobrimos o diálogo como algo que percorria não apenas nossas pesquisas, mas nosso encontro com a/o outra/o, encontro este que abriga o reconhecimento de nós mesmas/os como sujeitos históricos. E, reflete a pulsão da nossa atuação sobre a realidade. Realmente é como você afirmou Paulo, “Não há consciências vazias; por isto os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo”. (FREIRE, 1987, p. 14).

O fazer pesquisa que encontramos em nossas longas conversas com você indicam esse ato revolucionário de humanização do mundo, por meio da humanização coletiva de nós mesmos/as. Um ato que busca romper com o distanciamento incorporado na posição teórica dominante, para então, apontar o diálogo como caráter principal na decisão de interpretar a realidade. Uma relação dialógica que não permite distanciamentos intrincados em nossa formação como pesquisadores/as. Romper com isto, é um processo que também diz respeito ao nosso movimento de conscientização.

Assim, esta carta é também uma carta de agradecimento, Paulo, porque no nosso encontro com você aprendemos caminhos sobre as possibilidades de uma pesquisa emancipatória, que não se esgota em nós mesmos/as, mas que abarca um processo coletivo de conscientização, de encontro e transformação sobre concepções de mundo. Esta carta não é suficiente para expressarmos a *amorosidade* que vivenciamos no nosso encontro com você, mas é parte de um agradecimento que não esgotamos aqui, seguimos, em outras cartas e, em outras frentes de trabalho, uma prática de formação crítica, como também, na produção de

conhecimentos que se pretendem emancipadores.

Cordialmente,

Pelotas (RS), fevereiro de 2021

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. 25ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

ROMÃO, José Eustáquio; CABRAL, Ivone Evangelista; CARRÃO, Eduardo; COELHO, Edgar. Círculo epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. Revista Educação e Linguagem. Programa de Pós-Graduação em Educação: Universidade Metodista de São Paulo. v. 1, n^o.1. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

**Minorias sociais, resistências e práticas de transformação - É um grupo de pesquisa na área de educação, alocado na Faculdade de Educação (FAE/PPGE), da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Surge da necessidade de refletir sobre o papel de grupos caracterizados como minorias sociais, em especial no campo de gênero, raça e sexualidades, com professoras/es estudantes que estão em processo contínuo de formação docente, visando à construção de ações políticas transformadoras.*

Integrantes: Julia Rocha Clasen; Álvaro Veiga Júnior; Aline Accorssi; Anelise Fernandes; Lívian Lino Netto; Diônvera Coelho; Andressa Barrios e Tamiê Pages.

Reinventar Paulo Freire

*José Mateus do Nascimento**

Meu estimado educador Paulo Freire, Estou cada vez mais convencido que você não criou apenas um método de ensino, como bem nos tentava esclarecer durante a sua trajetória pedagógica. Na condição de cientista da educação, ajudou a estabelecer uma concepção de educação firmada na formação humana-crítico-emancipadora.

Por vezes ouvi e li dizendo que seu maior desejo não estava em ser imitado, queria ser reinventado, no sentido mais pleno da recriação dos caminhos que começou a trilhar no campo da reflexão sobre a filosofia do processo de humanização pela lógica do cultivo contínuo do ser mais.

Então, certo dia, cinquenta e quatro anos depois da experiência que você protagonizou aqui em terras potiguares, especificamente bem no coração chamado Angicos, fomos desafiados a vivenciar os princípios freireanos e o modo de fazer educação libertadora com um grupo de pescadores de uma Colônia de Pescadores da comunidade de Pirangi do Sul.

Confesso que temi diante da proposta de colocar em prática tudo que havia lido sobre a concepção educacional que admirava desde os tempos que fiz o curso de licenciatura em pedagogia.

Apesar de me considerar um freireano apaixonado e motivador de paixões sobre seus marcos teóricos, nunca tinha sido desafiado a viver a pedagogia da liberdade em sua essência na interação humana.

Um grande desafio foi posto diante de mim. Digo, Freire, no sentido pleno da dimensão da problematização que tanto tentou nos explicar no conjunto de suas elaborações epistêmicas desde o final dos anos 1950. O projeto de educação popular de um grupo de pescadores, motivou-me a voltar a leitura de edições como “Conscientização” e “Educar como prática da liberdade”, obras lidas e relidas, mas, naquele momento, reconsultadas com o olhar para atender a necessidade concreta de uma realidade: alfabetização de pescadores.

Orientado por você, jamais poderia inaugurar um processo bancário de educação, mas, desde sempre, pensava em estabelecer uma relação dialógica com aquelas pessoas, profissionais de tradição popular, de uma prática milenar de produção alimentar saudável e pouco reconhecido socialmente. A aproximação com o grupo de pescadores deveria ocorrer por meio da cultura e da história de vida de um deles.

Da forma mais inusitada e semelhante a experiência que realizou aqui no Rio Grande do Norte, nós também chegamos ao nosso destino educacional numa Kombi, como o objetivo de conhecer o universo vocabular de nossos interlocutores. Lembramos muito da experiência que você coordenou no formato de extensão universitária, formação de atuação que também inspirou nossa prática, orientada por um projeto de extensão vinculado à Diretoria de Extensão e a Pró-Reitoria de Extensão do IFRN.

Curiosamente, relato para ti, que, dentre as vinte palavras listadas no universo vocabular dos pescadores, a primeira foi “catcha”, como elemento cultural de consumo da cultura pesqueira de nossa região. Fato que contrariou a expectativas de alguns agentes alfabetizadores, alunos dos cursos de licenciaturas, que pensaram que a palavra geradora “peixe” ou “pescado” seria a mais citada entre eles.

O primeiro Círculo de Cultura foi dedicado, justamente, ao relato de história de vida. Oportunidade em que os pescadores participantes foram motivados a responder à pergunta: “quando vocês se tornaram pescadores? Conte-nos um pouco da história de vida de vocês.” O encontro foi gravado em áudio e vídeo, o que levou o grupo de alfabetizadores a ter receio, temendo que os estudantes ficassem tímidos e falassem menos. No entanto, as falas e depoimentos fluíram de tal forma que um deles revelou: “tivemos vontade de falar porque ninguém nunca deu essa oportunidade para escutar a nossa voz!”

O primeiro tema gerador foi “identidade”, baseado nas reflexões que realizou sobre a valorização da pessoa diante das coisas. O nosso objetivo, inicialmente, foi trazer a consciência de que cada pescador é uma pessoa com história e relevância social. Neste sentido, o aprender o nome próprio não se relaciona a prática de assinar documentos, também significa a aquisição de um bem social no âmbito dos direitos sociais que possibilita aos sujeitos o exercício da cidadania e da efetivação da dignidade humana.

Outro princípio que fomos fiéis ao que você apregoou foi o cuidado de estabelecermos práticas de interação que motivassem o pensamento sobre as palavras e temas geradores. Nossa

preocupação durante os cursos de formação dos agentes alfabetizadores esteve em orientar o processo de ensinar e aprender a leitura e a escrita das palavras por meio da pedagogia da pergunta, desafiando os aprendentes a pensarem sobre a escrituração de cada parte do nome próprio.

Fomos ao encontro com o grupo de pescadores por meio de um projeto de extensão com duração apenas de sete meses e, imagine professor, permanecemos com eles durante três anos! Foram três grandes fases de aprendizagem mútua durante os anos de 2017, 2018 e 2019. Digo mútua porque tanto nós, educadores e os pescadores-estudantes aprendemos juntos sobre o processo de alfabetização no contexto da cultura pesqueira. As metodologias de interação eram pensadas durante as reuniões de avaliação e planejamento realizadas quinzenalmente.

A cada recomeço do projeto, inauguramos processo de reflexão teórico-prático sobre os princípios freireanos de fazer educação popular, durante os cursos de formação dos agentes alfabetizadores. Ocorreu a retomada de conceitos essenciais como cultura, consciência, cidadania, método analítico de alfabetização, textualização e letramento. Reflexões sobre a prática primordiais para que, de forma inventiva, construíssemos o caminho pedagógico a trilhar, à medida que íamos caminhando. Postura indicada por ti, mediante a dialética da ação-reflexão-ação.

Declaro que a experiência valeu por demais para a formação humana integral de todos os envolvidos: pescadores se envolveram com a leitura e a escrita de forma contextualizada a cultura da comunidade e da profissão; os agentes alfabetizadores compreenderam que o processo de alfabetização/letramento deve ocorrer de forma significativa; a coordenação do projeto

acreditou na realização do sonho possível.

Querido Paulo Freire, por meio dessas linhas, revelo que continuo vivo em cada experiência pedagógica que investe na possibilidade de reinvenção das multiformas de ser aprendiz-educador e educador-aprendiz. Até o próximo encontro!

Esperando em tempos pandêmicos ainda.

Terras Potiguares (RN), Cidade do Sol, verão de 2021.

**Pedagogo, possui Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2006); Tem experiência na área de Educação, com ênfase em formação da docente e práticas pedagógicas, atuando em pesquisas relacionadas à EJA-EPT no NUPED (Núcleo de Pesquisa em Educação) do IFRN - Campus Natal Central; Integra o corpo docente permanente do PPGEP - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN.*

Trajetos, vivências e diversidades

*Felipe Adriano Alves de Oliveira**

*Marta Marubo Comapa***

Querido Paulo Freire, é com enorme satisfação que, conjuntamente, lhe escrevemos esta carta, enquanto admiradores de sua trajetória e de suas obras. Começamos lhe agradecendo pelo que fez pela educação em nosso país, com olhar atento, cuidadoso e carregado de esperança para que garantisse um futuro melhor para os cidadãos que constituem esse país. Por meio de suas reflexões e análises, apontou-nos a direção para a autonomia, a liberdade de ajudamos uns aos outros, a ensinar e também sermos ensinados, pois somos pessoas que estamos aprendendo constantemente.

Ao longo de nossa trajetória temos sonhando com uma sociedade igualitária que dê valor a sua história, e ao seu povo rico em diversidade étnica e cultural. Quando deixou seu legado, também deixou a semente que germinaria em nosso ser, nos motivando a não ter apenas a esperança, mas também o ato de esperar, sendo uma prática que oferece possibilidades e cria alternativas para uma educação eficaz, não nos prendendo ao que é tradicional e oprimente, mas libertador, inovador e encorajador.

Antes de termos contato com suas obras, tínhamos um

sentimento de que estávamos sendo iludidos por sonhar com uma sociedade melhor, a realidade é que com o contato com seu estudos e suas experiências na alfabetização da comunidade em Angicos, mostrou que sim, é possível transformar a sociedade por meio de uma educação que proporcione a liberdade de pensamento, estimule a autonomia e valorize suas próprias vivências e conhecimentos. Por esses motivos, desencadeou em um período conturbado e repressivo de nossa história, o medo e a covardia daqueles que queriam manter a “ordem nacional”. Mas isso não foi o suficiente para apagar a chama da perseverança daqueles que lutaram e lutam por essa nação. Isso nos inspirou e nos uniu independente das nossas origens na luta por um brasil melhor.

Iniciando com nosso pequeno relato pessoal, eu Felipe Adriano, enquanto educador e pesquisador, a obra “Pedagogia da Autonomia”¹ foi uma das obras que me chamou a atenção por me mostrar a importância que cada pessoa, cada indivíduo tem, e cada uma delas é um pequeno universo de conhecimentos que, quando compartilham suas experiências entre si há uma constituição de novos olhares que possibilita reconstruções de saberes. Isso foi perceptível quando estava em sala de aula, ensinando e, ao mesmo tempo, aprendendo. Para mim, isso é o real significado entre ensinar e aprender, não importando a idade, a cultura ou a etnia, todos tem esse potencial.

Para mim, Marta Marubo, enquanto mulher e indígena, e admiradora de sua pessoa, me senti representada em suas palavras e seus ideais. Em toda minha trajetória, a educação me

1 Ver, FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, São Paulo: Paz e Terra, 2002.

conduziu para que pudesse alcançar meus sonhos e desejo de ler e escrever, pois me recorde de como esse processo foi transformador, e por meio da leitura e escrita, o mundo e as coisas fizeram sentido e, o que antes me fazia sentir de olhos vendados, se revelaram com novos significados. Trago essa lembrança pelo motivo de que o processo para que pudesse aprender o português foi árduo e cansativo, pelo método tradicional de ensino que não valoriza nossas vivências, nossa cultura e língua, no entanto, pude ultrapassar essas barreiras, e o ensino me ofereceu novas oportunidades.

O ato de aprender trouxe o anseio de um dia estar em uma universidade, esse espaço e universo, para mim, ainda era desconhecido, mas ao ingressar nesse ambiente pude adquirir novos conhecimentos que poderiam conciliá-los e compartilhá-los com meu povo. Pude notar que esse espaço também reproduz certos preconceitos e exclusões sociais, principalmente contra os povos indígenas e, o pensamento de que somos preguiçosos e não temos a vontade de mudar nossa realidade, ainda reverbera como parte desses preconceitos, porém, estando nesse espaço, pude demonstrar que podemos contribuir com diversos conhecimentos tradicionais.

Estudar me proporcionou enxergar outras verdades, a verdade de que meu lugar não está restrito podendo ocupar muitos espaços, sem perder a essência de quem sou, pois sempre tive o pensamento de querer mudar o meu país, livrá-lo das desigualdades, a mudança que me refiro, é por meio da educação transformadora que nos fortalece enquanto agentes passíveis de mudanças, e libertar o povo da ignorância, para que estimule o pensamento livre, valorize suas histórias e raízes, e o reconhecimento e orgulho que forma o cidadão brasileiro. Nesse sentido,

sempre amei minha pátria, e para me referir a isso, não é apenas vestir a camisa verde e amarela ou cantar o hino nacional, mas sim, ter a vontade de transformar, incentivar e sonhar que é possível transformar nossa nação.

Concluimos, portanto, com gratidão de que o senhor fez e faz parte desses processos, motivando cada um de nós por meio do que tanto defendeu, que induz a luta por um futuro melhor, que somente é possível através de trabalhos árduos de pessoas que lutam por esses ideais resistindo a opressão e repressão daqueles que deveriam representar nossa democracia e defender nossa educação, mas que, ao invés disso, procuram nos deslegitimar, e desmotivar, criando medidas que enfraquece o pensamento crítico e fortalece o conformismo, através de falsos discursos messiânicos, anticientíficos que apelam para o moralismo e valores dos brasileiros. Mas estamos em pé, criando possibilidades e alternativas de que podemos trabalhar por essa nação que um dia o senhor tanto se empenhou em defender enquanto educador, que apesar de tanto obscurantismo atual, ainda há esperança.

Com atenção e afeto,

**É graduado em História, tem atuado como professor no ensino médio onde também foi membro educador do Programa Escola da Família. Atualmente é mestrando no programa de pós-graduação em Ciência Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos, com ênfase em pesquisas voltadas para a Divulgação Científica, Indústria Cultural e História Pública.*

***É indígena da etnia Marubo, nasceu na aldeia São Sebastião na terra indígena Vale do Javari, cresceu na cidade de Atalaia do Norte – Amazonas. Atualmente é graduanda no curso de Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS/Língua Portuguesa. Foi intercambista pelo programa Abdias Nascimento, na Universidade de Córdoba – Espanha. Também é membro voluntária do Programa de Educação Tutorial – PET conexões UFSCar saberes indígenas.*

Uma conversa à procura da boniteza

*FRECON**

Estimado Paulo Freire,
2021. Centenário de Paulo Freire. Ano 2 da pandemia da Covid-19. Os encontros do grupo de pesquisa Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo (FRECON) acontecem de modo remoto. Assim, no dia 12 de fevereiro nos reunimos através do WhatsApp para uma conversa sobre a “Carta de Paulo Freire aos professores”. O registro da conversa é o que vamos mostrar abaixo. Conversa que imaginamos como uma resposta à sua Carta, uma retribuição para que suas ideias permaneçam, por muito tempo ainda, para o proveito das novas gerações de educadores e educadoras.

Aristóteles Berino: Na “Carta de Paulo Freire aos professores”, ele nos fala da “boniteza” como uma busca, ideia que aparece em outras passagens da sua obra. Qual boniteza procuramos com Paulo Freire? Como ela nos toca?

Raquel Elison: Boniteza é conseguir fazer uma “leitura do mundo”, de acordo com o conceito de Paulo Freire, sem se deixar influenciar por disputas ideológicas marcadas pelo ódio

e pela exclusão. É também perceber, nessa leitura do mundo, as possíveis origens dessa polarização raivosa, e, a partir disso, articular o conhecimento obtido com a “leitura da palavra”, no intuito de possibilitar uma compreensão mais clara e simples do objeto estudado.

Marcélia Cardoso: Na consciência de nosso inacabamento, a boniteza que procuramos poderia estar na busca e no encontro. Na esperança e na luta. Nas utopias possíveis encharcadas de ética, estética e decência, tingidas no batik com as nuances do urucum, do jenipapo e do açafraão. A boniteza estaria nas marchas de mãos dadas com a humanização. Mesmas mãos que escrevem palavras grávidas de mundo, que trabalham e produzem culturas. Pelas veias que corre nosso sangue latino, a boniteza da existência, da presença e do pronunciamento transfigura-se no diálogo permanente e vigoroso, mas, e principalmente, empapado de amorosidade.

Vanessa Lira: A boniteza de Freire parece estar ligada à ética e produzida em movimento. Não é o belo sacralizado, congelado como referência posta no tempo. A boniteza de Freire é o movimento de desvelamento do encontro (do que é de graça, que não se cobra um preço), e parece sempre ligada à decência. Compreendamos decência em seus laços diretos com a ideia de dignidade. Portanto, boniteza aqui se apresenta como um ato político, já que se liga aos modos de ser que compreendem a presença do outro.

Ana Valéria de Figueiredo: @Vanessa Lira, luto contra a opressão, luto contra a dominação, luto contra a diminuição da grandeza que é ser humano e de seu mover-se no mundo...

Luciana Neves: Pensando em Paulo Freire, “boniteza”, para

mim, se relaciona com algo como “desocultar” o mundo, desanuviar a realidade... imanência... Paulo Freire continua tendo uma contribuição fundamental para se pensar, hoje, maneiras de resistência, contra formas de aniquilação da vida. Do seu aprendizado, é fundamental a ação dialética nas transformações socioculturais, transformações que não existem *a priori*, mas em permanente processo.

William Alves: Em tempos de perseguições a Paulo Freire, de sérias perplexidades políticas e de uma crise severa no que tange à saúde, pensar as contribuições estéticas de Freire frente à educação se faz cada vez mais relevante. A boniteza em Paulo Freire sobre o papel da educação é compreender que os homens e as mulheres são sujeitos socioculturais e que a educação é uma relação dialógica entre sujeitos. Na boniteza dos ensinamentos de Freire, de sua vivacidade tão presente, de sua ação, ele nos ajudaria (e ajuda) muito, por meio do entendimento da estrita relação entre a “leitura do mundo e a leitura da palavra”, por meio da intensa reflexão do ensinante sobre o ensinar.

Janáina Rodrigues: A concepção freireana de educação se destaca pela dialogicidade, pela ética e pela estética no processo educativo. Não por coincidência, boniteza é a minha palavra (geradora) favorita. Aquela que mais me motiva. Mas não é o Paulo Freire sempre manso e doce que eu gostaria de lembrar. Prefiro destacar seu incentivo ao esperar e o direito de me indignar diante daquilo que provoca a tristeza e a feiura no mundo.

Talita Cabral: A boniteza que procuro em e com Paulo Freire é a boniteza que me encontra. Hoje, refletindo sobre essa provocação, eu pensei na beleza de ser criança, de ser menino, como

nosso grande mestre foi sempre. “Um menino que lia o mundo”, como disse Carlos Brandão. E um menino que insistiu, ensinou e aprendeu a esperar, apesar de tudo. Penso na beleza de ser menino, como foi também Manoel de Barros, um poeta que, segundo o mesmo, “só teve infância”. Um eterno menino, uma eterna criança. E um menino que “carregava água na peneira”, insistindo em embelezar o mundo com sua poesia simples e “seus despropósitos”. E, talvez, esperar seja também um “despropósito”. Esperar seja “carregar água na peneira”. É insistir em resistir, mesmo quando os tempos se mostram “difíceis para os sonhadores”, como foram Manoel de Barros e Paulo Freire. Há quase um ano vivemos o inimaginável devido a uma pandemia que nos retirou muito. Mas não perdemos a esperança. A boniteza se encontra nessa esperança, que nos alcança quando tudo parece sem sentido.

Aline Monteiro: Penso que a “boniteza” está no fato de ver o mundo como criança, e de poder contemplar as coisas como se fosse a primeira vez, naquele olhar curioso e na procura incansável dos porquês. A vida é a busca incansável por resposta, e é impossível termos acessos a todas elas, mas caminhamos nesse ciclo.

Denise Reis: Concordo com você @Janaína Rodrigues, pois, diante deste cenário pandêmico atual, neste momento tão atípico e incerto, o que nos move é mirar o futuro, esperançosos, e cuidarmos para que a esperança não se desvie e não se perca, caindo ou na desesperança ou no desespero.

Janaína Rodrigues: Dialogando com @Marcélia Cardoso, que bem citou os corpos, os seres, suas existências, eu gostaria de comentar sobre meu objeto de estudo: os direitos sexuais e

reprodutivos. Aqui convém frisar o legado de Freire em favor da Educação em Direitos Humanos oficializada na transformação curricular promovida durante sua gestão como secretário de educação na maior cidade do país, São Paulo. A cidade que tão bem o acolheu após os anos no exílio.

Denise Reis: A beleza que procuramos em Paulo Freire está em todo o seu legado para esse tempo difícil pelo qual estamos passando, diante dessa pandemia e distanciamento social. O seu legado é enxertado da dimensão humanizante do ser humano. Antes de sermos educadores, somos seres humanos e, como tais, somos tomados de sentimentos que a uns paralisa, enquanto outros se movem na busca ousada do enfrentamento que essa nova realidade nos impõe.

Valdeléia dos Santos: Boniteza é a escola e os professores que formam alunos leitores críticos e proficientes, capazes de compreender o mundo, a partir de diferentes tipos de textos, e, dessa forma, transformá-lo, tarefa que não é fácil numa sociedade dominada pelas tecnologias da comunicação e da informação. Diante de tantas distrações, o livro tem seu espaço, é mais uma ferramenta possível, que não perde sua estética, a sua boniteza, que salta das páginas em forma de verso, prosa, poesia, poema e tudo o que a imaginação permite.

Raquel Elison: Concordo com você, @Janaína Rodrigues. Para mim, boniteza é compreender, dialogar e agir, ou melhor, esperar no sentido freireano de transformar a partir da inclusão.

Vanessa Lira: Ao compreender o ser humano como criador de beleza, na medida em que promove um encontro solidário com o mundo, Freire não romantiza a presença humana nem a

partilha dos espaços onde se relaciona com os outros.

Luciana Neves: Em sua ação educativa, a imersão na realidade vivida e o distanciamento crítico da mesma constituem-se como complementares no ser político. Perceber, criticar, atuar, criar no mundo não estão dicotomizados. Teoria e Prática. Luta e Poesia. Educação para a Resistência.

Denise Reis: Sim, @Vanessa Lira, Paulo Freire nos move e nesse movimento que continua presente até hoje – e continuará ainda fazendo e refazendo a todos nós – ele se faz presente e nos ajuda a entender a realidade pela qual estamos passando. Ele continuará sendo referência não só para a Educação de Jovens e Adultos, mas para a Educação Brasileira, em sua totalidade.

Vanessa de Barros: Na minha concepção, a boniteza de Freire está na proposta de poder ir além de uma interpretação lisa, rasa de objetos, palavras, acontecimentos. A ideia de poder observar e compreender toda a significância existente dentro de cada palavra e/ou objeto nos torna críticos, criadores e recriadores. Nos coloca em movimento constante de interpretação e desocultação, levando-nos a formatar e reformatar nossa leitura de mundo.

Ana Valéria de Figueiredo: @Vanessa Lira, a experiência estética pode ser pensada em sua etimologia, como sensibilização dos sentidos – estar inteiro na luta, na resistência, na construção de si e do outro no fazer-se humano.

Luciana Neves: Como disse Paulo Freire: “ninguém escreve se não escrever ...ninguém nada se não nadar”. A beleza, a meu ver, está no processo, naquilo que se encontra na busca; aquilo que se descobre, se realiza, cria e recria no caminho. É aquilo que é e o que não é. Simultaneamente, transcendência e imanência.

Talita Cabral: E isso é pura poesia, @Luciana Neves. Dialogando com minha pesquisa, reproduzo aqui o que diz Manoel de Barros: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”. A boniteza mora nisso... na arte de transver o mundo... desocultá-lo.

William Alves: @Talita Cabral, falar em esperar, sobretudo em tempos pandêmicos, é um incentivo à ação, à resistência e à (re)existência. É olhar e resistir a tudo o que parece não ter saída. Seu comentário me remeteu à música “Enquanto houver sol”, dos Titãs.

Roberta Sandim: A beleza está na busca da produção de sentidos a partir do mundo. Na busca em “ensinar-e-aprender” com sentido.

Ana Valéria de Figueiredo: “Eu fico com a pureza da resposta das crianças: é a vida! É bonita e é bonita! Viver e não ter a vergonha de ser feliz!/ Cantar e cantar e cantar/ A beleza de ser um eterno aprendiz...” Gonzaguinha.

Valdeléia dos Santos: A boniteza está no ato de ensinar, nas relações que são construídas no cotidiano da escola e da sala de aula, quando o professor deixa a estética fluir no seu fazer pedagógico, baseando-se na concepção de Paulo Freire, e assim deixa o desânimo de lado e recupera a alegria de ensinar e a consciência do quanto é importante formar cidadãos críticos em uma sociedade tão polarizada e dividida, permeada de racismo e preconceito.

Vanessa de Barros: @Ana Valéria de Figueiredo, “A beleza de ser um eterno aprendiz” acho que resume bem a questão da boniteza: não se ver preso às compreensões já construídas e constituídas. Mas sempre estar aberto a aprender e reaprender!

Ótima síntese musical!

Fernanda Nascimento: Boniteza é estar junto com os outros, valorizando os saberes éticos e estéticos, compreendendo a leitura de mundo de cada um sem preconceitos.

Lusimar Merly: Paulo Freire produziu um saber sobre educação popular, por meio de um pensamento crítico, dialético, sem receitas. Se tornou um homem admirável por muitos.

Para Paulo Freire, com o nosso reconhecimento: 100 anos de boniteza.

Nova Iguaçu (RJ), fevereiro de 2021

**Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo. Criado pelo Prof. Aristóteles Berino, o grupo reúne graduandas do curso de Pedagogia da UFRRJ (IM/Nova Iguaçu) e pós-graduandas do PPGEduc/UFRRJ.
Instagram: @frecon_ufrj.*

Da compreensão e da comunicação

*Sara Jane Cerqueira Bezerra**

*Anderson Gomes dos Santos***

Prezado Professor Paulo Freire,
Quanta alegria em participar desta rica experiência em ‘falar’ com você, nosso grande mestre. Sou professora da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) e trabalho ministrando aulas em disciplinas de fundamentos e metodologias da Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de desenvolver projeto de extensão com pessoas idosas da nossa cidade. E claro, não tem como ser docente sem ler, estudar, pesquisar suas produções. Imagina ministrar aulas sobre EJA e com pessoas idosas sem beber água em sua fonte de fundamentação teórica e inspiração para uma decência humanizada! Impossível!! Jamais!!!

Prof. Paulo gostaria de responder a sua carta enfatizando minha experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação.” Ou seja, gostaria de aproveitar esta carta para partilhar com você uma experiência que desenvolvemos com a turma de extensão da Uneal. Assim, partirei do contexto do Projeto que foi implantado no ano de 2018, através

do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos, Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC), em Palmeira dos Índios. Esta ação extensionista objetiva inserir a Uneal na promoção de ações diversas junto aos sujeitos constituídos pela faixa etária dos 60 anos em diante, sem exigência de nível de escolaridade, viabilizando ações sociais que permitam ao idoso o direito de se integrar na Universidade, participando ativamente de acordo com seu ritmo de vida e interesses pessoais e sociais. Portanto, no referido ano, foram ofertadas 134 (cento e trinta e quatro) vagas gratuitas para pessoas idosas no curso “Educação ao longo da vida: envelhecimento ativo” com atividades diversas realizadas mensalmente no *Campus* III da Uneal. Entre as várias atividades ofertadas ao longo do curso, foram planejadas duas oficinas de Teatro do Oprimido para 30 (trinta) pessoas idosas coordenada pelo nosso colega prof. Anderson Gomes dos Santos, profissional egresso da Uneal e de muita competência e experiência na metodologia de TO. Esta oficina tinha como objetivo promover uma rica discussão sobre a violação de direitos, tendo em vista que consiste num tema que, por muitas, vezes apresenta certa resistência de inclusão nos diálogos e debates, e, por se tratar, em muitas situações, de algo que toca no íntimo de muitas pessoas idosas.

Vale destacar que a definição pela estratégia do Teatro do Oprimido (TO) se deu pelo fato de se constituir numa metodologia que assume uma prática política em nossa sociedade e com forte atuação na área educacional aponta uma contextualização com a realidade social em que vivem os oprimidos principalmente no campo das injustiças. O TO caminha metodologicamente por vivenciar com cenas produzidas coletivamente novas

possibilidades, novos olhares para uma transformação. Com a utilização dos jogos teatrais, buscávamos trazer a tona exemplos de situações do cotidiano deles ou de pessoas conhecidas que demonstravam situações concretas de violação de direitos.

Sim, Prof. Paulo Freire, o Teatro do Oprimido de criação de Augusto Boal contextualiza um diálogo com as suas produções, tendo como principal fonte de compreensão nessa relação o fato de tratarem de formação política de forma libertadora. Essa relação é importante já que possibilita vivências onde os oprimidos possam refletir e se expressar diante das injustiças sociais, portanto, estamos falando de uma compreensão de Educação Libertadora que suas produções tanto nos inspiram e motivam a implantar em nossas práticas educacionais cotidianas. Necessário se faz informar que, como em todas as aulas do Projeto de Extensão, há a participação de estudantes do curso de Pedagogia da Instituição, a metodologia utilizada partiu da leitura sobre as contribuições de suas obras para a educação popular, seguida de debates e discussão sobre um documentário sobre o senhor denominado “Paulo Freire Contemporâneo” disponibilizado no youtube pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=5y9KMq6G8l8>.

Prof. Paulo, as oficinas foram realizadas no mês de maio e agosto do ano de 2018 tendo como planejamento uma breve reflexão dos os direitos das pessoas idosas garantidos no Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003, seguido da realização de vários exercícios que contribuía com um melhor uso do corpo, dos gestos, da linguagem, das expressões entre outros. Posteriormente foi proposta a realização de alguns jogos de improvisação e construção de personagens para a produção de

uma cena que pudesse apresentar uma situação de violação de direitos. Nas duas oficinas realizadas foi perceptível que os(as) idosos(as) participaram de forma mais efetiva que nos momentos de palestras, visto que ao se organizar para a elaboração das cenas de violação de direitos nos seus cotidianos eles(as) têm mais coragem de apresentar narrativas e expor seus maiores desafios. Ressalta-se que, ao realizar a estratégia metodológica do Teatro Fórum, temas complexos do cotidiano como a cidadania, a ética os direitos e sua violação foram materializados nas narrativas dos participantes, promovendo rico e importante debate.

Gostaria de finalizar dizendo que esse diálogo entre Boal e o senhor estabeleceu conexões importantes principalmente no campo de transformações sociais e educacionais, ampliando possibilidades tanto para o ensino quanto a aprendizagem no contexto do teatro em espaços formais e não formais. Os resultados demonstram que as cenas e os debates posteriores enfatizavam a realidade dos das pessoas idosas, considerando seus desafios e, principalmente situações de violação de seus direitos. Os debates apresentavam dados que indicaram uma discussão contextualizada onde fica perceptível a problemática do envelhecimento em nossa sociedade e o interesse dos idosos em debater situações cotidianas que, em muitas situações, retratam situações de opressão, sofrimento e de busca incessante de resolução destas práticas através da necessidade de intervenção do Estado para atender essa crescente demanda.

Por fim, podemos afirmar que esta rica experiência de teatro na perspectiva freireana, ou seja, inspirada em seus escritos, pode ser usada também como estratégia formadora de consciência crítica de estudantes idosos, por proporcionar rico debate

entre os educandos sobre temas complexos do cotidiano no sentido de formar cidadãos conscientes podendo intervir, de forma coletiva, na realidade onde estão inseridos, corroborando, dessa forma, com seu pensamento quando afirma que “a leitura crítica dos textos e do mundo tem que ver com a sua mudança em processo.”

Termino esta carta agradecendo toda contribuição de sua produção para a educação e gostaria de enfatizar que, seus escritos são cada vez mais atuais nesses dias tão difíceis e desafiadores que, só com leituras inspirativas como fazemos em sua produção, conseguimos aceitar os desafios cotidianos que a conjuntura atual nos impõem.

Com muita admiração.

Palmeira dos Índios (AL), fevereiro de 2021

**Mestra em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Especialista em Metodologia do Ensino Superior e em Educação do Campo e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). É docente da Universidade Estadual de Alagoas e da Secretaria Municipal de Educação de Maceió lotada no Conselho Estadual de Educação.*

***Graduado em Pedagogia e Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Mestre em Ensino de Ciências e Matemática - Mestrado Profissional pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor de Arte na Escola Estadual Graciliano Ramos - Palmeira dos Índios/AL.*

Os homens se libertam em comunhão

*Coletivo EDUCATIO**

Querido Mestre Paulo Freire.

Escrevemos para contar como estamos em 2021

Desde 2020 enfrentamos uma terrível pandemia provocada pelo SARS-CoV-2, conhecido popularmente por Corona – Vírus. Diante disso, a educação brasileira se encontra imersa nas discussões, Educação a Distância; Ensino Remoto; Ensino Não Presencial Emergencial (ENPE); Ensino Híbrido; Vacinas para Professores; Volta às aulas.

Certamente estes não eram temas centrais à Educação quando o senhor esteve por aqui. Compreendemos que são discussões necessárias para compreendermos qual é o tipo de educação que queremos oferecer aos estudantes, mas reconhecemos e lamentamos que outras temáticas caras à Educação tenham ficado em segundo plano: ensino/aprendizagem com respeito e empatia, escola acolhedora, professores em/com formação contínua.

Professores em/com formação contínua, dentro e fora da

escola... utopia? Como oferecer um ensino de qualidade a distância ou presencial sem que os cursos de formação de professores tenham passado por uma atualização às novas demandas sociais que chegam à escola?

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, o senhor chama a atenção para a necessidade de os professores compreenderem e utilizarem de modo constante a pedagogia da práxis. Não sabemos se por desconhecimento, por resistência ou por puro negacionismo, muitos professores seguem reproduzindo maneiras de educar do século XIX, sem refletir sobre seus impactos na escola e na sociedade. Ação-Reflexão-Ação... é o que nos faz atualizar nossas práticas educativas.

Reconhecimento que o desafio de utilizar a Pedagogia da Práxis se torna ainda maior quando ainda não compreendemos muito bem o que está envolvido no Ensino Não Presencial Emergencial em meio a uma pandemia. O mundo precisa continuar girando, as crianças precisam continuar aprendendo, os professores precisam continuar ensinando, mas de que forma? Com quais consequências à médio e longo prazo?

Pedagogia da Práxis: Ação – Reflexão – Ação – Reflexão... um ciclo de libertação para professores e estudantes de todos os níveis. Um marco para o rompimento das estruturas de opressão que impede os homens de conhecer-se e reconhecer-se como pessoas possuidoras de direitos fundamentais.

Vale ressaltar que esse ciclo de libertação só será possível em comunhão com o outro. Nas palavras do senhor “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” essa frase para nós professores e não professores, tem grande impacto e deve ser o nosso ponto de partida para a

transformação e para que nos tornemos Educadores.

Como o senhor nos ensina: a libertação do oprimido é a libertação dos homens e não das coisas. Enquanto o professor tem a missão de lutar pela libertação e emancipação de todos e de todas que habitam o ambiente escolar. O Educador tem a missão de participar ativamente da libertação em todas as esferas da vida social, lembrando, sempre, que a educação libertadora é também dialética.

Por aqui vivemos tempos sombrios. A extrema direita chegou ao governo federal e com suas práticas e discursos tem acentuado o desprezo pela educação em todos os níveis. É angustiante ver o descaso e o redirecionamento de verbas para outros setores, deixando a educação aos ventos do retrocesso. Dói perceber que a cada dia que passa regredimos anos e anos. O abismo fica ainda maior quando não se tem um projeto político nacional para educação, a ausência desse projeto apenas puni as/os educandas/os, exatamente como o senhor já viu durante toda a sua luta por uma educação libertadora, emancipatória, laica, pública, gratuita e de qualidade.

Vivemos cenas de um filme de terror. O que nos mantem confiantes é, todos os dias ao abrirmos os olhos, nos lembrarmos que aprendemos com o senhor: o verbo esperar se fez e faz presente em cada ato nosso. Somos sujeitos não sujeitados pois aprendemos com o senhor que não existe a poesia sem o olhar, e do olhar na fala e nas mãos voar, passando pela mente conteúdos já vividos, poetar é um ato de bagunçar o apropriar.

Apropriar é entender as palavras, os mundos e depois “desexplorar”, ampliar. Os sentidos mudam de sentido, e, no fim, até fazem mais sentido. Do mesmo modo, não existe ensinar sem o

trocar. É preciso pegar as ideias, se aprofundar, complexar para depois simplificar, desmontar todos os achados para, assim, decodificar recodificar, conectar.

Conectar corações e mentes é muito mais do que conectar plataformas de ensino à distância. Quando o senhor nos ensina a ensinar, coloca em nossas mentes a semente do pensar com criticidade, somos plurais e ao mesmo tempo individuais, somos complexos e cada um com seus ideais tem a capacidade de despertar, em si mesmo e no outros, a curiosidade para transitar pelas veredas e pelos dilemas da humanidade. Veredas e dilemas locais e universais que se confundem na coletividade.

Querido mestre Paulo aprendemos com o senhor que Educar é viver, é aprender, é saber, pois não somos concretos, tão pouco absolutos. Aprendemos com o diálogo, crescemos com a empatia.

Ser crítico não é apenas defender o que acredita é ir além do português e da matemática, é atravessar o significado de “depositório de informações”, é ultrapassar os níveis de uma “educação bancária”.

Não sejamos, apenas, receptores ou “depositores”. Não há controle do pensamento e ação do outro. O ensino é transformador, prática da liberdade, inova e integra gerações. Sonhamos com uma educação diferente, onde todos sejam escutados.

Lutamos por nossos direitos, para que todos sejam respeitados, sem exceção. Para finalizar nossas reflexões gostaríamos de citar Raul Seixas: “Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”. Que todas as nossas lutas se tornem realidade, a partir de suas contribuições educacionais, que nossos sonhos sejam possíveis a partir de uma pedagogia da práxis, onde as realidades e os sujeitos sejam

respeitados e valorizados.

Um forte abraço do coletivo virtual EDUCATIO: EDUCAÇÃO
E SOCIEDADE

Bahia, 15 de fevereiro de 2021.

**Educação e sociedade é um coletivo virtual de divulgação científica com foco em estudos de Educação e Ciências Sociais, este coletivo congrega comunidade acadêmica e não acadêmica, a fim de debater questões polêmicas, que expressam impactos à sociedade. (Ana Paula Silveira; Francisca Helena Gonçalves Vetorazo; Giovana Maria Recco Piccirilli; Pâmela D'Arc Genovez; Telma Cristina Nascimento)*

Boniteza



Ilustração de Ali Cabral

Educação com amor

*Janduhi Dantas**

Juazeirinho, 2 de março
De 2021

Que sou seu fã, Paulo Feire
Não faço segredo algum
Quero lhe dizer que temos
De mundo um sonho comum.

Professor, meu passo um
É o de me apresentar:
O meu nome é Janduhi
Paraíba é meu lugar
Professor autodidata
E poeta popular.

Foste, Mestre, de prezar
Diálogo com a simples gente
Lutaste as lutas do povo
Sentiste o que o povo sente
Assim me encorajo e faço
Esta cartinha presente.

Deixe-me dar, indo em frente
As novas que por cá têm:
Aqui, Professor, as coisas
Não andam lá muito bem:
De um país feio, sombrio
A gente se vê refém.

O poder mostra desdém
À mata, que é devastada
Enquanto mata a Covid
A floresta é incendiada:
É o governo aproveitando
Pra passar sua boiada.

Tem gente que abandonada
Pra dormir não tem nem chão:
Pedras sob o viaduto
Pedras sob o pontilhão
Pedras botadas por gente
Que é de pedra o coração.

Quer armar toda a nação
O governo do momento:
Pôr armas nas mãos do povo
Faz país mais violento
Nosso povo quer é paz
Quer vacina e alimento.

Falaram noutro momento
Em “Escola sem partido”
Escola que não discute
Opressor contra oprimido:
Escola sem discussão
Sei qual seu lado escolhido.

Por cá tudo tem subido
O povo tá revoltado
E a vida pro nosso povo
Tem tido um preço salgado
Enquanto isso, o governo
Nada em leite condensado.

Sobre isso, Mestre amado
De falar fico à vontade
Pois como bem ensinaste
De qualquer realidade
Devemos fazer leitura
Sempre com criticidade.

No país, na atualidade
Democracia balança
O ódio, a mentira, a força
Construíram aliança...
E às vezes o desânimo
Nosso coração alcança.

Porém a desesperança
A nós não é natural:
Isto já nos ensinaste –
Para quem se sente mal
Diante de injustiças
Ter esperança é o normal.

Quem é bom dá seu sinal
Se bate pela decência
De lutar pelo oprimido
Não há vez pra desistência
E em tua *palavramundo*
Também se lê resistência.

De despertar consciência
É tua pedagogia:
Quando aprende a ler *tijolo*
A gente quer moradia
Quando aprende a ler *feijão*
Quer comê-lo todo dia.

Apesar da distopia
Que no mundo hoje vigora
É com a força da esperança
Que em nosso peito mora
Que nós vamos de mãos dadas
Mandar a maldade embora.

Dia a dia, a toda hora
Vamos contra a força bruta
Com o verbo *esperançar*
No mundo a gente labuta:
Vimos no teu dicionário
Que esperança é irmã da luta.

Ao lê-lo a gente desfruta
De cada lição tão bela:
Por exemplo, a liberdade
Você sempre apostou nela
Que viver só tem valor
Se na luta em favor dela!

Existe lição mais bela
Que apostar na liberdade?
Na luta em favor da vida?
Crer na amorosidade?
Desejar fazer um mundo
De solidariedade?!

Lutar pela liberdade
Inclusive de expressão
Porém não a confundir
Com direito a agressão
Liberdade pra fazer
Um país justo e irmão.

As tuas lições estão
Nas lutas do dia a dia
Porque tu nos ensinaste
Perseguir a utopia
De um mundo bom e fraterno
Com paz, amor e poesia.

Lembremos no dia a dia
Que é dever do educador
De não ser neutro na luta
De oprimido e opressor
Que sigamos aprendendo
Tuas lições, Professor.

Como um ato de amor
Deve ler o estudante
E no que ler deve ser
Leitor crítico a todo instante
Ler que “Eva viu a uva”
Pra viver não é bastante.

Na leitura é importante
Ter uma visão geral:
Ver quem é que planta as uvas
Se recebe bem ou mal
Quem é o dono da vinha
Que sai lucrando ao final.

Pôr em prática é o ideal
Do que contigo aprendemos:
Ninguém liberta ninguém
Nos libertando crescemos
Construindo em comunhão
O mundo que nós queremos.

Na tua cartilha lemos
Um mundo justo e irmão:
Ensinando a ler o mundo
Foi mais além tua lição
Do que ler e escrever –
A lutar contra a opressão.

Liberta da exploração
Por direitos faz lutar
Quem lê na tua cartilha
Passa a se conscientizar
Pois aprende a ler o mundo
Teus ditos há de gravar:

“Não é possível falar
De educação sem amor”
“Se o processo educativo
Não for o libertador
O sonho do oprimido
Passa a ser de opressor”.

Teu recado, Professor
No mundo se pereniza:
“Na pessoa que educa
O educador se eterniza” –
De gesto amável no ensino
A educação precisa.

No mundo a gente analisa
Que há gestos prepotentes
De imposição de culturas...
Disseste a diversas gentes:
“Ninguém sabe mais que o outro
Há saberes diferentes”.

Por tantas lições decentes
A você, muito obrigado
Patrono da Educação
Brasileira e Mestre amado...
Senso crítico, amor, respeito
São partes do teu legado.

Professor, muito obrigado
Por ensinamentos teus
Me desculpe alguma falha
Nesses versos simples meus
Grande abraço, Paulo Freire!
Fique em paz! Fique com Deus!

Sigamos aprendendo,

Juazeirinho (PB), março de 2021.

**É paraibano de Patos. É autor de dois livros publicados pela Editora Vozes: Lições de Gramática em Versos de Cordel e As Figuras de Linguagem na Linguagem do Cordel. Pela EDUEPB são três títulos: Viagem aos 80 anos da Revolta de Princesa, As três verdades de Deus e A história da mulher que roubou pra se casar.*

Respeitar a experiência

*Adriana Francisca de Medeiros**
*Francisco Rariosvaldo de Oliveira***
*Angela Maria Gonçalves de Oliveira****

Do Estado do Amazonas
Janeiro de vinte e seis,
Escrevi essa missiva
Lembrando o que o mestre fez
Do seu legado deixado
Razão de muita honradez.

Em dois mil e vinte um
Setembro com precisão
Dar-se o seu aniversário
Patrono da Educação
Momento pra ser lembrado
Com luz e muita emoção.

No ano noventa e três
O mestre quis escrever
Sobre uma alfabetizanda
Que aos poucos começou ler
E a palavra jarro, foi
A primeira a aprender.

Falou de outra teoria
Dita Molhada de vida
Do olhar sobre Porto Mont
Dos pescadores na lida
E a leitura do lugar
Que por ele absolvida.

Paulo você nos falou
Que estudo é desocultar
É ganhar a compreensão
Saber descodificar
Que objetos e linguagens
Podem se relacionar.

E nos mostrou que o ensino
Não é fazer transferência
Nem memorização técnica
Ensinar tem exigência
De ler palavras e o Mundo
Respeitando a experiência.

A leitura e a escrita
Não podem se separar
Disse o mestre em sua obra
Precisamos respeitar
Essa aliança importante
Na hora de planejar.

Mas tem outro ensinamento
Que é estimular a leitura
Já durante a pré-escola
Da vez a literatura
Que a leitura é a via certa
Do saber e da cultura.

Pois é mestre! Infelizmente,
Precisamos avançar
Somos quase onze milhões
Que se quer sabe assinar
O próprio nome e esse quadro
A gente tem que mudar.

Um problema muito sério
Esse do analfabetismo
Que a séculos vem se alastrando
Desde o conservadorismo
Nasceu da elite opressora
E o crônico colonialismo.

Mestre! Aqui vou terminar
Sem findar minha agonia
Pois estamos num período
De difícil dia a dia
O mundo sentindo as dores
Do mal dessa Pandemia.

Com atenção e afeto,

**Pedagoga (UFRN); Especialista em : Educação Infantil (UFRN) e literatura e Ensino (IFRN); Mestre em Educação (UFRN); doutorado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (UNIR) com período sanduíche na University of Florida. Professora do curso de Pedagogia no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM. Membro da Associação Brasileira de Alfabetização.*

***Graduado em Pedagogia pela UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Pós – Graduado em Psicopedagogia pela FIP – Faculdades Integradas de Patos – PB; É professor do Estado do Rio Grande do Norte e do município do Natal – RN e membro da Academia Norte-rio-grandense de Literatura de Cordel na cadeira 18.*

****Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Realizou mestrado sanduíche com a Universidade de São Paulo -USP. Possui Especialização em Tecnologia Educacional e Gestão Educacional. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas (2005) e graduação em PEDAGOGIA pela Universidade Federal do Amazonas (1995). Atualmente é docente efetivo da Universidade Federal do Amazonas-UFAM.*

Ensinar não é transferência

*Tânia Alves da Silva**

Querido Paulo Freire
*Q**Tomei conhecimento da sua carta*

As palavras penetraram fundo
A educação muda as pessoas
E pessoas transformam o mundo
Todo tempo investido é precioso
Não se pode perder nem um segundo

Movida por suas belas palavras
Que tanto acalentaram minh'alma
Então me atrevi a respondê-la
E dizer como sentimos sua falta
Tantos ensinamentos importantes
A ti dedicamos, uma salva de palmas

A escola ainda é lugar privilegiado
De partilha de vivências
Onde o saber é aguçado
Numa constante troca de experiência
Os atores andam lado a lado
Ensinar não é mera transferência

Ensinar não existe sem aprender
Necessário é
Aprender a ler
O mundo e a palavra
Interpretar textos e contextos
E analisar os pretextos

Freire, incerto é o futuro
Vivemos dias obscuros
Com teorias conspiratórias
E muita invenção de histórias
Questionam se a terra é plana
Uma novidade a cada semana
Criam suas próprias filosofias
Negam as teorias

Disputas políticas dominam a terra
Querem formar uma nova era
Um pacato cidadão alienado
Bem passivo, dominado Que não clama
Tampouco reclama
Seu lugar na sociedade
E não luta pela liberdade

Chamar de energúmeno
Foi o cúmulo da indelicadeza
Freire, tenha certeza
Para nós, educadores
Apesar dos dissabores
A luta é constante pela educação
Ela pode impactar toda uma nação

A busca incansável pelo conhecimento
Deve acontecer em todo tempo
Por sorte, temos ainda um povo forte
Que não se deita abater
Vai à luta para vencer
Caderno e lápis na mão
São armas de transformação

Tantas coisas acontecendo
Ao nosso redor, ao mesmo tempo
Vivemos dias de agonia
Com a chegada da pandemia
Ficamos numa encosta
Com as aulas remotas

Distante dos alunos
Mas, sem jamais perder o rumo
Frente aos desafios
Seguimos o percurso do rio
Tocando em frente, sempre
À distância ou presencial
Educação é essencial!

Com carinho e pertencimento,

Campinas (SP), 09 de fevereiro de 2021

**É professora de educação infantil da Rede Municipal de Campinas.
Formada em pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de
Campinas – PUC e com pós graduação em Alfabetização e Letramento pelo
Centro Universitário Leonardo Da Vinci (Grupo UNIASSELVI).*

A força da vida é maior que a caverna

*Lenon Andrade**

Caríssimo professor,
Tenho aprendido ao longo da caminhada que a minha vida é como um livro aberto. Um livro vivo que se articula dentro de uma teia crescente de relações com outros sujeitos e outros seres igualmente abertos. Por isso, enquanto meu cérebro processa essa ideia de abertura, me vem à mente as suas lições a respeito do inacabamento do sistema humano. Lições que nos ensinam que somos seres inacabados, interdependentes, seres que vão se fazendo em comunhão com os outros sujeitos, no palco da existência. Me vejo assim, como este livro vivo que ainda está sendo escrito, cujo conteúdo inicial nasce de uma herança genética fundada na poesia. Um livro cujas primeiras letras, escritas nas fitas do meu DNA, apontam para essa origem humano divina que tem sede de abertura e saudades do infinito.

Sua carta chegou grávida de uma tão substancial e pulsante esperança que arrebatou-me da inércia existencial, onde acalentava meus sonhos e também meus pesadelos. Chegou para colocar-me de novo a caminho, conduzido pela dinâmica do substantivo

convertido em verbo, onde a ação tem nome sublime, traduzido na concretude do esperar. As antigas lições do livro da vida se atualizaram nas lições que, na sua carta, a mim foram desveladas. Por isso, lembrei de um velho revolucionário anônimo que ensinava um jeito de esperar, em que a mudança revolucionária começa dentro do próprio ser, quando afirmava que “para vencer é preciso sonhar, mas, é necessário transformar o sonho em ação concreta.” Bingo! É disso que estamos falando, meu caro professor! De uma pedagogia da mudança que se inicia com um olhar honesto, profundo, para dentro de si mesmo. Por falar em pedagogia, volto meu olhar novamente para a sua carta afim de continuar este diálogo.

Andei pensando nessas dimensões do ensino e do aprendizado tão necessárias à formação das gentes, de todas as gentes, de qualquer lugar, de qualquer etnia, de qualquer cor, de qualquer gênero, de qualquer cultura. Afinal, gente resume, numa mesma palavra, todas as dimensões e relações, subjetivas e objetivas, daquilo que costumamos chamar de ser humano. Termo, aliás, que, em si, sintetiza essência e existência num todo relacional pulsante de vida. Esse meu palavreado todo é para dizer que o ensinante, como em sua carta o professor é chamado, e, também, o aprendiz, eu os compreendo como sendo os nós de uma mesma rede de significados. Relações que somente são significativas quando ensinantes e aprendizes se afetam e se deixam afetar nas relações aproximadas da rede. Revisitando sua obra encontrei algo sublime que desvela o fundamento motivador de todo verdadeiro ensinante: “Não se pode pensar em educação sem amor”. De fato, ensinar é gostar de gente! E se na teia das relações estabelecidas entre quem ensina e quem aprende tem

afetividade, então, também tem reciprocidade.

Essa dimensão relacional da reciprocidade tecida nas redes de ensino e aprendizagem é por demais importante para os movimentos interativos entre os sujeitos que participam dos atos de ensinar e de aprender e isso me remete ao criador do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal. Resgato aqui a contribuição do jovem bielorrusso Lev Vigotisky. Obviamente o senhor lembra dele e das suas imprescindíveis descobertas para o movimento sociointeracionista no campo da educação. Pois bem, o Vigotsky me fez perceber, uma vez mais, que ninguém se faz humano sozinho. Que é impossível desenvolver-se isoladamente. Que a comunhão é condição indispensável ao desenvolvimento do sistema cognitivo humano. Que a mente humana torna-se absolutamente pobre quando somos submetidos ou nos submetemos ao isolamento social. Que só é possível o desenvolvimento das capacidades cognitivas do aprendiz e, obviamente, daquele que se propõe ensinar, quando ambos ensinam e aprendem em comunhão, dentro de um contexto que lhes seja significativo. Como o conhecimento não nasce apenas de fora para dentro, então, a esta altura desta minha resposta à sua carta, sinto que precisamos chamar um outro personagem por demais importante para essa conversa, afinal, o exercício de ensinar e aprender tem como resultado fundamental do processo, o conhecimento, não é mesmo? E o senhor há de concordar comigo que o conhecimento não tem apenas uma direção, portanto, não surgindo apenas como resultado da interação social mediada pela comunicação entre ensinante e aprendiz, concorda? Nesse sentido, se estabelece a importância da epistemologia genética de Jean Piaget, com seus estágios cognitivos sequenciais... Puxa

professor! Suas lições casam perfeitamente nesta minha tentativa de relacionar Vigotsky e Piaget porque, de fato, o ser humano não nasce pronto. Entretanto, nasce com o ferramental genético necessário que o vocaciona para ser aprendiz. E, como nós dois sabemos, todo bom aprendiz é também um bom professor.

Enquanto reflito sobre as linhas do parágrafo anterior e leio a sua carta, amadureço ainda mais a convicção de que, longe de entrarem em rota de colisão, esses dois gigantes das teorias do desenvolvimento e da aprendizagem humana, são lindamente complementares entre si, se me permite usar um adjetivo poético. Eu poderia trazer outras estrelas da imensa constelação que nos iluminam o caminho para o desenvolvimento de pedagogias libertadoras. Pedagogias tão necessárias nesta noite escura que vivemos, hoje, em nosso querido Brasil. Não quero preocupá-lo e muito menos trazer-lhe tristeza com as notícias do momento. Saiba que as palavras, nas lições eternizadas na grande obra libertadora de Paulo Freire, jorram como fonte de esperança nos fazendo esperar, todos os dias, nestes tempos sombrios em que mergulha o nosso país. O senhor já passou por isso, portanto, sabe e sente o que estou a dizer. Por isso, chegou a hora de compartilhar um pouco daquilo que está se passando neste torrão do sul global.

Por aqui, o momento presente se notabiliza pelo que a Resistência batizou de a era do negacionismo. Pasmem professor Freire! Na era da sociedade informacional globalizada, também chamada pelo espanhol Manuel Castells de sociedade do conhecimento, vimos surgir, bem aqui, no Brasil, um tipo de gente que abomina o conhecimento e, paradoxalmente, glorifica a ignorância. As elites brasileiras continuam feito hienas ávidas

para atacar a presa, em bando. Desta vez, o bando fez um grande acordo nacional, com hienas abrangendo matilhas perigosas do mundo político e do submundo midiático articuladas com cepas togadas com outras igualmente nocivas, parasitadas no serviço público. Na base, um bando de gente fanática, seguidora de um certo guru, “pedagogo” da terra plana.

Como nós dois sabemos, o esperar não é apenas um conceito, mas, um exercício constante do saber que se concretiza no fazer e no fazer significativo que se desdobra, dialeticamente em novo e melhor saber. Por isso, nestes tempos obscuros, quando se tornou difícil interpretar a realidade à luz rigorosidade racional, então pedi socorro à poesia e fiz da angustia uma canção. Nesse cenário, nasceu o poema que compartilho a seguir:

Esperançar

*Já fazia tempo que a pena não trabalhava.
As linhas permaneciam em branco.
Sentia saudade de mim mesmo.
O texto insistia em esconder-se,
A perplexidade calava meu canto...*

*Qual lagarta que virou borboleta,
Quebrei as paredes do casulo!
O tamanho do sonho nele já não mais cabia,
O sonho virou realidade,
A realidade se tornou poesia e libertação!*

*A resiliência floresceu em esperança,
O substantivo deu lugar ao verbo,
Conjugar esperar colocou-me em movimento!
Saí da caverna! Vejo o brilho do sol!
A liberdade despertou no horizonte!*

*Liberdade de compromisso com vida!
Liberdade da responsabilidade com a história!
Liberdade da defesa da dignidade humana!
Liberdade do direito de ter direitos!
Liberdade para cultivar o amor e viver em paz.*

*O sonho não é só meu...
O casulo não pode prender uma nação!
A força da vida é maior que a caverna!
Chegará o tempo de alcançar a utopia.
Ainda que esta permaneça no horizonte,
Nada poderá deter a primavera!*

Nesse diapasão prossigo a caminhada, levando comigo as gratas lições de suas cartas e escritos. Poderia agora mesmo terminar esta minha resposta a sua carta, mas, antes me permita trazer à lume aquela sua provocação publicada na revista *Byte* em 1984, quando o senhor disse que o computador era uma invenção extraordinário do nosso tempo e que precisávamos responder: “a serviço de quem ou contra quem os computadores entravam nas salas de aula?” Lembra desse texto? Apenas meia página, mas, de um imenso alcance para o cenário que passo a descrever.

Ah! Meu caro professor! Não somente ainda não respondemos essa tão fundamental pergunta como permitimos que o país e, conseqüentemente, nossa combatida educação, mergulhasse num outro tipo de colonização tão cruel e danosa quanto aquela trazida de além-mar - a colonização digital.

Com certa tristeza lhe informo que fomos capturados pela ideologia tecnológica das indústrias das tecnologias do conhecimento e suas *BigTecs* (hoje é assim que chamamos alguns dos mais conhecidos monopólios capitalistas) sediadas no norte global. Não tem como não lembrar do alerta feito pelo seu companheiro de jornada, Álvaro Pinto, que, em seus escritos sobre tecnologia, já nos alertava a respeito do deslumbramento dos indivíduos das periferias do planeta diante das ofertas tecnológicas “generosas” vindas do norte. Infelizmente, não conseguimos perceber a gravidade daquele alerta. Por isso, o deslumbramento e a ingenuidade, nos levou à formação de subjetividades passivas diante do aparato tecno digital disseminado pelo país. A maioria absoluta dos usuários desses aparelhos tornou-se mero consumidor acrítico dos dispositivos que carregam junto aos seus corpos, incapazes de perceber o caráter político-ideológico imbricado, no software e no hardware, pelos chamados programadores de computador, engenheiros de software e seus fabricantes. Já na concepção, tais artefatos tem sido projetados com fins de controle e poder. Com efeito, agora somos governados, em certa medida, por algoritmos e inteligências artificiais capazes de ler, guardar e filtrar perfis de usuários através das ditas “redes sociais”, resultando na modulação de comportamentos e mais dependência tecnológica.

Nesse cenário de colonização tecnológica e analfabetismo

digital, somos desafiados à resistência, mais uma vez. Aos ensinantes e aos aprendizes cabe a tarefa de fazerem a correta leitura do mundo e a conseqüente leitura da palavra, entronizando nesta os símbolos do mundo dos bits, a fim de darem conta dos novos desafios trazidos pela era do software. Afinal, neste novo contexto, os tempos e os espaços escolares são outros. Radicalmente diferentes daqueles do final do séc XX.

Os espaços e os tempos do ensino e da aprendizagem mudaram muito professor. A horrorosa pandemia do novo coronavírus aprofundou radicalmente essa realidade. Agora os espaços são híbridos, quase completamente desterritorializados, com tempos síncronos e assíncronos em que os mais abastados têm as condições materiais para garantir acesso à internet e, portanto, escola para seus filhos, enquanto os mais pobres ficam com as sobras ou, novamente, são excluídos dos benefícios da era digital. Caro professor Freire, como dar conta dos problemas desse tempo tão complexo em que vivemos? Perguntaria assim um leitor, ávido de esperança. Certamente Vigotsky, Piaget e a grande nuvem de homens e mulheres que nos legaram pistas e caminhos possíveis com seus conhecimentos e descobertas são imprescindíveis, mas, não o suficiente. As lições de suas cartas e escritos nos encorajam a exercitarmos a leitura do nosso contexto, a buscar entendê-lo, a minerar os dados significativos que dão forma a esta era de capitalismo cognitivo mediado pelas máquinas cibernéticas, a problematizá-los a partir das necessidades dos esfarrapados deste nosso tempo e, conseqüentemente, construir, em comunhão, as soluções que irão afirmar a nossa própria liberdade e a liberdade da nossa gente.

Como não é possível escrever tudo o que gostaria, peço outra vez a sua permissão para terminar estas linhas com o poema das

minhas vivências com comunidades dos ativistas do software livre – operários da resistência para este tempo de capitalismo cognitivo e colonização digital.

Eu + Tu = Nós

*A soma de todos os Nós
Formatada na reunião dos Tu's
É mesclada na generosidade comum
Dos elos irmanados na rede.*

*São feições que se afetam
Sem traumas, na diversidade comunitária.
Feições afetivamente camaradas,
Reunidas e unidas no espaço digital.*

*Espaço da alma que transcende o tempo
Espaço da vida que se conecta ao mundo
Organismo vivo, sinérgico
Que agrega e se congrega entre bits e bytes.*

*Tecnosférico é o novo mundo
Mundo das ideias vivas e ativas
De atividades sem idade
Dos engajamentos na diversidade.*

*Diversidade única, unida pelos Nós
Das comunidades feitas de Elos
Formando países e continentes plurais, digitais...
Pluralismo belo: humano, humanizador, noosférico.*

*Onde o Eu é desterritorializado para além de si
Onde o Tu é diferencializado de per si
Onde o Nós é o desafio da convivência global
Em que o espaço comum é a base da organização social.*

*Mundo em gestação no útero das redes
Terra de todos, como anunciam as comunidades!
Feito de gente, de mentes e de corações gentis.
Arranjo evolutivo do amor universal.*

Despeço-me com essa homenagem aos protagonistas das resistências da era da internet, que também homenageia a todos os amantes da liberdade, onde quer que tenham vivenciado suas lutas e fazeres. Assim, finalizo estas linhas, meu caro professor, festejando a centenária primavera do teu nascimento, com a certeza de que teu legado permanecerá vivo na vida daqueles que resolveram fazer da esperança um permanente esperar, grávido de um sistema-mundo aberto, onde o grande livro da vida continuará sendo escrito por todos que resolveram protagonizar um caso de amor com a existência.

Abraços solidários,

Campina Grande (PB), fevereiro de 2021

**É Mestre em Educação Matemática e Tecnológica pela UFPE.
Licenciado em Computação pela UEPB. É ciberativista engajado na causa
do software livre/cultura livre em articulação com a educação. É também
poeta, escritor, teólogo e pastor batista.*

Aos que insistem em esperançar o mundo

*Rosane O. D. Zimmer**

Estimado Freire,
Ao começar a escrever para TI, para NÓS, para MIM, foi impossível deixar de assinalar o quanto estamos a te ilustrar.

São tempos complexos; tempos que nos envolvemos entre impotência e resistência, luta e resiliência. Tempos de fragilidade.

Nossa fragilidade tem se colocado à prova quer pela ciência de nossa transparência, pelos impactos das imagens que se refletem, quer pela ciência de que a vida é bem mais perene do que imaginávamos.

Na verdade, nos parece que estamos em um mundo ilusório e que o que presenciamos está gravado em algum roteiro de ficção. Reflexões a cada dia são seguidas da indagação: Como chegamos a tal ponto? Por quê? Onde nos perdemos?

Tua teoria, memórias, palavras, peleja têm sido nossa instância de lucidez e alento, permitindo acreditar que nada está posto e que a história é feita de reconversões.

Vivemos em um estado de pandemia e a crise sanitária es- cracha o que sempre denunciaste: é preciso atentar para a ne- gação do valor humano, do projeto de humanidade que estamos

e precisamos laborar.

A vida humana e sua utilização como mercadoria, como provisão descartável, é cada vez mais expressa pelo modelo capitalista sacrificial (BROWN)¹ adotado aos quatro cantos do mundo e de nosso País. Vivemos uma crise de valores, de ascensão antidemocrática, de banalidades, de indiferença, de miséria humana. Trabalhar, comprar e consumir – uma tríade que insiste em aludir nossa existência. Parâmetro que se reverbera nas narrativas políticas e empresariais contra o pacto de existência coletiva e solidária.

Negligenciar a crise humana, a saúde, a vida e a condição humana têm sido uma constante nestes tempos e um modo torpe, negligente e perverso vem à tona, desvelando nossa feiura, aquilo que estava submerso nos rizomas de nossa contemporaneidade.

São muitos os infortúnios. Mesmo reconhecendo que mundo de hoje não é, necessariamente, pior ou melhor e que muito de nossos desafios nos acompanham e persistem desde os modos de domesticações, é difícil a distinção de sua ciclicidade.

Mas não queremos aqui apenas aludir em torno dos desastros de nossa efêmera passagem pelo mundo. Entre pandemias e pandemônios, andarilhamos acalantando a resistência - não a abandonamos-, e ela insistem como nossa principal inspiração pela coerência, eticidade e vida.

Por isso, invocamos esperar nossa crença e luta pelo valor humano a cada encontro junto a um coletivo singular que desde 2019 é reconhecido como ‘Café com Paulo Freire’, via a cidade Canoas e em outros cantos do Brasil e mundo. Somos um coletivo

¹ BROWN, Wendy. Cidadania sacrificial, neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Trad. Juliane Bianchi Leão. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.

de pessoas que provocadas por teu legado reúne leituras, sonhos e vivências por um outro mundo um pouco menos feio.

Entre denúncias e anúncios, cada Café é regado pelo saber de experiência feito, pelo bem querer e crença de que é possível restaurar o projeto humano o qual acreditamos, a partir da educação que se impõe pela democratização da cidadania.

Nossa crença reside na responsabilidade da ‘com-vivência’ com o outro e outra, fundeada na negação da negligência de tal cuidado. Nossa crença, que esta ‘com-vivência’ prescinde, é um ato amoroso e, também, brigão, como nos dirias, por uma educação pautada pela decência da vida e não por sua mera estatística.

Nossos Cafés, aos sábados, são ressignificados, valorosos para cada um@ nós, pois no ato singular de compartilharmos a esperança, reafirmamos nossa luta pelo sonho possível e necessário de uma educação, que para além de ser resguardada de um projeto medíocre e mesquinho, precisa ser compreendida como uma possibilidade e contraponto ao que estamos a viver.

Por tal crença, estimulamo-nos por teu legado, por nossas ‘palavrAções’, por minha labuta. Em nossos Cafés, encontramos TU, NÓS e EU, encontramos modos de ‘reAgir’ e ‘sobreViver’, de armar o futuro.

Salutos,

Canoas (RS), fevereiro de 2021

**Aposentada da rede estadual de educação do Rio Grande do Sul. Atualmente, professora da Pontifícia Universidade Católica do RS, PUCRS, e da Faculdade do Cooperativismo, ESCOOP. Com entusiasmo e conforto no legado de Freire, sigo minha andarilhagem.*

Sobre o livro

Projeto gráfico e capa Erick Ferreira Cabral

Mancha Gráfica 12 x 19 cm

Tipologias utilizadas Georgia 12/18 pt

O ensinar se faz partilha pela participação dos conhecimentos como bens produzidos pelas companheiras e companheiros de jornada e pela leitura do mundo que vão construindo. A assunção da relação pensamento-realidade constitui o significado pleno do estudar, do aprender, do ensinar dos sujeitos que ensinam e aprendem. A professora e o professor se assumem como um dos sujeitos dessa função que é profundamente humana, inserida no âmago do fazer-se homem. Consequentemente, fica dominado pela alegria prazerosa do compromisso ousado do coexistir. O diálogo fundamental entre professor e aluno não é um diálogo simplesmente funcional, mas passa pelo diálogo existencial com o mundo. Em nada diminui a individualidade concreta e existencial de ambos como sujeitos da construção de sua própria existência. Entretanto, o universo humano não se esgota na intimidade dos sujeitos. Sua mundanidade lhes dá o insubstituível chão do seu caminho e da sua história; em uma palavra, do seu existir.

Paulo Freire

(Professora, sim; Tia, não. Cartas a quem ousa ensinar)

Apoiadores:



ISBN: 978-65-86221-51-0

